

REVISTA DA SEMANA



N.º 31

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

2-8-47





Em um flagrante especial para a nossa objetiva vemos, da esquerda para a direita, o coronel Christiano Klingelhofer, antigo diretor da Guarda Civil de São Paulo; o Cônsul Geral da França, em São Paulo, sr. Roberto Valeur; o dr. Maurice Bemolein, banqueiro, diretor geral da Caisse Générale de Prêts Foncier et Industriels, de Paris, e presidente da Sociedade Francesa de Beneficência "14 de Julho", e o repórter.

A DATA MAXIMA DA FRANÇA IMORTAL

A Colônia Francesa radicada em São Paulo comemorou com expressivas solenidades, o transcurso de mais um aniversário da queda da Bastilha, acontecimento histórico de grande importância na vida da humanidade, marco inicial de uma nova era de governos democráticos, inspirados nos sadios princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Às 11 horas, do dia 14 de Julho p. findo, nos salões do Automóvel Clube, teve lugar concorrida recepção, oferecida aos franceses residentes em São Paulo, às autoridades e demais amigos da França, pelo Cônsul Geral, sr. Roberto Valeur, que usando da palavra, discorreu sobre o significado da grata efeméride, tendo sido muito aplaudido pela assistência, que reunia os elementos mais representativos da sociedade bandeirante e da Colônia Francesa.

À noite, nos salões do Esplanada Hotel, sob patrocínio da Sociedade Francesa de Beneficência 14 de Julho, realizou-se grandioso baile, muito animado e bastante concorrido. E foi assim que os franceses de São Paulo celebraram a data imortal do "14 de Julho", festa máxima de sua valorosa pátria.

Aspecto da mesa do Cônsul Francês, vendo-se à esquerda a Consulesa da Inglaterra.

Parte dos numerosos convidados que compareceram às solenidades





Uma bomba atômica. — o projeto governamental da nova lei de segurança, — abalou os meios políticos, na semana passada, despertando todas as atenções e sugerindo muitos comentários quase todos em contrário. Houve, é certo, vozes que o aplaudiram, — e que o aplaudiram até com desmedido entusiasmo, como o deputado paulista, Sr. Antonio Feliciano, que, interrogado pela imprensa, disse: "Acho que o projeto é ótimo, porque, para mim, tudo quanto vem do governo é ótimo". Mas a maioria dos representantes da nação filiados aos mais diversos partidos foi contra. A U. D. N. nomeou, para examinar o projeto, uma comissão de juristas, que se manifestou pela sua rejeição, *in limine*, achando que não há lugar para lei de segurança, mas apenas para um capítulo novo no Código Penal, definindo a natureza dos crimes contra o Estado, e no Código Penal Militar, na parte referente aos militares. Muito veementes foram as palavras de um dos membros daquela comissão, senador Aloysio de Carvalho Filho, que assim se manifestou sobre o referido projeto de lei: — "Não é com o rigor da punição que se consegue diminuir a criminalidade política. Os exemplos estão aí abundantes na história dos povos. A democracia, para se defender e sobreviver aos seus inimigos, precisará menos de leis ou tribunais de exceção; do que de honestidade de propósitos, moralidade na administração, verdade no processo eleitoral, respeito às garantias individuais. Quando um regime ou um governo corresponde às aspirações e ao sentimento da coletividade; não deve temer inimigos, que neste caso não existem, ou, quando existam, não chegam a fazer perigo à ordem constituída". — Outro acontecimento de repercussão nos círculos políticos foi a suspensão das irradiações da Câmara Municipal, que há longo tempo vem incorrendo na antipatia oficial. Os vereadores haviam aprovado uma lei estabelecendo que as irradiações seriam feitas obrigatoriamente pela Rádio Roquette Pinto, da Prefeitura. Sob a alegação de que a Câmara havia invadido, inconstitucionalmente, a esfera de ação do poder executivo, o ministro da viação, Sr. Clovis Pestana, proíbe, numa simples portaria, aquelas irradiações, provocando muitos protestos dos vereadores. Em Grand View, no Estado de Missouri, faleceu, aos 94 anos de idade, a senhora Martha Truman, mãe do presidente Harry S. Truman, dos Estados Unidos. Restabelecido do desastre de automóvel, José Luís Celazans (Jararaca), que foi candidato a vereador pelo Partido Comunista, mas parece ser bom católico, apesar disso, teve sua convalescença festejada com uma solene missa em ação de graças, para a qual foi distribuído o seguinte convite: — "No dia 27 de Julho, às 9 horas, haverá, na Igreja de São Luiz de Gonzaga de Madureira, uma missa em ação de graças pelo restabelecimento de José Celazans (Jararaca)".

A Igreja de Madureira é devedora de favores a Jararaca e Ratinho; por isso seu Vigário e o povo dessa Paróquia promovem uma Missa para agradecer a Deus o restabelecimento de José Celazans com sua esposa e sua concubina. O Padre Bastos convida V. S. para esse ato religioso que se vai realizar em sua Igreja. — P. Antonio da Silva Bastos, Vigário de Madureira. — Rio, 21 de Julho de 1947. — Tel. 29-8318". — Notícias dos jornais que o Exército vai repatriar os restos mortais dos brasileiros que tombaram na guerra, na Itália, em defesa dos ideais democráticos e na luta contra o totalitarismo. O general Zúñiga da Costa, que foi um dos bravos comandantes da heroica FEB, irá à Itália, promover a vida dos despojos dos nossos soldados. Muito boa, essa iniciativa. E' preciso, não só, repatriarmos estas relíquias, mas ainda termos bem vivo na memória o heroico sacrifício desses soldados brasileiros, afim de que a tirania fascista nunca possa medrar no mundo, e, muito menos, no nosso próprio país. Por falar nisso, o livro "A FEB pelo seu comandante", de autoria do marechal Mesquita de Moraes, está constituindo um belo êxito de livraria na excelente edição do Instituto Progresso Editorial, ilustrada e com vários mapas. Em Belo Horizonte, — por que será que estas coisas quase sempre acontecem em Belo Horizonte? — houve um concurso numa estação de rádio, durante um programa de auditório, para se ver quem comia maior número de bolinhos. O concorrente que estava elegerando o campeão, a certa altura, começou a ficar congestionado e a pedir água. O locutor achou de bom alvitre fazer um gracinha, perguntou se devia dar-lhe água. O auditório, em peso, gritou: "Não!" O concorrente caiu para o lado, entre risos, e então foram ver o que era e o pobre rapaz estava morto... Certos programas de rádio, francamente! E a cretinice de certos programas que deles participam, pior ainda! Já se sabe, agora, quais foram as pessoas furtadas no famoso baile da Embaixada do Chile, conhecido como *bal des volutes*. Foram registradas na Delegacia de Roubo e Falsificações várias quixes, entre elas: — deputado Carlos Cirilo Junior, líder da Maioria da Câmara dos Deputados; Mario da Cunha e Silva, funcionario do Itamaraty, residente à rua Senador Vergueiro n.º 50, apto. 1.102, cujas esposas foram furtadas em casacos de peles; general Izidro Martini, adido militar da Embaixada da Argentina, furtado em uma condecoração de Grande Oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul e uma capa de peles pertencentes à sua esposa avaliada em 1.800 pesos argentinos; diplomatas Jaime Solon Cherment, morador à rua Francisco Otaviano n.º 38; João Navarro da Costa, residente à avenida Copacabana n.º 959, apto. 701 e senhoras Marieta de Castro Menezes, residente à avenida Copacabana n.º 656, Izaura Lopes Trovão e Marie Madeleine Guilmette, todas também furtadas em casacos de peles. — Como a justiça, para ser boa, começa por casa, fique consignado que, no artigo "O círculo vicioso das idéias", R. Magalhães Junior, por um lapso de memória, atribuiu a Tasse Austen a autoria de "Jane Eyre", de Charlotte Brontë. Ele mesmo quem, lendo o artigo, deu pela coisa. Mas era tarde e já estava impresso... — E, por hoje, chega. Até outro dia...



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — O contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAMSE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

150 "LOUCOS" CONCENTRADOS NA TIJUCA

QUEM entrasse desprevenidamente em uma certa casa da rua Desembargador Isidro na Tijuca, poderia julgar que o Hospício Nacional havia aberto filial naquele bairro.

No princípio, tivemos também essa impressão. Hermilo Borba Filho, diretor do "Teatro do Estudante de Pernambuco" disse muito acertadamente que aquilo parecia aos leigos uma autêntica mansão de doidos onde, comandando aquele exército, falando, correndo, gritando ordens, está o maior de todos os loucos, o enciclopédico Paschoal Carlos Magno.

Nas folgas que lhe dá a carreira diplomática, Paschoal carrega pedras. Redige artigos para jornais, escreve peças e, para garantir um lugar no céu, dirige o Teatro de Estudantes. Ele arranjou esse calvário há dez anos, quando em 1938, ao lado da poetisa Amélia Carneiro de Mendonça, tornou uma realidade essa agremiação de amadores teatrais. Todos ainda se recordam do sucesso da primeira peça montada pelo Teatro do Estu-

Primeiro passo para a fundação do Seminário de Arte Dramática — Quando "reis" e "príncipes" passam a ariar talheres e a varrer o chão — "Hamlet" e "Inês de Castro" trabalham na cozinha, pela primeira vez.

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de A. VIEIRA

te, "Romeu e Julieta", de Shakespeare, e dos valores que então descobriu e lançou. Daí para a frente a idéia veio frutificando e não morreu mais, apesar do temporário afastamento do seu idealizador que, durante a guerra, serviu na Embaixada do Brasil em Londres. De novo entre nós, Paschoal Carlos Magno procura dar novo alento ao Teatro do Estudante, que é a menina de seus olhos. E marcando a nova fase da agremiação aí está a concentração de mais de uma centena de jovens, que se interessam pelo teatro, que têm a mania de teatro, que falam o dia inteiro sobre teatro e sonham durante a noite sempre com o teatro. Preparando-se para a temporada de

1947 os estudantes têm várias peças escolhidas e já em ensaios. Quase todas do teatro clássico, de Sófocles ("Antígona"), de Shakespeare ("Hamlet") de Calderon de La Barca ("Autos Sacramentais") e algumas modernas como "Além do Horizonte" de Eugene O'Neill.

QUE É QUE HA' COM OS RAPAZES?

Os cem rapazes e as quarenta moças que ficaram concentrados no palacete do milionário Ricardo Jafet tinham um mês para se aprofundarem no texto das peças que representarão. Os ensaios eram diários, às vezes se realizavam três ou quatro ao mesmo tempo, em salões separados

ou ao ar livre, nos jardins que rodeiam o palacete.

Quando os mestres não os estavam ensaiando, eles monologavam e gesticulavam, tentando decorar a qualquer preço os respectivos papéis. Chegamos pela manhã, sem aviso prévio, e fomos entrando. Quando abrimos a porta da sala da frente uma lourinha de olhos esbugalhados pelo pavor de alguma coisa que não podíamos ver, quase caindo em nossos braços, soluçou:

— Não, não me torture mais... Verho sofrendo há anos com a recordação daquela morte... Basta isso para matar-me aos poucos...

E caiu no chão, num pranto convulso.

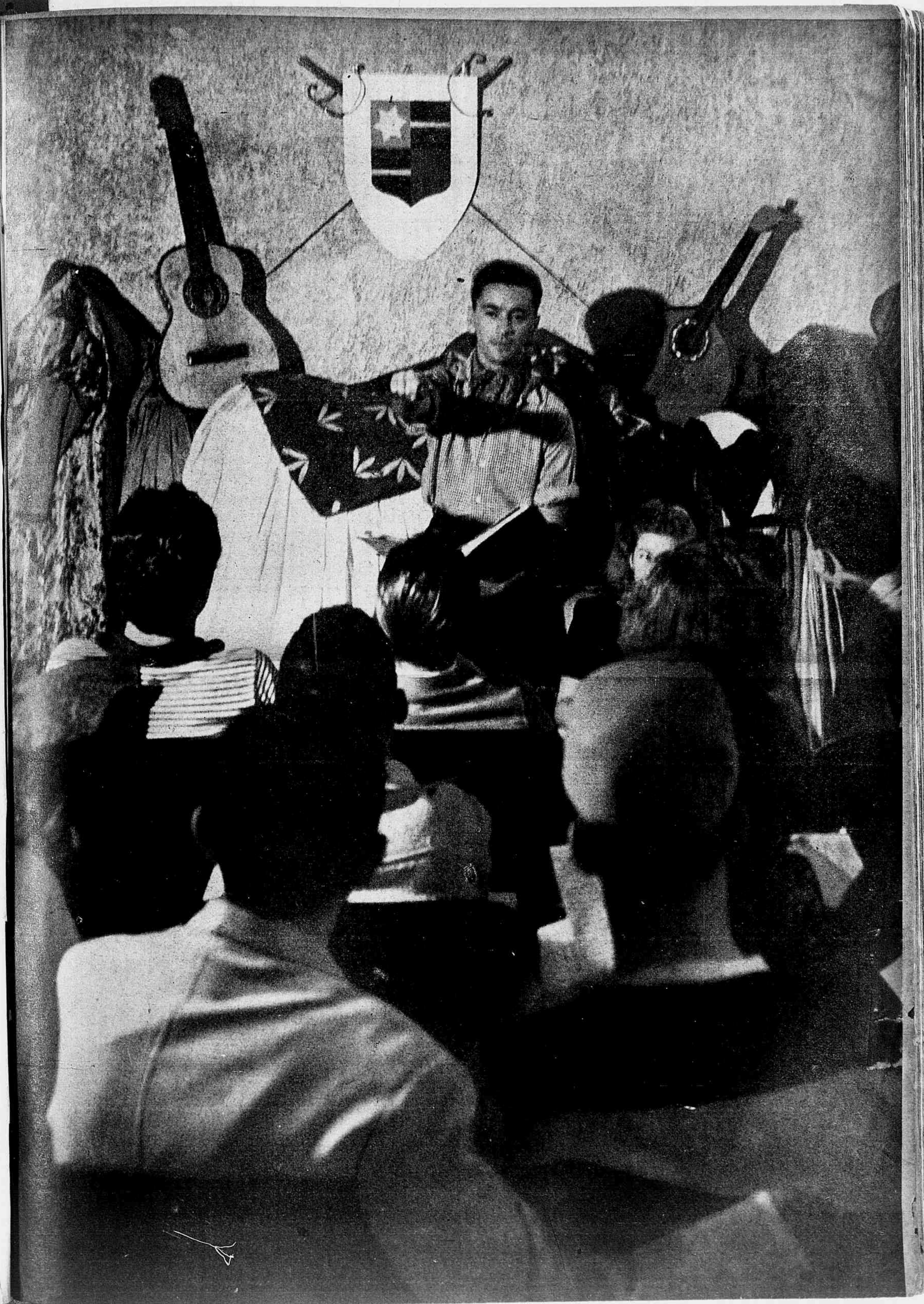
O fotógrafo, a essa hora, já passara para outro salão, horripilado com o que acabara de ouvir.

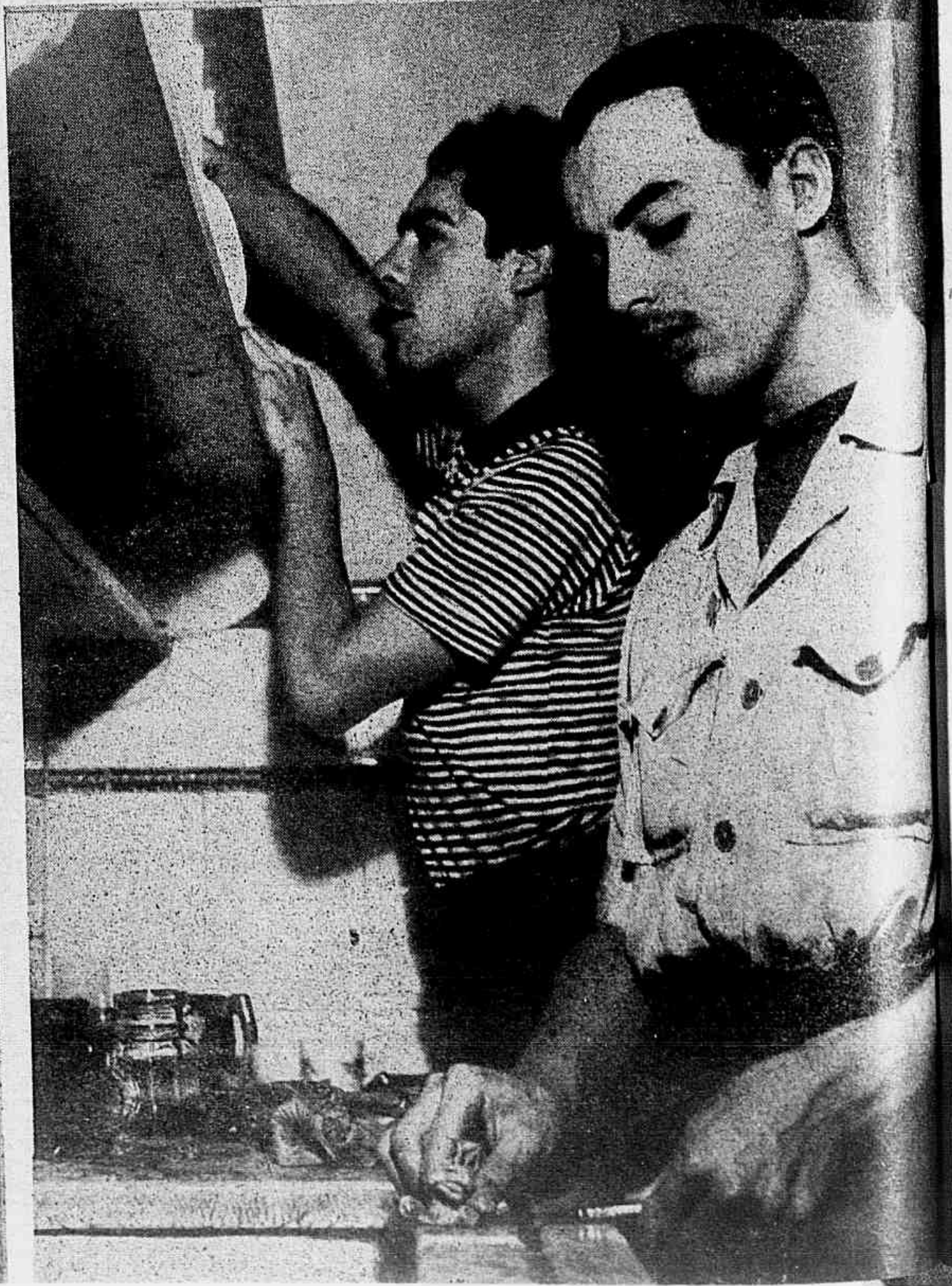
No outro salão, outros teatro-mariacos nos esperavam.

Um rapaz alto, com a testa vincada por grossas rugas, embargou teatralmente os passos do assustado fotógrafo e gritou:

Os estudantes dividiram-se pelos quartos de acordo com elencos das diversas peças. Na foto abaixo, parte do "cast" de "Electra no Circo", peça do acadêmico pernambucano Hermilo Borba Filho, focalizando o drama de um pai que se apaixona pela filha — tema também aproveitado por Nelson Rodrigues no seu escandalizante "Album de Família" — Da esquerda para a direita: Aureo Nonato, secretário do TEB, Wilson Ribaldo, Ernest Vignolles, Ubirajára Queiroz e Pedro Henrique. Na página à direita: flagrante de uma aula de inglês dada pelo professor-estudante Jaci Campos.







Na página à esquerda, em cima: Ana Maria Queiroz, a mãe de "Hamlet", surpreendida no seu colchão, sorrindo com a tragédia shakespeariana. À direita: a estudante Laisy Del Negri, uma das rainhas do "Hamlet", preparando-se para as tarefas do dia.

— Pára, bandido! O sangue de minha irmã exige vingança! Ajoelha-te e reza pela última vez!...

Resolvendo a aflição do fotógrafo apareceu a figura simpática de Carlos Magno, que apesar de ser "o louco maior" é uma espécie de salvo-conduto dentro daquela babel.

Ele nos explicou:

— Como o tempo é relativamente curto para tanto que desejamos fazer, durante as poucas horas que contam para o descanso, os rapazes e moças vão decorando os seus papéis.

TALVEZ SURJA DLI O SEMINÁRIO DE ARTE DRAMÁTICA

O autor de "Sol sobre as palmeiras" e de "Seremos sempre crianças" tem um velho desejo. Ampliar os benefícios culturais do Teatro do Estudante com a fundação do Seminário de Arte Dramática, espécie de escola e concentração permanente dos jovens que queiram estudar teatro ou viver do teatro. Não só como atores, mas também como cenotécnicos, diretores, ensaiadores, etc. Entusiasmo, dedicação e conhecimento do que pretendem fazer, não faltam a Paschoal e àqueles jovens. Falta apenas dinheiro. A Casa do Estudante, de onde saiu o Teatro, é pobre, considerando-se os grandes encargos que tem. Ainda agora está em situação difícil para pagar uma dívida de quatrocentos mil cruzeiros ao Instituto dos Comerciantes. Por tais motivos não se pode esperar que custeie as despesas do Seminário. Para as despesas da concentração foi preciso muita audácia, sem o que essa iniciativa não se realizaria.

Não havia verba para essas despesas extraordinárias.

— As despesas diárias aqui na concentração — diz-nos Paschoal Carlos Magno, — são de mil cruzeiros diários. Se ficarmos um mês concentrados teremos de "cavar" trinta mil cruzeiros.

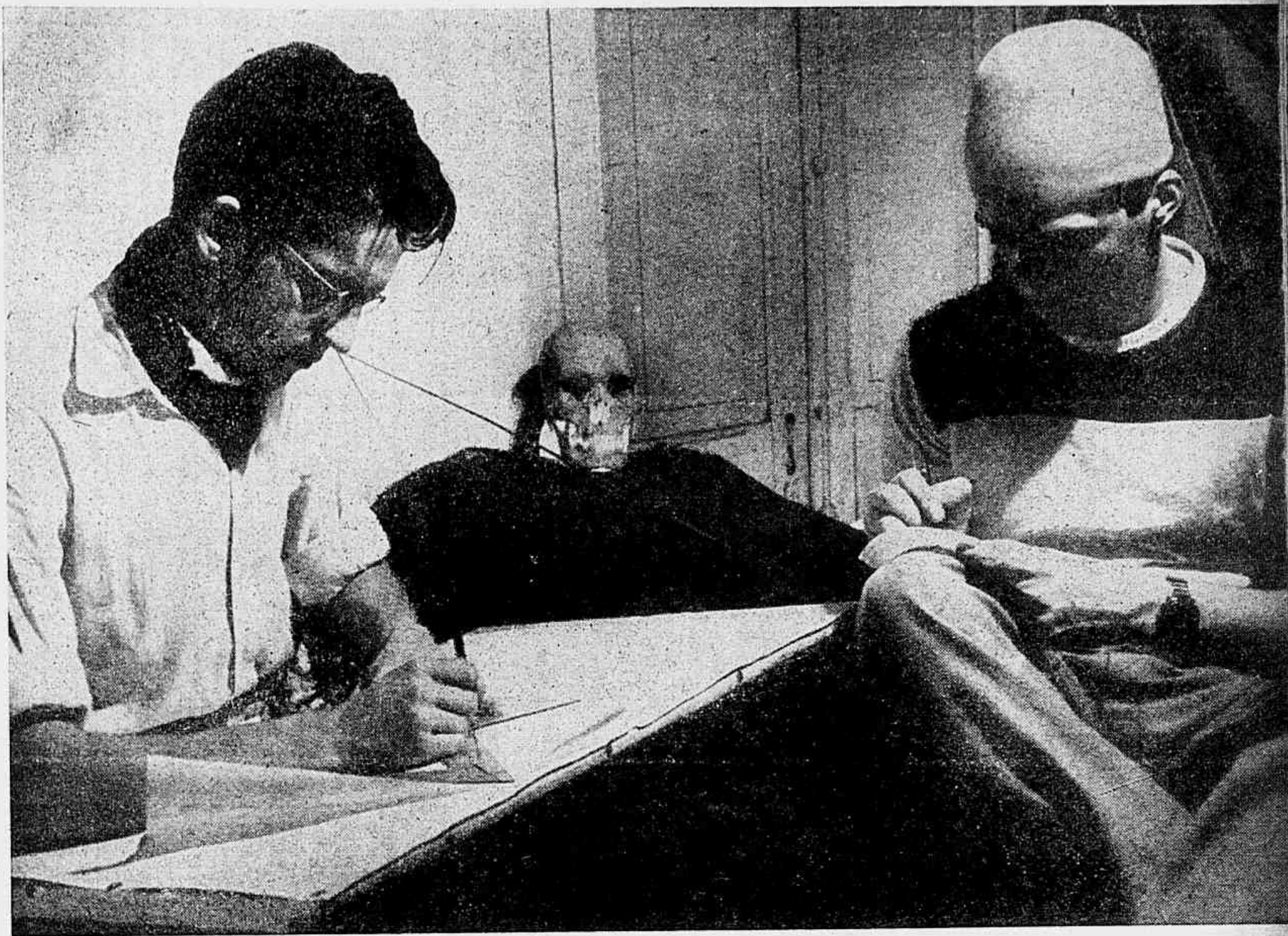
Ele tira um cheque da carteira e nos exhibe:

— Felizmente os auxílios particulares vão aparecendo. A Companhia Belgo-Mineira, por intermédio do senhor Pedro Galotti, deu-nos dez mil cruzeiros. O dinheiro há de aparecer...

INCENSO E CAVEIRAS ILUMINADAS COMO CÔR LOCAL

Era mais fácil procurar-se um estudante naquele mundo louco pelo nome do

Na página à esquerda, em baixo: Daisy Del Negri e Jairo Mascarenhas fazendo o café matinal para os companheiros. Ao lado, Martinho Gilberto guardando os pratos e Alberto Carlos Magno areando os talheres. Todo o serviço caseiro é executado pelos próprios estudantes.



O rapaz à esquerda compenetrava-se de tal modo no personagem que irá viver no palco que não atende mais pelo nome de batismo Sérgio Cardoso. Só ouve quando se o chama de "Hamlet". Seu companheiro de quarto é o sexto anista de medicina Sérgio de Brito Horácio veterano de "Romeu e Julieta" e que aparecerá também na temporada deste ano.

personagem que interpretará na peça, do que pelo seu nome de batismo. Sérgio Cardoso não existia mais; existia o "Hamlet", nome pelo qual ficou sendo conhecido. Estávamos percorrendo os dormitórios improvisados, acompanhados pelo estudante que tem hoje as funções de

diretor do dia. Pernambuco de Oliveira, cenarista de algumas das peças que serão levadas à cena este ano, ia nos abrindo as portas dos "santuários". Os estudantes haviam transformado os quartos em "santuários", onde além dos colchões e redes onde dorme, ergueram al-

taers em louvor das grandes figuras do teatro. Num dos quartos, a que haviamos dado o nome de "Antígona", ardia durante todo o dia e toda a noite uma vela. Quando desejavam maior concentração dos espíritos, queimavam incenso. Tivemos a ousadia de quebrar o re-

Parte do elenco de "Antígona", tragédia de Sófocles, que o Teatro do Estudante irá reviver nesta temporada. Da esquerda para a direita: Geraldo Markan, Alfredo Nunes e João Augusto. No altar de fundo, ao fundo, é permanentemente adorada a figura de Eleanora Duse. Quando querem maior recolhimento espiritual, queimam incenso.





Samuel Legay e Ponte de Paula Lima em um treino de esgrima. Samuel Legay é diretor do Teatro do Estudante do Rio Grande do Sul e acaba de conseguir uma bolsa de teatro na Universidade de Yale. É a primeira vez que um brasileiro obtém tal honraria.

e feitas por escritores e teatrólogos de nomeada.

Para se levantar, tomar café, almoçar, jantar, dormir e estudar, era mister obedecer o horário do dia. A "boia" ia do SAPS e, pelo que ouvimos dos estudantes, todos estavam satisfeitos com o "menú". Na casa não existia um só empregado. Todos os serviços de limpeza, arrumação, lavagem de pratos e talheres eram feitos pelos estudantes, escalados imparcialmente para os diversos serviços. Nos sábados à tarde e nos domingos, como o SAPS não funciona, os próprios estudantes, ajudados por Paschoal Carlos Magno — que garante ser um ótimo cozinheiro — iam para a cozinha e faziam a comida. Quando passamos pela cozinha o secretário do Teatro do Estudante, acadêmico Aureo Norato, parou em frente à imensa pia e apresentou-nos:

— Esta é a "Inês de Castro".

Quase não reconhecíamos Liuba Valtink. Com um avental que lhe ia até o pescoço, cara suja de carvão das panelas e os braços ensaboados, a doce e suave personagem do romance de Julio Ferreira, que Julio Dantas adaptou, estendeu-nos um dedo menos sujo de sabão:

— Alô — disse-nos, sorrindo.

Dois outros rapazes auxiliavam "Inês de Castro", ariando talheres e enxugando pratos. Ninguém reclamava a dureza das obrigações. Os "reis" e "príncipes" eram escalados democraticamente para varrer os salões e os jardins, numa prova de fogo pela qual se podia aferir a sinceridade e o entusiasmo dos

colhimento justamente quando as espirais de incenso enchiam o ambiente.

— Todos têm o juízo são — disse-nos o diretor de dia. Esse misticismo ajuda a penetração espiritual do texto das peças.

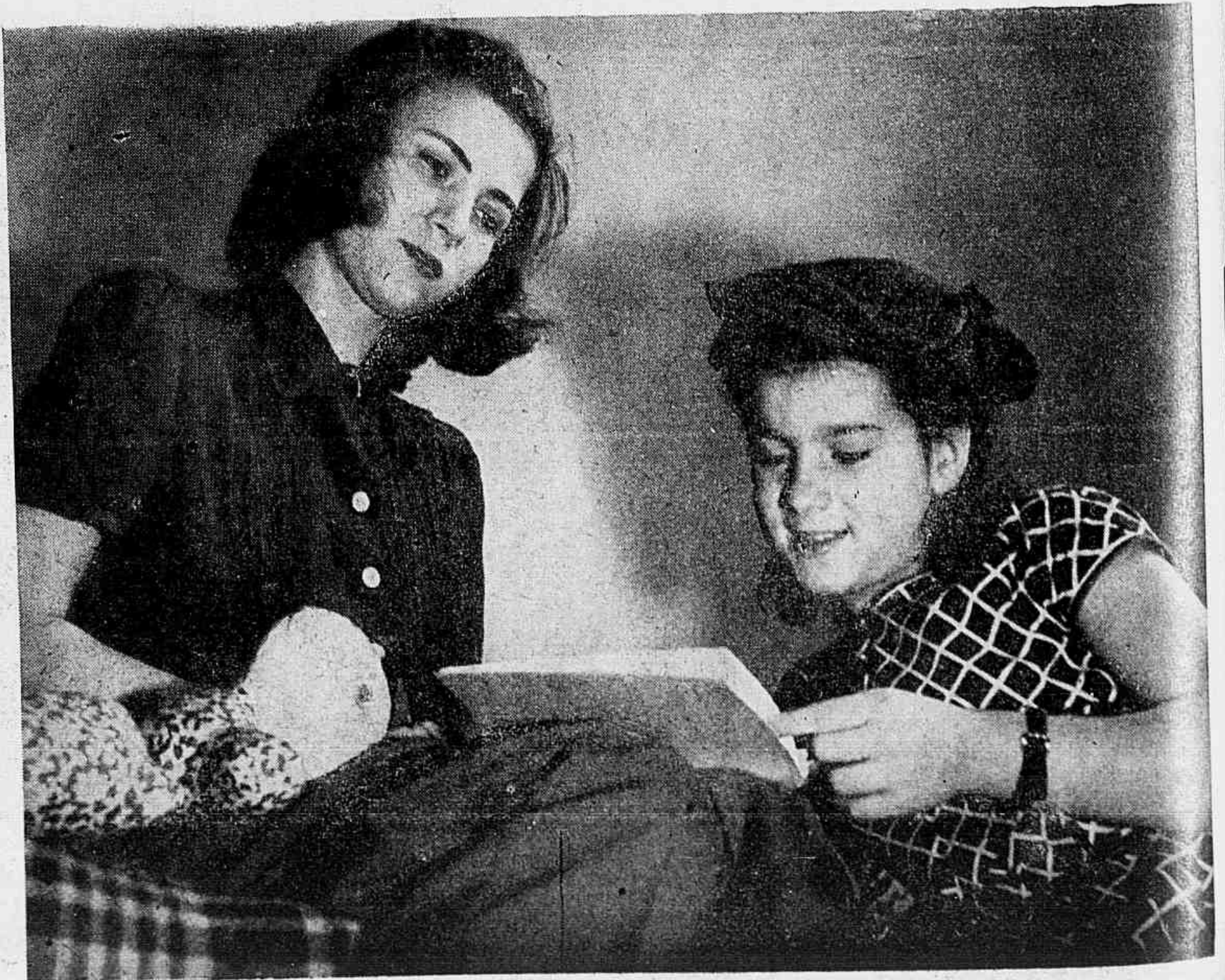
Num quarto contíguo, dedicado ao autor de "Romeu e Julieta", uma caveira iluminada interiormente, pousada sobre um altar de veludo negro, lembrava o clássico "To be or no to be". Soenamente o nosso guia informa-nos.

— Nesse quarto dorme o "Hamlet"...

"INÊS DE CASTRO" ESTAVA LAVANDO AS PANELAS

Apesar da aparente desordem, tudo ali era feito com método e a horas certas. As aulas de francês, inglês, ginástica, gesto e ritmo, esgrima, desenho, arquitetura cênica, arte de representar e os ensaios eram realizados a horas certas e previamente marcadas. As conferências noturnas foram inúmeras versando sobre assuntos atinentes ao teatro

A portuguesa Marilusa Queiroz, aluna do Conservatório Nacional de Música, tem destacados papéis em várias representações. À sua esquerda está a garotinha Norma Del Negri que fará uma pontinha em "A Castro", como filha de "Inês de Castro".



— "Mãe, tu mataste meu pai!" — grita Sérgio Cardoso, no papel de Hamlet, para Ana Maria Queiroz, protagonizando a rainha da peça, num momento patético do segundo ato. Alguns dos ensaios são feitos com guarda-roupa a caráter para maior naturalidade.

concentrados. E, diga-se de passagem, ninguém até hoje fez feio. Rapazes habituados ao conforto, moças filhas de pais ricos, todos dormiam em colchões colocados no chão, faziam o seu café e, às vezes, sua própria comida. Uma pequena remediou um pouco a dureza das "camas", trazendo de casa o seu colchão "ventilado, de molas".

O PREFEITO QUIS CEDER APENAS OS CANTEIROS

Esta concentração que, por mal dos seus pecados, não é de jogadores de futebol, esteve prestes a fracassar. Isso porque o prefeito Mendes de Moraes prometera ceder o Parque da Cidade, na Gávea, aos estudantes, mas restringira a concessão aos terrenos que circundam a casa. Quando já se pensava no fracasso da concentração, a senhora Rosinha Mendonça Lima, esposa do ex-ministro da Viação, conseguiu que o milionário Ricardo Jafet emprestasse ao Teatro dos Estudantes, por trinta dias, sua casa na Tijuca.

Eis porque foi parar naquele bairro, o Teatro do Estudante.

Essa organização aceita em suas fileiras qualquer moça que deseje aprender ou aperfeiçoar-se na arte dramática, seja ele estudante ou não. Na concentração da Tijuca existiam muitos que eram comerciários, funcionários públicos e até filhinhos de papais ricos.

24 HORAS DA VIDA DE UM CONCENTRADO

O dia de trabalhos e de estudos costumava começar às sete horas da manhã, quando o diretor de dia punha o

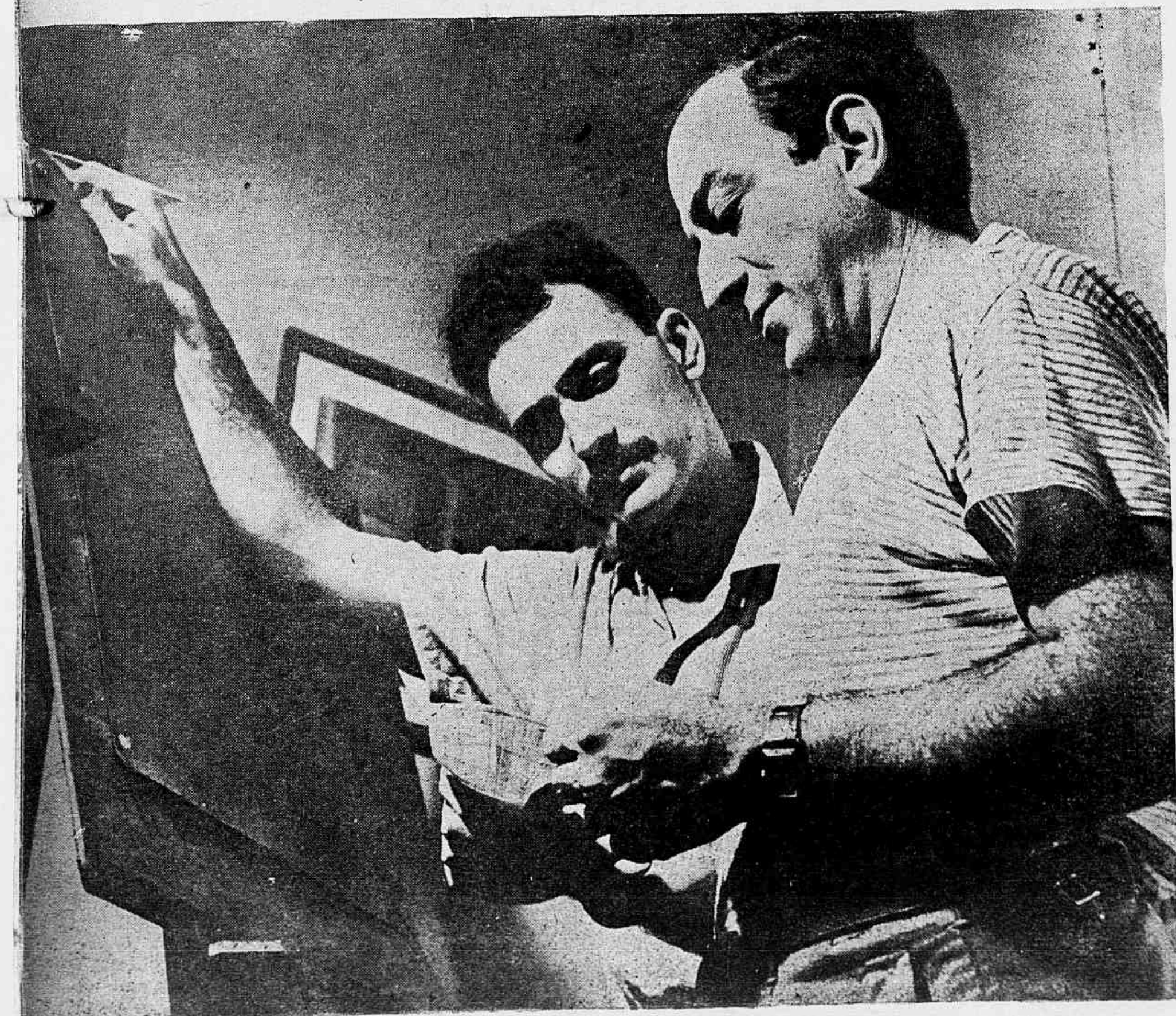


peçoal para fora da cama. Entretanto, em certas manhãs acontecia o dia começar mais cedo. Ainda há poucos dias, por exemplo, o vereador Carlos Lacorda fez uma visita à concentração, de madrugada, bancando a Sagramor de Scuvero no SAM. Felizmente não descobriu nenhuma sujeira, porque o Teatro dos Estudantes é um dos poucos movimentos sadios existentes entre nós. Disse o vereador udenista, quando por ali apareceu, às seis horas da manhã, que viera de um velório. Por via das dúvidas, naquela manhã, o pessoal começou a trabalhar mais cedo. Ana Maria, a "mãe" do Hamlet, preparou o café. Até às dez horas houve aulas de inglês para três turmas, sendo professores, Paula Lima, Jaci Campos e Paschoal Carlos Magno. Das dez às onze, Duque ensinou-lhes alguma coisa de "Dansa e boas maneiras". Após, a ensaiadora Esther Leão deu o seu curso de "Arte de representar". Veio em seguida o almoço e o descanso de uma hora. Durante o descanso eles

Carlos Couto (sentado), diretor do Teatro de Estudantes de Niterói e Hélio Jones, ambos personagens do "Hamlet". Esta peça reunirá um número considerável de figurantes, ao todo duzentos e quarenta pessoas, incluindo-se a enorme massa coral.



Em cima: várias estudantes que tomam parte em algumas das peças da temporada deste ano do TEB. Em primeiro plano, à esquerda, está Liuba Valtinik que faz o papel de "Inês de Castro" no drama de Júlio Ferreira, adaptado por Júlio Dantas, "A Castro". Em baixo, Paschoal Carlos Magno, diretor do Teatro do Estudante, mostra ao cenotécnico Pernambuco de Oliveira o primeiro dinheiro "cavado" com seus amigos para fazer frente às despesas com a concentração dos estudantes na rua Dezembargador Izidro. A despesa diária da concentração vai a quase mil cruzeiros.



podiam ser encontrados, como os encontramos, gesticulando dramaticamente, soluçando pateticamente e até filosofando, como aquele primeiro comediante do "Hamlet" que perguntava, semi-delirante:

— "Há um problema ainda oculto aos pensadores:

Dará o amor fortuna ou a fortuna, amores? —

Após esse "descanso", iniciaram-se três ensaios: "Hamlet", pelo diretor Hoffman Harnisch, "A Castro", por Paschoal Carlos Magno e "Antígona", por dona Esther Leão. Depois do jantar, houve uma conferência: "Teatro Brasileiro", pelo acadêmico Viriato Correia. Depois desse divertido dia o Sérgio "Hamlet" Cardoso, quando puxava as cobertas sobre o rosto, monologava, entre acordado e dormindo:

— "Que sonhos teremos no sono da morte!".

A caveira, único foco iluminado dentro da escuridão do quarto, ria, pela boca escancarada, daquele pobre louco.

O ASPECTO MORAL DA CONCENTRAÇÃO

Quando se fala que trinta moças e quase cem rapazes estão dormindo em uma só casa, o carioca em geral fica com a orelha em pé. "Alí vai haver coisa", diz o camarada que julgando os outros por si, põe a malícia em tudo. A nossa educação sexual ou é deficiente ou, o que é pior, é mal orientada. Por isso, muitas famílias impedem que suas filhas participem de movimentos semelhantes. Não querem que suas meninas fiquem "faladas". Para acabar com esse preconceito é interessante que se visite a concentração. Para maior rigor disciplinar ou talvez, quem sabe, para impedir os "disse-me-disse", algumas senhoras, mães das estudantes concentradas, se dispuseram a morar na mesma casa. O casal Hoffman Harnisch, por exemplo, passou a residir alí. Também a progenitora do estudante Pernambuco de Oliveira dormia no local. O dormitório das moças ocupava dois grandes salões na frente do palacete, no segundo pavimento, tendo um banheiro exclusivo. Os rapazes ocupavam os quartos restantes do segundo pavimento. Nem todos residiam alí. As instalações não comportariam o grande número de residentes. Alguns que trabalham e não puderam obter férias, chegavam somente à noitinha, para os ensaios das peças e para as conferências. Aos sábados, na parte da tarde, e durante o domingo é que o palacete ficava repleto. Todos os funcionários, comerciais e demais empregados iam passar o fim-de-semana na concentração. Não havia colchões que desse para todos e a maioria dos rapazes e moças dormia mesmo no chão, sobre simples cobertores e colchas. Era esse, em síntese, o espírito que reinava entre aquela mocidade estudiosa: sadio, entusiástico, devotado ao trabalho e ao estudo do teatro, que é a religião de todos eles. Não ganhavam com isso nenhuma recompensa financeira, ficando satisfeitos se conseguiam melhorar seus conhecimentos artísticos. Como se vê, nem tudo ainda está perdido no Brasil, enquanto houver moços que lutam desinteressadamente pelo seu ideal.

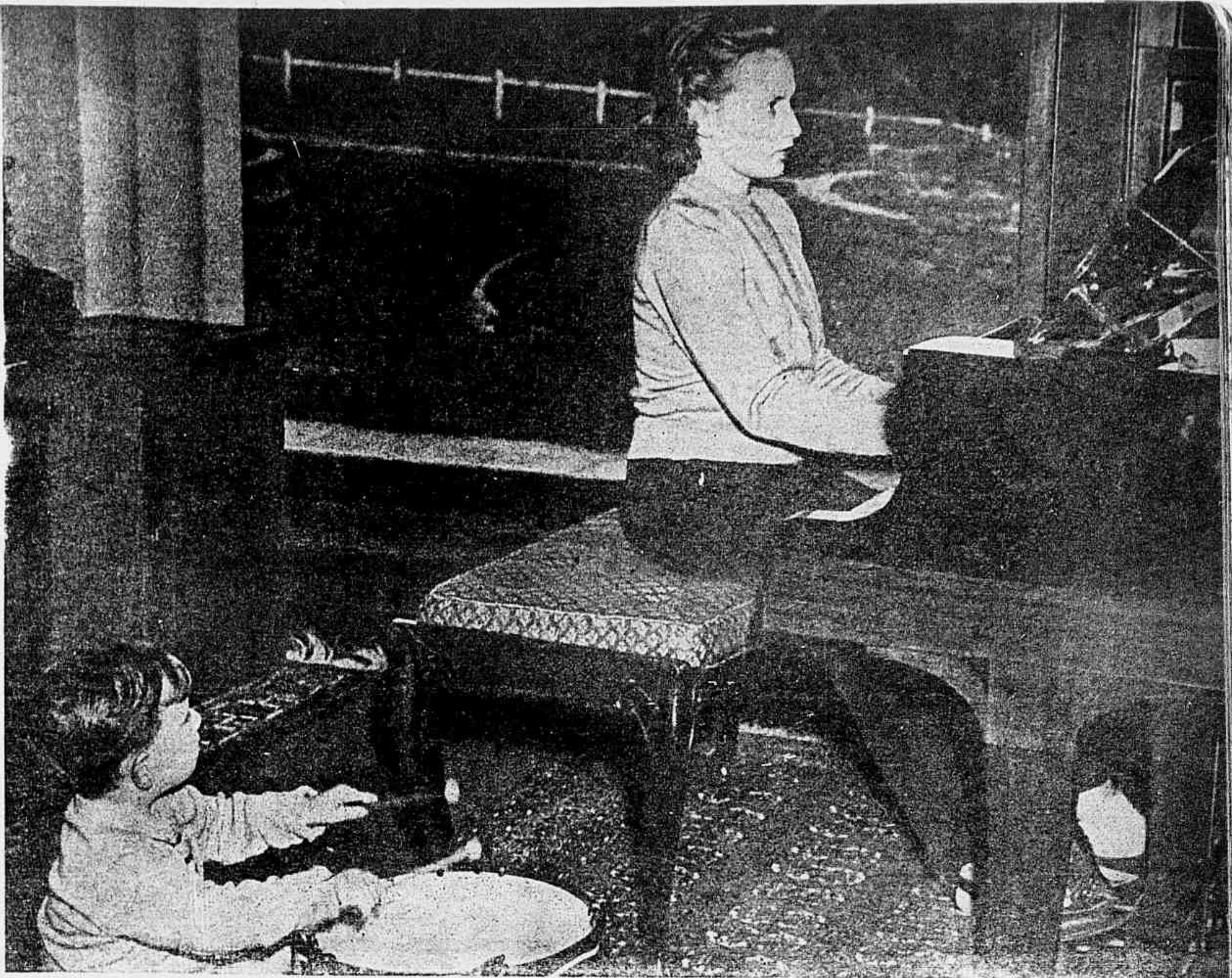
MÚSICA

HA' alguns anos atrás, esteve, novamente, na moda, o menino ou a menina prodígio. Depois de servir para entreter aristocratas ociosas, nas cortes européias do passado, o fenômeno despontou, como diversão amável, para capitalistas sem ocupação, na rica América do Tio Sam. A música, sempre fértil em exemplos de precocidade artística, deixou registradas na história algumas infâncias surpreendentes. Assim, ficou conservada a lembrança de um molequinho petulante, cuja beleza, ao que parece era excepcional, e que, misturada às damas da corte francesa, encontrou com suas travessuras, a princípio, e, mais tarde, com a demonstração inesperada de seu extraordinário talento. Ator, cantor, compositor e regente veio a morrer em consequência dos efeitos funestos de uma pancada no pé, que deu, inadvertidamente, com a batuta, quando regia. Naquele tempo, o maestro usava um bengalão imenso, que servia para bater o compasso, no chão, com estrépito. Essa biografia relâmpago de Lilli já basta para nos dar a certeza de que não foi privilégio da década passada o interesse pelas crianças extraordinárias.

Mozart, com seu sapatinho de fivela e seus punhos de renda, aprendeu a ser insolente, dizendo desaforos a várias cabeças coroadas, que achavam imensamente repousoante aquele passatempo, depois de horas fatigantes da complicada etiqueta palaciana. Aos sete anos, já Mozart era famoso. Os dedinhos ainda não abrangiam uma oitava e ele já se exibia, orgulhoso e seguro de si mesmo, usando da liberdade que seu prestígio assegurava para dar demonstrações inequívocas de espírito renovador, em sua obra, como em suas atitudes, rebelando-se contra o sistema de patronos, que impunha aos músicos o triste destino de ter que acomodar a sua arte à fantasia inconstante e aos desejos frívolos de algum rico e generoso protetor, sem o qual era impossível viver. A luta pela liberdade do artista, que culminaria nos lances épicos da Revolução Francesa, travava, ali, combates decisivos.

YEHUDI E HEPHZIBAH

Estiquemos a memória um pouco e iremos descobrir no passado a lembrança de um menino, com ar compenetrado, manejando com destreza um arco sobre as cordas do violino, encostado ao queixo e repousado no ombro. Concertos, tournées, aplausos e louvores. Críticos rabugentos rendendo-se, incondicionalmente...



Não é a mesma coisa que tocar com Yehudi, mas, seja como for, o pequeno merece estímulo. Hephzibah e seu filho mais novo, Marston, de dois anos de idade, experimentam as possibilidades de uma original combinação de instrumentos.

HEPHZIBAH MENUHIN FICOU NA AUSTRÁLIA

O DESTINO DAS CRIANÇAS PRODÍGIO — COM A LÍNGUA DE FORA — UM MARIDO, DOIS FILHOS E 23.000 CARNEIROS — A PEDAGOGIA E A ESPINHA DORSAL — FÉRIAS DE PIANISTA, TRABALHO DE FAZENDEIRA

De ROBERTO LYRA FILHO ★ (Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Mas, ao lado do menino, estava uma garotinha, muito séria, com uma noção de responsabilidade tremendamente desenvolvida, traçando, no teclado do piano, a linha impecável de algumas interpretações cuja perfeição pôs o espanto nos espíritos, através do encantamento dos ouvidos.

Yehudi e Hephzibah Menuhin foram crianças prodígio. Apareceram, no início de sua carreira, ligados na fama e no sucesso. Foram atravessando os anos, sempre unidos. Yehudi cresceu e transformou as promessas da infância em uma maturidade excepcional. Hephzibah demonstrou que o talento corre na fami-

lia como papel moeda em tempo de inflação.

Entretanto, à medida que os anos iam passando, perigava cada vez mais a íntima associação dos irmãos Menuhin. Finalmente, deu-se o que há muito se

(Continua na página 57)

Com as mangas enroladas, Hephzibah Menuhin, pianista célebre, ensaboa e banha dois filhos, antes de os pôr na cama. Os dois filhos de Hephzibah aprendem com as outras crianças, filhos dos empregados, da fazenda, numa sala de aulas pegada à casa. Há, na fazenda, uma professora, mas, algumas vezes, Hephzibah também dá aulas.



CIDADES grandes de todo o mundo, cidades pequenas, vilas, lugarejos de aqui, ali e acolá conhecem tipos populares singularizados pelo desarranjo mental, pela miséria, pela excêntrica em ponta de loucura ou por idiotismo levados ao pasto da risota pública constante.

Longe de excitarem piedade geral no respeito da desgraça, os tipos populares raro escapam ao gosto tão humano de ser mau ou perverso, gosto estreitado até na idade infantil.

O Rio de Janeiro de outrora conheceu não poucas tipos populares, como outros a cidade carioca de agora conhece, judiando com eles em virtude do gosto humano já apontado e verificável a cada momento.

Muitos daqueles tipos populares nem gozam livre e sossegado trânsito, assim que aparecem alvo de piadas grosseiras, vaias e tudo quanto o arsenal do desapiedado reserva a quem carrega peso de infortúnio, aumentado pela ininterrupta humilhação pública, na qual se sobrepõe a gentilha.

De outrora venham à lembrança alguns tipos populares dos quais o tempo não conseguiu de todo delir triete memória.

No Rio de Janeiro do século último bastantes foram os tipos populares cujos verdadeiros nomes as mais pitorescas ou inexplicáveis alcunhas apagavam.

As vias públicas cariocas muito deram espaço a párias da desventura. Apesar de má sina gostavam da liberdade, não se valendo de asilo da mendicidade.

Não consta que houvessem passado fome, porque num Rio de Janeiro onde tudo sobrava, sempre havia condícios para dar um prato de comida a quem não o pudesse pagar.

Os tipos populares ao perderem nomes de família

O Filósofo do Cais, tido como o barão de Schindler, de fidalguia germânica, e um dos tipos populares do antigo Rio de Janeiro.



GENTE DAS RUAS

ESC RAGNOLLE DORIA

tornavam-se conhecidos por alcunhas conferidas pelo povão e sua galhofa. Provinham as mesmas da observação de defeitos físicos ou de excentricidades praticadas pelas vítimas da chacota, quase sempre nascida dos desocupados da rua, sem o cuidado de olharem para si mesmos.

Ninguém, por exemplo, no dantes carioca, conhecia o nome do pobre insano que tomando súbitos impulsos continuados saía pelas ruas a gritar: arreda! arreda! Logo ficou sendo o **Ventania**.

Companheiro de sua desdita era o **Bonaparte**. Por que ao vencido da vida atribuir o nome do vencedor de Marengo? Perecença física?

Outro tipo popular recebeu a alcunha de **Praia Grande**. Morava ou teria morado em Niterói, Praia Grande quando Vila Real?

A todos o **Praia Grande** tratava por compadre, o que pressupunha compadre de não poucos ailhados sem necessidade de pia batismal e águas lustrais.

Nem deixou o carioca inseparável de veia sarcástica, no caso desalmada, de alcunhar um pobre tipo popular de **Sarrabulho**, comida de ordem culinária inferior encontrada nas tascas onde o alcunhado ia matar fome.

De todo o Rio de Janeiro foi conhecido o **Filósofo do Cais**, tantas vezes imóvel a fitar do Pharoux o mar que um dia o trouxera à capital do Brasil, atribuindo-se ao filósofo nobre origem germânica. Que mistérios de vida pregressa flutuariam no vago pensamento do **Filósofo do Cais**, lembrado até em peça de teatro?

Ainda mais misterioso foi o taciturno **Bachichi** passeando em silêncio a dór que talvez o tivesse levado à condição de irrespeitado tipo popular.

Em curso de pesquisas, encontramos em livro-obituario da matriz de S. José o registro do mestre de **Bachichi** com a seguinte menção:

"**Bachichi** — Vulgarmente conhecido por tal por nunca dizer seu nome."

Do **Bachichi** não ficou nem sequer o nome batismal pelo qual conhecido o poeta **Siri**, lembrado por Moreira de Azevedo. Metido a improvisador satírico, dirigiu **Siri** versos desrespeitosos ao próprio vice-rei Luis de Vasconcelos, este reunindo à tarde pessoas de sua simpatia, entre elas Mestre Valentim. Congregava-as num mirante do Hospício de Jerusalem, na rua dos Barbones (Evaristo da Veiga) o hospício casa dos esmoléres da Terra Santa.

Criticou o **Siri** as reuniões vice-reais na seguinte quadra:

Nas partes de Jerusalem
Lá em casa da Judéa
Onde se faz sinagoga
E dizem que é assembléa.

Ao criticar um padre verzejador apanhou **Siri** uns versos do criticado dizendo em móia:

Que faz Apollo que da sacra curia
Não o manda chegar à palmatória.

Há quem pense que no Brasil colonial só havia assnos, engano manifesto. Cada século transporta para o seguinte inteligência e zombaria.

No fim do Império tornou-se tipo popularizado o alferes honorário Candido Galvão, com as honras daquele posto por serviços na guerra do Paraguai, serviços recompensados com medalha de campanha.

De ordinário trajava Galvão à paisana, fiel à roupa preta, usando cartola, portador de alva bengala nodosa.

Em certos dias solenes, fardava-se de gala Candido Galvão, punha no peito medalha de guerra, apresentava-se no Paço da Cidade, a cortejo.

Dizia-se Galvão descendente de reis africanos e como tal se intitulava e assinava, até na imprensa, Príncipe Obá 2.º da África.

Era tipo popular, mas de especie particular porque se dele sorriam a sorrelfa, não deixava de ser estimado, por chefe de família legítima.

Ao ser proclamada a República, entendeu-se cassar

a Galvão a patente de alferes honorário da qual gozava no regime democrático do Império reconhecido como única república da América do Sul, no dizer de dois presidentes de republicas sul-americanas, Mitre da Argentina e Rojas da Venezuela.

Assim, ambos os presidentes o declararam em 1899.

Bem antes de Candido Galvão, o Rio de Janeiro de 1860 conheceu um tipo popular de ordem singular. Attesta-o Dabadie, que, empregado de comércio em loja da rua do Ouvidor, tornando à França escreveu livros sobre o Brasil.

Conta Dabadie o caso do desdobramento de personalidade de um Snr. Pedro, que se pretendia formado em Direito e com direito ao título de Dom.

Contava o Sr. Pedro cerca de 35 anos. Vestia-se com decencia e mostrava distinção pessoal.

Dois dias por semana esmolava, a cavalo, à porta de casas de negócio, reclamando a esmola que lhe era devida.

Quando pela primeira vez passou diante da loja onde Dabadie era empregado, ficou o mesmo estupefato reconhecendo que no Brasil a mendicidade não implicava vergonha.

Chegou a dar-se Dabadie com o estranho mendigo. Jantaram num restaurante da rua do Sabão (a hoje suprimida rua General Camará), restaurante afamado, fornecendo às sextas-feiras dois pratos de renome entre a frequência, sopa de ostras e bacalhau à valenciana.

O Sr. Pedro contou sua vida a Dabadie.

Dos dezoito aos vinte anos gozara existencia de modo tão irregular que se incompatibilizara com sua família, acabando por não ter mil réis no bolso. Adotara a profissão que Dabadie conhecia e não se dá mal, pois acabara morando em chacara nas Laranjeiras. Convidou Pedro ao seu amigo a visitá-la para aí conversarem sobre literatura.

— Que pensa da minha vida? perguntou o Sr. Pedro. Não lhe parece preferível à de um aulico de farda bordada ou à de um mercador de escravos, de consciencia lavada de remorsos?

— Não penso nada, ouço, respondeu Dabadie, que se absteve de ir à chacara das Laranjeiras.

A quem possa parecer menos verdadeira a narrativa de Dabadie, seja lembrado que hoje, a cada hora, a policia carioca detem mendigos possuidores de cadernetas bancárias e títulos de propriedade de imóveis. Há uma diferença: os falsos mendigos não esmolam a cavalo.

Ao grupo dos tipos populares cariocas às vezes ajuntavam, no século passado do Rio de Janeiro, alguns estranhos ao meio e surgidos intermitentemente.

Assim, um tipo popular da Paulicéa, de alcunha **Bacalhau**. Sua história movia compaixão e lh'a davam o capital paulista, a principiar pela classe académica e a lhedora de desditoso sacerdote, suspenso de ordens.

Os academicos tinham razão de bem receber e aular o desventuroso, pois lh'es fôra colega, inscrito o verdadeiro nome na lista geral dos alunos de 1.º ano de 1852, na Academia Juridica de Olinda. Nela o padre lh'era como colegas de ano Gaspar Silveira Martins, Ruycourt Sampaio. Com eles o sacerdote paulista cursou o 2.º ano em 1853, promovido ao 3.º de 1854 e ao 4.º de 1855, passando a curso na Faculdade do Recife e na Academia de Olinda.

Tendo tido em Olinda e no Recife condiscipulos e mais Heraclito Graça, Franklin Doria, Gentil Homem de Almeida Braga, devendo formar-se na turma de 1856, na qual João Alfredo, Correia de Oliveira, o padre Assumpção foi preso de desequilíbrio mental, atribuido geralmente a phtheria de mau gosto de colegas, que dela muito se aproveitaram. Talvez o sacerdote se fosse um nervoso, um impressionável. Em inconsciencia vegetou o desditoso em S. Paulo, triste, apagado, vindo a falecer no Rio de Janeiro, após anos e anos peregrinando no infortúnio na sombra de si mesmo.

ENLACE

MARIA DE LOURDES LISBÔA LOPES
DR. SYLLA FERNANDES LIMA

REALIZOU-SE no dia 19 de Julho p. passado, na matriz de N. S. Copacabana, o casamento da gentil Senhorinha Maria de Lourdes Lisbôa Lopes, filha do deputado federal Dr. Lauro Lopes e sua Exma. Sra D. Poly Lisbôa Lopes, com o Dr. Sylla Fernandes Lima, advogado em Curitiba, tendo sido celebrada a cerimônia pelo arcebispo metropolitano de Curitiba D. Atico Euzébio da Rocha.

Os atos civil e religioso constituíram acontecimentos marcantes na vida social carioca, sendo dos mesmos os flacjantes estampados nesta página.



S. Excia. o Arcebispo de Curitiba, D. Atico Euzébio da Rocha, celebrando o casamento.



Um aspecto da cerimônia religiosa.

Um flagrante, vendo-se da esquerda para a direita, o casal Dr. Francisco Pereira, Senador Flávio Guimarães, Senador Mello Viana, vice-presidente do Senado Federal, D. Atico Euzébio da Rocha, Arcebispo de Curitiba e Senador José Ferreira de Sousa, padrinho do noivo.

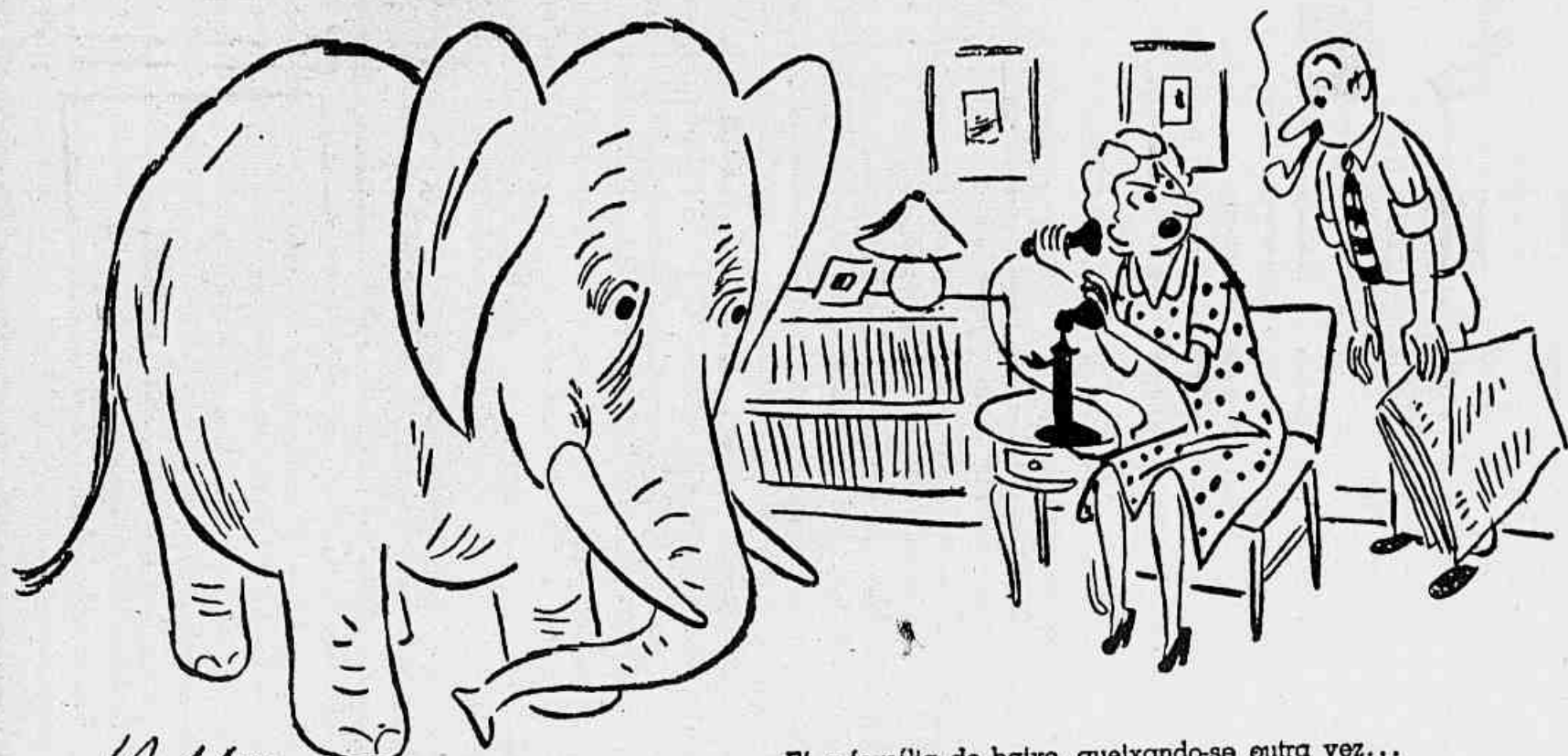


Os noivos deixando o templo, após a cerimônia.



Os noivos, depois de receberem os cumprimentos dos presentes.





LA MENDOLA

— E' a família de baixo, queixando-se outra vez...

BOM HUMOR



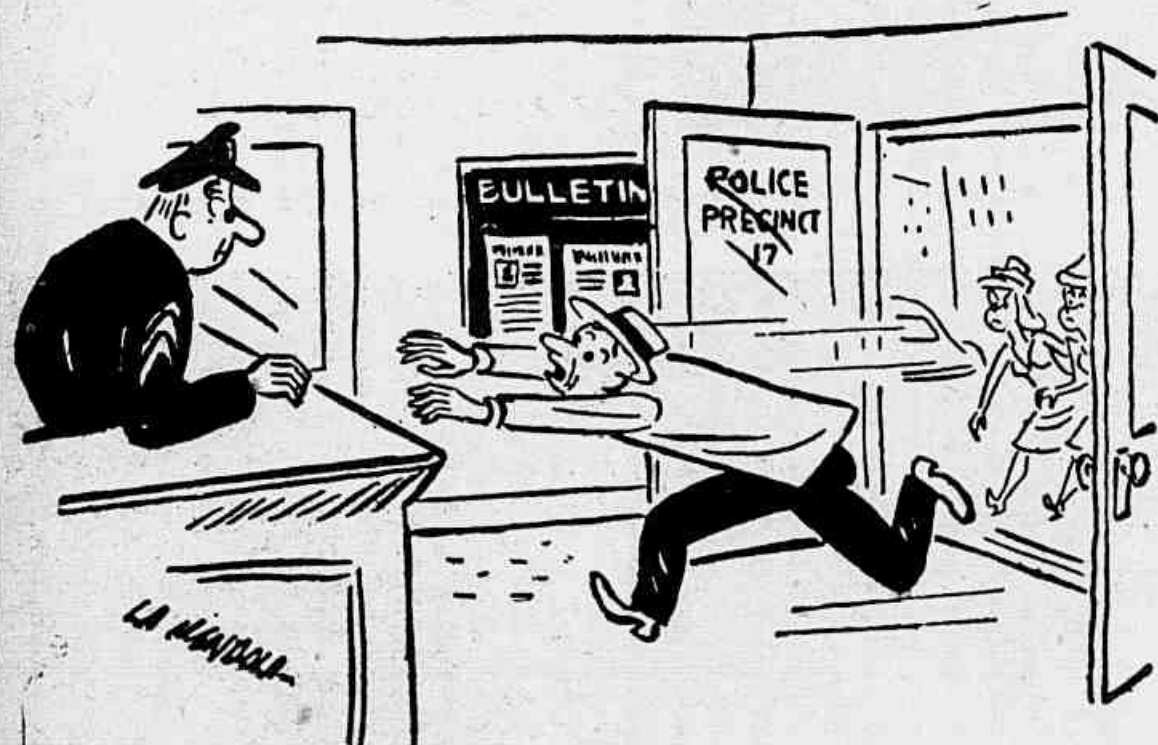
LEO
GAREL

— E' preciso a gente insistir com ela tôdas as vezes para que toque alguma coisa...



CLYDE
LANE

— Continue, querida... Deve haver uma ponte por aqui e poderemos atravessar facilmente...

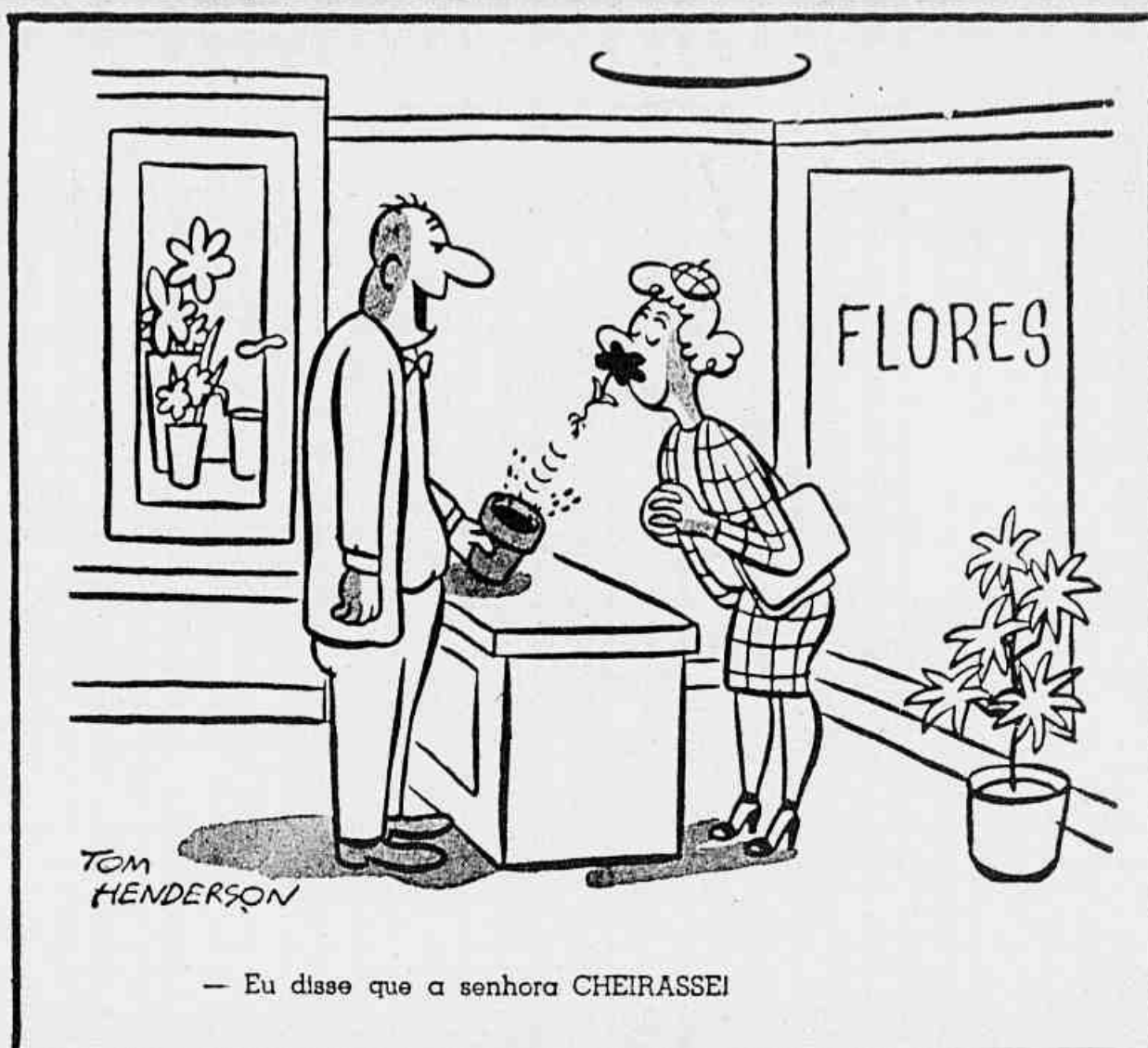
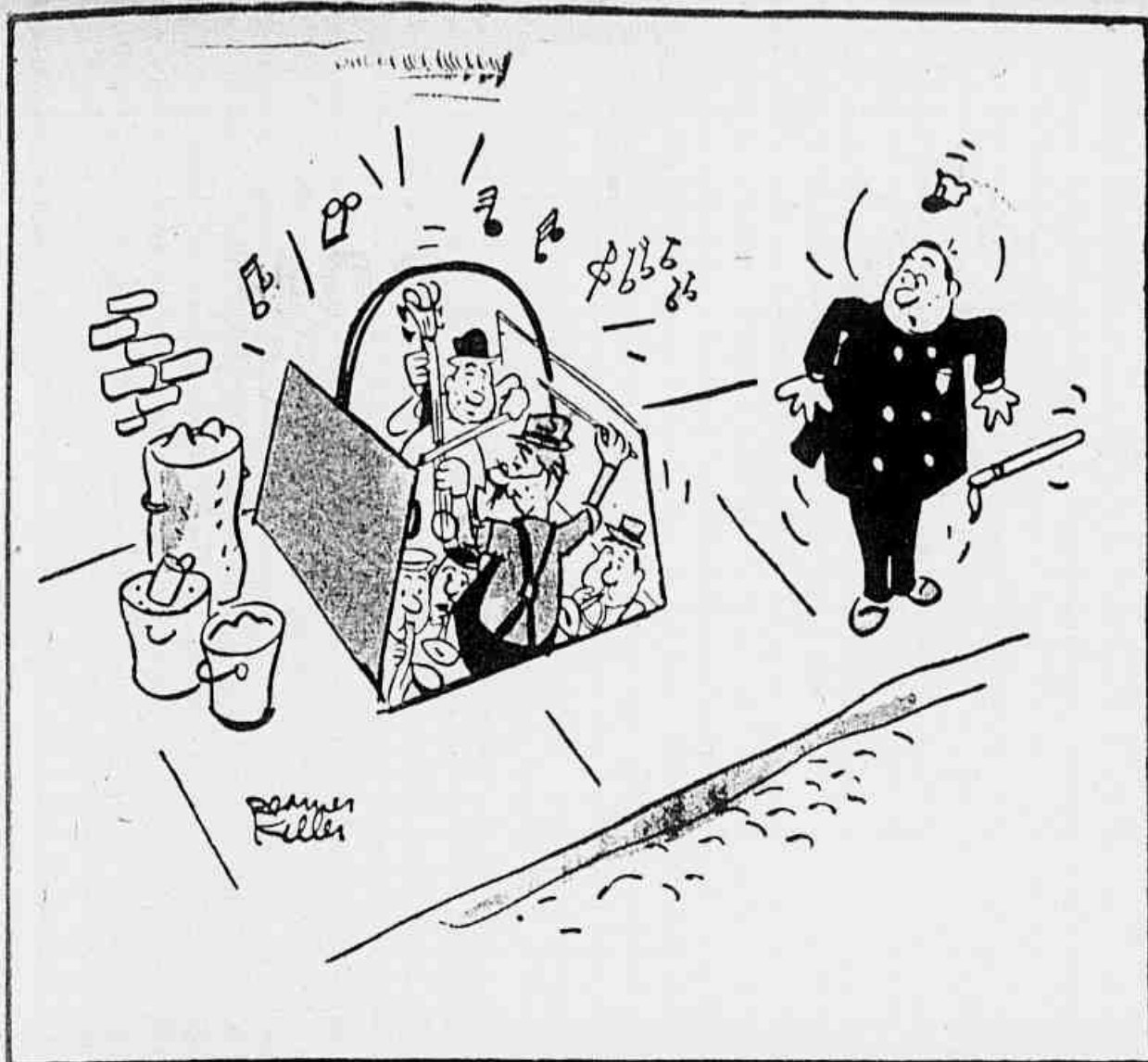


LA MENDOLA

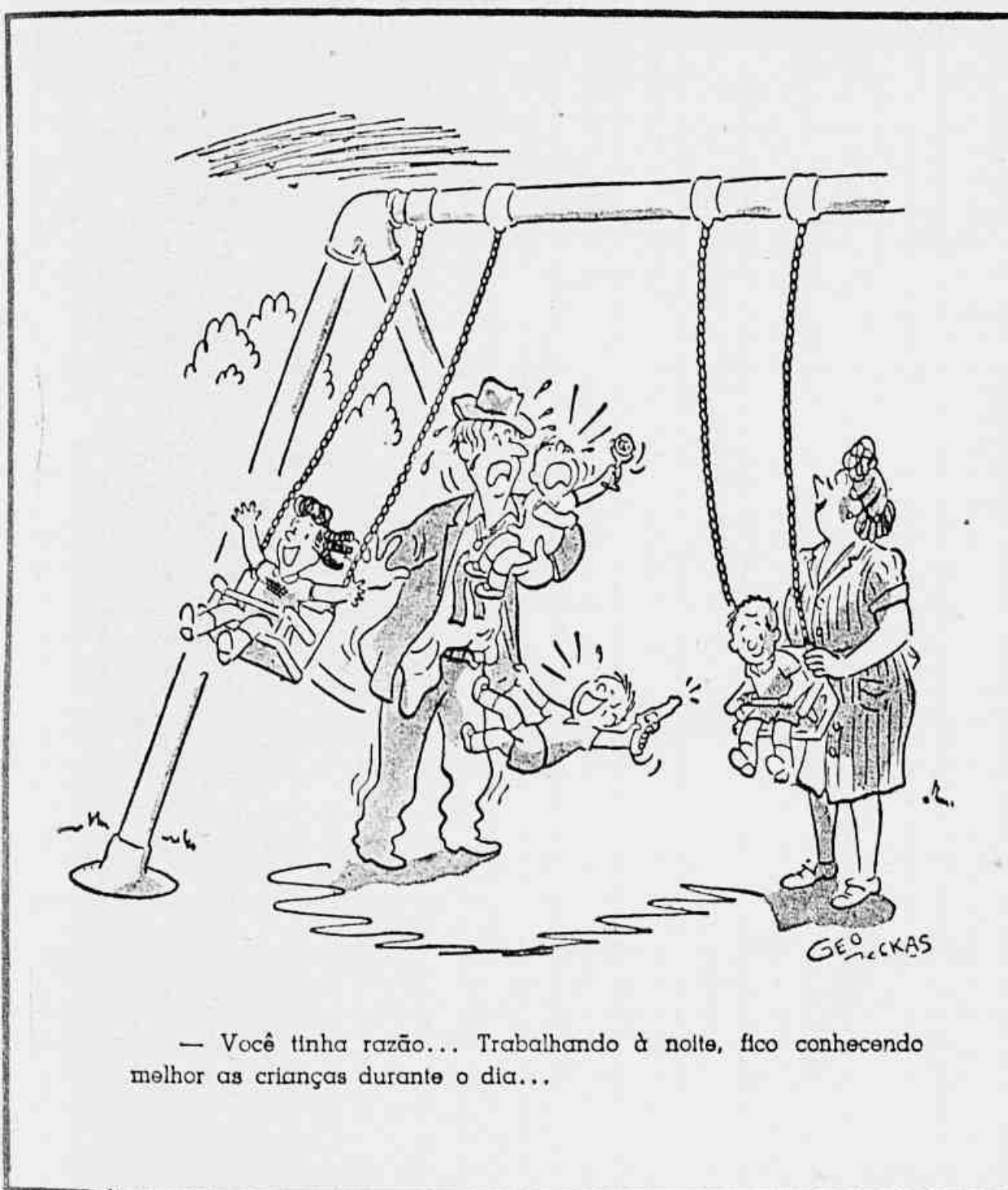
— Prenda-me! Eu sou um bígamo!



— O senhor não vai também me dizer que eu sou o "garçon" mais vagaroso que o senhor já viu?



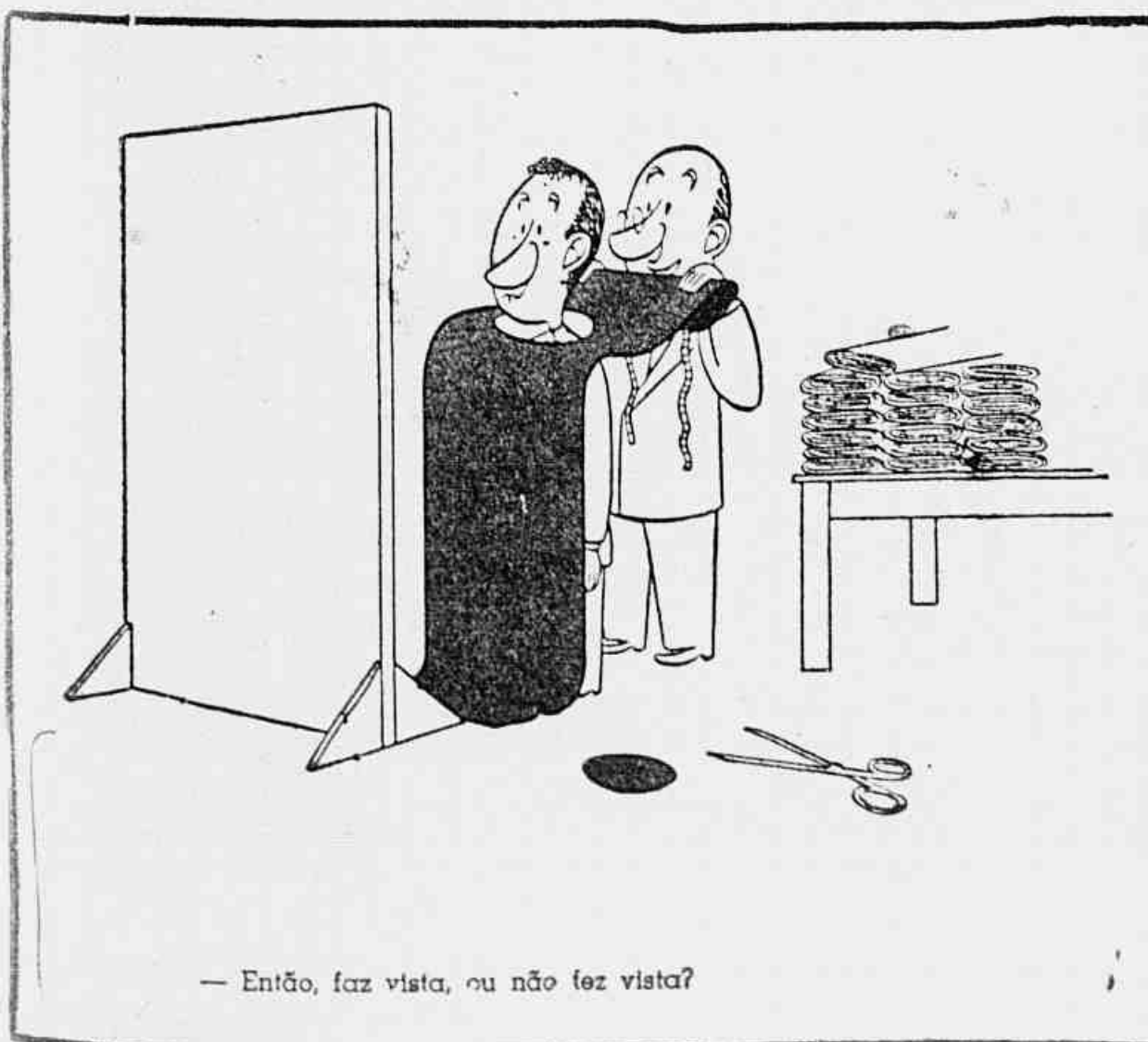
— Eu disse que a senhora CHEIRASSE!



— Você tinha razão... Trabalhando à noite, fico conhecendo melhor as crianças durante o dia...



— Mas toda gente diz que, apesar de tudo, eu sou "um rapaz direito"...



— Então, faz vista, ou não fez vista?



— Eu acho que por isso é que tenho uma boa vista... Eu nunca leio!



Em cima: o Rio que não mudou. Trecho do Largo do Boticário, em Águas Férreas, com a mesma fisionomia de há cinquenta anos.

O RIO DE JANEIRO HÁ CINQUENTA ANOS

II

O que eram as habitações de outrora — O problema do banho. — O lixo. — Cabeças-de-porco. — Serenateiros. — A gíria de outrora.

Por LUÍS EDMUNDO

(Da Academia Brasileira de Letras — Autor de "O Rio de Janeiro do meu tempo" e de "O Rio no tempo dos vice-reis")

A casa que, em geral, é desenhada e construída pelo mestre-de-obra português, não passa de uma singela construção, com platibanda à guisa de ornamento sobre a qual se colocam duas compoteiras de gesso, com as respectivas tampas, janelas de sobranceira, e, quase ao tocar a linha onde assenta o rústico telhado, a data em que a mesma foi terminada — 1895 — que o avisado construtor põe, sempre, por cautela, para que não se pense, vendo-a como é, desalinhada e gêba, que ela foi construída pelo tempo em que aqui esteve o sr. D. João VI.

A nossa Prefeitura ainda não regula, como deve, a estética das fachadas dos prédios e a conservação dos mesmos. Além de feias, essas fachadas, mostram-se, sempre, chelas de remendos ou a descascar pelos rebôcos. Pintam-nas de modo o mais grotesco ou excêntrico. Há, por essa época, na rua do Catete, certo armazem de secos e molhados — Ao leão na fuma, que surge, certo dia, pintada com listras brancas e pretas. Todo êle parecia uma zebra. Plada do vendilhão

para atijar a freguesia. A época era das fachadas de côr exóticas e espetaculares. Casas pintadas de vermelho, de azul, de verde ou côr de abóbora. E sempre como que vaidosas dos seus remendinhos ou das faltas notáveis de calça, pondo a nú os tijolos e as pedras que serviram para sua precária construção.

Como planta, em geral, são as casas o que haviam sido há uns cem anos atrás. Acabou-se com a alcova, é verdade, mas, o corredor, êsse, ainda persiste. Se persiste! Dir-se-á até, que, sem êle, os mo-

radores não acertavam com os seus quartos. A área, suja, também, de vida longa, ainda não morreu, bem como o sótão, a rótula da casa térrea, e outras recordações dos recuados tempos do Sr. Luís Vahia, o Onça, que Deus haja!

Emprega-se, não obstante, um material excelente, quase todo êle importado, pinho de Riga, telhas de Marselha ferragens da Inglaterra, ladrilhos da Holanda, de Espanha e de Portugal. Esse material, porém, na mão rústica e tímida do mestre-de-obras, morre sem expressão e

sem relêvo. A casa lembra, sempre uma coisa incompleta e mal acabada.

As cozinhas, porque os fogões são, em geral, alimentados à lenha ou à carvão de coke, estão pretas como as cozinheiras; os assoalhos, ainda de madeira, são lustrados pelos resíduos das gorras viúvas d'água e de vassoura. Os tectos são de côr marron e com grades, para que passe a fumaça quando a tiragem é mal feita pelas chaminés. Essa cozinha que, para ser colonial, só lhe faltam o poço e o pilão, sem o menor asseio, mostra prateleiras de páu onde se amontoam, indisciplinadamente, com as sobras das despesas, embeigados trens de cozinha, feitos em cobre, estanho e barro do país. Sala de banho só em casa de rico.

A chamada Princesa Mathilde, espécie de pitonisa do futuro, num artigo que escreve para uma gazeta da cidade, prevê, para breve, entre nós, o uso generalizado de banheiras esmaltadas, há muito conhecidas nas partes mais civilizadas da Europa. Ninguém acredita na princesa Mathilde. A sala de banho, em geral, é fóra da habitação, em comum

com a retrete, com um chuveiro de lata, numa casinha feita de madeira ou de improvisado estuque.

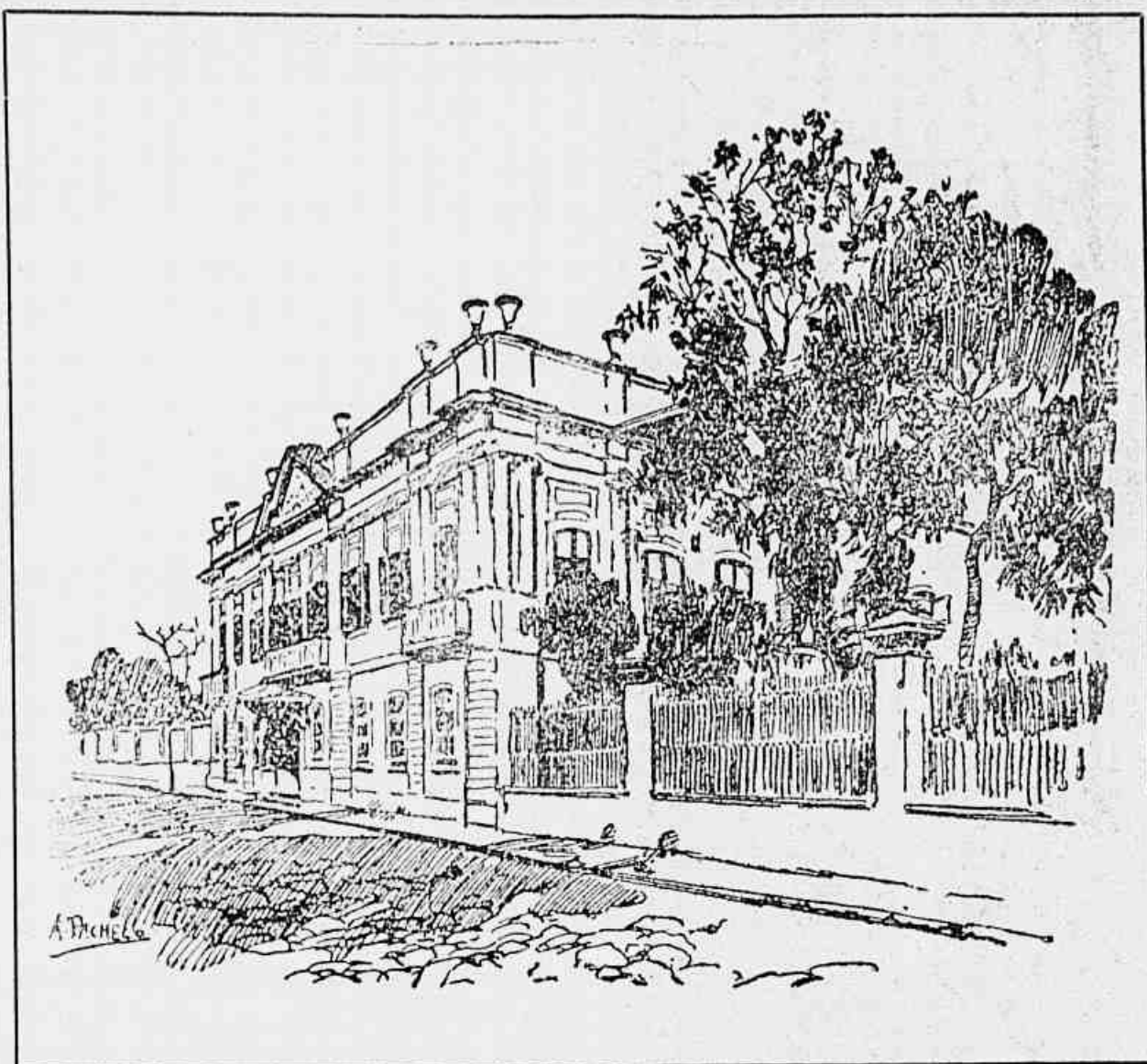
Só o rico possui uma banheira de mármore ou de folha de Flandres. Para os efeitos do aquecimento, canos diretos que vêm do fogão de lenha ou coke.

Os pobres, que não podem passar sem o banho diário, lavam-se em ducha fria. Muitos têm, apenas para a limpeza de seus corpos, uma bica de cano grosso, sob a qual se ensaboam, de *loros*. A casa, toda, é forrada por tectos de madeira em taboas longas, pintadas a óleo, deixando frinchas por onde as aranhas, os ratos e baratas se informam do movimento da família. Nas paredes, papel. Os assoalhos, como os dos tempos da colônia. Apenas, para substituir o prego, inventou-se a tira de encaixe.

Só a casa do muito rico se encera. Em geral, lava-se a morada todos os sábados, com água, sabão e potassa, pon-do-se, sobre a madeira limpa, uns punha-dos de areia do mar.

No quintal, dividido por cercas de madeira, zinco ou velhos arcos de barril, um galinheiro, onde quase sempre me-tem-se cabritos, carneiros ou porcos, em meio ao conformado galináceo. O mau cheiro da lama pútrida, nesses quintais nem vazadouros condignos, de envolta com o esterco dos animais e a decompo-sição das comidas, aos mesmos atira-das com frequência, invadem a habita-ção, vèzes, incomodando a vizinhança.

O lixo, atira-se no quintal ou põe-se no terreno baldio, ao lado, ou em frente. E' a higiene do tempo, com a tobre amarela matando milhares e milhares de indivíduos.



O palacete. — a residência de luxo de outrora.

Batamos, porém, à porta de uma des-sas residências para ver o que lá va', por dentro, em matéria de mobiliário e de conforto.

O salão de visitas mostra cortinas de filó ou de renda. Na porta de entrada há um capacho onde se lê impresso, em letras negras: **Bom dia, Salve, ou Limpe os pés.** Como mobiliário, em geral, o móvel Thonet, da Austria, leve, brático mas sem grande linha: sofá, duas ca-deiras de braço e seis ou 12 simples, entre as quais se estica uma pele de ur-so ou de leão, lugar onde o cachorro da

casa alivia-se do sono e do pulgueiro. Aparadores com pedra mármore, onde se põem retratos com molduras de metal, bibelots de biscuits, muito em moda, ca-ramujos, e o infalível album com os re-tratos da família. Não esquecer as es-carradeiras de ágatha e a cadeira de balanço, imprescindíveis, nesse tempo. Por vezes, um piano. Esse mobiliário, porém, segundo a velha usança portu-guesa, é todo ele encapado de branco. Essa mania de vestir saia aos móveis levou-nos, durante uma época, ao ridi-culo de vestir as banquetas dos bondes

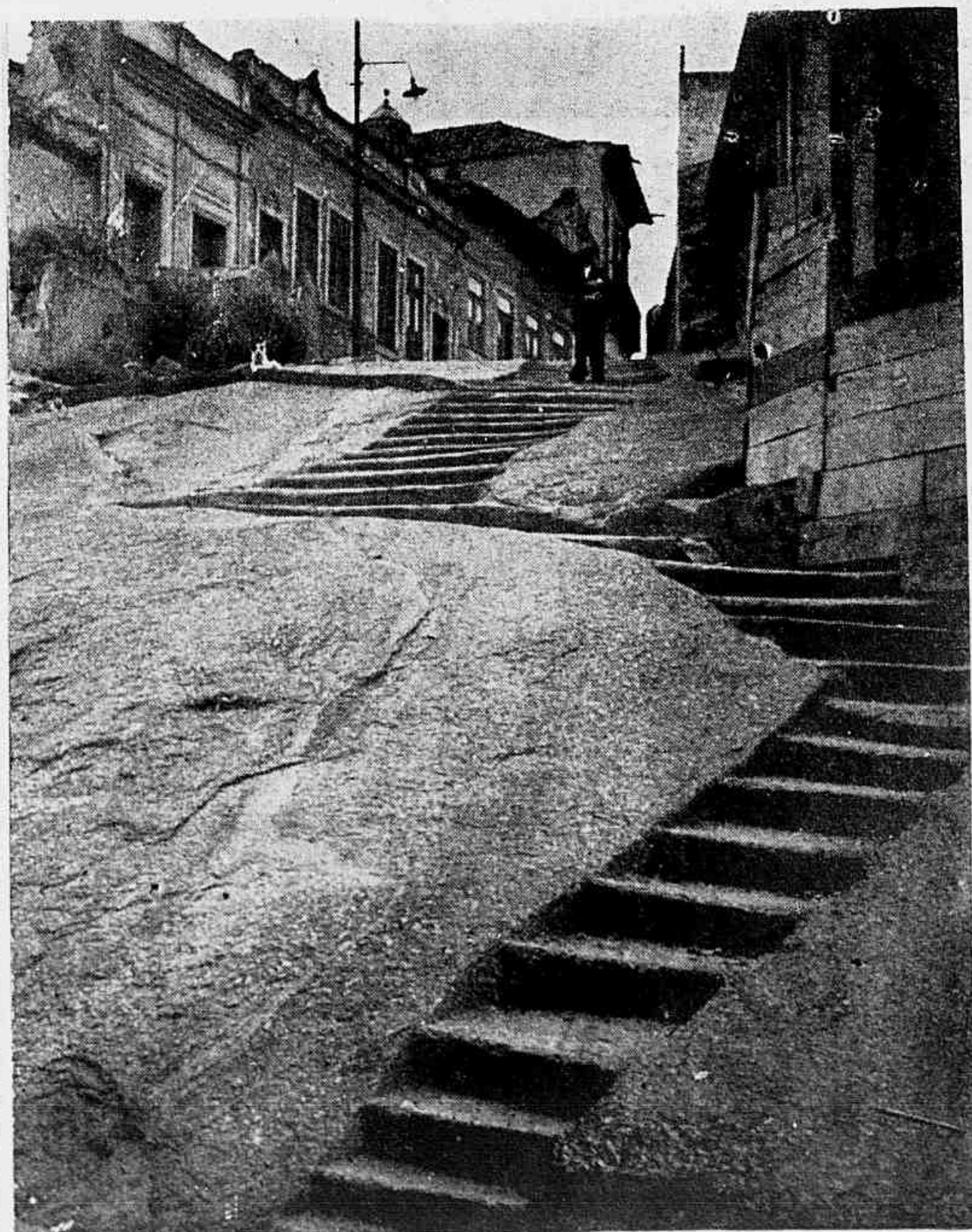
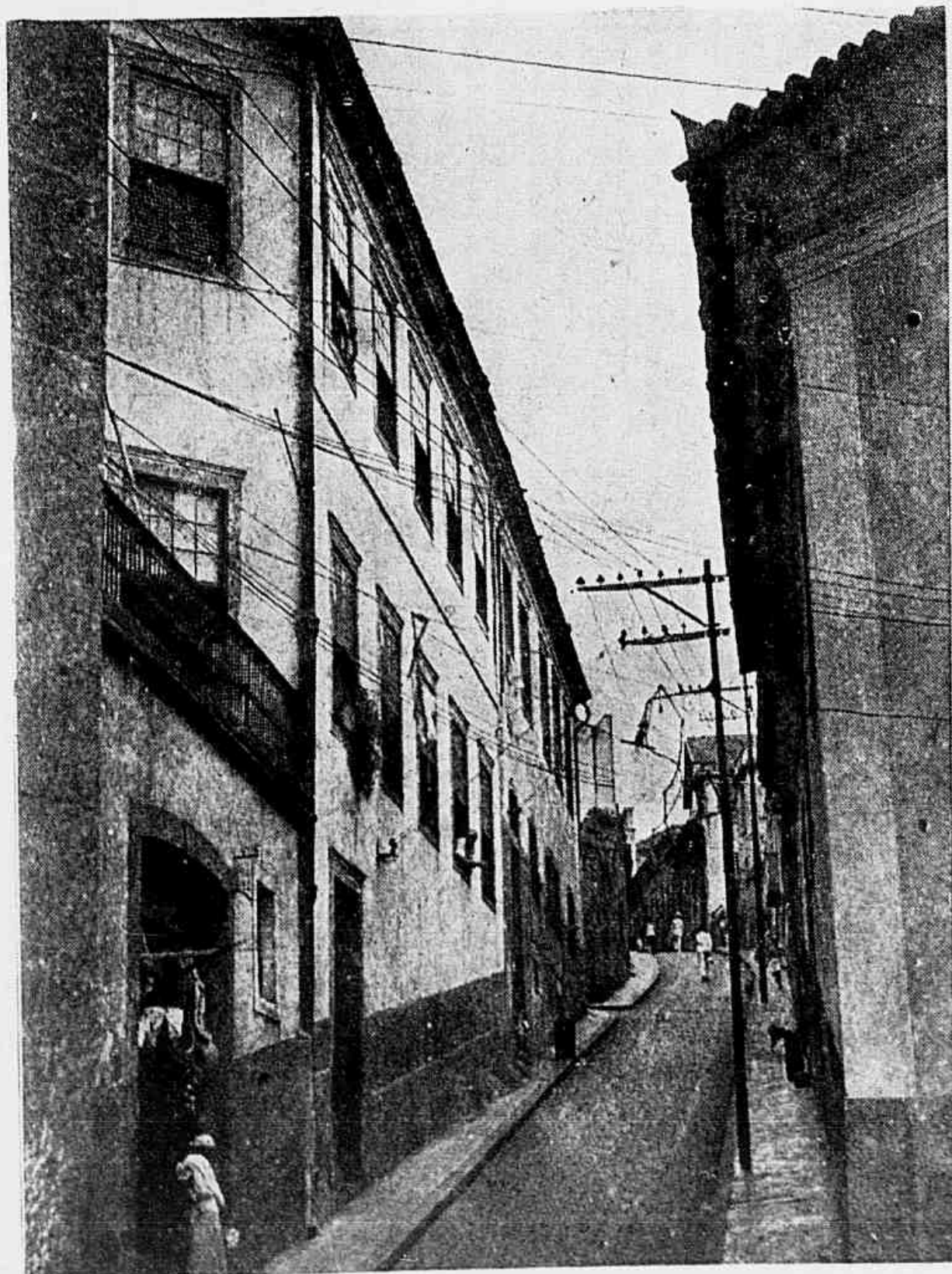
que serviam a passageiros que iam ao Teatro Lyrico, nelas pondo capas de li-nho branco, amarradas com cadargos, também brancos, aos balaustres daquê-les veículos. Eram os chamados bondes de ceroulas, por lembrarem aquela lon-ga e antipática roupa de baixo, masculi-na, que antecedeu a cuéca. Os frequen-tadores do nosso teatro de Ópera, que não podiam dar-se ao luxo de um carro, então, custando muito caro, enfiavam-se, todos, no *ceroulas*. E lá iam ouvir a *Aida* ou o *Trovador*.

O salão de visitas da casa quando não tem as paredes nús, mostra uma ou outra litografia, quando não é um re-trato do coração de Jesus, numa inclina-ção quase de 90 graus.

Nos quartos de dormir, camas de pau ou ferro, sem estilo, guarda-vestidos de madeira, um oratório tosco, com a lâm-parina de azeite, sempre acesa, e o seu Santo Onofre fazendo milagres dentro de um copo de cachaça. Cama com cor-tinado de filó, por causa dos mosquitos. Mesa de cabeceira com o par de chine-los "cara-de-gato", em baixo, e o res-pectivo "doutor" de louça. Um lavatório, com bacia, completa o necessário para uma boa toilette, jaro e duas sabonetei-ras. Isso tudo é coberto com um pano de **crochet**. Ao fundo, um espelho. As vèzes, o que se chama **psyché**, móvel baixo, de espelhos, para o vestuário das senhoras.

Nas salas de jantar, mesas elásticas, por um tempo em que a maior diversão do carioca é a de dar jantares e ceias, a parentes e amigos, umas cadeiras sin-gelas, o clássico guarda-comidas com te-la de arame e a infalível cadeira de ba-lanço.

Em baixo: dois aspectos do Rio antigo, que ainda perduram teimosamente na época dos arranha-céus: ruas tortuosas e ladeiras íngremes...





O Rio que não mudou... Vista da Travessa do Comércio, perto do Cais Faroux, vendo-se, ao fundo, o Arco do Teles, que data do tempo dos vice-reis...

Na parede, a cela do Christo, para que não falte, jamais, pão e vinho, na casa. Em geral não falta nunca, embora, com isso, sofram um pouco, o dono da padaria, o da venda e o do açougue, quando fiam...

Se a casa tiver jardim, está escrito que as grades que a separam da rua serão prateadas. Em casa de rico, dois cachorros de louça montam guarda ao portão, com este letreiro em baixo — **Fidelidade**. Mal se conhece a arte de jardinar. Os canteiros são altos, verdadeiros muros, cobertos de folhagens, de tinhorões e de roseiras.

As janelas que deitam para a rua estão sempre ocupadas por senhoras, cocando a vizinhança. Chegam a pôr nos parapeitos, almofadinhas de algodão, para que os cotovelos não se escalfem ou criem calos.

Essa, a morada vulgar, a que pesa, afinal, em maioria, por toda esta cidade.

Os granfinos moram na Gávea, Botafogo e Laranjeiras, quando não vão para as bandas verdejantes da Tijuca, em casarões bem melhores, em meio a chácaras formosas. Sáem de carruagem. Vão ao

Cassino Fluminense, na rua do Passeio, dansar, ou ao Clube Beethoven, na Glória, ouvir boa música de câmara. Recebem, em certos dias da semana, em seus garri-dos palacetes. Vão, pelos meses de inverno, ao Lírico, mas não frequentam os teatros do Largo do Rocio e da rua do Espírito Santo. Viajam. Vão muito à Europa. Vivem a recordar coisas do boulevard, de Londres, Roma, Viena e Berlim, pondo um lenço ao nariz sempre que atravessam, nas suas carruagens, as nossas mal varridas e antihigienicas ruas.

A classe pobre, a do homem que ganha pouco para o seu sustento, essa, mora em cabeça de porco, infectos cortiços que, mais tarde, pelo governo de Rodrigues Alves, são quase que integralmente destruídos, bem como os repelentes quiosques. E como se vive por esses tenebrosos antros sem sombra de higiene, em casebres de pau, telha vã, ou zinco? De qualquer maneira, vive-se. São, os seus moradores, ambulantes, emigrantes, que chegam de além mar para tentar a vida no Brasil, lavadeiras, engomadeiras, sem contar o malandro que toca violão e canta as modinhas do tempo:

"Quisera amar-te, mas não posso
Elvira,
Porque gelado trago o peito meu,
Não me crimines, que eu não sou culpado.
Amor, no mundo, para mim, morreu."

E' o malandro dêsse fim de século um tipo interessante. Usa calças à bombacha e um casaco curtíssimo. Na cabeça, um chapuzinho de forma prepucial a "três pencadas", sobre o caramanchão da enovelada cabeleira. Fala e discute em gíria:

— Sahia eu, honte de tardinha, do chatô para ir ao choro do Madruga, no Agrião, quando risca na minha frente um cujo meio çarará e eu que me recordei de haver estragado n'um dia de festa no arraial da Penha, por motivo de Ermelinda que, então via, comigo. O cabra vinha zarro para tirar sua desforra e fazer sua deferença. Não dei tempo ao bruto de comparecer com os argumentos. Sacudi longe o pinho, e, sem tomar aragem, dansei de velho e fui, logo, cascando o quengo na caixa do catarro do bruto, que ele teve quase que sair barra a fóra, vestido de fato inteiro, indo acomodar os ossos na limpeza da calçada. Virou cobra, e cresceu para mim de novo. Fiz uma figuração. Mergulhei. Foi quando lhe senti, nos dedos, o brilho da sardinha. Ele o que queria era me cortá! Enguli barriga. Cocei-me, achando, logo, a ferramenta, levantei o rabo do corte e puz-me de guarda à espera do avanço... Veio de caveira. Marombei, calcei o bicho. Não cahiu. Ahi, sem abusar do ferro, mandei-lhe um bahiano, só de lambuja, na altura da bomba do respiro. Pois não é que quase matei o home? Caiu de borco. E quando eu lhe pergun-

tel: então? seu jagodes, você sconiou? Encolheu de caramujo e sortou a cusparada. Olvidel a ofensa e disse para ele: — Não dou em home deitado. Se você não aguenta o tranco, diga, que eu vou me embora. Cuspiu de novo. Vi sangue. Vote! E' quando pega de junta gente. F uns geito de "não pode". Depois, me-ganha. Fui sahindo de barriga, e, quando o grilo estrilou, abri o arco e caí no mundo. Na minha meia hora vou longo, que eu sou do povo da lira e tenho o corpo fechado.

Têm esses malandros nomes pitorescos: Manduca da Praia, Pula de lado, Cospe-longe, Trinca-espinhas, Faca de Ouro, Boiôta, Compra-barulho, Caxinguelô, Bico-doce, Lustroso, Papa-defunto, Sete cuias, Patachôca e Pega-bol.

Bebem em demasia a cachaça, que então se vende, pelos armazens, por preços vis. Discutem. Brigam. Esfaqueiam-se. Vão para o xadrez. "Nessa existência tumultuosa e febril, porém, sentem-se de vontade e felizes. Dizem que a vida é mesmo assim..."

II

Em Junho de 1897 a Light and Power assina um contrato para eletrificação, unificação e desenvolvimento do serviço de bondes, no Rio de Janeiro. O bondezinho puxado a burro, que ainda se mantém como o mais barato meio de transporte, vai desaparecer, por antiquado. Contudo, não desaparece, imediatamente. Dura mais um pouco. Durante certo tempo ainda continua trafegando, enquanto postes e fios aéreos vão sendo colocados em todas as direções desta cidade. E' pequeno, esse bonde, em 1897, menor do que qualquer dos atuais a serviço da Light. Como o de hoje, é aberto, de horário regular, porém, sem grande velocidade.

Em baixo: um dos antigos quiosques que abundavam na cidade.



Alguns, como os da Empresa Cardo Urbanos, são estreitíssimos e puxados, apenas, por só um luar. Varam logradouros exíguos, como as ruas S. Pedro, General Câmara e Hospício, por entre outros veículos de carga que se aglomeram, em massa, e tapumes de casas em construção com madeiramentos que avançam além da linha dos passeios.

— Olhem o andaime à direita!

Poraladeiradas um tanto íngremes, sobem penosamente:

— O bonde não pára na subida!

E' sempre o condutor quem grita, orientando o passageiro:

— Ponto das passagens de cem reis!

Esse modesto funcionário, como uniforme, usa um bonet de oleado, de copa baixa e pala de celuloide, paletó de alpaca, e calças de brim a bombacha.

O cocheiro, por sua vez, é sempre um pardavasco de duras cabelanchas a fugir de um chapéu mole e desabado, posto de banda na cabeça, casaca aberta, o colarinho de cancela a despedir as tiras da gravata que vivem, sempre, a avoerar ao vento. E cigarro na boca.

Há pelo tempo uma figura singular de passageiro, muito glosada e conhecida nas revistas de ano e nas gazetas, o bolina. E' náutica a expressão. Bolina é o cabo que ela para avante do barlavento de uma vela, afim de que o vento, na mesma, possa bater melhor. O navio à bolina, adorna. No bonde, o bolina, que sempre escolhe o lado de uma mulher bonita, também vai adornado, manejando a perna que se transforma em corda de barlavento. Possui, em geral, esse sujeito que pode figurar como um menifa-

co, em qualquer compendia de psiquiatria, uma perna como que feita de borracha, desdobrável, contractil, semelhante aos tentáculos de um polvo. A princípio, esse pernil cauchutico, no joelho da vizinha bate, catuca e esfrega. Depois, enlaça, vincula e enrosca-se na perna, se a criatura, por timidez ou gozo, não protesta. E assim fica o bolina feliz, até o fim da viagem. Já existe o pingente.

Não é veículo de pobre, o bonde, como hoje, pois, qualquer outro meio de transporte, em toda esta cidade, custa um preço enorme. Vivem as caleches de praça, por isso, às moscas, quando não servem só aos muito ricos. O tilbury, tirado por um só cavalo, no qual apenas cabe um passageiro, é mais barato. Ainda possuímos a vitória, a berlinda e o coupé.

A rua mais elegante da cidade é a rua do Ouvidor, sendo que a parte mais movimentada é a que medeia entre o Largo de São Francisco e a estreita rua dos Ourives. Ai estão as lojas de maior apresentação e aparato, os camiseiros de luxo, os alfaiates de nome, os bazares de fama, as mais frequentadas e mais chics confeitarias. São montras de cristal que resplandecem ao sol, armações de madeira envernizada, caixeiros e patrões em geral, metidos em uniformes de linho branco. E', esse, o ponto obrigatório dos Petrônios que vestem no Vale, e no Raurier, a passagem das damas elegantes, ostentando vestidos cortados em modistas de marca como Madame Guimarães e Mme. Estoneigt.

(Continúa no próximo número)

Em baixo: a moradia da classe média, no Rio de há cinquenta anos, na época em que uma banheira era artigo de luxo.



Nem se pergunta*



Só uso Kolynos! diz Virginia Mayo

famosa estrela de SAMUEL GOLDWYN, que aparece em "O HOMEM FENÔMENO"

Kolynos produz uma espuma farta e penetrante, deliciosa e fresca. Kolynos purifica o hálito e ilumina o sorriso. Kolynos é um creme dental "concentrado". Não admira que todos os que o usam afirmem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos.

não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

K-403-PH

McCann



DOUGLAS FAIRBANKS, PRODUTOR E LANÇADOR DE "ESTRÊLAS"

Em "The Exile", além de Maria Montez, apresenta a novata Paule Croset. — Doug diz que tem saudades do Brasil.

Por LUÍS SERRANO
(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood)

HOLLYWOOD, Julho (Por via aérea) — A primeira coisa que me disse Douglas Fairbanks, quando o saudei no estúdio da Universal, foi que tinha grandes saudades do Brasil, onde permanecera durante alguns dias, — para ele inesquecíveis e encantadores, — no ano de 1941, como enviado especial do presidente Roosevelt e do Departamento de Estado. Douglas Fairbanks Junior, que é um dos poucos artistas do cinema condecorados com a Ordem do Cruzeiro, serviu em seguida, durante a guerra, como oficial de Marinha, que era da reserva naval americana. De segundo tenente, passou a comandante servindo no encouraçado "Washington", no porta-aviões "Wasp", no cruzador "Wichita", — comboiando frotas de carga a Murmansk, — e, em seguida, com os famosos "Comandos", tomando parte nas operações da Tunísia, Sicília, Salerno, Anzio, Elba, Albânia, Grécia, etc.

Portou-se Doug como um verdadeiro herói e, uma vez desmobilizado, voltou à atividade artística, sendo, por sinal "Sinbad, o marujo", o seu primeiro filme depois que serviu na Marinha. Agora, Doug está estreando como produtor de suas próprias películas, a exemplo do que fazia seu pai, — e para isso fez um acordo com a Universal, em cujo estúdio está sendo rodada a película "The Exile". Nesse filme, Doug se apresenta ao lado da famosa "estrêla" Maria Montez e apresenta uma nova descoberta, Paulo Croset, que, com certeza, fará sensação, tão linda e tão loura ela é.

— Logo que eu tenha algum tempo disponível, — disse Doug, — irei de novo ao Brasil. Adorei o Rio, onde fui recebido de maneira realmente carinhosa.

— Por que está produzindo seus próprios filmes? — perguntei.

(Cont. na pág. 57)

Em cima, Douglas Fairbanks Júnior escolhe pessoalmente, com Maria Montez, os tecidos para a confecção dos vestidos da formosa artista, de desenhos século XVIII. Em baixo, Doug folheia a "REVISTA DA SEMANA", e põsa para o fotógrafo, em companhia do nosso correspondente, Luís Serrano, e de sua esposa, Maria da Conceição Serrano.





Em cima, à esquerda, Douglas Fairbanks Júnior, numa cena com Maria Montez e, à direita, num idílio amoroso com Paule Groset; em baixo, uma cena da nova película da Universal, "The Exile", com Douglas Fairbanks Júnior. Ele tem a Ordem do Cruzeiro, a Legião de Honra e a Cruz de Guerra da França, e as mais altas condecorações militares dos Estados Unidos e da Inglaterra.



OS NAMORADOS SE ENCONTRAM

Conto de

José Carlos Ávila Machado

A velha praça com seus grandes bancos de cimento aguardava a chegada da noite. Numa calma musical o vento cantava baixinho antigas canções de amor. Outras árvores ouviram por muito tempo essas mesmas canções. O incorrigível namorado das plantas fazia declarações a todas; não respeitava nem os duzentos anos da palmeira e menos ainda a inocência da pequena samambala. Desejava a todas, a todas queria acariciar.

— Você gosta de mim?

— Por que não, tolinho?

— Não sei, de vez em quando penso que você não goste mais de mim.

— Alice, me dá um beijo.

— Aqui?

— Que tem isso?

O guarda passa. A farda azul, o boné meio caldo para a direita, os sapatos empoeirados, o cassete girando em torno do indicador. Alice se afasta do namorado. As mãos unidas não querem se separar.

— Olhe o guarda, Alvaro!

— Ele não liga. Você vai ver: daqui a pouco vem a namorada dele e eles vão sentar lá naquele último banco.

Os dedos de Alice novamente se entrelaçam aos de Alvaro; os corpos querem se confundir como para justificar um acordo secreto.

— Assim também não, Alvaro, não me abraçe desse jeito.

— Você está zangadinha hoje, não?

O vento continua fazendo suas conquistas; o guarda passa outra vez (a namorada dele ainda não veio) uma folha cai pousando levemente no vestido de Alice.

— Você vê como as árvores parecem com a gente?

— Não sei porque.

— As folhas são como os cabelos da gente; caem quando as árvores vão envelhecendo.

— Não é nada disso. Tem tempo certo pra cair, bobinha; é sempre no inverno.

— Mas eu não quero que seja assim.

— Está bem, então não posso discutir.

Todos os domingos à tarde, eles se encontravam naquela praça. Já se conheciam há uns dois anos. Alvaro lia despreocupadamente um jornal. Alice vinha cansada do emprego. Divisou ao lado dele um lugar vago no banco.

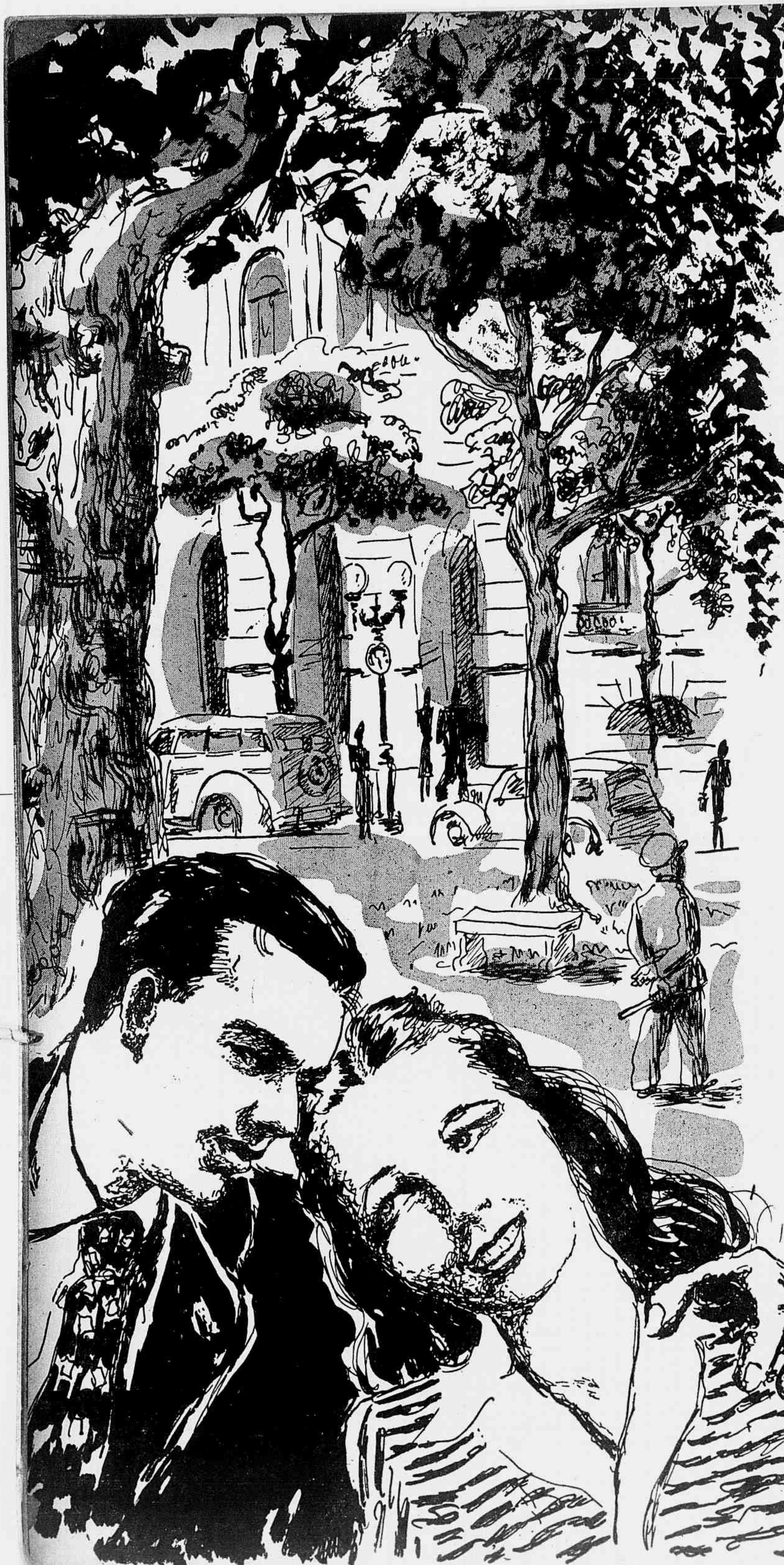
— Me dá licença?

— Pois não.

Depois os encontros foram muitos. Sempre debaixo da grande árvore. Um

(Cont. na pág. 55)

Ilustração de ANA ZAGORSKA
PREMIADO NO CONCURSO
PERMANENTE DA
"REVISTA DA SEMANA"



A vida de Santayana, como a sua filosofia, é um eco do passado. Nascido, embora, na Espanha e educado nos Estados Unidos, não é nem espanhol nem americano. É, mental e temperamentalmente, o último dos gregos.

Quando criança, foi educado entre narrativas de românticas aventuras pomposas remotas e feéricas encantamentos. Antes de nascer, Santayana, seu pai fora funcionário público nas Ilhas Filipinas. Fizera, por três vezes, a volta do mundo e encheria o espírito de inúmeras histórias a propósito de "espaços oceânicos intermináveis, ilhas de coqueiros, malaios sem mácula e imensos continentes pejados de chineses" com outras pessoas e coisas exóticas e fantasiosas. Essas pessoas e coisas exóticas haviam de ser o alimento mental de Santayana durante os anos formativos de sua vida. "Desde a infância", conta-nos ele, "tenho vivido na presença imaginativa de (essas)... lições e maravilhas... Era-me habitual pensar em cenas e costumes mais agradáveis do que os que via à volta de mim".

Dão-nos, essas palavras, a idéia fundamental da mentalidade de Santayana, como filósofo e de sua personalidade como homem. A fragrância do remoto e do antigo acompanhou-o durante toda a sua vida. Santayana é um poeta antigo a escrever um comentário sobre o mundo moderno.

II

Quando George Santayana tinha nove anos de idade sua mãe separou-se de seu pai, segundo marido dela, e emigrara com os filhos para a América. George era o único filho do segundo casamento de sua mãe. Havia três filhos do primeiro matrimônio, mas como fossem consideravelmente mais velhos do que Santayana não constituíam, para ele, companheiros adequados de brinquedos. Nem buscava, Santayana, acamarar-se com nenhuma das outras crianças da vizinhança. "Eu não brincava", escreve ele, "mas ficava sentado em casa durante a tarde toda e toda a noite, escrevendo ou desenhando".

Recebeu a sua primeira educação na Escola Latina de Boston. Ai, no meio da influência democrática dos "meninos de patas ferradas" que desciam "trovando os degraus do colégio... numa avalanche de quarenta, oitenta ou duzentos ao mesmo tempo", aprendeu a sair um pouco da carapaça de seu aristocrático isolamento. Tornou-se, ao menos, acessível se não perfeitamente sociável.

Ao entrar para Harvard permitiu que derretesse mais um pouco o gelo da sua reserva. Embora não tomasse parte, pessoalmente, nos desportos colegiais, assistia aos exercícios dos demais estudantes. Gostava, principalmente, de futebol — como espectador, nas arquibancadas. Era nele o poeta, mais que o homem de ação, que se deleitava ao assistir às competições travadas no campo de esporte. "Um jogo de futebol", escreve ele, "é sempre um belo espetáculo, mas aqui, sobre a terra extensa, longe da cidade, nada havendo à volta da gente sopra sempre o vento, adquire, a luta, senão o céu e as colinas distantes, onde beleza maior... Brilham aqui, em miniatura, as virtudes heróicas, e a alegria do mundo antigo volta como num sonho".

A lembrança de um sonho antigo vista através da confusão de um esporte moderno — tal foi o retrato, feito por Santayana, do mundo que habitava.

Os seus contactos sociais e atléticos em Harvard eram tranquilos, impessoais, distantes. Participava, amigável, das "excursões de vistas" dos colegas, quando, "ensardinhados no carro bimbalhante, as golas dos paletós acima das orelhas e os pés enterrados na palha do inverno, sacudiam-se durante longa meia hora até Boston, onde iam gozar as delícias da sociedade feminina, o teatro ou um bom jantar". Mas na mesa do jantar, também, como no campo de futebol, apenas observava, com divertida e benevolente imperturbabilidade. "Nesses instantes falávamos meia hora com a dama que nos ficava de um lado, depois meia hora com a dama do outro lado... dez minutos, mais ou menos, com os ho-

A VIDA DE SANTAYANA

(GEORGE SANTAYANA — Nascido em 1863).

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

mens... e, finalmente, na sala de estar, era-nos possível escolher a dama com quem desejaríamos conversar".

Sempre falava com as senhoras. Nunca dançava com elas. Não sabia dançar.

Preferia a conversação das mulheres à dos homens. "Eu gostava das senhoras de Boston e gostava de conversar com elas. Tinham viajado, lido, e eram cultas — muito mais do que os homens".

A sua atitude, em relação ao "sexo forte", era tolerantemente sarcástica. Em certa ocasião, foi apresentado ao governador Wolcott de Massachusetts. "Eu aguardara com prazer o momento de ser-lhe apresentado, mas decepcionei-me enormemente. Ele tinha espírito bastante para ter opiniões, mas não tinha o suficiente para as ter certas".

Essa era, também, a sua atitude em relação aos professores de Harvard. Respeitava-lhes muito pouco as opiniões. Considerava madura demais a sua mentalidade para os ensinamentos "elementares" de James e Royce e Palmer. "Ouvi James e Royce com mais espanto do que sério assentimento". Quanto a Palmer, "ele continua vegetando por aí", disse a seu respeito, muitos anos depois. Não se agradava da concepção "idealística" desses homens sobre o "mundo cruel e mau... como modelo e padrão do que devia ser". Chegara a Harvard como um materialista ou "naturalista" convicto. "O meu naturalismo", disse ele, "não é uma opinião acadêmica, é uma convicção cotidiana que me possuiu, como possuiu meu pai, em virtude da experiência e da observação do mun-

do... Parece-me que aqueles que não são materialistas não são bons observadores...".

Era ele um produto da "religião triliqüida" de seus pais. Estes consideravam toda religião "como obra da imaginação humana". Acreditavam que os "sacrifícios, as orações, as igrejas e as histórias sobre a imortalidade haviam sido inventadas por sacerdotes sem escrúpulos com o objetivo de dominar os tolos". Santayana endossava plenamente, essa crença. Contudo — e temos aqui o primeiro apanhado completo da complexa mentalidade que era Santayana — embora fosse o seu espírito o espírito de um cético, era o seu coração e coração de um crente. "As minhas simpatias", escreve, "estavam todas do lado daqueles outros membros de minha família que eram crentes devotos." Com efeito, "as religiões são os contos de fadas da consciência." Mas que inspiradores contos de fadas!

Pois Santayana, apesar de seus protestos materialistas, era um príncipe encantado a viver num mundo mágico. Era um poeta que buscava expressar-se como cientista. De feito, os seus primeiros esforços literários foram poéticos — lamentos tristes e nostálgicos sobre mundos destruídos e sonhos esquecidos. Não se queixava, como Housman, de haver nascido "estranho e medroso num mundo que ele não fizera", mas sim, e mais amargamente, de haver nascido tarde demais, num mundo que teria amado ardentemente se tivesse nascido no momento adequado. Um companhei-

ro de Platão condenado a viver entre os puritanos de Boston — esta, no entender de Santayana, era a sua grande tragédia.

Ele quisera passar a sua vida em tranquila conversação com Platão, Aristóteles, Demócrito, Lucrecio e outros espíritos antigos tão congeniais ao seu. Mas era obrigado, por traça do destino a transformar-se em professor e a perder o seu tempo falando com calouros de colégio. "Sempre detestei ser professor," escreveu mais tarde. No entanto, ninguém seria capaz de suspeitar disso, diante da serenidade de suas aulas. Um dos autores do presente livro, teve o privilégio de estudar com Santayana em Harvard. A experiência foi inesquecível. Assentava-se, o poeta filósofo, sobre a plataforma do Emerson Hall — as mãos pálidas cruzadas sobre a mesa, rosto pálido, uma barba negra e pontuda, dando-lhe às feições uma etérea realidade que lembrava El Greco, um espírito muito distante a cintilar através de dois ardentes olhos espanhóis e uma voz cheia de cadenciada sabedoria que descia como uma bênção sobre os alunos. Falava fluentemente, com ritmo paciente e sossegado, como se tivesse diante de si toda a eternidade para entregar a sua mensagem. Parava, por vezes, durante alguns segundos, procurando no seu espírito a palavra exata. Os alunos, porém, esperavam ansiosos, pois sabiam que, quando chegasse, seria ela a palavra inevitável para determinar aquela idéia — a jóia perfeita no perfeito engaste.

De quando em quando dirigia as lanças de sua delicada sátira contra os "falsos ídolos" do espírito humano. Nunca, entretanto, os acometia com o marteiro do iconoclasmo. Divertia-o, mais do que o indignava, a tolice da raça humana.

Nunca se casou. Vivia com alguns amigos íntimos em Harvard, notadamente Hugo Munsterberg, estrangeiro, aristocrata e poeta como ele — e com os seus livros. Comentava ainda, todavia, o interesse pelo futebol — a sua única concessão às "truçnicas" da vida contemporânea. Um dos seus alunos, que apenas o conhecia das salas de aula, e lhe ignorava o interesse pelos exercícios do colégio, quedou-se assombrado ao vê-lo "com a sua capa estrangeira e a sua bengala estrangeira", entrando no estádio, num sábado à tarde. "Imagem Platão", exclamou o estudante, "torcendo para Harvard!".

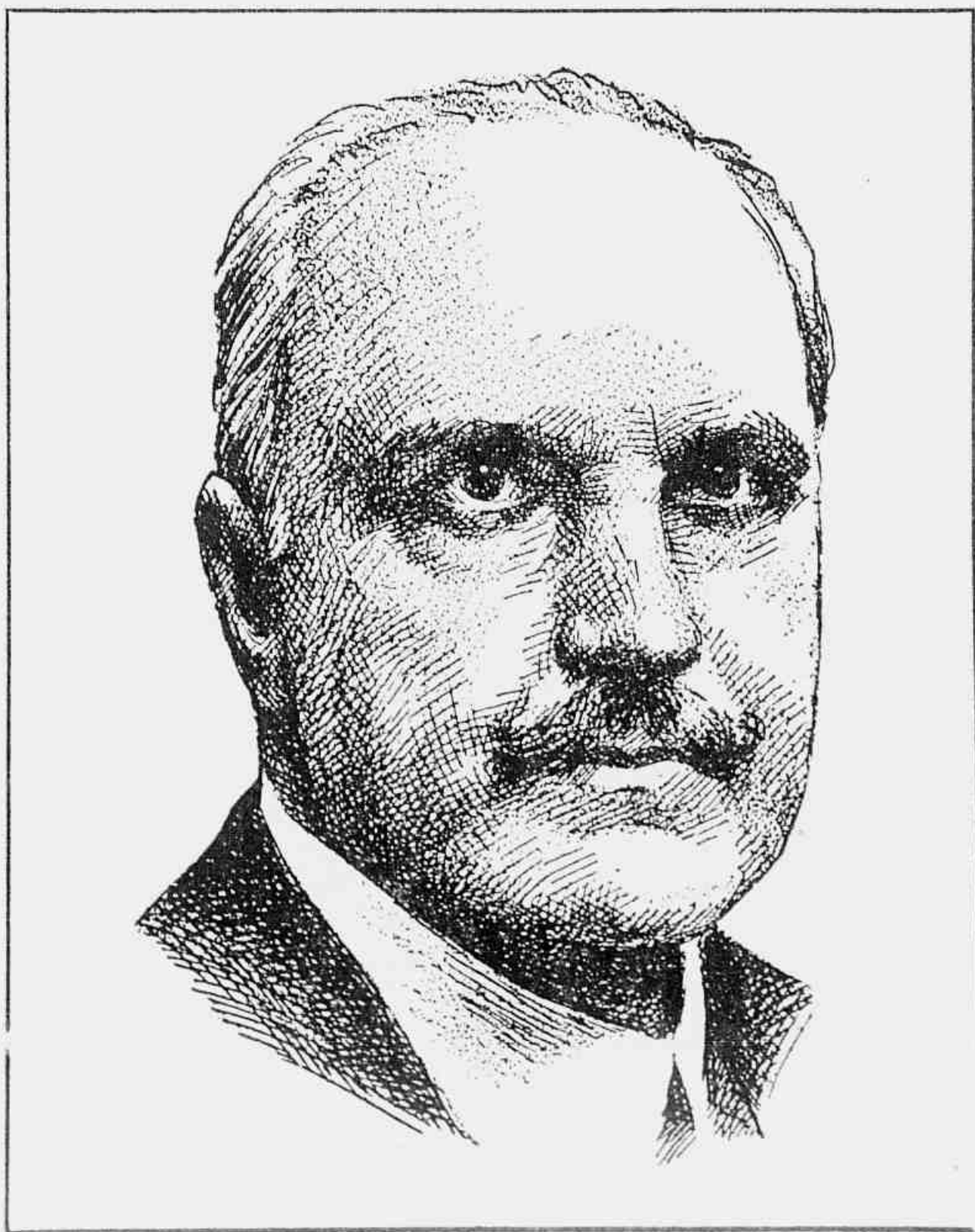
Além dessas excursões pelo presente, no entanto, ele ainda passava a maior parte de seus momentos de lazer cultivando a amizade do passado. Desistira da poesia pela filosofia — ou, para sermos mais exatos, desistira da poesia filosófica pela filosofia poética. Porque, muito embora principiasse a escrever agora em prosa e na linguagem da metafísica, continuou poeta até o fim.

III

A obra filosófica de Santayana é uma estranha mistura de platonismo, ateísmo e catolicismo. Em primeiro lugar acredita, como Platão, num mundo de idéias. Santayana chama-lhes *essência*. A *essência* de Santayana, como a *idéia* de Platão, é a forma de quanto é, quanto foi, quanto será — e, acrescentaria Santayana — de quanto nunca será. Porque não só as grandes idéias que foram escritas em romances, poemas e dramas são *essências*, como também são *essências* as idéias que não foram e que não serão escritas. São como flores "nascidas para florescerem invisíveis e perderem a sua doçura no ar do deserto." Essas, porém, perdem a sua doçura apenas no que toca à eterna contemplação. Podemos experimentar um êxtase, uma evasão de nós mesmos. Ao caminharmos, penosamente, pela estreita senda da nossa existência, da vida para a morte, com a viseira da ignorância a dificultar-nos a visão, podem os nossos espíritos, e faze-vam-no alguma vez, elevar-nos acima de nós mesmos, para que possamos, num brevíssimo e rutilante momento, contemplar a eternidade. Experimentamos, por

(Cont. na pág. 54)

George Santayana, o autor de "O último puritano" e "O sentido da beleza". É, presentemente, a maior expressão da filosofia nos Estados Unidos.





A MORTE DO VOVÔ

— Deixa de assobiar, Juquinha! Não sabes que o teu avô morreu na sexta-feira?

— Eu sei, mamãe... eu tinha m'esquecido... eu m'esqueço sempre.

— Mariazinha... Mariazinha... Desliga êsse rádio menina! Que sentimentos tens tu?

— Mas é uma música tão triste, tão bonita, mamãe... Deixa eu escutar...

— Desliga êsse rádio, menina! Olha que eu...

— Sim, mamãe...

O rádio tocava a Rapsódia Húngara N.º 2.

O vovô de Juquinha e de Mariazinha escolhera uma época muito imprópria para morrer. Faltavam nove dias para o Carnaval, quando êle morreu. Foi uma falta de camaradagem muito grande do vovô. Devia ter escolhido outro dia para finir... Há tantos dias do ano... Mas o vovô sempre foi assim. Estava sempre brincando com os meninos. Sempre gracejando, sempre gracejando... Ah! o vovô! Que falta que êle faz agora! Já não se pode mais ouvir agora aquele seu gargalhar tão esquisito, tão jovial, tão espontâneo. Êle que gostava tanto de rir, de dizer tantas coisas interessantes e engraçadas... Como o vovô adorava a música! Era um fan entusiasta de Tchaikowski. Como êle gostava da Sinfonia do Quebra-Nozes! Foi bom que o vovô morresse antes dos meninos. A mamãe não o iria deixar rir, nunca mais. Êle nunca mais poderia ouvir Tchaikowski... Ah! o vovô!... Êle gostava tanto da Sinfonia do Quebra-Nozes! Muitas vezes, à tarde, êle levava os meninos ao cinema. Gostava muito de passear com os meninos. Dava-lhes doces, dava-lhes balas, e brinquedos, e beijos, muitos beijos. Era muito bom o vovô. Sempre, todos os anos, quando as férias che-

gavam, êle levava os meninos ao campo. Lá, êles passavam juntos o mês de novembro, o de dezembro, o de janeiro... até fevereiro, quando elas terminavam. E no campo, como eram agradáveis os dias com o vovô! Como era linda aquela casa de campo do vovô! Que belo terreno!... As suas pastagens... e os bois... as galinhas... os currais onde os porcos se enlameavam... Como eram engraçados aqueles porcos!... Os pastos onde as vacas pastavam... Ah! o vovô... Ah! o vovô!... E agora, quando faltavam nove dias para o Carnaval, o vovô morreu. Os dois meninos ficaram inconsoláveis. Choraram muito. O vovô se foi embora... A mamãe disse que êle foi para o céu...

Foi no Carnaval do ano passado. Êles se divertiam muito com o vovô. O vovô levou-os ao baile infantil. Êles dansaram muito, mas muito mesmo... O vovô também pulou junto com êles. Mariazinha levava uma fantasia de cigana, linda, muito linda. A fantasia de Juquinha era de pirata. Muitas serpentinas êles jogaram, muito contentes, muita... e que lança-perfume, e até... Ah! O Carnaval do ano passado... Quantas saudades êle deixou... Quanta felicidade, quanto contentamento. Coitada da Julieta! Ela não pôde brincar no Carnaval do ano passado. Estava de luto naquela ocasião. O avô dela tinha morrido poucos dias antes. Ela ficara muito ridícula com aquele vestido preto. E êles zombaram muito dela... E agora, ah! agora... Agora o vovô morreu também. E êles estavam de luto também. E também não poderiam mais brincar no Carnaval. Ah! O vovô, se os visse com essas roupas pretas, como êle haveria de rir-se dos meninos!...

Debruçados no peitoril da janela de sua casa, as duas crianças estavam inconsoláveis. Juquinha tinha

quinze anos; Mariazinha dezesseis. Começavam hoje os festejos de Carnaval. E êles que haviam sonhado tanto que haviam imaginado tantas fantasias bonitas! Era o primeiro ano em que iam dansar nas soirées de Carnaval. Até agora êles só tinham dansado em bailes infantis. Os sonhos se desfizeram e os dois meninos estavam tristes, muito tristes... Na casa de Julieta havia um ar de reboliço. Ora, o vovô... foi morrer logo agora, pouco antes do Carnaval... Devia ter morrido uns oito meses antes... Só assim, hoje, os meninos poderiam se divertir muito, no Carnaval. Êles iriam à soirée... êles nunca iriam à soirée... Deve ser uma coisa formidável ir à soirée. A irmã da Julieta diz sempre que nas soirées os pares dansam tão juntinhos, tão agarradinhos. Diz ainda que os pares se beijam... Ah! as soirées... E os dois meninos vão fazer êste grande sacrifício, hoje... Se não causa do vovô. Ora, por que o vovô não morreu no mês de Maio do ano passado... Mariazinha relanceia de vez em quando, o olhar pelo seu trajo de luto. Tinha sido tão difícil, abominável. E sente, por dentro, uma certa gratidão ao vovô. De repente, uma música adorável, conhecida dos dois meninos, vem vindo pelo espaço. Ela vem vindo, vem vindo... lá da casa do vizinho, que tanto admira muito Tchaikowski. É a Sinfonia do Quebra-Nozes. Juquinha, triste, muito triste, fica devaneando. Pela face de Mariazinha correm duas grossas lágrimas... Os meninos sentem saudades do vovô. Êles ainda gostam muito do vovô...

Eram dez horas da noite quando Julieta foi na casa dos dois meninos mostrar a sua fantasia. Julieta estava linda. Vestia uma fantasia de havaiana admirável. De seu pescoço pendia um colar enfeitado de muitas pedras. Um colar chic, pomposo, invejável. Os seus cabelos estavam muito bem trabalhados. Uma rosa caríssima enfeitava-lhe o cabelo. Juquinha... Mariazinha... uma fantasia de inveja morava no seu coração. Enquanto a mãe palrava com a mamãe de Julieta, os dois meninos

Conto de ANTONIO PALADINO
Premiado no Concurso Permanente da "REVISTA DA SEMANA"



Ilustração de A. ZALUAR

(Cont. na pág. 10)



GERALDO Gamboa iniciou sua carreira artística no picadeiro, como personagem da peça "Um homem", levada à cena no pavilhão de Cacilda Gonçalves. Mais tarde, passou para o teatro, trabalhando na Companhia Procópio Ferreira, onde fez "O avarento", "Médico à força" e "Escola de maridos". Ingressou a seguir no elenco de várias "boites" cariocas, tomando parte nos principais "shows" da Urca, do Copacabana e do Atlântico. No "broadcasting" carioca, sua presença foi assinalada no "cast" da Transmissora, Tupi, Nacional e presentemente, na Mayrink Veiga e Jornal do Brasil, como intérprete do gênero folclórico. Também no cinema, filmou em "Azas do Brasil" e "Onde a terra acaba...", a ser lançada ainda este ano. No filme "Castro Alves", caber-lhe-á papel marcante. Geraldo Gamboa, no momento, faz parte do elenco de Alda Garrido. Tão logo terminem seus compromissos aqui, rumará para Buenos Ayres, a fim de cumprir contrato com a Rádio Belgrano, o que deverá ocorrer nos meados do próximo ano. Artista de teatro, cinema e rádio, ele tem viajado muito, conhecendo quase todos os Estados, nos quais atuou nas emissoras e cassinos, sempre como intérprete de nosso folclore. Seus programas ao microfone da Rádio Jornal do Brasil, conforme era de esperar, tem despertado o interesse dos ouvintes, o mesmo acontecendo com os da Rádio Mayrink Veiga. Também sua atuação no teatro é de molde satisfatório, razão do sucesso que deve alcançar entre os portenhos, quando de sua temporada na Rádio Belgrano.



A música portuguesa, entre nós, esteve sempre representada pela interpretação de Manuel Monteiro, que de longa data a vem cantando para os rádio-ouvintes cariocas, através de programas especializados. Natural de Cimbres, província portuguesa, cedo radicou-se no Brasil, para onde veio em companhia de um tio que por sinal, o desejava no comércio. Mas, contrariando o parente, Manuel Monteiro ingressou na Escola de Bailados do Teatro Municipal, tendo como professora Maria Olenewa. Tomou parte em temporadas oficiais de "ballet"; excursionou pelos Estados e acabou como corista de uma companhia de operetas, estreando em "Alvorada do amor". A experiência teatral valeu-lhe a ida para o rádio, atendendo a convite do guitarrista Manuel Caramés, para cantar num programa por este dirigido ao microfone da Rádio Educadora. Da PRB-7 passou para a Transmissora, esteve na Nacional, cantou na Vera-Cruz, atuou na Guanabara, voltou à PRB-7 e hoje integra o "cast" da PRC-8. Em 1939 excursionou à Portugal, levando em sua companhia o cantor Moreira da Silva. Conhece diversos Estados, tendo cantado ao microfone das principais emissoras. Dentre as gravações de sucesso, Manuel Monteiro destaca: "Santa Cruz", "Salada portuguesa", "Minha bandeira" e "Último fado". Presentemente, o artista luso conta trinta e oito anos de idade, pois nasceu a 15 de Maio de 1909. A propósito de sua popularidade no seio da colônia portuguesa, podemos dizer que ele foi proclamado o maior cantor da música popular portuguesa, em renhido concurso.



AMÉLIA Ferreira, essa graciosa rádio-atriz que a PRE-3 acaba de contratar com exclusividade, é, no seu gênero, uma das primeiras. Conhecendo os segredos da arte de dizer ao microfone, não lhe foi difícil vencer a comissão julgadora do Teatrinho da Peneira, quando, em 1942, a ele compareceu para submeter-se a rigoroso "test". Como ingênua, assegurou seu lugar no "cast" do teatro cego da Rádio Educadora, vindo a receber o prêmio de "melhor animadora do Teatrinho da Peneira". Após atuação destacada no rádio teatro da PRB-7, onde tomou parte em vários originais de Atila Nunes, Pedro Block e outros, acabou firmando contrato com a Rádio Tupi para atuar nas novelas e nas apresentações do Grande Teatro, então dirigido pelo veterano Olavo de Barros. Pertenceu ainda ao elenco organizado por uma empresa de propaganda, vivendo papéis marcantes nas histórias seriadas escritas por Osvaldo Gouvêa, Arnaldo Sampaio e outros. Deixando a PRG-3, depois de regular período de atividade, Amélia Ferreira logo recebeu proposta da Rádio Globo, firmando contrato. Carioca de nascimento, conta vinte e seis anos de idade, pois nasceu a 28 de janeiro de 1921. Possui o curso ginasial completo, estudou arte teatral e espera aparecer breve no cinema, uma vez que possui qualidades para tanto. Sua maior ambição é corresponder aos papéis que lhe são confiados, porque disso depende o valor do artista.



DENTRE as apreciáveis atrações com que conta o "broadcasting" brasileiro, estão as "Três Marias", agradável trio que a Rádio Nacional apresenta nos seus principais programas de estúdio. Consuelo Sierra, é uma das integrantes. Jovem e bonita, sua participação no mesmo, data da saída de Marília Batista. Graças à voz educada de que é possuidora, firmou-se na constelação PRE-8, ao lado de suas colegas, contribuindo para o êxito de audições como "Um milhão de melodias", "Nas asas de um clipper", "Almanaque Kolynos" e vários outros "broadcasts". Como integrante das "Três Marias", Consuelo tem gravado inúmeras versões, assinadas por Haroldo Barbosa, as quais batem o record de venda. Também já realizou várias excursões e tomou parte em diversos espetáculos teatrais, inclusive no que foi levado a efeito em benefício da "Casa do radialista" e, recentemente, no das Irmãs Meircles. Ingressando muito jovem no rádio, cedo alcançou o estrelato, sem que isso prejudicasse sua maneira de tratar os fãs, a quem dispensa todo carinho, respondendo-lhes as cartas, enviando-lhes fotografias e atendendo os telefonemas que lhe são dirigidos. Sua predileção pelo rádio leva-a a ouvi-lo nas horas de folga, acompanhando algumas novelas. Gosta das cores claras, admira a vida do tempo e lê os grandes romancistas, possuindo mesmo, regular biblioteca. Fora do microfone, adora o lar. É muito fotogênica; nada regularmente; sabe tricotar e gosta de todos os colegas.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



E ele contou uma História

ERA uma noite fria e quieta. Só dentro do galpão é que havia um calor fraco que subia das chamas da lareira onde duas chaleiras de ferro, cheias de água fervendo, soltavam uma longa fumaça arredondada que se desfazia mais no alto; se desfazia ou se escondia no escuro do teto de quinha. As vezes, pela porta, entrava uma lufada de vento frio junto com algum peão e os outros interrompiam a conversa meio sussurrada para dizer mais alto:

— Fecha a porta, tche!

Três rostos saíam da sombra, como se não tivessem corpo, e se enchem daquela luz avermelhada que sebe das brazas e que se eleva como se quisesse lambe a escuridão que paira mais acima. As barbas ficam mais negras ao contacto daquela claridade rubra como sangue e os olhos se enchem de alguma coisa que pode ser reminiscência ou esquecimento. Os olhos estão parados e os sentidos se concentram numa história que alguém está contando ali dentro do escuro. Quando faz silêncio, por alguns momentos, ouve-se o ressonar de alguém que também está mergulhado no negrume que enche os quatro cantos do galpão grande.

— Conta outra, Chirú!

— Agora te tóca, tche!

— Eu não sei. Quem é que ainda não falou?

Ninguém responde. Há apenas no ar os silvos cortantes do minuano que anda lá por fora espalhando geada e o ruído leve das duas chaleiras a ferver sobre o fogo. Um ronco no bôjo da cuia e ela passa para as mãos ardeuses que estão enchendo o mata para os outros.



A conversa baixa vai se estendendo num conto rápido que logo termina, deixando insatisfeitos os que querem escutar alguma coisa interessante antes de dormir.

— Manoel! Tu que é tão falatrão... Divia de contá algum causo prá gente!

— Tô com muito sono...

E um bocelo largo, cansado, espicha molemente as últimas palavras.

Um dos peões cochicha para o que está ao seu lado e os olhos do que ouve se enchem de uma luz estranha onde há muito de maldade.

— Mas se eu nem tinha me lembrado! Isso mesmo! Vamo dá um jeito de fazer o velho falar!

Os peões que estão na roda olham pelo galpão até enxergar um velho que está encolhido num dos cantos escuros. Só se vê uma cabeça branca com laivos de sangue da luz do fogo.

— Seu João! O seu João!

O velho estremece e levanta os olhos assustados.

— Chegue prá cá! Venha chimarrar um pouco junto com a gente.

O velho levanta e vem arrastando os pés descalços pelo chão frio de terra socada, arrastando os seus mulambos, de braços longos pendidos para baixo num gesto triste de desalento e de miséria. Vem chegando com os olhos apagados muito abertos como se tivesse dificuldade de enxergar alguma coisa na quase total escuridão que vai até o teto de quinha, que enche os quatro cantos onde os arreios e os pelêgos se amontoam em mistura com gente; vem e senta num banco pequeno de corticeira. Não olha para os que o rodeiam. Parece temer encontrar um

rosto conhecido entre aqueles homens com os quais convive há mais de um mês. Durante êsse tempo sempre andou de cabeça baixa, mudo, articulando a custo um "muito obrigado", um "buenas", um "sim, sinhô". Nunca se chegava para a roda do chimarrão. Procurava sempre o escuro, a solidão, fugindo às conversas alegres do pessoal.

— Conte um causo, seu João. O senhor nunca contou nada!

O que falou sente o peso do assombro e do medo que estão dentro dos olhos escuros e sem brilho que o velho ergue até ele e se arrepende de haver falado.

Outro se arrisca e faz o mesmo pedido. Vendo que o velho não se incomoda, os outros começam a insistir ante o seu silêncio.

— Ora, não seja assim!

— O senhor deve de sabê alguma bem boa!

— Todos já mentiram um pouco, só falta o senhor!

Alguém ri, mas o velho, com a cuia presa entre as duas mãos trêmulas e ossudas, permanece em silêncio.

Há uma pausa e a voz forte, mas lenta, do velho, enche o silêncio que ficou pairando no ar.

— Eu não sei nada. A única história que eu sei é muito triste e muito verdadeira prá contá aqui, pra vocês.

— Assim mesmo, não importa!

O velho entreabre os lábios e fica quieto como se as palavras de súbito houvessem escapado.

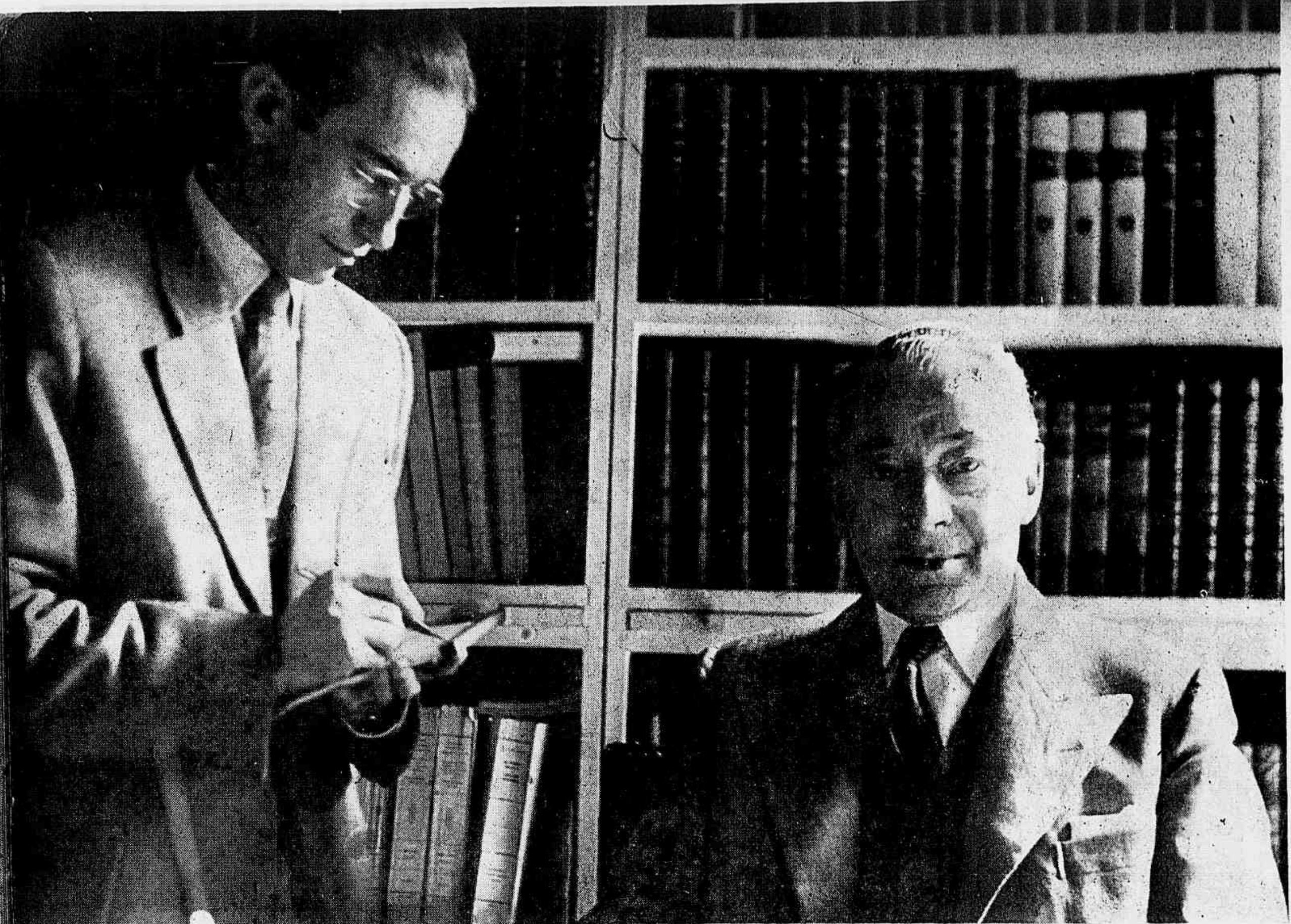
— Eu não sei contá bem... mas foi um causo que aconteceu de fato, há muito tempo, mas que eu lembro como se fosse ontem. Eu o conheci. Ele era forte, alto, e sabia tratar de mulher com a mesma destreza com que ensinava um baquel, mas era bandido demais para conseguir, um dia, um rancho sossegado onde pudesse viver com a mulher e os filhos. Era sanguinário e mau! Gostava de dar de rebenque num pobre diabo até que visse as manchas de sangue do outro começarem a tingir o chão e o couro do rebenque. A única coisa que ele tinha de bom era não maltratar crianças. Às vezes encontrava uma pele estrada e rebuscava dentro dos bolsos da bombacha um dinheiro qualquer para atirar-lhe de cima do alazão grande que ele montava. Certa vez, isso diz a gente que o conheceu melhor que eu, ele assaltou um pobre rancho miserável. O rancho estava completamente vazio. Amontou uns pelêgos, mantas de xarque que estavam penduradas num varal e um pouco de dinheiro que achou dentro de uma caixa, sob um colchão velho e rasgado. Quando ia saindo do rancho encontrou um guri.

(Continúa na pág. 58)

Conto de **TEREZA DE ALMEIDA**

(Premiado no Concurso Permanente de "REVISTA DA SEMANA")

Ilustração de **A. MOURA**



PAUL REYNAUD FALA À "FOLHA DE SÃO PAULO"

PARIS, Julho (Pelo Bandeirante da Panair do Brasil) — Dois motivos nos levaram a entrevistar hoje o antigo presidente do Conselho dos Ministros da França e atual deputado independente, sr. Paul Reynaud: sua extraordinária previsão política e o livro de sua autoria "A França salvou a Europa", que a editora Flammarion, desta capital, acaba de lançar.

Em 1924, quando o continente europeu ainda sangrava em várias regiões, em consequência da primeira guerra mundial, o sr. Paul Reynaud, como se viu o futuro através duma dessas bolas de cristal usadas pelas "adivinhas", escreveu um artigo em "Revue Hebdomadaire", no qual, advertindo os franceses contra os perigos de uma segunda guerra mundial, de maiores e mais desastrosas consequências do que da primeira, chamou à atenção os responsáveis pelo destino da França, pedindo que o exército francês fosse motorizado, pois a guerra de trincheira passaria a segunda categoria e talvez nem mesmo as trincheiras fossem mais necessárias. Entre outras coisas, disse o ilustre político francês: "...eu vos direi o que se passará. A Alemanha começará por destruir a Polónia, para, sobre o seu cadáver, ter à mão o Exército Vermelho, pois a França será invadida, suas usinas destruídas, suas cidades destruídas".

Prevendo qual seria a tática dos alemães, Paul Reynaud clamava sempre pela modernização do exército francês e, em 1935, propôs na Câmara o plano do general Charles de Gaulle. Infelizmente, não foi ouvido, mas outros o ouviram, e com bastante atenção: — os alemães os quais souberam executar esse grandioso plano...

Em 1937, quando o perigo de uma nova guerra mundial se aproximava ca-

"Teremos nova Guerra Mundial se o duas partes". — "Profecias" cumpridas do antigo presidente do Conselho. — "A França salvou a Europa", durante a ocupação nazista. — Um entre os dois gigantes: os Estados Unidos.

Reportagem de NELSON WINTER (Especial para a "FOLHA DE SÃO PAULO")

da vez mais, Paul Reynaud publicou um artigo profético, desta vez em "Problème militaire français", afirmando, entre outras coisas, com relação a uma aliança efetiva com a Rússia, que "se continuarmos a esquivar-nos, uma aliança germano-russa não será mais um perigo imaginário". E, para a desgraça da humanidade, mais esta profecia se cumpriu: no dia 23 de agosto de 1939, dois anos e três meses depois da previsão de Paul Reynaud, firmava-se o pacto Hitler-Stalin, surpreendendo o mundo inteiro e mudando completamente a marcha dos acontecimentos políticos.

"A FRANÇA SALVOU A EUROPA"

E agora, o livro.

É uma obra que encerra, em dois grossos volumes, a maior tragédia de todos os tempos, testemunha da mais sangrenta fase da existência da humanidade, constituindo um feixe de documentos reais e valioso subsídio para os historiadores do futuro, que se ocuparão da época em que a barbarie eclipsou totalmente a civilização da qual tanta nos orgulhávamos, transformando a Europa e outras partes do globo num mar de lágrimas e sangue...

A esquerda: Paul Reynaud na prisão de Vals. O conhecido político esteve em várias prisões, tendo sido preso em 1940, quando o país do jugo nazista. A direita: O sr. Paul Reynaud quando...



Em cima, à esquerda: O sr. Paul Reynaud, em seu gabinete de trabalho, quando concedia a entrevista ao correspondente da "REVISTA DA SEMANA". A direita: Quando a França capitulou, Paul Reynaud decidiu não abandonar a luta. Sabia que a França jamais seria vencida, que um dia o seu povo se levantaria para recuperar a liberdade pela qual lutou durante tantos séculos não somente para si, mas para todos os homens de boa vontade sobre a terra. A sua decisão o levou à prisão, onde permaneceu durante cinco anos. Foi nas prisões que o ilustre político escreveu "A França salvou a Europa", que acaba de sair em Paris.

★

trabalho me dão. Mas... Em que posso ser útil ao senhor?

— Bem, desejo apenas obter uma entrevista...

— Sobre política ou sobre outro assunto?

— Começemos pela política. Que pensa sobre a situação atual?

— Penso, antes de mais nada, que a Alemanha cometeu um crime de repercussões imensas ao declarar, golpe sobre golpe, duas guerras mundiais. Com isso ela desacreditou o homem branco perante os homens de cor e as consequências são tremendas para a paz e prosperidade do mundo. Ela criou a miséria, difundiu doutrinas de desordem social, desorganizando profundamente a produção e os câmbios.

— Sim, replicamos. Mas... o remédio? Onde procurá-lo?

— Eu sei — responde Reynaud — que o antídoto é que seria o concurso econômico e financeiro dos Estados Unidos aos países parcialmente destruídos pela guerra, como a França e a Inglaterra, que dele muito necessitam. Os Estados Unidos, além do mais representam e defendem o tipo de civilização que se desenvolveu, no decorrer dos séculos, na Europa ocidental.

— Tal concurso não separaria o mundo em dois? — indagamos.

— Esse seria o perigo a evitar. Sim, a divisão do mundo em duas partes dificultaria a sua renascença, porque ficaria

sob o peso da ameaça de uma nova guerra. Por esta razão creio que a América não se verá livre tão breve do fantasma de uma guerra eventual preventiva — e isto não está de acordo com as ideias democráticas — enquanto nós somos ameaçados de ver o aceleramento de uma corrida armamentista na Rússia e na América. Ora, a corrida armamentista, com a arma atômica, conduz mais fatalmente agora à guerra do futuro do que no passado.

— Que fazer para evitar nova e quão mais desastrosa hecatombe?

— É preciso trabalharmos para a realização desta difícil tarefa: procurar um acordo entre os dois gigantes, a América e a Rússia.

— E que nos diz sobre a criação de um parlamento mundial, ou um governo mundial, para a solução dos grandes problemas gerais que o governo de cada país é incapaz por si só de resolver?

— Francamente, não sei se no presente momento isso poderá ser possível. Mas creio se deva fazer esforços nesse sentido.

O sr. Paul Reynaud posou para o nosso fotógrafo e nos deu, gentilmente, algumas fotos históricas da época em que esteve nas prisões nazistas. E, em seguida, apertamos de novo a mão do autor de "A França salvou a Europa" em despedida e em sinal de agradecimento pela breve, mas interessante entrevista que nos concedera.

A À "REVISTA DA SEMANA"

erra Mundial se o mundo for dividido em profecias" cumpridas e novas previsões do presidente do Conselho de Ministros da França, "A França salvou a Europa", livro escrito nas prisões, o nazista. — Urge encontrar um acordo entre os Estados Unidos e a União Soviética.

ELSON VIER
pecial para "REVISTA DA SEMANA")

publicou
vez em "Pro-
firmando en-
ação a uma
que "a con-
uma aliança
is um perigo
graça da hu-
cia se cum-
de 1939, das
previsão de
o pacto He-
mundo inter-
te a marcha
EUROPA"

rra, em dois
tragédia de
ha da mais
a da humani-
de documen-
para os histo-
ocupação da
eclipse total
al tanto nos
o a Europa e
a mar do lá-

em várias prisões, tendo sido libertado na Austria, pelas tropas norte-americanas, quando libertaram esse sr. Paul Reynaud quando presidente do Conselho de Ministros da França.

NA RESIDENCIA DE PAUL REYNAUD

Precisamente às 14.00 horas — hora marcada para a entrevista — entramos na luxuosa residência do sr. Paul Reynaud onde tomamos preliminarmente crechidos na sua moradia. Durante alguns minutos tivemos a oportunidade de apreciar o seu gabinete de trabalho, onde o esperávamos. Móveis antigos, artísticos, uma riquíssima biblioteca, alguns quadros japoneses e várias estátuas também japonesas e indus. Sim, Paul Reynaud aprecia muito a arte e filosofia budistas.

Em dado momento a porta se abriu e nela apareceu o notável político francês, em carne e osso. Aproximou-se rapidamente de nós e, com um sorriso amável, estendeu-nos sua mão.

Trocamos os habituais cumprimentos e iniciamos uma conversa que não tinha ainda que ver com a entrevista desejada. Quem formulava as perguntas foi o sr. Reynaud, desejando saber como se vive no Brasil, se também aí se sente a crise que varre atualmente o mundo inteiro, se falta isso, aquilo, enfim — queria saber de tudo que se passa em nosso país. Limitamo-nos a responder que também gostaríamos de saber pois lá saímos há dois meses, e oito semanas podem alterar bastante a situação de um país.

Paul Reynaud sorriu e deixou de ser "perguntador". Nesse momento, tocou o telefone.

Era um jornalista que pediu uma entrevista sobre a última conferência. Mal acabava de falar, desligando o fone, outro jornalista telefonou, pedindo a opinião sobre um assunto qualquer. Finalmente livre desses, olhou para o nosso lado sorrindo e observando: — "Esses jornalistas... Quanto mais tenho que fazer mais



O Homem que encontrou felicidade

Conto de UMBERTO PEREGRINO

Ilustração de A. PACHECO

(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

FABRICIO da Cunha Rego, embora não fosse um homem excessivamente inteligente, guardava alguns ressentimentos do copioso dinheiro que possuía. A longa experiência de ser rico o levava a isso. Verificou através de repetidos episódios que as considerações, as homenagens, o interesse, os sorrisos, as boas palavras que lhe tributavam nunca traziam sinceridade. Notou também que os seus amigos facilmente deixavam de sê-lo se os decepçava em alguma pretensão de crédito... Observou ainda, até com mágoa, que os seus serviços, mesmo aqueles a quem se afeiçoava, só eram dedicados profissionalmente e estavam sempre dispostos a abandoná-lo por um salário mais alto.

Quanto ao conforto, à boa mesa, às facilidades que desfrutava, acostumara-se de tal forma a elas que perdera por completo a noção de que tinham origem no dinheiro. Soavam-lhe já como coisas naturais, como bens devidos...

Era, destarte, o nosso eminente banqueiro um homem que muitas vezes se aborrecia de ser rico, por força de certas reflexões desencantadas a que se dava. Contudo, sempre administrou o seu Banco rigorosamente dentro das normas prescritas pelos melhores tratadistas do ofício financeiro, atóra as cautelas que de seu próprio alvitre usava adotar.

Aliás, é incerto que o sr. Fabrício da Cunha Rego suportasse a condição de pobre. Teria que renunciar ao charuto fino, às iguarias, ao automóvel, aos ocios... Pior, todavia, do que as regalias que lhe fugiriam eram as obrigações que contrairia. Teria, desde o primeiro instante, que utilizar a memória, ter opiniões, decidir sobre as próprias roupas e os sapatos, discar o telefone se precisasse servir-se dele, abrir as portas que acaso desejasse ultrapassar, ouvir as pessoas que lhe falassem, e até trabalhar, todo dia, por horas certas... Não suportaria certamente tão bárbaras e humilhantes obrigações. Mas isso não invalida a sinceridade do fastio argentário que sufoca, de quando em quando, a alma do banqueiro, pois que o fenômeno medrava na sua alma e somente a ela se circunscrevia. O corpo ficava isento. Ora, o corpo é que teria de marchar na hora das obrigações. Vinha daí, desse conflito entre o corpo sibarita, mal acostumado, e a alma generosa e pura, a impossibilidade de o banqueiro exercer a pobreza. Vivia então ele repartido entre os impulsos elevados da alma e os vícios rasteiros do corpo. De fato se estabeleceu, desde muito tempo, um harmonioso acôrdo entre as duas partes. Por esse acôrdo o banqueiro concordou em permanecer rico, mas havia de buscar incessantemente a felicidade fora da riqueza.

A primeira dificuldade que se lhe depa-rou, mal se dispôs a iniciar essa voluntária busca, foi a de saber em que consiste a felicidade.

Experimentou várias receitas. Imaginou que a encontraria disseminando o bem e resolveu tomar à sua proteção algumas crianças de um morro miserável. Enviou-as para uma fazenda sua onde lhes deu casa, remédios, alimentos, roupas, mas quando pretendeu dar-lhes instrução começaram a fugir de volta ao morro.

Variou a fórmula. Talvez se enganasse no conceito do bem. Empreendeu fundar e manter um hospital. Parecia ter acertado. Numerosos infelizes lá encontravam alívio e mesmo a cura, mas todos, nem exceção, de retorno à vida normal iam apenas retomar as canseiras anteriores, recolher novas dores, esperar a vez de repetir o hospital... Duvidou de que es-

tivesse realmente espalhando o bem. Conserva o hospital porque ninguém interpretaria com justiça uma atitude de fechá-lo, mas se desinteressou dele.

Não era, porém, homem que se convencesse com poucas razões. Insistiu na perseguição ao bem. Sua terceira tentativa foi no campo evangélico da caridade pública. Começou a reparar nos pedintes e não deixava um só sem um gorro do óbito. Desagradava-se em geral das medidas e dos ditos de agradecimentos, sempre muito exagerados ou muito mecânicos, mas não podia contar com a perfeição e considerava que ia a contento no novo exercício do bem. Sentia-se, intimamente confortado ao fim do dia recapitulando as migalhas que distribuíra. Nunca supusera que com tão pouco pudesse fazer tanto por si e pelos outros. A caridade era, na verdade, uma prática sublime. Nesse entusiasmo embelezou ampliá-la, levá-la ao máximo da sua capacidade pessoal. Então impôs-se excursões diárias, até os mais remotos pontos da cidade, à cata de pedintes. Jacarepaguá, Anchieta, Penha, Irajá, Campo Grande, Saúde, todos esses lugares ficou conhecendo e neles ficou conhecido. E se dilatava cada vez mais a quantia que consumia nessa caridade itinerante. A princípio isso era a sua alegria. Quando mais se estendessem os benefícios da sua empresa, melhor, refletia com boa fé e confiança nos seus fundos, o nosso banqueiro.

Iria assim talvez até a ruína se o seu motorista não o alertasse um dia para o espetáculo das ruas. De fato lá eram pequenas multidões que o aguardavam cada dia em cada bairro, em cada rua, quase que em cada esquina. E o aspecto da maioria não indicava mendigos. Tão pouco as atitudes. Assinalou num relance homens perfeitamente validos, mulheres sadias e bulentas, muitas crianças de todas as cores e idades.

A disputa das moedas que lhes atraíva era demasiado enérgica, alguma vez sangrenta. Notou ainda que alguns, particularmente vigorosos, já reclamavam, bradavam ameaças.

Com que então estava sendo explorado, estava remunerando graciosamente uma malta de vagabundos.

Suspendeu instantaneamente a sua ação caritativa e por muitos dias esteve abatido. Por fim se conformou de não descobrir o caminho do bem, mas não desesperou de achar a felicidade.

Talvez porque tivesse sido tão mal sucedido nas suas insistentes inclinações à generosidade, o bom Fabrício inverteu radicalmente a sua orientação na busca da felicidade: voltou-se para o egoísmo. E por alguns meses não houve pessoa mais egoísta. E' verdade que não lhe foi fácil atingir essa culminância, não porque lhe falassem aptidões, mas porque a concorrência era séria. Lutou muito, lutou valentemente para sobrepujar os egoístas da sua casa, depois os do seu círculo, donde passou à sua rua, e desta à cidade, por fim ao país. Absteve-se da competição universal, receoso de enfrentar a organização modelar dos povos super-civilizados...

No âmbito nacional, porém, tornou-se um campeão de egoísmo. Foi, por sinal, nessa fase que os seus negócios mais se desenvolveram. Também tanto tinha de arbitrário nos juro que estipulava, como de implacável nas execuções que promovia. Alguns dos hábitos que implantou nesse período sobrevivem ainda hoje, no seu estabelecimento bancário, mas por responsabilidade de outros diretores que não têm, aliás, a menor jus-

tificativa pois não os move nenhuma razão filosófica.

Na prática do egoísmo o mestre Fabrício encontrou êxito, vantagens, fortuna, imitadores e até aplausos, mas como não encontrasse o que buscava, a felicidade, abandonou-o resolutamente num dia de tédio.

Estava assim disponível, nessa terra de ninguém dos sentimentos, quando, por uma tarde mansa, o dobrar pungente das Ave Marias, ali perto, na mesma rua do seu Banco, despertou-o para uma nova solução: a fé.

Havia de refugiar-se na fé e obter através das orações e do culto a felicidade que as soluções terrenas lhe sonegavam. Reconhecia-se sem vocação mística, porém cuidava suprir essa desgraçada deficiência com muitas e severas penitências. Não querendo, em todo caso, ir unicamente por si em artigo de tão alta transcendência cristã, recorreu a um graduado sacerdote, a quem comunicou com absoluta franqueza as suas últimas disposições, os seus inabaláveis propósitos de consagrar-se à fé, e pediu conselho.

O santo sacerdote, só vendo, acolheu-o com um carinho tão afetuoso que daria para aquecer um rebanho inteiro. Ao cabo de ouvi-lo, ao novo crente, a sua elusão era desmedida, pelo menos assim pareceu a Fabrício que quizera o ministro de Deus sempre moderado nas emoções. Contudo, não o desacreditou por isso, ao contrário recebeu dele com satisfação e confiança as palavras de louvor, de estímulo, bem como as que empregou para tranquilizá-lo a respeito da sua confessada mingua de vocação mística. O experiente sacerdote demonstrou que essa não era uma falta essencial, que muitos têm sido exemplares cristãos sem terem sido místicos, que o que importa ao serviço de Deus é a bondade, a humildade, a fé.

O bom Fabrício sentia-se extasiado. Não tinha mais dúvidas sobre o acerto, afinal, em que se achava. Era na fé, com tudo que vem dela — as virtudes, as orações, o ambiente dos templos, o convívio dos sacerdotes — que estava a felicidade. Ao seu lado, o hábil pastor já discretava sobre a sua paróquia os problemas que a afligiam, os esforços em que se empenhava para solvê-los, as dificuldades cada vez maiores e assim colocou, antes que alcançassem a porta da sacristia, a necessidade em que se encontrava de uma urgente doação.

O banqueiro assinou cinco contos antes de retirar-se. A fé arrefeceu um tanto com esse ato, mas havia abundância. O que a consumiu quase de todo foi uma proposta final do sacerdote. Suavemente o banqueiro se tomasse Conde pelo Vaticano, título que lhe ficaria muito bem posto e módico, afins 500 contos, consoante calculou de improviso.

Se foi a mais intensa foi de outra parte a mais breve essa esperança do bom Fabrício. Ele ainda diligenciou prolongá-la, mas estava definitivamente envenenado. Começou a implicar com o aspecto dos padres, em geral sujeitos demasiado plenos com cara de ociosos bem nutridos. Diabo, deviam ser mais espirituais, se são profissionais do espírito.

Estava positivamente incompatibilizado com certos setores da fé, pelo que condenava também as pompas da Igreja. Quisera os seus altos dignatários vestidos pobremente e pobremente vivendo, dando o exemplo da doutrina de que são portadores.

Como a fé não seja monopólio de nenhum sistema religioso, experimentou ainda chegar a ela por intermédio de algu-

mas seitas populares. Assim frequentou o espiritismo, do qual se afastou quando lhe garantiram que, por um "passe", seria operado, sem sangue, sem gaze, sem ataduras, sem o menor corte sequer, de uma velha e incomodativa úlcera no estômago. Do Exército da Salvação, onde andou discretamente metido, recuou por não suportar o ridículo. As religiões orientais, geralmente gabadas, estavam muito distantes, não lhe foi dado alistar-se nelas.

Estavam tristemente esgotadas todas as diligências ao seu alcance para atingir a felicidade através da fé. Seu desalento era enorme, muito próximo do desangano, pelo que decidiu procurar um antigo companheiro de colégio, o qual sabia transformado num homem de muitos livros e poucas amizades.

O homem escutou-o com serena curiosidade e só por fim sorriu. Depois do sorriso que foi breve mais cheio de indulgência, falou animadamente:

— O que você busca, meu nobre amigo, só encontrará na arte. Consagre-se à arte. Escolha uma ou escolha todas e consagre-se. Terá então todas as satisfações, todas as alegrias sempre dentro de si. A arte, meu nobre amigo, a arte! Vá, sacuda a sua alma, tire daí o artista adormecido que está em você. Vá.

O bom Fabrício agradeceu comovido. Nada mais precisaria ouvir para render-se à impressionante convicção do sábio. Além do mais, este nada lhe pedira nem lhe acenara com nenhuma vantagem material. Falara uma linguagem bela e pura que só podia exprimir verdade. Cumpria apressar-se na sua iniciação artística.

Para principiar pensou em adquirir numerosos quadros e esculturas. Até à véspera resolveria esse problema, encomendando ao seu decorador, pelo telefone, tantos contos em quadros e estatuetas. Agora que ia consagrar-se à arte, tudo devia mudar, recorrer a alguns artistas que o instruissem e aconselhassem.

Vieram quatro separadamente. Cada qual dissertou a seu modo, sem o menor acôrdo. Ficou em tal confusão que fez vir mais cinco e igualmente os ouviu. Ao cabo ficou percebendo que não só se desentendiam como se destravavam ferozmente. O que um achava divino, o outro achava medíocre, outro reputava inqualificável e havia até os que negavam que fosse arte.

Não podia o pobre Fabrício acreditar no que se passava.

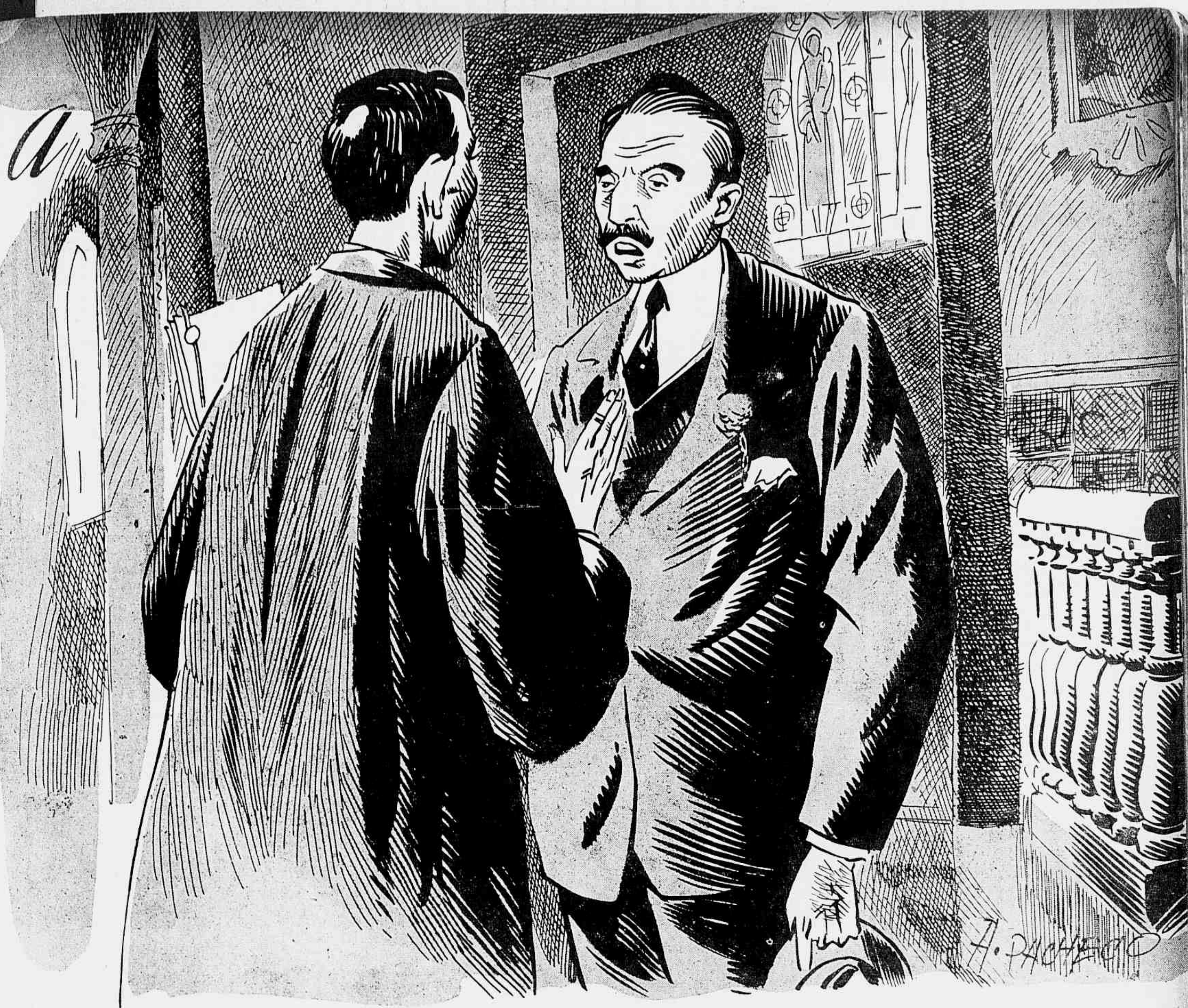
E se os reunisse, se colocasse todos juntos em sua presença?

O tumulto foi grande, gesticulavam tanto quanto gritavam, um quadro foi rompido por um dos artistas em cólera e uma cabeça de mulher, em gesso, esfarelhou-se, contra a parede por ter servido de petardo nas mãos de um pintor que revidava a um insulto insuperável. Não houve meios de apaziguá-los, a reunião só teve fim decente porque cada artista, indignado, ia-se retirando em sinal de protesto, em nome da arte.

O infeliz Fabrício ficou arrasado. Não admitia, em todo caso, que o seu antigo companheiro de colégio, o sábio, o houvesse enganado ou se enganasse a si próprio.

— A arte, meu nobre amigo, a arte! Vá, sacuda a sua alma, tire daí o artista adormecido que está em você. Vá.

Essas palavras reboavam ainda nos ouvidos de Fabrício. Como duvidar? Preferiu julgar-se incapaz de compreender a arte e, muito triste, renunciou à ventura de ser artista.



De novo achou-se ao desamparo, sem rumo e sem esperança.

— Onde encontrar a felicidade, onde? interrogava-se num desalento.

— Não desesperes, homem — sussurrou-lhe uma voz interior — pois não experimentaste ainda o que devias ter experimentado primeiro, não experimentaste ainda o amor.

Fabrizio tremeu. O amor? Como arriscar-se ao amor possuindo tanto dinheiro? Será sempre impossível a um homem rico senão despertar o amor pelo menos reconhecê-lo.

Mas a voz interior insistia:

— Quem sabe! O amor é a fonte eterna de infinitas venturas para todos, não só para todos os homens, para todos os seres. Tenta, não custa. Tudo estará na solução que adotares, e desde já te aviso, não te apegues a nenhuma mulher muito bonita, nem muito estúpida, nem muito ingênua. Prudência.

Já fôra pela cabeça de tanta gente para tão desastrosos efeitos, por que não consideraria as tentadoras razões dessa voz amiga? Se pusesse tino na sua escolha bem podia ser amado por alguém a quem amasse igualmente, e então isso era a felicidade no amor. Consultou o espelho, cujo depoimento foi lisonjeiro: disse-lhe que estava ainda moço, com boas côres, um bigode apetecível e expressão simpática.

Os seus milhões continuavam, entretanto, embaraçosos, pois tudo consistia em obter a felicidade à margem deles. Se era tão conhecido como distinguir a mulher que o amasse apenas como pessoa, abstraindo o milionário?

Sofria na impotência, enquanto compunha variados planos, inutilizados ou

arquivados antes de merecerem aprovação. Assim, pensou em procurar uma mulher que fosse rica, igual a ele. Mas por si mesmo logo desistiu à idéia de que essa riqueza, como todos os ricos, devia ter o coração ressequido; se se interessasse pelo consórcio, seria no íntimo e verdadeiramente, como quem funde uma grande firma, e no fim estariam consorciados menos eles do que os seus magníficos bens.

Ocorreu-lhe, a seguir uma solução de sacrifício, voltar-se para uma mulher bem feita, que não tivesse ainda merecido a atenção de nenhum homem. Nesse sentido deu mesmo alguns passos. Succedeu, porém, que todas as mulheres feitas das quais se aproximava, logo se referiram ao último namorado, a quem haviam despedido por defeito dele e todas, invariavelmente, se julgavam portadoras de uma estranha e superior qualidade chamada "it". Fabrizio recuou dessa solução, convicto de que era das mais perigosas e que o seu sacrifício podia ser completo.

Alguem lhe sugeriu retirar alguma moçinha de um orfanato. Idéia viável, com a vantagem de ser duas vezes generosa. Encaminhou-se, sem perda de tempo, ao melhor estabelecimento da cidade. Esperto, naturalmente não disse ao que ia. Havia de escolher, entre as que lhe agradassem, aquela que lhe ditigisse o melhor olhar, o olhar mais terno e de mais respeito. Percorreu o orfanato todo, imenso, triste, cacete, até que chegou à capela, onde as meninas mais velhas rezavam. Muito bem. Estava emocionado, em ponto mesmo de eleger alguma moçinha, quando descobriu que elas lhe fa-

ziam caretas nas costas da freira. Ficou horrorizado. E ao retirar-se, um tanto bruscamente, desvencilhando-se das amabilidades da freira, só pensava no milagre de ter-se livrado de uma esposa que lhe faria careta nas costas a vida toda. Que sorte!

Mas havia de achar uma solução havia, e cuidou achá-la quando se lembrou da sua primeira namorada. Bem retinha a sua imagem. Era uma moçinha de olhos mortos, carinha angélica, voz pausada, e rara, recatada, muito presa. Namorou-a aos seus 13 anos, 12 dela. Devia estar esplêndida, amadurecida para a vida, exatamente como lhe convinha.

Dai foi só despachar um emissário para a sua cidade natal, no interior de Minas. Queria primeiro notícias dela, se ainda estava na mesma cidade, como vivia, etc. Na sua imaginação, em devaneios, ela ainda estaria na mesma rua, na mesma casa a esperá-lo para a linda festa dos esponsais... Talvez por isso foi tão violento o seu abalo às informações que lhe trouxe, de volta, o emissário. Uma história curta mas forte, a de sua primeira namorada: casou aos 18 anos, com um rapaz de lá mesmo; aos 25 fugiu com o equilibrista de um circo que se exibia na cidade, deixando três filhos em casa; o marido perseguiu-a e assassinou a ambos, ela e o equilibrista, na localidade seguinte.

— De que escapei eu, de tornar-me assassino... balbuciava o pobre Fabrizio, alogado na sua dor sem consolo.

O abalo, desta vez, fôra excessivo. Houvera sangue, o que a natureza de Fabrizio não suportava. Em todos os

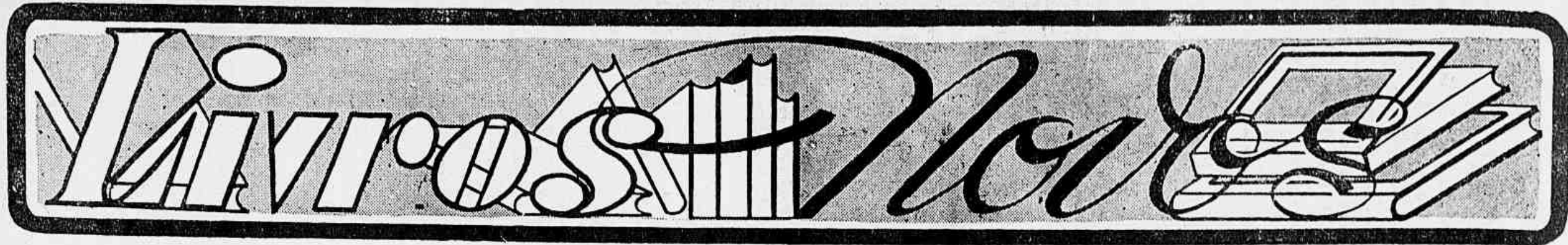
cantos estava a ver a sua primeira namorada toda perfurada de balas, ou retalhada a navalha; uma vez mesmo pareceu-lhe vê-la espantada e não pôde sopitar um grito lancinante.

A partir daí as pessoas de casa e os amigos entraram a confabular a seu respeito. No dia seguinte estava decidido, em nome do seu bem estar e de sua saúde, que ele se internaria numa casa de nervos. Fabrizio desconfiou de que a principal preocupação fosse a do seu bem estar, mas não estava em condições de opor-se e lá se foi passivamente.

A casa de saúde, num subúrbio afastado, era realmente muito aprazível. O espaço, as árvores, o ar puro, o silêncio eram remédio. Com pouco o bom Fabrizio estava outro, já completamente libertado da obsessão sanguinolenta. Os médicos permitiram-lhe que saísse a passear pelas arredores e Fabrizio ia, por suas próprias pernas, sem automóvel, sem motorista, a servi-lo e esclarecê-lo, percorrendo ruas humildes, falando a desconhecidos, sorrindo para crianças suas...

Assim foi por muitos e muitos dias que Fabrizio não tinha pressa de deixar a casa de saúde. Queria consolidar a cura, era como se explicava quando solicitado a retomar a vida normal. O verdadeiro motivo, entretanto, era certa moça de uma rua próxima, a qual o olhava a princípio com muita curiosidade e agora o esperava todos os dias, à janela. Já conversavam. Conversaram cada vez mais.

O feliz Fabrizio partiu por uma manhã, mas voltou duas semanas após o casamento. O casamento realizou-se, porém,



FALAM OS INTELLECTUAIS DO CEARÁ, alta reportagem de Abdias Lima — Fortaleza, 1946.

O Sr. Abdias Lima efectuou no seu Estado natal, sem nenhum carácter de imitação, uma tarefa correspondente ao *Momento literário*, do grande repórter, além de singular arte, que foi João do Rio.

O presente volume constitui o quadro do movimento intelectual cearense. É um panorama para o qual cada autor ou publicista deveras notório contribui com a própria imagem. Engenhosa e espirituosamente o Sr. Abdias Lima soube dirigir-se a cada um pelo caminho das suas especialidades ou predilecções. Interrogou-os, de maneira a nunca ficar sem resposta, quanto às idéias e gostos; hábitos ou obrigações de trabalho; maneira de considerar a orientação, em geral, e a crença de criação que, no momento — o inquérito data de 1945, com o mundo ainda em guerra — acusava a literatura nacional. Todos aqueles homens de nome e responsabilidade superiores atenderam à solicitação com boa vontade e sinceramente. Falam, definem-se, explicam-se com o escrúpulo de arredar qualquer suspeita de filáucia ou exibicionismo. Assim o alto-repórter obteve que cada "entrevistado" se retratasse dentro do cenário, sempre tão cativante e sugestivo, da terra de Alencar. Poetas, romancistas, críticos, filósofos, historiadores, professores aqui se encontram, como no famoso romance epistolar de Paul Hervieu, *peints par eux mêmes*.

Expondo, em breve nota liminar, a intenção do seu empreendimento, opina o autor que, se em todos os Estados brasileiros, se procedesse a análogo trabalho, excelente serviço se poderia prestar a quantos, neste país, se interessam pelas belas letras e devidamente as prezam. Toda a gente assim pensará. O novo exemplo vem do Norte, isto é: de cima. Esperemos.

A série organizada pelo Sr. Abdias Lima compreende vinte três nomes, a saber: Cruz Filho, Pedro de Aratanha, Braga Montenegro, Filgueiras Lima, Luis Sucupira, Martins de Aguiar, Erminio Araújo, João Jaques, Paulo Sarasate, Florival Seraine, Matos Pereira, Moacir Teixeira de Aguiar, Saraiva Leão, Pe. João José Calvante, Galvão Catunda Gondim, Perborre e Silva, Octacílio de Azevedo, Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Afonso Banhos, Francisco Hardi, Eusébio de Sousa e Silveira Marinho.

O BRASIL NA GUERRA, crônicas de Kepler A. Borges — A. Coelho Branco F.^o, editor — Rio de Janeiro, 1947.

Livro de estudante. De estudante soldado. E por que não de estudante herói? O retrato que ilustra uma das primeiras páginas, após o do general Mascarenhas de Moraes, dá bem idéia de tudo isso. É uma fisionomia clara, forte, resoluta. Adivinha-se nas feições o temperamento decidido e a energia empreendedora. Os impulsos do sangue levaram este rapaz a aceitar com entusiasmo a inclusão nas forças brasileiras que iam combater na Itália; e "jovem amente fervoroso da beleza das nossas letras", ardentemente desejava escrever um livro. Eis satisfeitos os dois ideais, os dois sonhos realizados. E tudo se operou por obra e graça da mocidade.

Não se julgue no entanto que se trate de páginas de exaltação e poesia. O que o Sr. Kepler Borges nos oferece é uma série de crônicas, umas de guerra, outras de turismo, cuidando sempre de respeitar a verdade dos factos e de externar sinceramente as suas impressões. Diz-nos de toda a campanha, a começar dos preparativos para no embarque no Rio de Janeiro; da travessia deste porto ao de Nápoles; de Monte Castelo; dos combates de La Serra, Montese e Fornovo di Taro. Seguem-se assuntos vários: como aspectos de cidades; apanhados de tipos e costumes; as madrinhas de guerra; notas e observações gerais sobre aquela terra de formosura e de arte. O estilo é sempre ligeiro, desenvolto, sem pretensões a alta literatura. É sem enfado, antes com muita simpatia, que, por estar duzentas e tantas páginas, acompanhamos o moço escritor. E, num dos últimos capítulos, ficamos sabendo "as cinco coisas que mais o impressionaram na Itália", a saber: "as estradas de rodagem, a neve, as obras de arte, a música e a mulher."

REVODA INCERTA, romance de Lygia Junqueira — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1947.

Há um pássaro chamado Viuva. Pertence à família dos tiranídeos. (E — afirmamos, certo dia, eruditamente, embora em simples palestra, um ornitólogo amador — costuma andar em bandos, não muito numerosos, em todo caso consideráveis).

As principais figuras do presente romance são três viúvas, quer agora dizer: três e horas que perderam os maridos. Acamaradaram-se na vida para uma espécie de revoda tanto quanto possível solidária e unida em seres humanos. Não deixa de haver entre elas um ou outro desacordo quanto ao momento de cada partida e o rumo a tomar para chegarem ao ponto desejado, evitando os esforços inúteis; as intempéries... e os gaviões. Discutem então, e na controvérsia sobrevêm afastamentos mais ou menos onívotos, mas sempre efêmeros, sem que chegue a ameaçá-las deveras o desastre da incompatibilidade. Das três, amigas, Luciana se mostra a mais enérgica e resoluta, ape-

sar de, no seu temperamento, melhor diríamos na sua sensibilidade, surgirem, às vezes, incertezas ou pessimismos perturbadores; Alma, com fraquezas de paixão, é capaz, no entanto, de heroísmos, renúncias, sacrifícios, quando a razão ou a consciência os indicam como necessários; Ana Luiza; de essencial doçura, tem fáccis enternecimentos e uma saúde precária. Adotando o confronto que nos acudiu entre aves e mulheres, um trocadilhistas a todo transe diria que a nenhuma destas viúvas assenta a qualificação de "tirânica". Com efeito, nenhuma quer dominar à força nem se dá a exigências absolutas. Lutam, sim, mas sem orgulho quando vitoriosas nem rancor quando vencidas.

Luciana é a que mais se salienta. Tipo de intelectual ardente, empenhada em teoria, mas, realmente, sem escapar à emotividade feminina da raça nem se subtrair por completo às tradições do meio. Tradutora de romances e, depois, da própria romancista, a ninguém esta criatura deixará de lembrar a pessoa da criadora. Em São Paulo até há quem diga que *Revoda incerta* é um romance um tanto eu quanto a *def*. Pouco importa isso. O carácter e o valor da obra se afirmam nos efeitos de uma observação persistente, metódica, talvez em alguns pontos excessiva no capricho de nada deixar sem exata e bem nítida indicação. Assim, a mentalidade e as práticas dos personagens — todos paulistanos ou aclimatados, todos, homens e mulheres, bem modernos, compreendendo um aspecto da sociedade bandeirante — nestas páginas se nos oferecem, com pormenores acentuadíssimos. O texto especifica todos os lugares onde essa gente — que forma o agrupamento mundano designado, na vida elegante e gozadora de Paris, por *une tarde* — se encontra para os *cocktails*, o cinema, as passeatas, as noites de *pietra*, vitela, dança, *flirt*. Citam-se as confeitarias de luxo, os restaurantes mais em moda, os estabelecimentos onde se ceia milionariamente. E assim o romance da Sra. Lygia Junqueira, além de obra veementemente sentida, com linhas fortes, impressionantes — enleia nem todos primem pela verosimilhança — pode também servir a quem visite a cidade como guia minucioso e seguro da São Paulo onde a gente se diverte.

URBANISMO E INDUSTRIA EM SÃO PAULO, pelo engenheiro Henrique Dumont Villares — São Paulo, 1946.

Considerando que São Paulo passa ultimamente por enérgica e ardorosa fase de remodelação urbana, movimento este que deve ser decisivo, parece oportuno ao autor da presente obra esclarecer o público em geral quanto às circunstâncias, possibilidades e alcance de tais trabalhos. Acentua — ele, em breve antelóquio, que precederá, não o técnico mas como simples interessado na divulgação dos elementos e noções relacionados com o urbanismo. Esse "rão como técnico" significa a despretenção pessoal de quem, não querendo pensar em si próprio, apenas se preocupa com o bem-estar da tarefa que adotou. Bastam, porém, as primeiras duas páginas do livro para nos constatar a segurança teórica e a competência profissional de quem o escreveu. Nenhum publicista pouco familiarizado com tais matérias e por mais que se esforçasse no sentido de reunir e assimilar conhecimentos de ocasião, conseguiria formular esta exposição de origens, factores, convicções realzadoras, probabilidades de certo futuro — estas explicações e demonstrações — que, em leitura atenta, qualquer leitor, sem maior dificuldade poderá apreender e fixar. A declaração, no prefácio referido, de se não tratar de empreendimento de técnico, corresponde à que vem na mesma linha, anunciando que tudo será dito "em poucas páginas" — quando é certo que o volume, de formato superior ao chamado "pocket", vai além de duzentas e setenta.

Mais que fossem! É com verdadeiro interesse, certos de encontrar sempre coisas para curiosamente observar, examinar ou simplesmente admirar, que acompanhamos o Sr. Dumont Villares nas suas digressões pelos trechos centrais, os bairros e os arrabaldes, onde São Paulo ostenta ou produz a sua riqueza crescente de dia para dia e cada vez de mais evidente feição exemplar. Assim os grandes núcleos industriais; os pontos urbanos ou de arredor mais adequados à solução do problema residencial; a questão atualmente, e em São Paulo como em outras cidades, tão inquietadora, do trânsito e dos transportes; as reclamações de um bom serviço de defesa da saúde pública, inclusive no que respeita às habitações, não apenas colectivas mas "superlotadas", onde a população modesta se acumula e mistura angustiadamente.

Está claro que, para os estudos necessários à organização do presente livro, não podia o Sr. Dumont Villares basear-se apenas nas suas pesquisas e averiguações próprias em assunto tão complexo e exigente. Recorreu às lições dos grandes competentes e especialistas, principalmente ingleses e norte-americanos. Daí, a extensa lista bibliográfica que encerra a sua obra. Desta nos fica a impressão de ter sido acatado bem claramente e em todos os aspectos o tema do urbanismo. Do urbanismo que o autor assim define:

"Ocupa-se o urbanismo dos vários elementos de que depende o bem-estar de uma população, visando não só ao presente mas principalmente à expansão futura de um centro urbano. Urbanismo não é apenas engenharia. Cuida também da ordem, conforto e beleza do ambiente, harmonizando todos os elementos que tornem útil e agradável a vida dos indivíduos."

ali mesmo, na casa pobre e obscura. E então ele partiu definitivamente conduzindo consigo a esposa e a felicidade que tanto perseguira.

Aquela, confortava-se ele, não o conhecia, não sabia de quem se tratava, interessara-se, pois, pela sua pessoa unicamente, era o amor. E como se mostrava aietuosa e meiga! Quanta doçura punha nas palavras com que lhe falava! Quanta pureza havia nos seus carinhos inexperientes.

Era a felicidade, afinal. E assim viveu Fabrício o resto de sua vida que foi longa.

Quanto à moça também foi muito feliz. Fez daquele casamento a chave do seu destino e não se enganou. Reconheceu em Fabrício, quando saía da casa de saúde a passear, o homem rico que andara há tempos por ali a distribuir esmolas. Era ele, bem o reconhecia. E quando Fabrício, iludido pela curiosidade dela, começou a dispensar-lhe aten-

ção, avaliou que talvez estivesse diante da fortuna. O resto dependeu de habilidade com que manteve o segredo do seu interesse.

Fabrício era bom, havia de ser sempre boa para ele também. Na verdade, depois de casada, teve alguns namorados a quem fez concessões fundamentais. Mas isso em nada desfalcou a sua bondade perante o marido, pois este os ignorou serenamente.

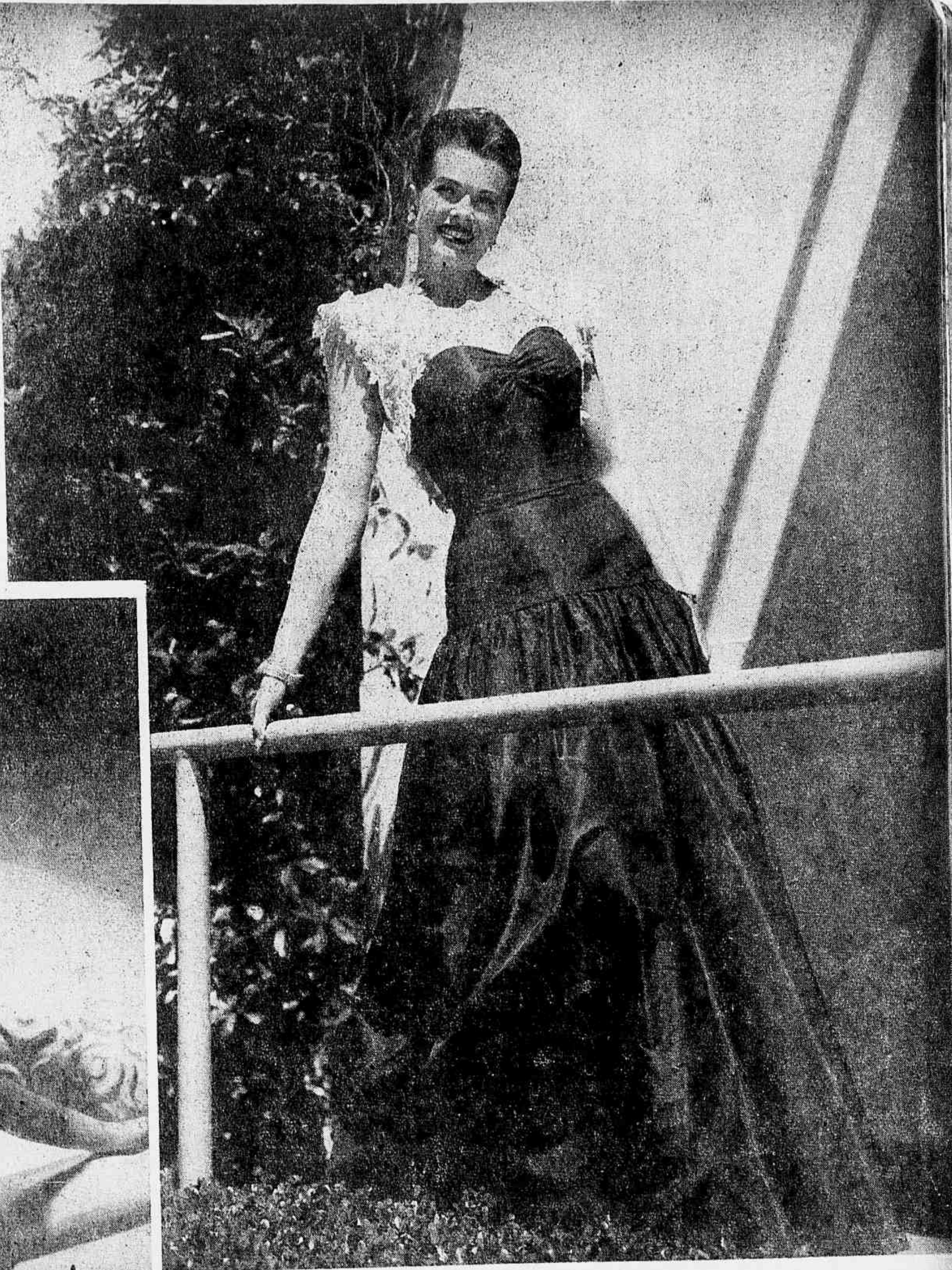
Na hora de morrer, Fabrício apertava

com muita emoção as mãos da esposa. Alguns interpretaram erroneamente esse gesto, julgando-o uma despedida. Não era. Era um gesto de gratidão. Fabrício agradecia-lhe a felicidade.

De fato viera dela a felicidade que aquele homem buscara em vão no bem, no egoísmo, na fé, na arte. Apenas ele morreu, levando a certeza de que encontrara a felicidade no amor, mas nós sabemos que não foi propriamente isso, encontrou-a no engano.

PARA A NOITE

DENUNCIANDO as duas tendências da moda, apresentamos aqui dois modelos para a noite. O primeiro, à direita, usado por Janis Paige, da Warner Bros., tem o corpo justo até os quadris e, partindo daí a saia assume grande volume por meio de franzidos. Pequeno franzido dá forma ao busto. Os ombros em tecido claro, são cobertos de flores. Em baixo: O segundo modelo, lembra os "kimonos" das "geishas". É de jersey de seda preto, transpassado em toda a frente e com vistosos bordados dourados. O transpasse da saia cai em pregas.



NOS BASTIDORES FEMININOS

VOCÊ nunca está satisfeita. Não está muito segura de si, não sabe bem o que quer, e, obriga sempre os que a cercam a confirmar dezenas de vezes que sim, que realmente você é muito interessante, muito inteligente, muito agradável, etc.

Você só se sente feliz ouvindo essas coisas repetidas dezenas de vezes, constantemente, e, quando não as ouve fica deprimida, sente um vazio dentro de si. Isto acontece porque você mesma não tem confiança em si, você mesma não acredita muito nas suas virtudes, nas suas qualidades e na sua sinceridade.

Deixa-me dizer que você, com essas exigências todas, isto, insistindo como insiste, provocando como provoca, esses frequentes elogios à sua pessoa, acabará cansando até mesmo os seus parentes mais próximos. Um por um, eles se irão afastando de você, terão até medo da sua companhia, porque então já saberão que você só exige que se fale de você, sendo incapaz de compreender que os outros gostariam de falar sobre outros assuntos que não fossem relativos à sua pessoa.

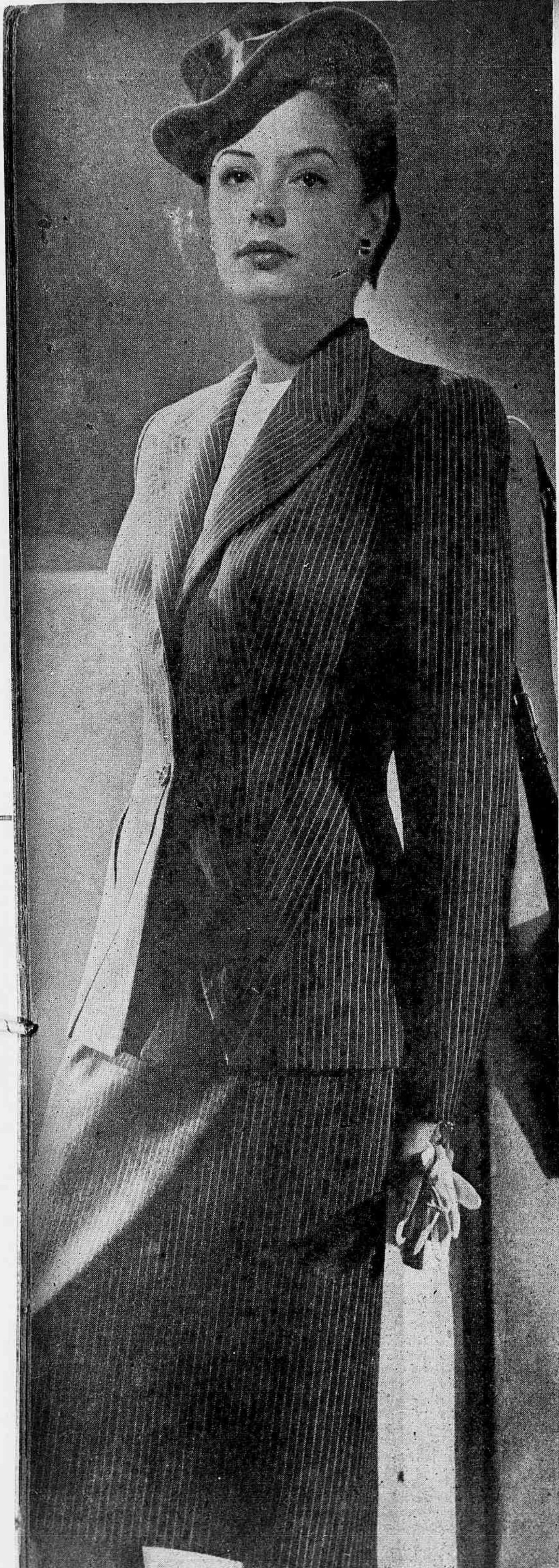
Isto que você julga tão importante para você, não é para eles. Aos seus amigos ou aos seus parentes, será enfadonho ter que confirmar a cada instante todas as maravilhas que você pensa e quer que os outros pensem de você mesma.

Naturalmente eles a acharão egoísta. Será difícil compreender que você age assim levada apenas pela falta de confiança em si própria. Mas, de uma ou de outra forma, eles não se interessarão durante muito tempo pelos seus "complexos".

Se você realmente quer estar sempre cercada de amigos, terá que modificar a sua atitude. Terá que se interessar também pelos outros, descobrir suas qualidades e virtudes, falar-lhes nelas, mostrar sua atenção com relação aos seus problemas, etc., etc...

Esqueça um pouco a sua própria pessoa e você verá que o seu círculo de amizades não só aumentará, como contará com pessoas sinceras que saberão apreciar o seu interesse e a sua atenção. Cercada assim, você irá aos poucos adquirindo um pouco mais de confiança em si mesma, o que lhe trará tranquilidade e a certeza de que é estimada sem que exista a necessidade de alardear as suas próprias qualidades.

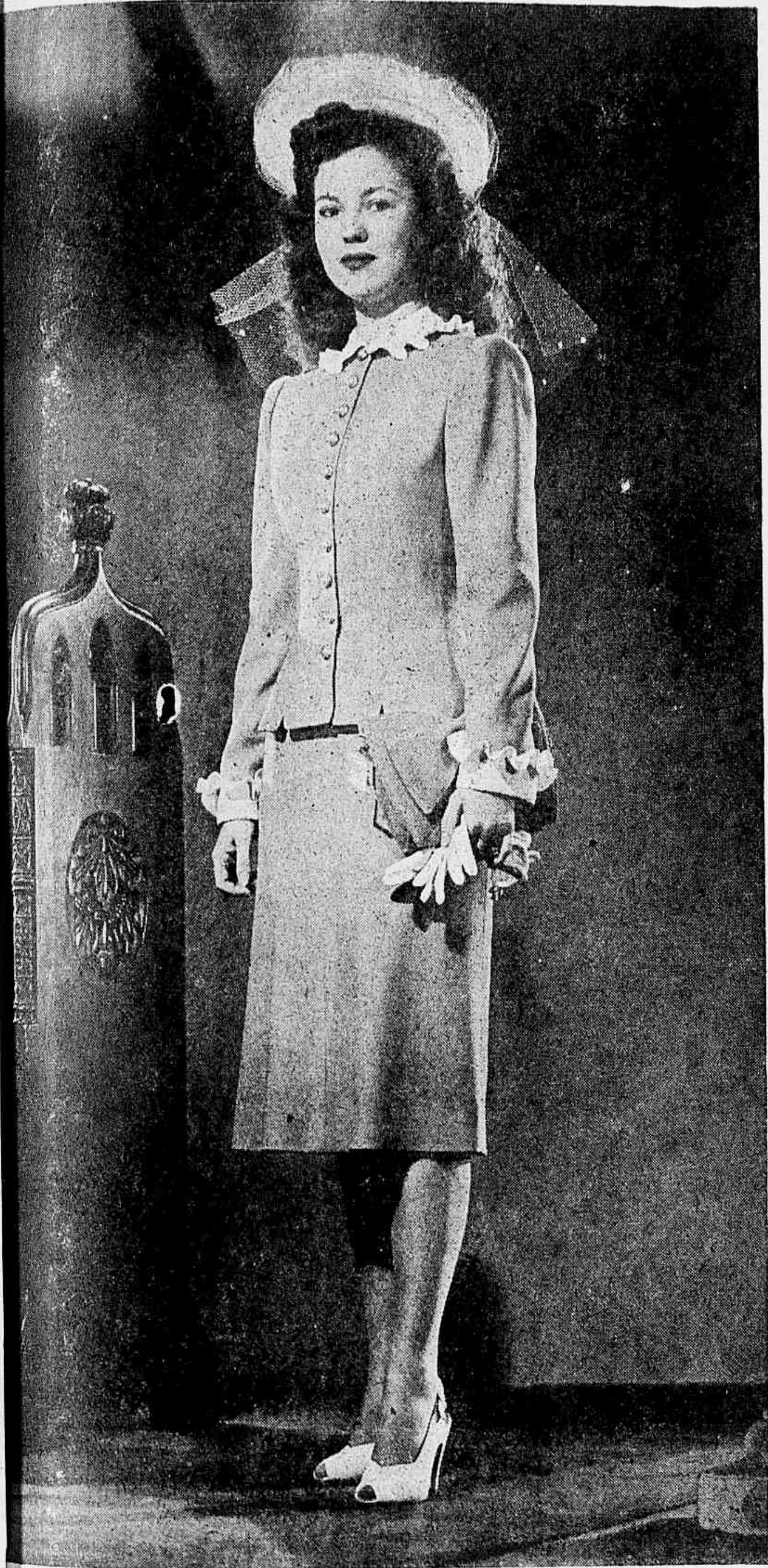
KITTY



O ETERNO

NO inverno ou no verão, ele não pode faltar ao guarda-roupa da mulher elegante. O "tailleur", quando bem cortado, veste bem e é uma "toilette" que se presta para qualquer oportunidade. Uma mulher de "tailleur" é sempre uma mulher elegante. Apresentamos algumas sugestões encantadoras que nos chegam de Hollywood: Da esquerda para a direita: Vejam a "linha"

dêsse "tailleur" de Jane Greer, "estrelinha" da RKO. Executado em casimira azul marinho com estreitas listas brancas, ele apresenta interessante trabalho na lapela e nos bolsos. Também o chapéu de Miss Greer deve merecer a atenção das nossas leitoras. Também as jovencinhas reconhecem a elegância do "tailleur". Aqui estão Ann Todd e Mary Eleanor Donahue, da MGM, e primeira



“TAILLEUR”

com “duas-peças” de xadrez marron e beige, todo fechado, com ombreiras originais e saia “godet”, com uma tira enfileirada da mesma fazenda. A segunda, usa um “tailleur” de lã beige, gracioso, com “machos” na saia. E ainda para mocinhas, Shirley Temple, da RKO, oxibe esse graciosíssimo “duas-peças” em lã cinza claro, todo abotoado na frente

com gola e punhos de piqué branco. Num gênero bem diferente, é este de Viveca Lindfors, a nova sueca que pretende conquistar Hollywood. O “tailleur” da “estrela” da Warner é executado em casemira cinza claro, tem o casaco largo, com bolsos assimétricos. Sem gola, é arrematado por um vistoso lenço de seda. Saia com “macho” na frente,





INVERNO



Na página ao lado: Três lindos modelos para os dias frios, que estamos atravessando presentemente. O primeiro em lã bege, com gola e bolsos guardados com peles. O segundo é um elegante "robe-manteaux" cinza-claro, manga três-quartos e finalmente um modelo em lã azul-claro, de talhe simples e elegante.



Nesta página, três outros lindos modelos são-nos apresentados. Da esquerda para a direita temos: costume em lã amarelo canário, gola e frente do casaco debruados com a própria fazenda desfiada. Saia ampla e bem franzida. A seguir, vestido em lã azul-marinho, pequena gola branca, saia com quatro pregas largas na frente. Finalmente um elegante modelo em lã verde, casaco três-quartos bem amplo, saia justa.



Está desfeito o segredo

QUEM poderia imaginar que este ano da graça de 1947 marcaria a fase revolucionária da música popular brasileira? Pois ela aí está em pleno desenvolvimento e poderá ser facilmente identificada. A sua maior vitória foi a "queda da Bastilha da Exclusividade em discos", depois do que as nossas melodias se infiltraram vitoriosamente no setor da produção conquistando, já, inúmeras matrizes... Antigamente, a propósito de uma determinada melodia gravada pelo Silvío Caldas, costumava-se ouvir nos balcões das lojas de discos: "Ah! se fosse cantada pelo Chico Alves, eu compraria, já, uns dez discos". O lojista ouvia silenciosamente a observação e devido à insistência com que ela era feita, na primeira oportunidade, indagava do fabricante: "Não seria possível gravar pelo Chico aquela música que o Silvío gravou?" E vinha a explicação. Não; não era, porque o Brasil não havia assinado tais e tais convenções. E a coisa ficava em segredo. Hoje, todo o Brasil anda cantando um grande samba assinado por Herivelto Martins e Marino Pinto. Chama-se "Segredo" e, por uma feliz coincidência, ele está desfazendo valentemente o segredo dos fabricantes, pois acabará sendo gravado por todos eles e, certamente, mais de uma vez, pois tornou-se um número obrigatório ao repertório de todos os nossos cantores, grandes e pequenos. Repitam os nossos compositores sucessos como esse, "Marina", "Nervos de Aço", "Escandalosa", "Copa-cabana", "Fracasso" e a nossa música popular jamais tornará a ceder o posto de honra às músicas de outras terras.

F. CORRÊA DA SILVA

SAY NO MORE

Fox de Benny Davis, Al Jolson e Harry Akst.

Say no more,
Kiss me and say no more;
My heart's been waiting for this
To come true,
Tho' it's cold December
and skies are gray;
Since you said you'd re-min,
It turned warm as May.
Your lovely eyes glow,
Tell me it's really so;
That's all I want to know,
Now life's complete.
I'm simple speechless, spellbound,
So carry away.
Darling, say no more
For there's no more to say

IT TAKES TIME

Fox de Arthur Korb

It takes time,
To get your gal to see the light;
It takes time,
It isn't always love at sight.
From the first little glance,
Till she's ready for romance;
Remember, little man,
It takes time!
It takes time,
To make the coffee percolate;
It takes time,
To get your gal to set the date.
From the first moonlight walk,
Till you get the baby talk;
Remember, little man,
It takes time!
Now, Rome wasn't built in a day,
They say,
Not to mention the Pyramids and Sphinx
It took old Rip Van Winkle
All of twenty years,
To squeeze the livin' daylight.
Out of forty winks.
It takes time,
To turn the winter into spring;
It takes time,
To get the dough to get the ring.
From the first little smile,
Till you're walking down the aisle;
Remember, little man,
It takes time!

ACERCATE MAS

Bolero de Oswaldo Farres

Oye, te estaba esperando,
Confiarte quería un secreto de amor,
Decirte bajito, bajito al oído
Muchas cosas lindas bien cerca de ti
Acercate más y más y más
Pero mucho más
Y besame así, así, así,
Como quieras tú
Pero besa pronto porque estoy su-
friendo
No lo estás tú viendo
Que lo estoy queriendo

Sin quererlo tú.
Acercate más y más y más
Pero mucho más
Y besame así, así, así,
Como quieras tú
Acaso pretendes a desesperarme
Ven por Dios a darme
Ese beso tuyo que te pido yo.

PECADO MORTAL

Valsa de Felisberto Martins e Torres Homem

Ha muito que eu não te via
Confesso que já esquecia
O que entre nós se passou
E ao te encontrar de repente
Sentí doer novamente
A cicatriz que ficou.
Hoje não resta mais nada
Percorremos toda estrada
Que o destino nos impoz
Sem encontrar na verdade
Aquela felicidade
Com que sonhamos os dias.

Rezam sabias escrituras
Que existe nas criaturas
O lado bom e o cruel
Eu acredito nos sabios
Porque se ha mel nos teus labios
No coração só tens fel.
Teu amor é flor de um dia
Tu amas a boemia
E's o pecado mortal.
Eu sofro por meu tormento
Pois sou por temperamento
Poeta, sentimental.

PERDON VIEJITA

Tango de José Antonio Saldías e Osvaldo Fresedo

Perdón viejita
única amiga
que me reciba
tu bendición
Yo me arrodillo
beso tus manos
y una y mil veces
pido perdón.

Yo estaba loca por aquel hombre;
yo lo quería con devoción.
Vos me decías — Tené cuidado...
Yo engegucé de pasión.
Aquella noche junté mis pilchas
Y sin decirte tampoco — adiós,
te abandonava viejita mia
para cambiarte por ese amor.

II (BIS)

Tuve el castigo porque cobarde
me dejó sola con su querer...
Y desde entonces con tu memoria
mi soledad acompañé.
Hoy vuelvo mamá, pa regalarte
dulces sonrisas en tu vejez...
Serás abuela... voy a pagarte
toda la pena que te causé...



ENLACE GOULART-CORREIA — Flagrante apanhado na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, por ocasião do enlace matrimonial da Senhorita Ercília Goulart com o Tenente Jonas Correia Neto.

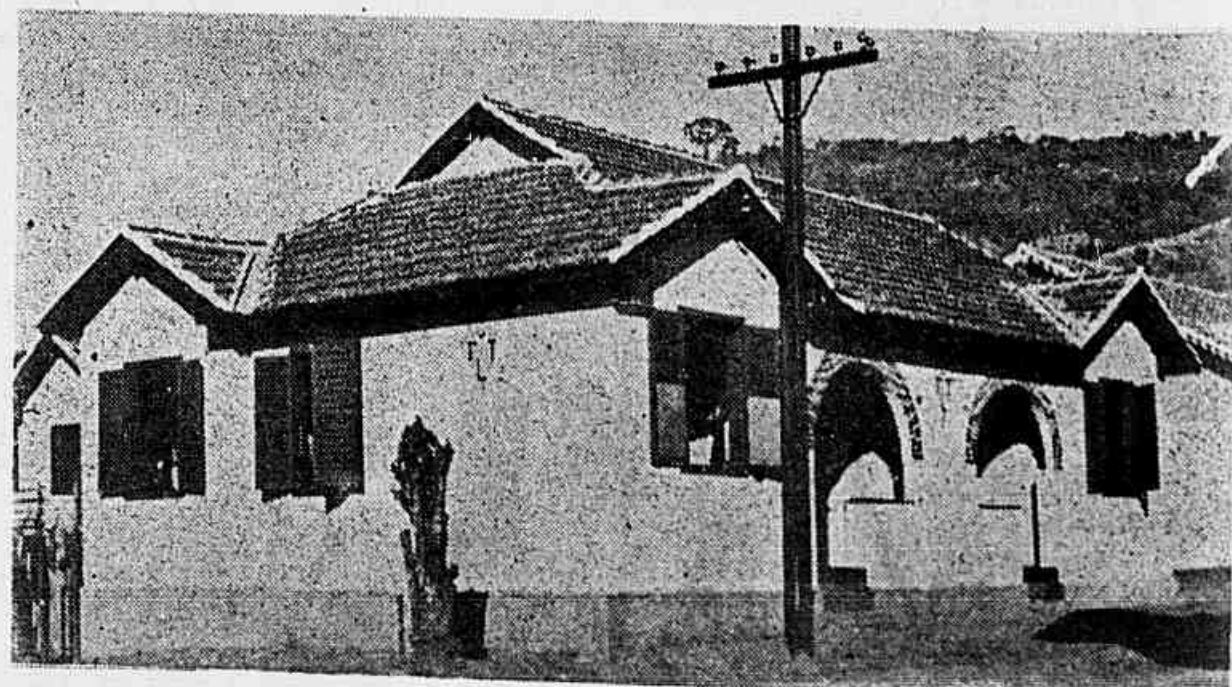
CREME DIVINO

Conteúdo: 200 gramas de açúcar; 30 gramas de gelatina branca; 2 copos de leite; 1 colher, das de sopa, de chocolate em pó; 1 colher, das de chá, de essência de baunilha.

Preparação: Põe-se um copo de leite em uma caçarola com a baunilha e leva-se ao fogo. Quando começar a ferver, retira-se e adiciona-se o chocolate, misturando-se bem. A parte, põe-se a gelatina em outra caçarola, com meio copo de água quente e leva-se ao fogo para derreter.

Em seguida, acrescenta-se o açúcar e,

logo que ferver, retira-se, passa-se por um guardanapo, mistura-se com o chocolate, adiciona-se-lhes o leite restante e depois de tudo completamente frio, despeja-se em uma fôrma e leva-se à geladeira.



A gravura acima reproduz um tipo de casa proletária, das que estão sendo construídas em Leopoldina, Minas Gerais, pela Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense. Desenvolvendo um largo programa de assistência social, a importante empresa já construiu mais de metade da Vila projetada para 200 casas, que são alugadas aos seus operários mediante a contribuição de 50 a 80 cruzeiros mensais, destinados à conservação e serviços de limpeza.

E ele contou uma história

(Continuação da pág. 58)

que não tinha sido, que era mentira do delegado que tinha raiva de não poder pegar o ladrão que carneava os seus carneiros finos só para tirar os pelécos. Foi o Bento, sim, quem fez essa semvergonhice para ele, prá lhe dar uma liçãozinha, prá lhe mostrar que era preciso muita tábica para pegar um homem que conhece tudo que é picada que há dentro desses matos que se estendem por aí, por esses campos, que sabe as grotas boas de se escender, para o delegado ver como é difícil prender um homem que é mais esperto que sorro velho.

E o delegado botou muita gente atrás do Bento. O pessoal se dividiu em turmas e saiu dali da encruzilhada do corredor que vai prá Santana, depois de ouvir as recomendações do delegado.

— Eu quero esse diabo vivo ou morto! Prometo que aquele que me trouxer o Bento não se arrepende! Eu juro que dou uma ponta de gadol!

E a peonada saiu a galope a bater matos e restingas, a se meter pelas grotas úmidas e escuras, a percorrer o litrapuitá de ponta a ponta, até que um dia deram com o rasto do Bento.

— Sim, moço. Onte de noite ele me carneou um terneiro aqui. Tava morrendo de fome, o coitado, e eu não pude negar nada prá ele. Ele botou o dinheiro em cima da mesa e me comprou o terneiro assim no mais. Ele tinha uma cara de ladrão, mas eu chego a pensar que não pode ser esse que vocês procuram. Um homem louco de fome faz tudo que é barbaridade. E' certo que ele entrou no rancho com uma cara de assassino, mas logo que viu o meu guri, esse aí que tá com dezesseis prá dezessete, fez um sorriso muito triste. Chegou a ficar bonito, palavral! Mas dava uma vontade da gente chorá vendo a cara que ele fez. Decerto é algum filho que ele tem...

— Prá onde é que ele foi?

— Agarrou o rumo de Rosário, mas eu acho que não é...

O pessoal não esperou mais. Saiu a galope, na ânsia talvez de conseguir a ponta de rezes do delegado. Cada um estava mais afobado que o outro. Eles bem sabiam que o homem andava por perto. Quando foi à noite, tinham viram um vulto cortando vento em direção a uma lomba e apertaram as esporas nas virilhas dos animais que já vinham cansados. Havião trocado de cavalo, mas também, um dia inteiro a galope e a trote, dá para re-bentar duas mudas de animal. E começaram então uma carreira desesperada. Um prá se livrar da morte e os outros para matar. Para encurtar o caminho deixaram um aramado frouxo e cortaram o campo em linha reta. Num alto, enxergaram um rancho pequeno, contra um mato meio cerrado. Alguns gritaram de satisfação, que na certa era aquele o refúgio do bandido. Desceram a lomba, num galope só. Dois rodaram dos cavalos e ali ficaram estendidos no chão, gemendo, que ninguém tinha tempo para acudir.

— Moça! Moça!

A gurisota que estava na beira do mato acudiu aos gritos do pessoal e veio se chegando, meio receiosa com o barulhão das patas dos retardatários.

— Que foi?

— Não chegou um homem aqui? Hoje? Agora de tardezinha?

A moça demorou um pouco a responder e antes dela abrir a boca dois ou três já haviam apeado e invadido o rancho numa busca desesperada. O rancho tinha duas pegadas e dentro delas não havia mais do que duas cadeiras e duas camas, uns arreios velhos e uma cômoda antiga. Eles estavam lá dentro quando o guri da turma, o João, que havia de ter uns dezesseis anos, chegou a galope, apeou do matungo suado num pulo e correu para o galpãozinho, passando rápido pela jovem que o fitava com susto.

— Moça! — gritou ela.

Ele se voltou. Sim! Havia qualquer coisa de familiar nesse rosto. Ela não sabia se eram os olhos ou a boca que achava conhecidos. Sua mãe... pobre mãe que se fôra para o fundo da terra, suspirando sempre pelo companheiro que saíra um dia do rancho e que nunca mais voltara. E o seu filho também... Havião sido mesmo suas últimas palavras: Joãozinho... Guapo... que era assim que ela chamava o marido. Mas nenhum dos dois apareceu para vê-la morrer e depositar-lhe um beijo entre os cabelos grisalhos.

— Que é?

Sim. Também a voz tinha inflexões conhecidas... Talvez ele fosse o seu irmão! E ao pensar nisso quase gritou: João! João!

O gurisote deu-lhe as costas e saiu a correr para o galpão. Ali não havia nada. Enquanto os outros batiam o mato, cortando trepadeiras retorcidas e enredadas, ele procurava por perto. Só de lembrar que poderia perder a ponta de gado do velho Manoel, ele esfriava. Por momentos passou-lhe pela mente a imagem da mocinha que estava na frente do rancho. Estranho! Parecia-lhe que ela

ia dizer alguma coisa e que depois, subitamente, resolvera silenciar.

Quando o gurisote se afastou um pouco do rancho encontrou os companheiros que vinham de volta, de mãos vazias, resmungando qualquer coisa.

— Nada feito!

— Isto ele se escondeu muito bem escondido!

— Não! Ele se escapou e agora vai longe!

— E'... fugiu mesmo... nem o rasto a gente pôde achar...

E tristes se dirigiram para os cavalos que ainda resfolegavam sob as árvores da frente do rancho esburacado.

Quando faltavam dois ou três para montar é que um negrinho surgiu e cochichou para o gurisote:

— Moço... ele tá ali no corralão!

Foi quanto bastou para o guri sair correndo para os fundos do rancho, agarrar uma lança que estava ao lado da carreta e começar a furar com golpes brutais o toldo de santa-fé.

De súbito um grito desesperado encheu a noite, um grito rouco de homem e depois um grito de mulher.

É O NOVO REFRIGERADOR

Linha de 1947

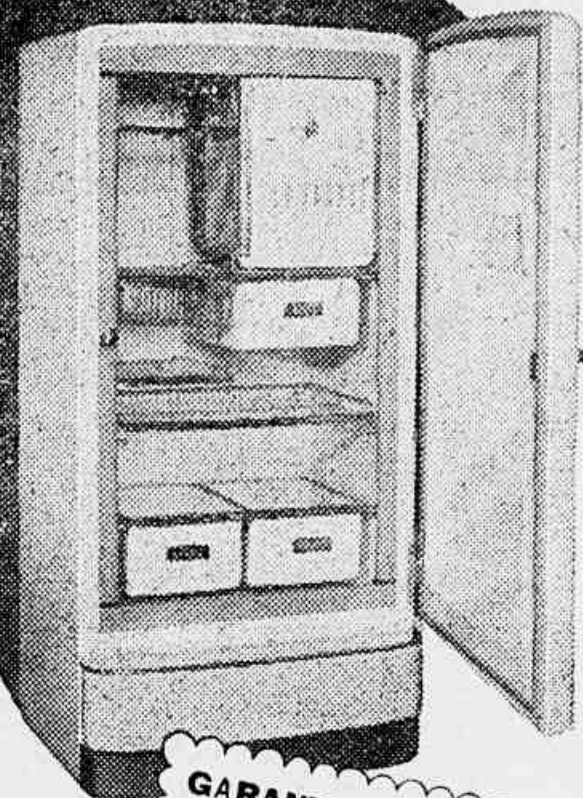


AINDA MAIS

EFICIENTE,

PRÁTICO E

ECONÔMICO!



GARANTIA DE 5 ANOS!

As comprar um Refrigerador G. E., certifique-se de que o está adquirindo de um de nossos Revendedores Autorizados, além de ter assegurada a compra pelo preço oficial, a assistência técnica e a garantia de 5 anos, cujo certificado somente pode ser emitido no Brasil, pela General Electric S. A.



No Modelo antigo...

No Modelo 1947... MAIS ESPAÇO APROVEITADO!

Os novos Refrigeradores G. E., modelo de 1947, são o resultado das pesquisas científicas e da superioridade técnica da General Electric. Mais aperfeiçoados, os Refrigeradores G. E. possuem uma capacidade de produzir gelo 3 vezes maior e são 2 vezes e meia mais econômicos! Os novos refrigeradores G. E., linha de 1947, vêm equipados com um super-evaporador, compartimentos para frutas, verdura, carne e mais uma série de aperfeiçoamentos que lhe proporcionam mais conforto, higiene e economia no lar!



Ouçã os "Festivals G. E." todas as 4as. feiras, a Rádio Nacional às 10,30 hs., em ondas médias (980 kcs.) e curtas (30.86 metros) e na Rádio Record de São Paulo no mesmo horário, às 6as. feiras, na frequência de 1.000 kcs. Um programa para todos os gostos!

8.191

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - RECIFE - SALVADOR - CURITIBA - PORTO ALEGRE

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA



Dominando a entrada do recinto da Exposição Agro-Pecuária, qual pórtico monumental, está o grande Pavilhão "General Eurico Dutra", construído pela Associação Rural de Leopoldina, com a cooperação do Governo Federal, esplêndida obra arquitetônica que hoje embeleza a importante cidade mineira da Zona da Mata. Não obstante haver sido o magnífico plantel de gado leiteiro exposto, o melhor e mais numeroso dos certames leopoldinenses, contribuindo inegavelmente para que a XI Exposição fôsse considerada a maior entre todas, a abertura do referido Pavilhão constituiu o grande motivo do enorme êxito social verificado.

XI EXPOSIÇÃO AGRO-

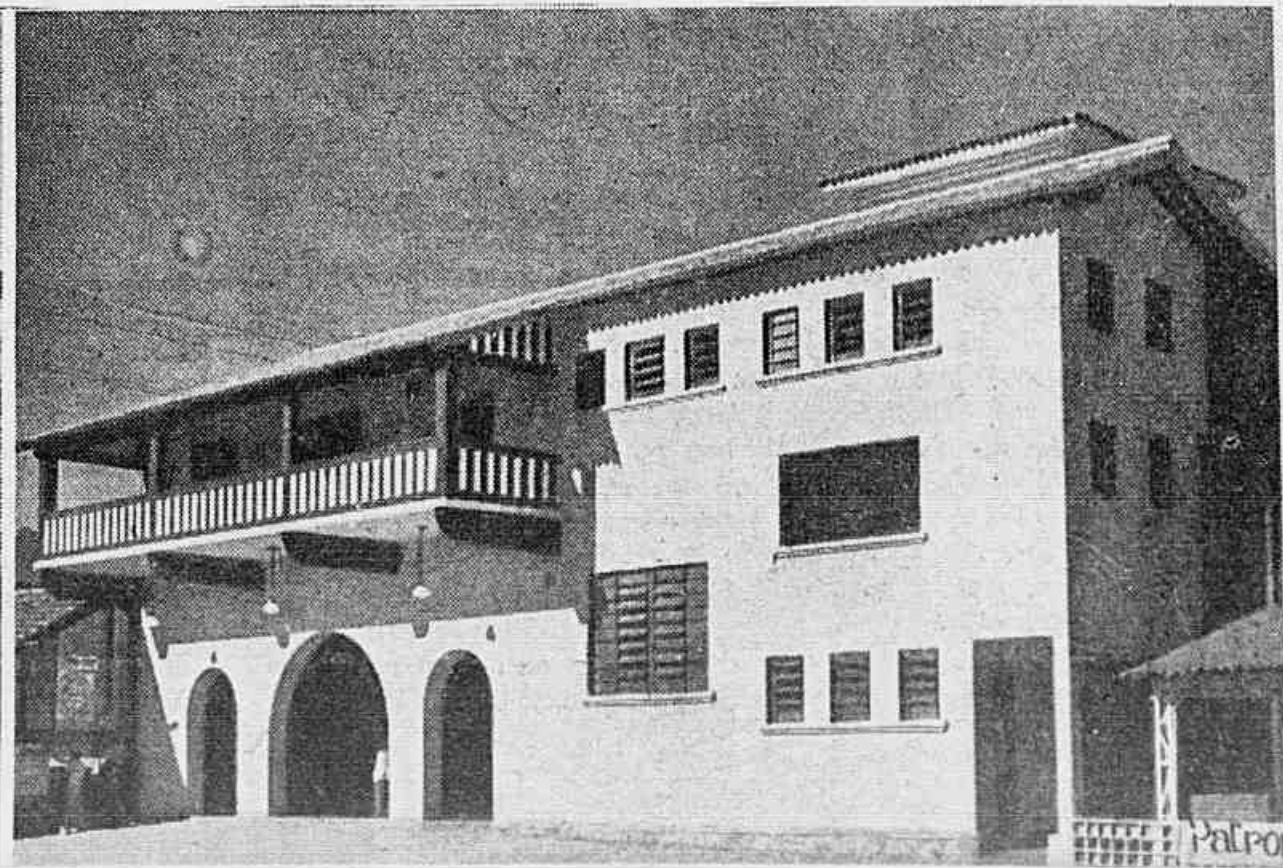
28 DE JUNHO A 6 DE JULHO, UM EPISÓDIO À PARTE — A XI EXPOSIÇÃO, PONTO ALTO NA HISTÓRIA DE LEOPOLDINA — O QUE HÁ DE MELHOR, NO BRASIL, EM GADO LEITEIRO — O PAVILHÃO "GENERAL EURICO DUTRA", "GREAT-ATTRACTION" — O MINISTRO DA AGRICULTURA E VÁRIOS SECRETÁRIOS DE ESTADO ABREM EXTENSA LISTA DE VISITANTES — UM CONCURSO DE

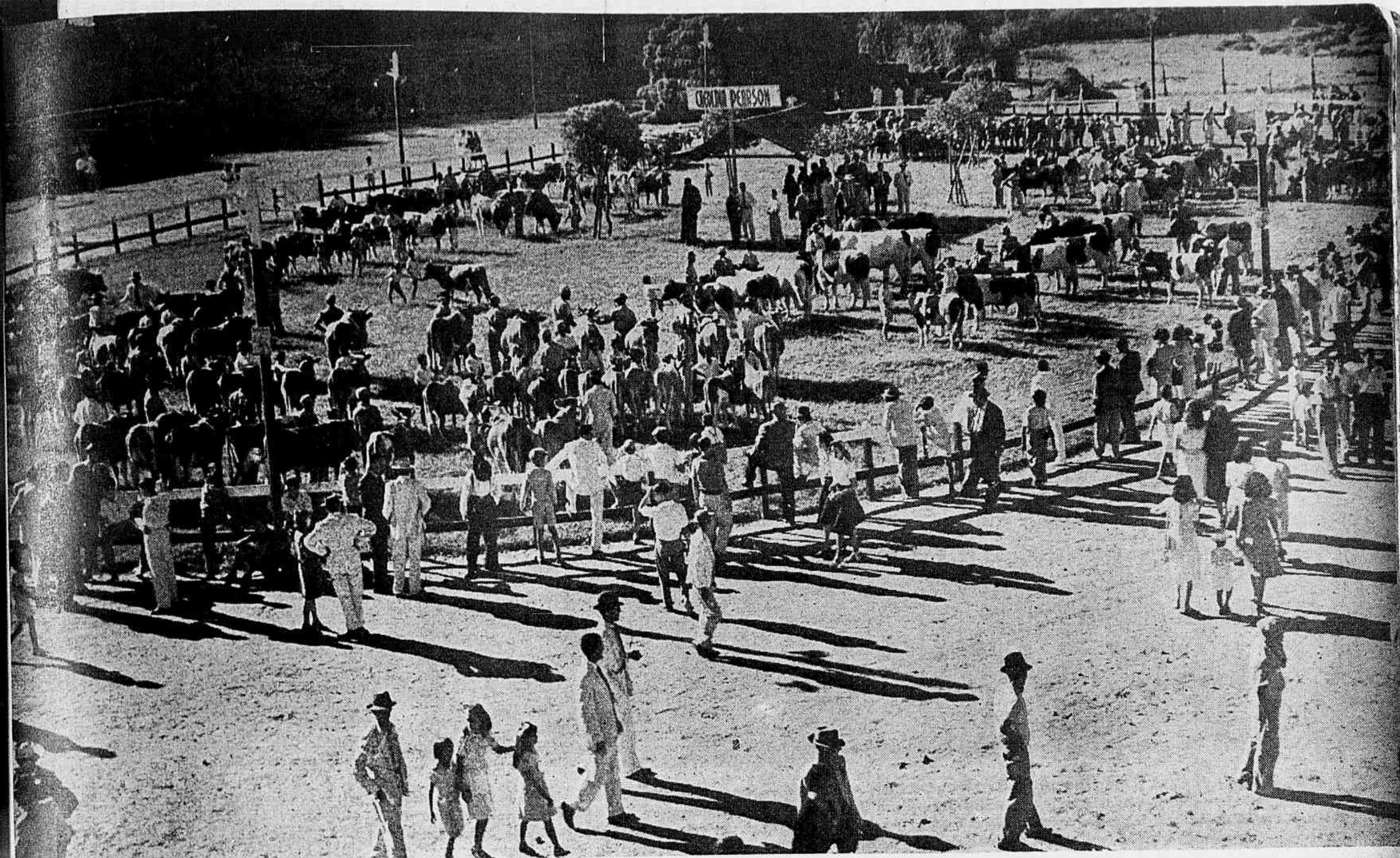
Na história das exposições leopoldinenses abriu-se agora um capítulo à parte com a realização da décima primeira mostra agro-pecuária, cujo transcurso, verificado entre 28 de junho e 6 de julho últimos, marcou o ápice de uma longa e espinhosa jornada empreendida através de várias gerações, devotadas sem tréguas nem desfalecimentos a uma obra de grandeza ilimitada,

dando a Minas e ao Brasil o exemplo de quanto podem o trabalho, o idealismo, a ambição de homens firmemente decididos a construir as bases de sua estabilidade econômica. Os troncos ilustres dos Junqueira, dos Reis, dos Botelho, dos Monteiro de Barros, dos Bastos, dos Andrade, dos Ribeiro e de todos os pioneiros que povoaram as ondulantes terras dadivosas e revolveram o eldorado



Em cima — À esquerda, o dr. Alkindar Junqueira, secretário da Agricultura de São Paulo, corta a fita simbólica, inaugurando a XI Exposição. À direita, o dr. Joaquim Ribeiro Junqueira proferindo o discurso inaugural do certame. Em baixo — À esquerda, o ministro Daniel de Carvalho descerrando a placa do Pavilhão "General Eurico Dutra", no ato de sua inauguração. Ao centro, a parte posterior do belo edifício, que dá para o recinto da Exposição. A seguir, o titular da Agricultura falando na cerimônia inaugural do Pavilhão "General Eurico Dutra", tendo à direita o deputado Luís Maranhã e à esquerda o dr. Mário Teles, chefe do Fomento da Produção Animal, o sr. José Ribeiro dos Reis, presidente da Associação Rural de Leopoldina, e o sr. Gratuliano Brito, diretor deste periódico.





Ao alto: Majestoso aspecto do picadeiro da Exposição, tirado da varanda do grande Pavilhão da entrada. Em baixo: Alguns membros das Comissões Julgadoras posam em companhia do sr. Antenor Ribeiro dos Reis, proprietário da Fazenda Bom Destino, o primeiro a contar da esquerda entre os que estão sentados, seguindo-se na mesma ordem o sr. João Freirech, os drs. Rômulo Joviano, presidente das Comissões, Thomas Heath Dalton e Geraldo Gonçalves Carneiro. De pé, no mesmo sentido, o estudante de agronomia, Roberto Joviano, os drs. José Maria da Silva, José Leão, João Cristóvão Pinho, Ruy Alves de Araujo, David Hadler, Clovis Junqueira Bastos, o funcionário de secretaria Francisco Xavier e o dr. José de Paula.

PECUÁRIA DE LEOPOLDINA

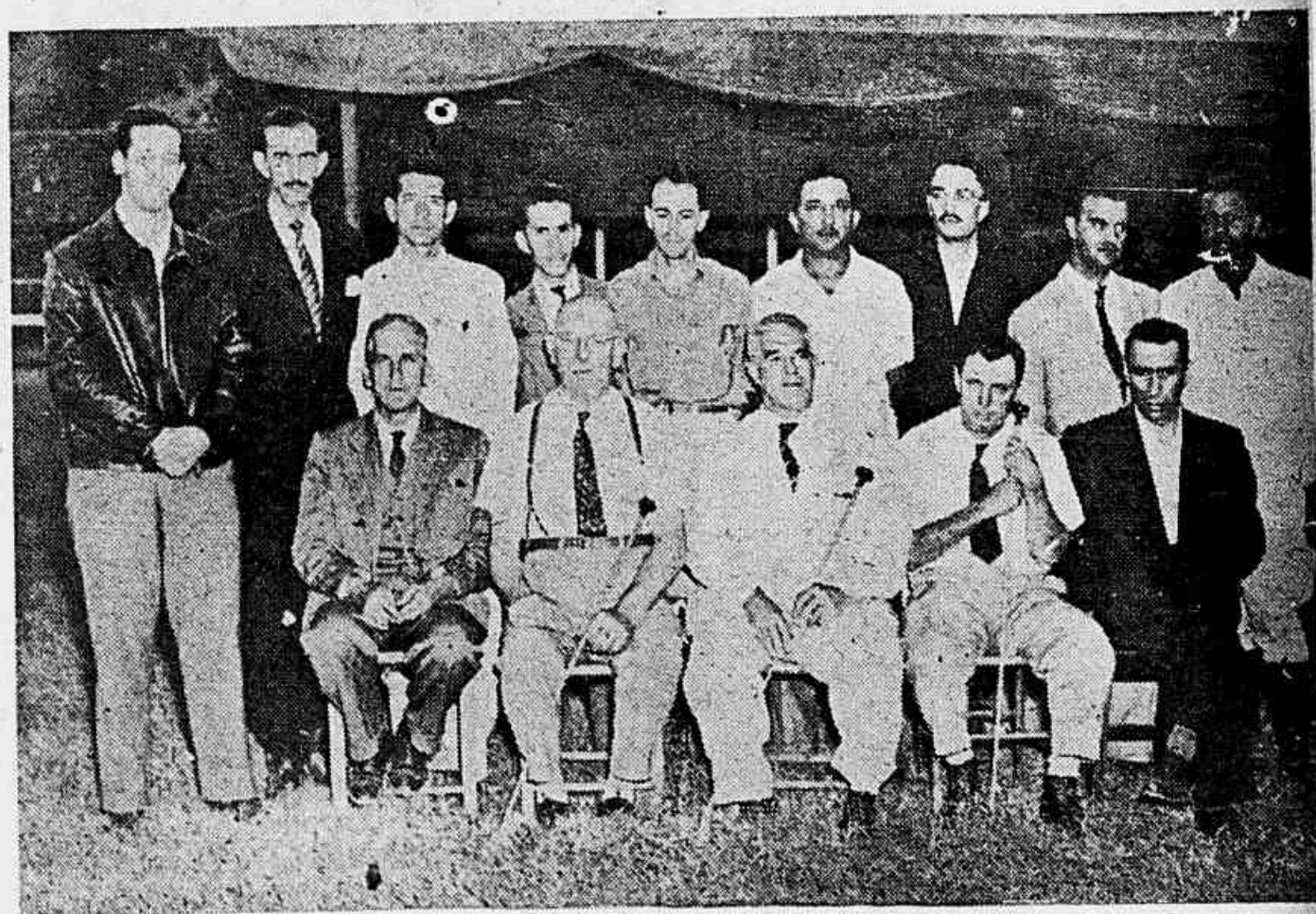
VACAS LEITEIRAS QUE EMPOLGA A CIDADE — O MINISTRO DANIEL DE CARVALHO RECEBE ORIGINAL HOMENAGEM DOS CRIADORES DE GADO GUERNSEY — A MAGNIFICÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES BOVINAS, EQUINAS E AGRÁRIAS — DESFILAM OS CAMPEÕES LEOPOLDINENSES.

Reportagem de ADALBERTO MENDES

das matas virgens ao impulso do braço vigoroso, fundem-se hoje na argamassa do pedestal em que se apoia esse monumento de soberbas proporções, o certame agro-pecuário que já rompeu as comportas do âmbito regional, projetando pelo Brasil inteiro a sua justa fama, retrato que é, de corpo inteiro, do maior praque nacional de criação de raças leiteiras.

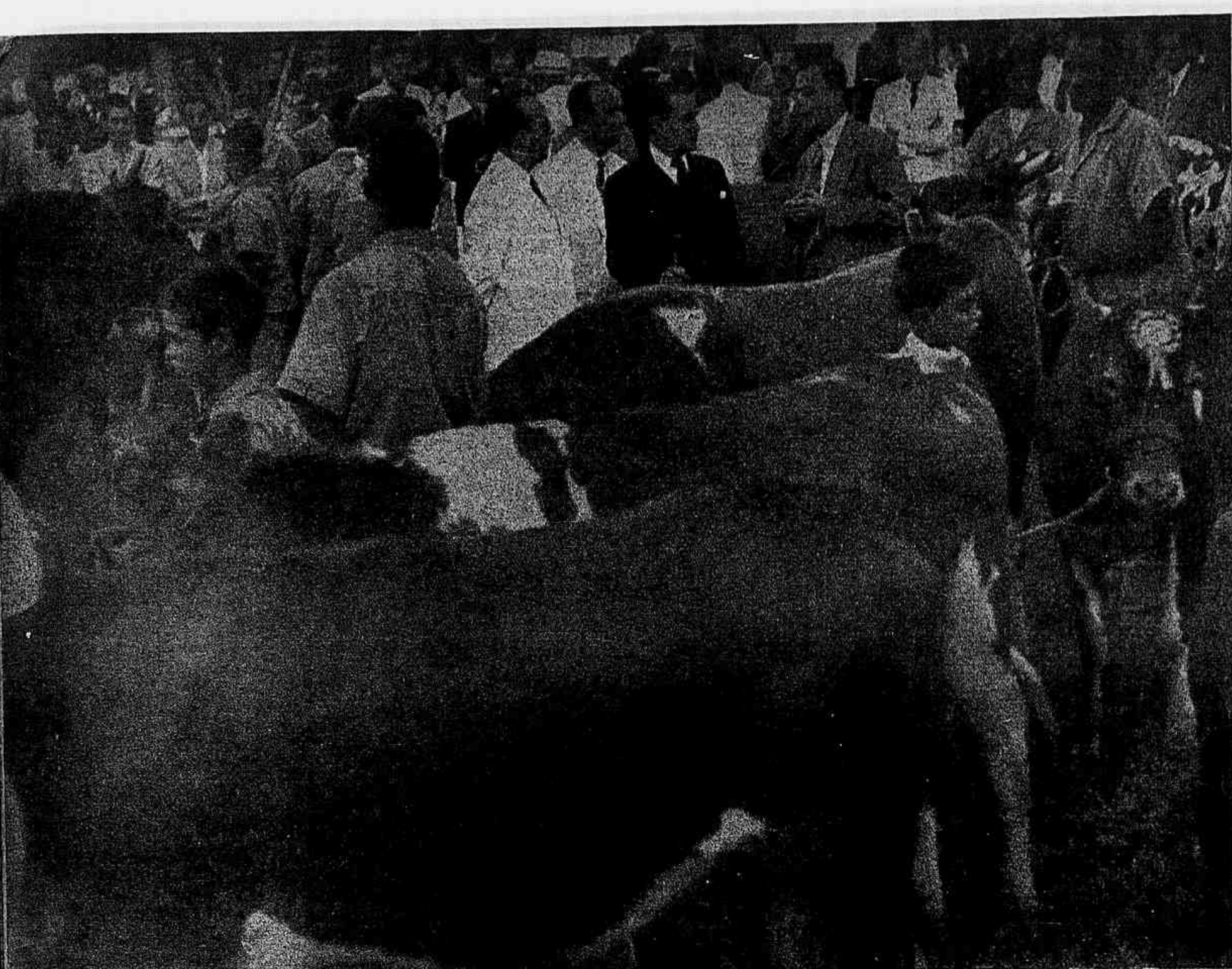
No capítulo que vem de ser gravado

com letras de ouro, Leopoldina 'e', entre todas, a sua maior exibição de riqueza e de operosidade, coroando com a inauguração do Pavilhão "General Eurico Dutra" a tarefa concluída pelos seus dedicados filhos. Ali estava, na imponência daquelas instalações, na beleza dos rebanhos de fina linhagem, na coloração e robustez dos frutos e das sementes, no jubilo dos seus homens e no sor-



Em baixo — À esquerda, o dr. Américo René Gianetti, secretário da Agricultura de Minas Gerais, plantando um exemplar de coqueiro anão no recinto da Exposição. Ao centro, aquele alta autoridade do Governo mineiro, recebendo do dr. Rômulo Joviano, chefe da Inspeção Federal de Pedro Leopoldo, informações sobre os espécimes expostos. À direita, uma das mais ilustres visitantes da Exposição, a sra. Christiana Villela Junqueira, viúva do sr. Gabriel de Andrade Junqueira, fez evocar nos presentes a conquista do campeonato leiteiro da Zona da Mata, por ela vencido em 1917 com uma vaca da raça Schwyz, de sua Fazenda Mato Dentro, hoje pertencente ao seu genro, sr. José Ribeiro dos Reis, agora vencedor em Leopoldina, por três anos consecutivos, desse disputado concurso. À esquerda da veneranda anfitriã está sua irmã, sra. Honorina Villela Teixeira, grande fazendeira em Além Paraíba.





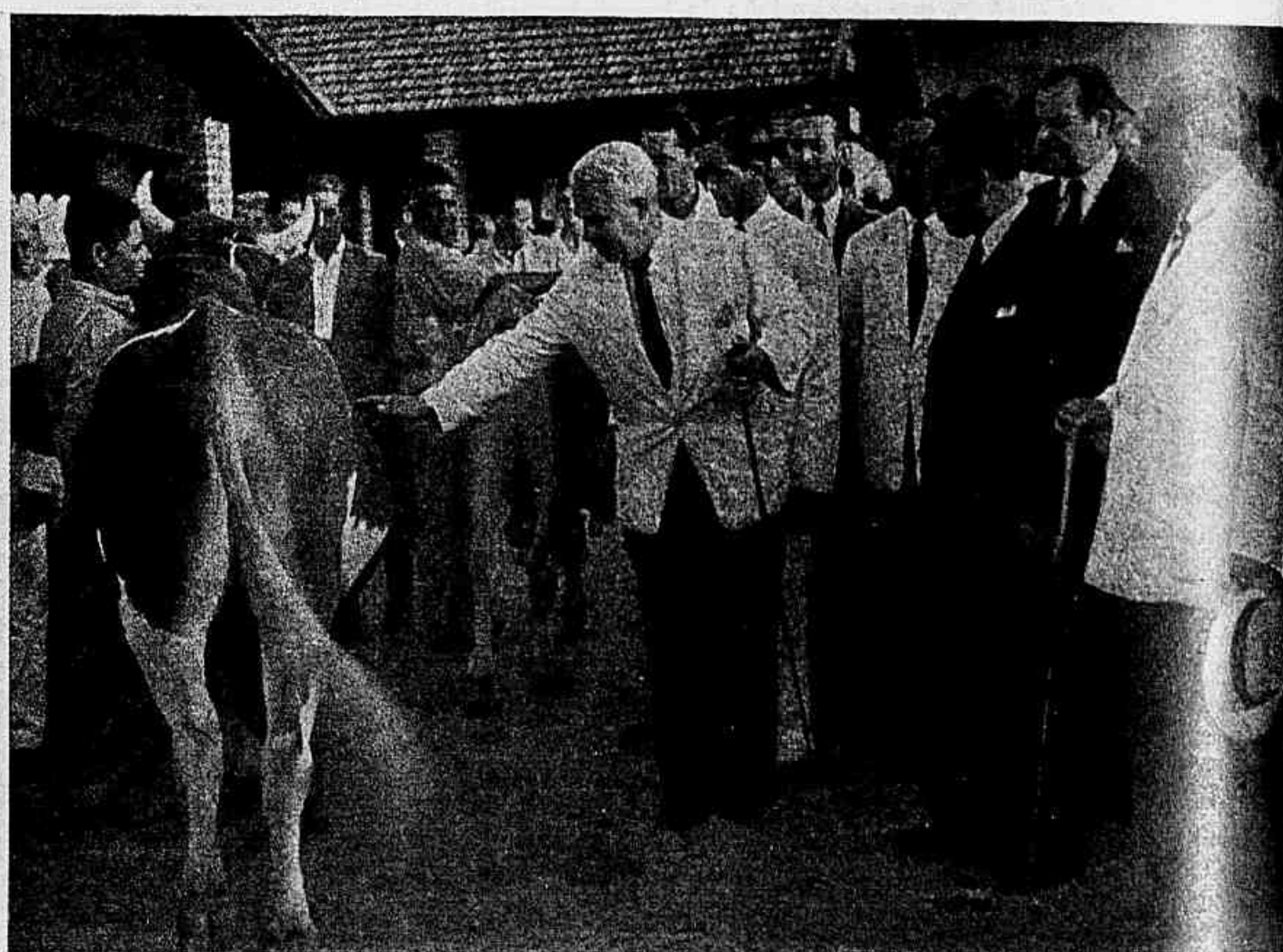
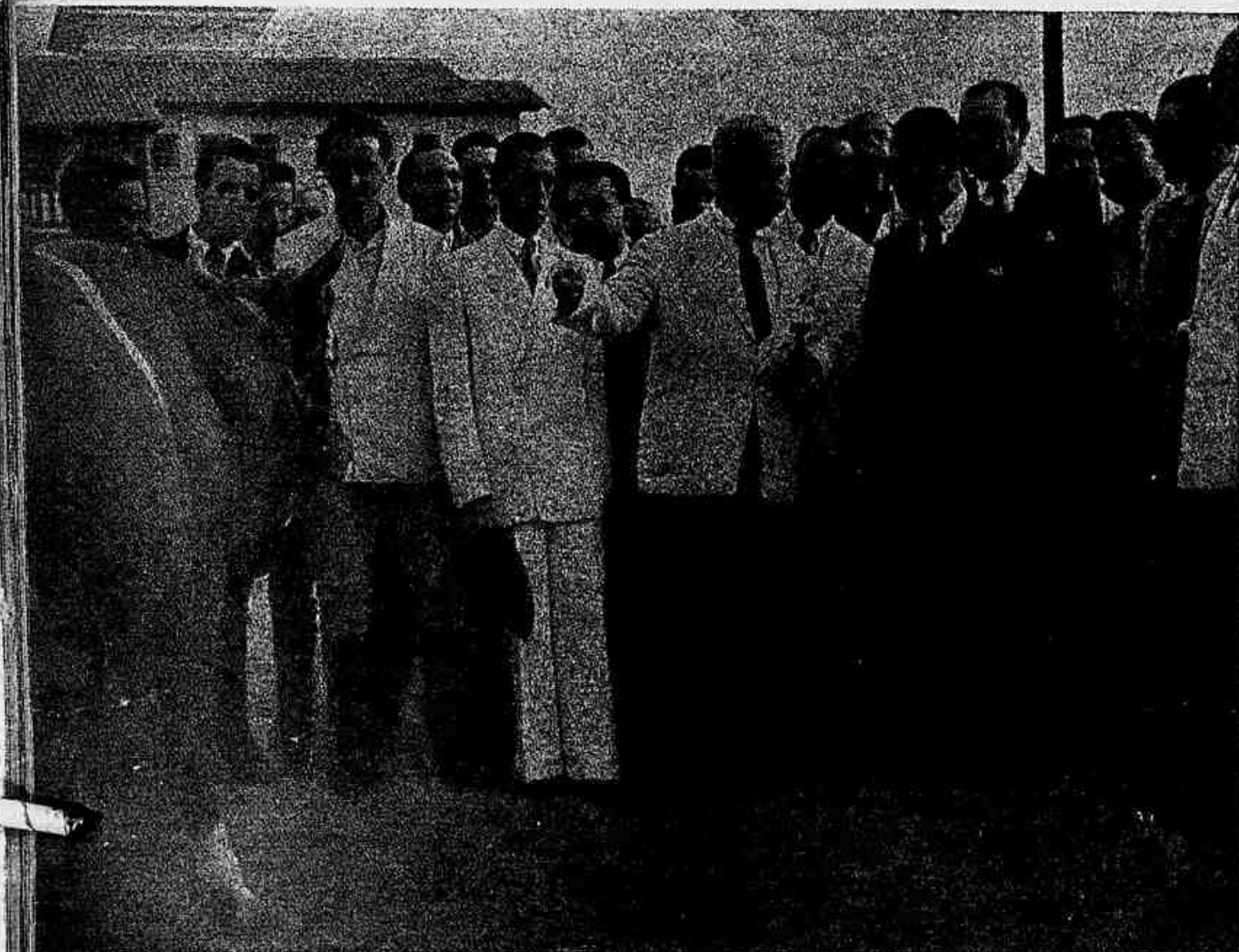
O ministro Daniel de Carvalho recebeu expressiva homenagem dos criadores de gado da raça Guernsey, em virtude de ter sido reconhecida oficialmente pelo Governo Federal a Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey, com sede em Leopoldina, para o qual a. s. contribuiu decisivamente. Na gravura, vemos o titular da Agricultura cercado de animais Guernsey, recebendo esclarecimentos do dr. Haroldo Junqueira, presidente daquela Associação, sobre a criação dessa afamada espécie leiteira.

riso das suas mulheres, na alegria despreocupada dos seus jovens e no alvoroço das suas crianças, a consagração mesma do esplendor atual da antiga e pequenina povoação de Feijão Crú, hoje vivendo na plenitude de suas forças físicas e morais e na pujança de uma invejável maioria econômica.

Jamais Leopoldina reuniu na sua Exposição Agro-Pecuária amostras de maior vulto em quantidade e em qualidade. Regorgitaram os pavilhões destinados às representações bovinas, onde, como sempre, dominaram as espécies leiteiras da região, belíssimos lotes das raças Holandesas, Guernsey, Schwyz, Jersey e Simmental; luziram as baías de garbosos espécimes Campolina e Mangalarga os numerosos produtos agrícolas mais uma vez atestaram, pela sua excelência a exuberância da terra. Foi uma autêntica "big-parade" que se desdobrou ante os olhos maravilhados de quantos visitaram a importante cidade naqueles movimentados dias.

★

No setor da pecuária mais um notável êxito foi registrado. Os pecuaristas locais, verdadeiros campeões da criação nacional, desfilaram com os destacados representantes da "élevage" leopoldinense numa parada de valores difícil de ser igualada no que se refere às raças leiteiras, já pelo número de animais exibidos, já pelos atributos de alta linhagem e uniformidade de tipos que apresentaram, estabelecendo difíceis confrontos no julgamento do melhor entre os melhores. Ainda nesta seção, a XI Exposição proporcionou a nota emocionante de um sensacional concurso de produção de leite, empolgando não somente as partes diretamente interessadas

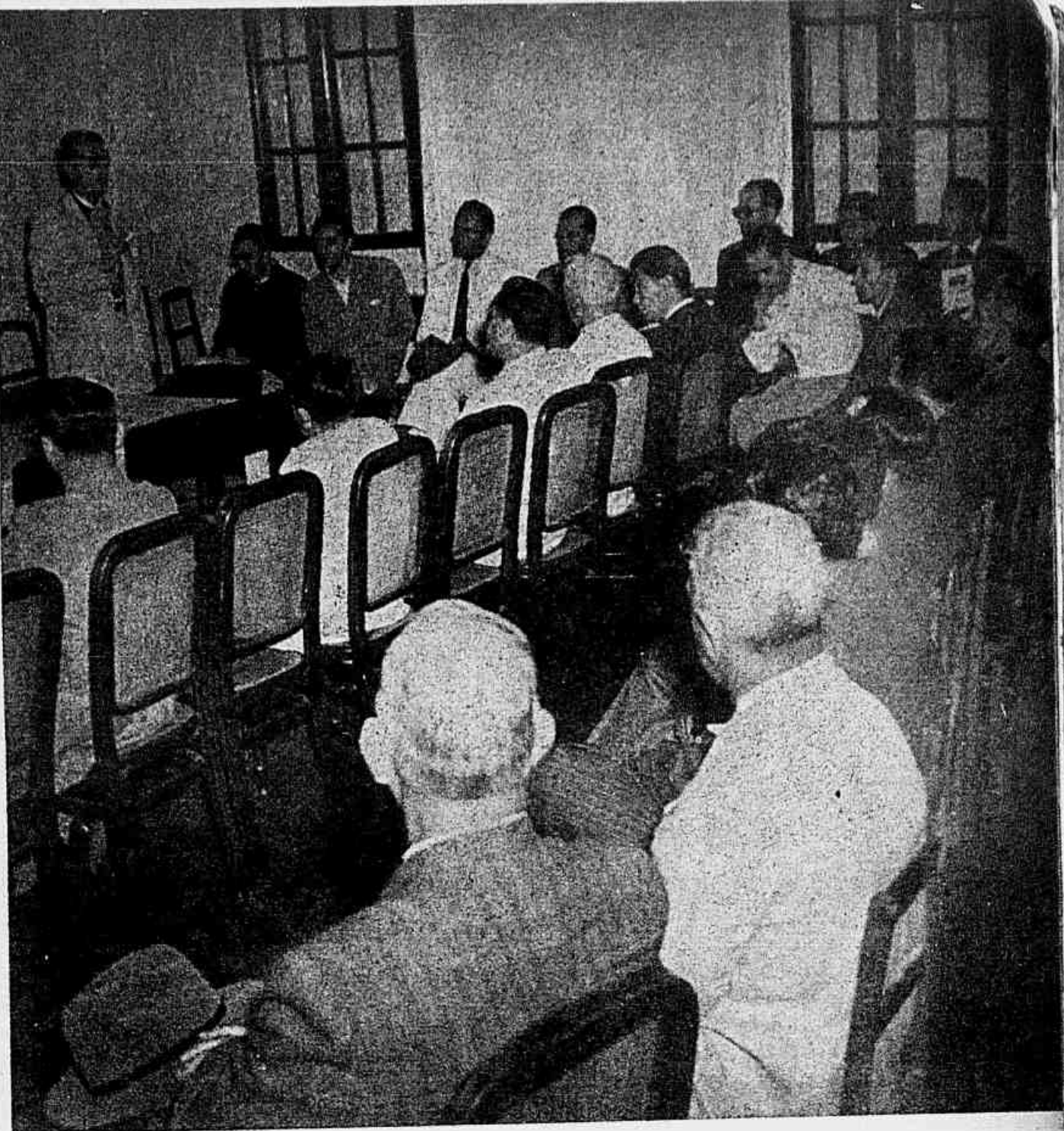


O ministro Daniel de Carvalho, acompanhado do dr. Mario Teles, diretor do Fomento da Produção Animal do Ministério da Agricultura, e pessoas de sua comitiva, apreciando os animais "Abaiba-Guri" (à esquerda) e "Belmonte-Cherburgo", respectivamente Campeão e Reservado-Campeão da raça Guernsey na XI Exposição, magníficos espécimes nascidos e criados nos campos leopoldinenses, o primeiro da Fazenda Abaiba e o segundo da Fazenda Belmonte. O dr. Rômulo Joviano, alto funcionário daquele Ministério, vê-se em ambas as fotos prestando informes ao Ministro. Em baixo — Outra fase da homenagem dos criadores de Guernsey ao sr. Daniel de Carvalho, quando a. s. penetrava no recinto da Exposição entre alas formadas por animais dessa raça, numa homenagem sem rúvida original, que teve o escopo de mostrar a a. s. o grão de adeantamento da criação Guernsey em Minas.



no seu desfecho mas, a bem dizer, toda a cidade de Leopoldina. É que no mesmo se achavam empenhadas duas figuras das mais ilustres e queridas de todos, os irmãos José e Antenor Ribeiro dos Reis, criadores conscientes e apaixonados pelos seus rebanhos. E se os cuidados e as vigílias verdadeiramente paternas de José Ribeiro dos Reis conseguiram levar à vitória a sua valorosa "Miltonia-Pietje", as esperanças desfeitas de Antenor Ribeiro dos Reis foram coroadas com o brilho com que a sua não menos meritória "Onix Cacheada" sustentou a dura refrega, enfrentando galhardamente uma certa "malícia secreta" tão famosa em Leopoldina. A diferença, aliás, de 120 gramas entre as duas concorrentes, apurada no final do eletrizante cotejo, ecoou como uma justa recompensa aos esforços daqueles dois expoentes da criação leopoldinense.

Mencionamos aqui os expositores que mais se distinguiram, conquistando campeonatos e primeiros prêmios. Na raça Holandesa: a Fazenda Mato Dentro, de



O ministro Daniel de Carvalho falando na entrega dos prêmios aos expositores vitoriosos e aos tratadores que mais se distinguiram nas suas tarefas, assim como aos agricultores cujos produtos obtiveram classificação. À direita — Durante o funcionamento da Exposição realizou-se uma semana ruralista, constante de aulas teóricas e práticas dadas por técnicos especializados. Essas aulas tiveram sempre muita concorrência, reunindo grande número de criadores e agricultores interessados na aquisição de maiores conhecimentos para a melhoria dos seus parques agrícolas e pecuários. Na foto, o dr. José Leão, técnico da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, proferindo interessante palestra sobre a Raça dos Animais.



À esquerda — O dr. Arthur Oberlaender Tibau, secretário da Agricultura do Estado do Rio, apreciando um belo exemplar da raça Holandesa Vermelho e Branco, o touro "Candente de S. Joaquim", Reservado-Campeão. O titular fluminense, o segundo a contar da esquerda — João Frerisch e os drs. Thomas Heath Dalton e Maurício Ribeiro Gomes. Esses julgamentos constituem uma das passagens mais interessantes e instrutivas das exposições regionais. Em baixo — Entre os numerosos visitantes da XI Exposição esteve um grupo de jovens bandeirantes desta Capital, que a foto reproduz, composto das srts. Marilú Prado, Eloisa, Aileen e Maria Sabóia, Wilma Figueira, Maria Neide Guedes, Ilka Junqueira Bastos e Doris Neil.

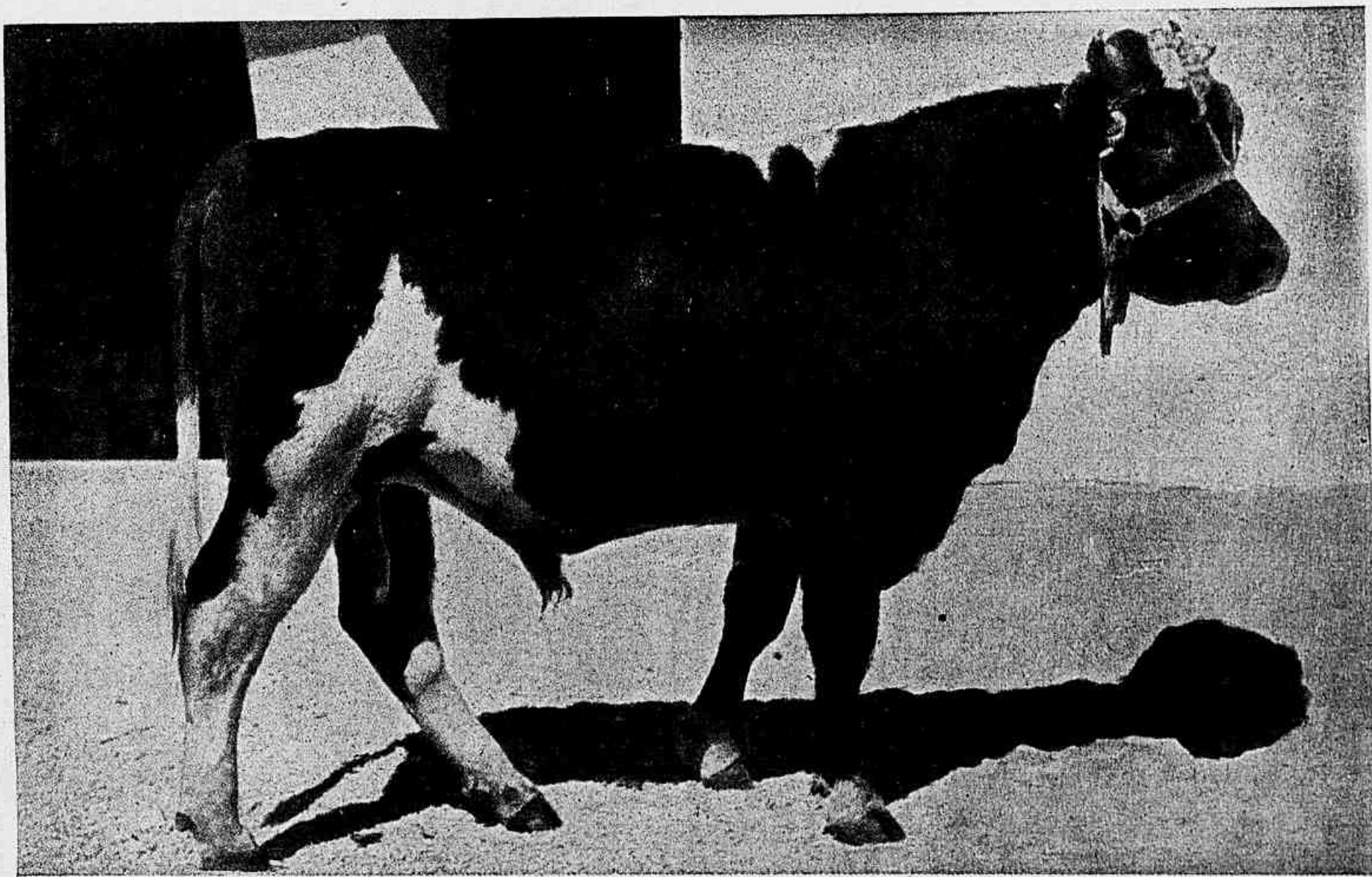
José Ribeiro dos Reis, com o Campeão e o Reservado-Campeão da variedade Vermelha e Branca, os touros "Brioso-Arapoçy de S. Joaquim" e "Candente de S. Joaquim", "Miltonia-Pietje", Campeã de Produção de Leite, os Grupos Campeões da Raça formados pelos animais "Miltonia-Facundo, Astucia, Riga, Rumba, Coquita e Jangada" (Preta e Branca) e "Brioso-Arapoçy de S. Joaquim", "Candente de S. Joaquim", "Miltonia-Motuca e Ema III" (Vermelha e Branca), e 1.º lugar em Grupo de Família com os animais "Miltonia-Coquita, Uttinga, Riga e Tiriva" (Preta e Branca), e mais quatro primeiros prêmios: a Fazenda São Manoel, de José Pedro Ribeiro Junqueira, com o Campeão da variedade Preta e Branca, o touro "Serraria-Caxias" e um 1.º prêmio; a Fazenda dois Irmãos, de João Junqueira de Andrade, com o Reservado-Campeão Preto e Branco, o touro "Dois Irmãos-Flamengo", a Campeã dos Concursos de Fertilidade e Longevidade, a vaca "Tresilhas-

Traviata", e dois primeiros prêmios; a Fazenda Bom Destino, de Antenor Ribeiro dos Reis, com a Vice-Campeã de Produção de Leite, a vaca "Onix-Cacheada", e quatro primeiros prêmios; a Fazenda Vitória, de Jonathas Ferreira de Toledo, com seis primeiros prêmios; a Fazenda Limoeiro, de Alvaro Botelho Junqueira, com dois primeiros prêmios; a Fazenda Luziana, de Francisco Theodoro Junqueira e Filhos, com o 1.º lugar em Produção de Leite para novilhas de porte médio (1.ª cria), e dois primeiros prêmios; a Fazenda Albion, de José Francisco Ribeiro dos Reis, com o Campeão do Concurso de Fertilidade, o touro "Onix-Mex", e um primeiro prêmio; a Fazenda Pedra Branca, de José Newton Reis Junqueira, com um primeiro prêmio; a Fazenda Cruz Alta, de Herdeiros de Marco Aurélio Menteiro de Barros com a Campeã do concurso de matéria gorda, a vaca "Cruzalta-Alvorada" e o grupo Campeão do mesmo concurso e um primeiro prêmio, e a Fazende-





O sr. José Ribeiro dos Reis, proprietário da vaca "Miltonia-Pietje", vencedora do Concurso de Vacas Leiteiras, ofereceu uma "champagne" comemorativa desse brilhante feito da representante de sua Fazenda Mato Dentro. A gravura à esquerda, focaliza um momento dessa encantadora reunião, justamente no instante em que o dr. Ormeo Junqueira Botelho levanta um alegre brinde ao sr. José Ribeiro dos Reis, que está à esquerda do orador, seguido-se na mesma ordem seu irmão Antônio Ribeiro dos Reis Filho, seu venerando progenitor Cel. Antônio Ribeiro dos Reis, um dos vanguardários da criação de raças leiteiras em Leopoldina, e outro irmão do ofertante, o sr. Antenor Ribeiro dos Reis. À direita — O sr. José Ribeiro dos Reis posa para a "REVISTA DA SEMANA", tendo ao lado sua exma. senhora, d. Maria Helena Reis e três de seus filhos, cercados de numerosos amigos que compartilhavam do seu grande júbilo de haver conquistado pela terceira vez consecutiva o campeonato de produção de leite (1945, 1946 e 1947).



da Floresta, de Marina e Helena Reis Junqueira, com um primeiro prêmio. Na raça Guernsey, a Fazenda Abaiba, de Fazenda Abaiba S. A., com o Campeão da Raça, o touro "Abaiba Guri" e dois primeiros prêmios; a fazenda Belmonte, de Neder Calil, com o Reservado-Campeão da Raça, o touro "Belmonte-Cherburgo", e dois primeiros; a Fazenda Corrego do Feijão, de Joaquim C. Ribeiro Junqueira, com um primeiro prêmio; a Fazenda Santo Antônio, de Irmãos Junqueira Botelho, com três primeiros prêmios, e a Fazenda Espírito Santo, com um primeiro prêmio. Na raça Schwyz: a Chácara João Lourenço, de Antônio Bastos Freire, com a Campeã da Raça, a vaca "Bidú" e três primeiros prêmios; a Fazenda Nova Floresta, de Christiano Junqueira Ferraz, com a Reservada-Campeã da Raça, a vaca "Clarinha II", e um primeiro prêmio; a Fazenda Ipororó, de Bastos & Filhos, com dois primeiros prêmios; a Fazenda Cruz Alta, de Herdeiros de Marco Aurélio Monteiro de Barros, com um primeiro prêmio. Na raça Jersey: a Fazenda Passa Tempo, de Alceu Junqueira Ferraz, com o Campeão da Raça, o touro "Ivo de Jacarepaguá", e dois primeiros prêmios; a Fazenda Taboleira, de Oswaldo Cristovão Vieira, com a Campeã da Raça, a vaca "Carolina"; a Fazenda Santa Amélia, de Antônio Reis Junqueira, com dois primeiros prêmios, e a Fazenda Independência, de Romay Barbosa Rezende, com um primeiro prêmio. Na raça Simental: a Fazenda Niagara, de Fazenda Niagara S. A., com a Campeã e a Reservada-Campeã, as vacas "Niagara-Baleia" e "Niagara-Princesa" e um primeiro prêmio. Na raça Gir: a Fazenda São Sebastião, de Alvaro Corrêa Lima, com a Campeã da

À esquerda — Ao alto, o touro "Briseo-Arapoggy de S. Joaquim", Campeão da raça Holandesa Vermelho e Branco. Para de Pedigree. Exposto pelo sr. José Ribeiro dos Reis, Fazenda Mato Dentro, Vila Abaiba. Este magnífico reprodutor foi adquirido pelo sr. Antenor Ribeiro dos Reis, Fazenda Bom Destino, Providência. Em baixo, o momento culminante do Concurso de Vacas Leiteiras, quando o sr. José Ribeiro dos Reis, proprietário da vencedora, depositava na balança a última "Linha" de sua vaca "Miltonia-Pietje", justamente a que lhe deu o triunfo, descontando a vantagem que até então levava a primeira colocada, a vaca "Onyx-Cacheada", e vencendo afinal pela diferença de 120 gramas o sensacional concurso.

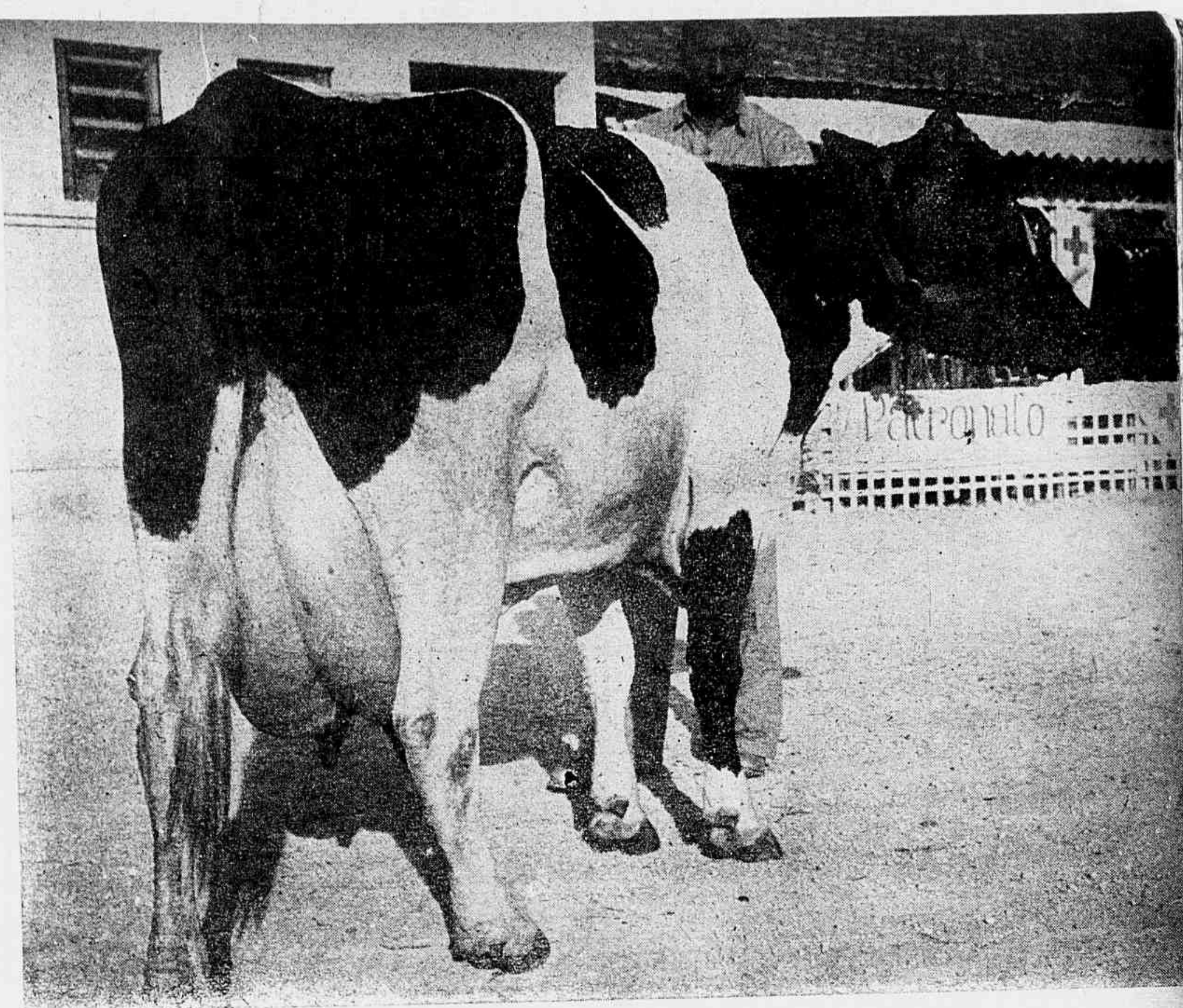
Raça, a vaca "Itaipava", e a Fazenda Bela Aurora, com um primeiro prêmio. Na raça Nelore: Manoel de Oliveira Prata, com dois primeiros prêmios. Na raça Mangalarga: a Fazenda Limoeira, de Alvaro Botelho Junqueira, com o Campeão, o cavalo "Bonus II"; a Fazenda S. José, de Antônio Ribeiro dos Reis Filho, com a Campeã, a égua "Surpresa", e o primeiro lugar no Conjunto da Raça, com os animais "Surpresa", "Sargento" e "Oriente"; a Fazenda Espírito Santo, de José Amaral Franco, com o Reservado-Campeão, o cavalo "Itaque"; a Fazenda Pedra Branca, de José Newton Reis Junqueira, com um primeiro prêmio, e a Fazenda Triunfo, de Milton Junqueira Vilela, com um primeiro prêmio. Na raça Campolina: a Fazenda Conceição, de Justino Luiz Alves Pereira, com dois primeiros prêmios.

Do município de Carangola, que pela primeira vez se fez representar na Exposição de Leopoldina, destacaram-se a Granja Regina, de Jonas Esteves Marques, com dois primeiros prêmios na raça Holandesa Preta e Branca, e a Fazenda Alvorada, de José Larveir Esteves, com um primeiro prêmio, considerada a melhor fêmea 3/4 da raça Guernsey.

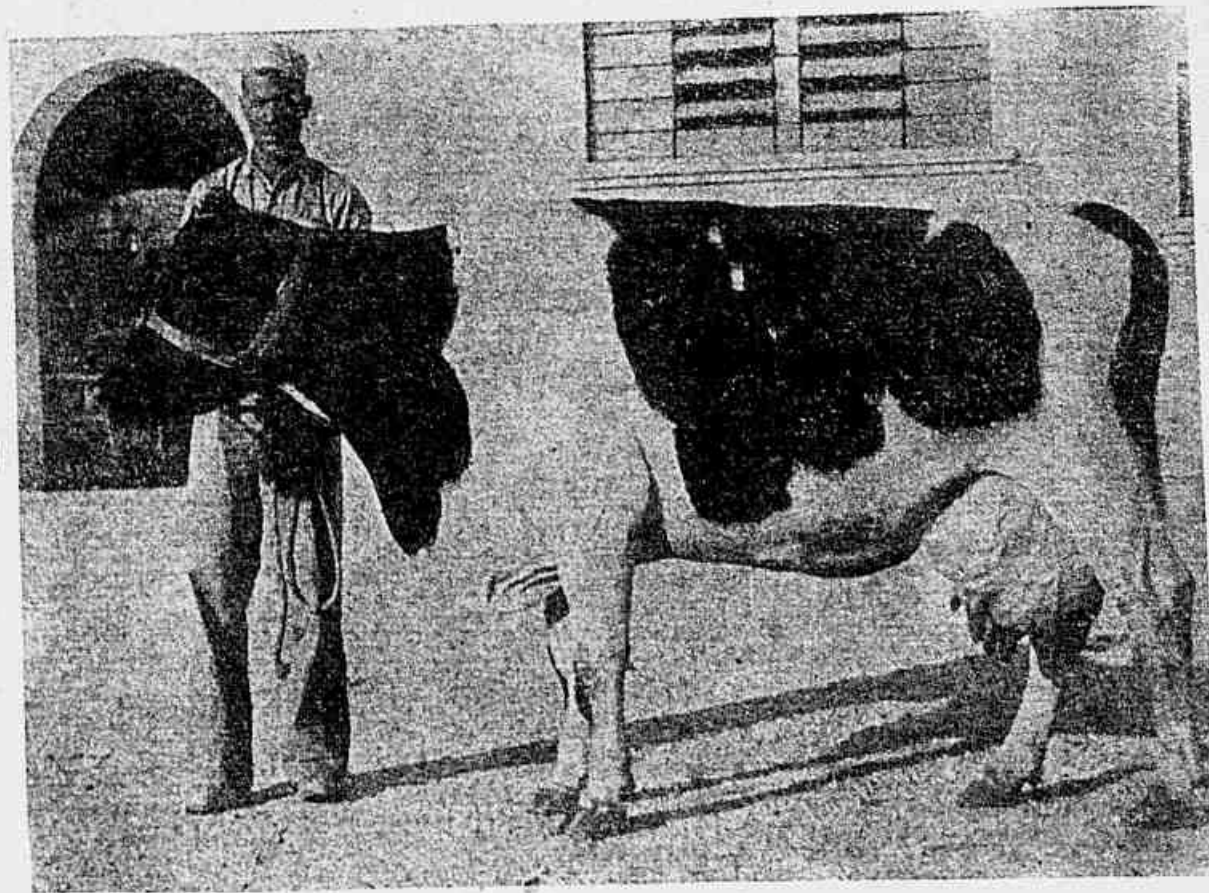
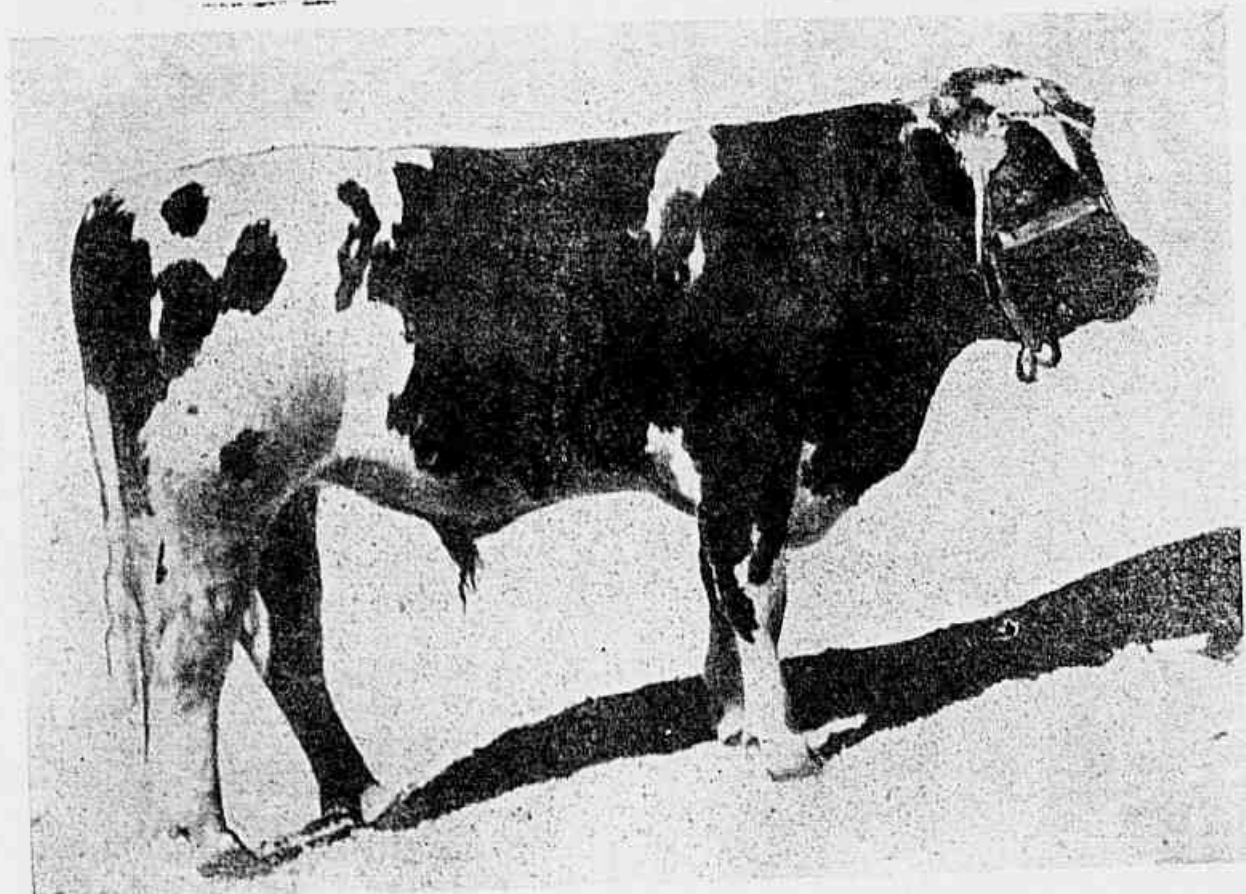
Do município de Petrópolis, Estado do Rio, concorreu a Fazenda de Sta. Mathilde, de Lauro Henriques, expondo um belo lote de novilhas da raça Holandesa Preta e Branca, puras de pedigree, importadas da Argentina, portanto fora de concurso, o que não impediu fossem os referidos animais muito apreciados, constituindo um autêntico sucesso juntamente com dois touros da mesma raça e do mesmo expositor.

★

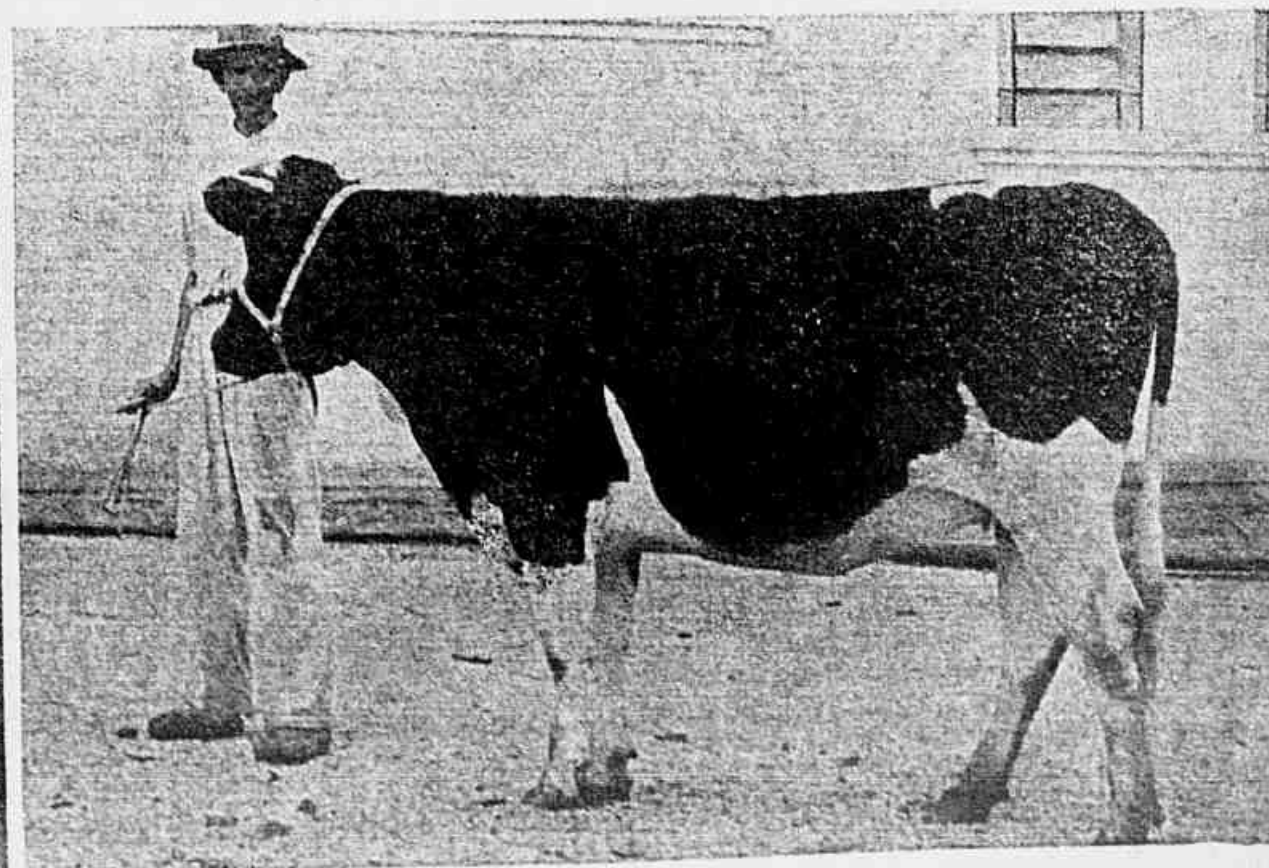
A representação agrícola teve na XI Exposição indiscutível relevo. Mais de 50% das propriedades do município estiveram representadas com variados produtos agrícolas, todos de reconhecida finalidade econômica, notadamente cereais, café, cana de açúcar, fumos e os de

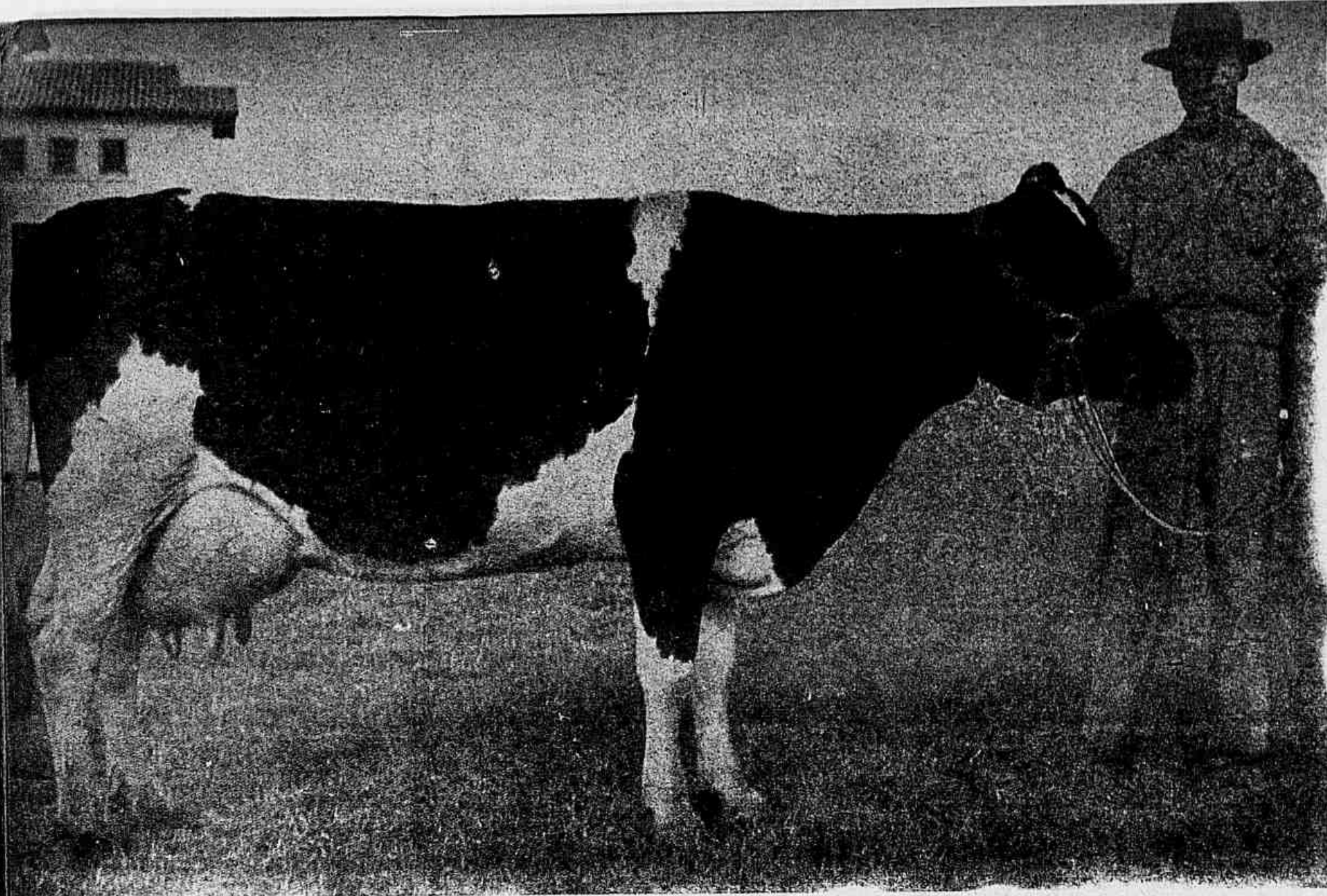


"Miltonia-Pietje", Holandesa Preto e Branco. Pura de Origem, com 3 anos de idade. Essa notável representante da Fazenda Mato Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis, saiu vencedora do Concurso de Vacas Leiteiras, em sensacional e apertadíssima disputa com o seu melhor oponente, a vaca "Onyx-Cacheada", sobrepujando-a na última "tirada" e ganhando pela diferença de 120 gramas. "Miltonia-Pietje", produziu a média de 32 quilos e 86 gramas, em três ordenhas, com um total de 98,260 kgs. em três dias.

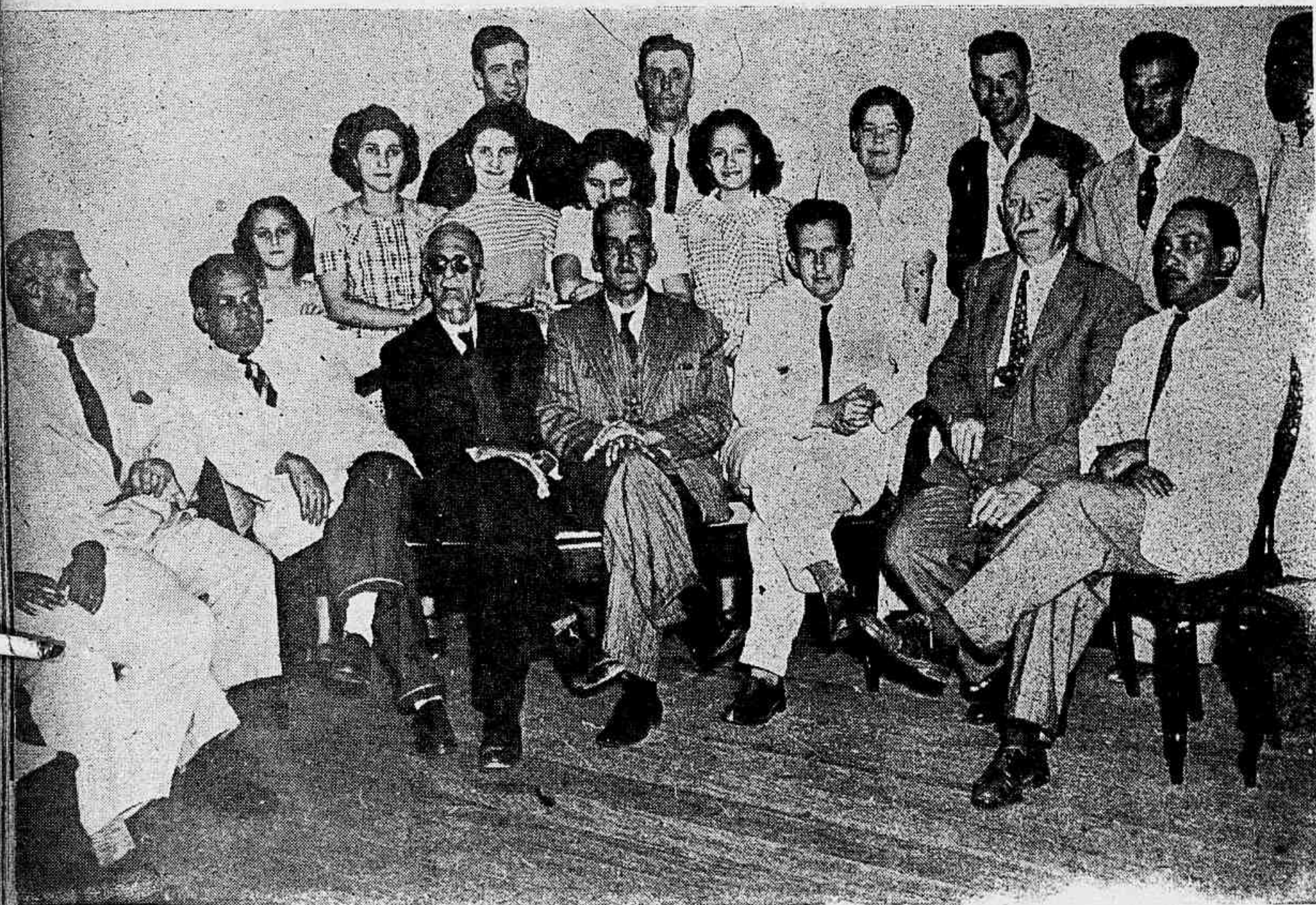


À esquerda — O touro "Candente de S. Joaquim", Reservado Campeão da raça Holandesa Vermelho e Branco. Fazenda Mato Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis. Esse animal foi adquirido pelo Ministério da Agricultura. À direita — Outra "pose" da campeã leiteira "Miltonia-Pietje", podendo-se admirar a pureza de linhas da vitoriosa representante da Fazenda Mato Dentro, que, como na fotografia do alto da página, está contida pelo seu competente tratador sr. José Silva, dedicado colaborador dos triunfos alcançados pelos animais do sr. José Ribeiro dos Reis. Em baixo — Mais dois primeiros prêmios obtidos pela Fazenda Mato Dentro: à esquerda, "Alegria-Tilda de Leopoldina", raça Holandesa Vermelho e Branco Pura de Origem, de 1 ano de idade; à direita, "Miltonia-Atômica de Dengosa", da raça Holandesa Preto e Branco, Pura por Cruzamento.





'Onix-Cacheada', Holandesa Preto e Branco, Pura de Pedigree. Vice-Campeã do Concurso de Vacas Leiteiras na XI Exposição de Leopoldina, em que sustentou duríssimo confronto com a vaca 'Milton-a-Pietje', para o qual cedeu o primeiro posto na última 'tirada', por uma diferença de 120 grs., quando todos já a consideravam vencedora, eis que mantinha a vanguarda desde o segundo dia do concurso. A destacada representante da Fazenda Bom Destino, de propriedade do grande pecuarista Antenor Ribeiro dos Reis, produziu a média diária de 32 quilos e 46 gramas, em 3 ordenhas, num total de 96.140 kgs. 'Onix-Cacheada' alcançou ainda o 1.º Prêmio em sua categoria.



O sr. Antenor Ribeiro dos Reis ofereceu um almoço aos membros das Comissões Julgadoras, no solar da Fazenda Bom Destino, de sua propriedade, no qual reuniu seu ilustre progenitor, o Cel. Antonio Ribeiro dos Reis, seus irmãos srs. José e Antonio Ribeiro dos Reis (Filho) e seu filho José Francisco Ribeiro dos Reis, representantes de três gerações de criadores, que tanto contribuíram para dar a Leopoldina a posição de irrecusável destaque que ostenta na pecuária nacional. Estiveram presentes, entre outros, os dres. Romulo Joviano, Thomas Dalton, Mauricio Ribeiro Gomes, David Nadler e José de Paula, os srs. João Frerisch, Roberto Joviano e Francisco Xavier, filhos e sobrinhos do anfitrião. Em baixo — Dois aspectos da Fazenda Bom Destino, vendo-se no primeiro o solar da grande estância.

pequena lavoura, cujo aumento de produção e aperfeiçoamento são constatados de ano para ano.

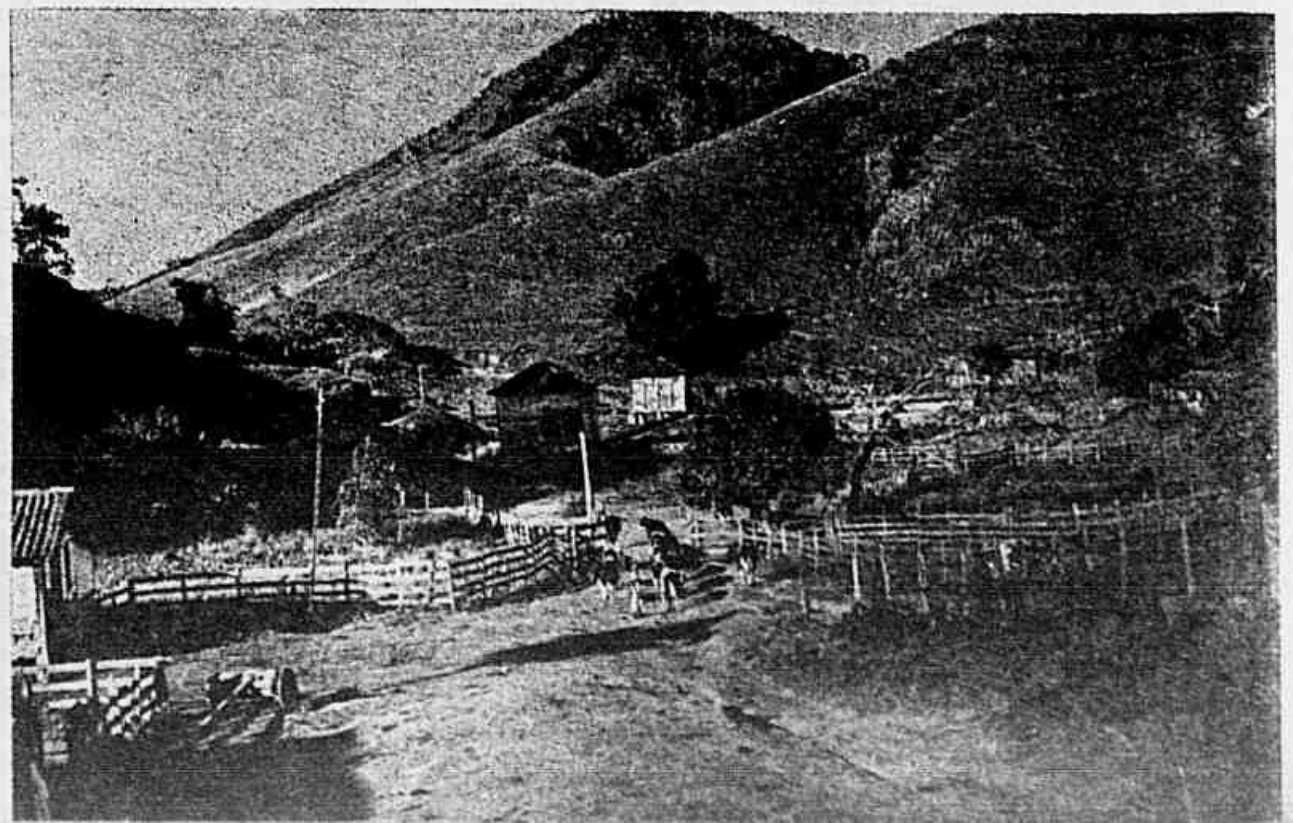
Merecem especial referência, entre os produtos expostos, os cafés despulpados, a cuja exploração já se entregam diversos agricultores; os milhos, que concorreram com 476 lotes nas variedades puras 'Catele' e 'Cristal', nos mesclados e híbridos, que proporcionam ao município uma safra de 250.000 sacos; o arroz, cuja safra é de 120.000 sacos, nas variedades 'Abril', 'Honduras' e 'Amarelão'; o feijão, nas variedades pretas 'Paina' e 'Pururuca'; as laranjas, famosas nos mercados platinos e europeus, e as canas de assucar, o fumo, etc. Acompanhando a grandeza desta XI Exposição, nunca o Pavilhão dos Produtos Agrícolas apresentou tão bonito aspecto nem despertou tanto interesse como o deste ano. Nem podia ser de outra forma, eis que a economia do importante município da Zona da Mata, funda-se principalmente na agricultura.

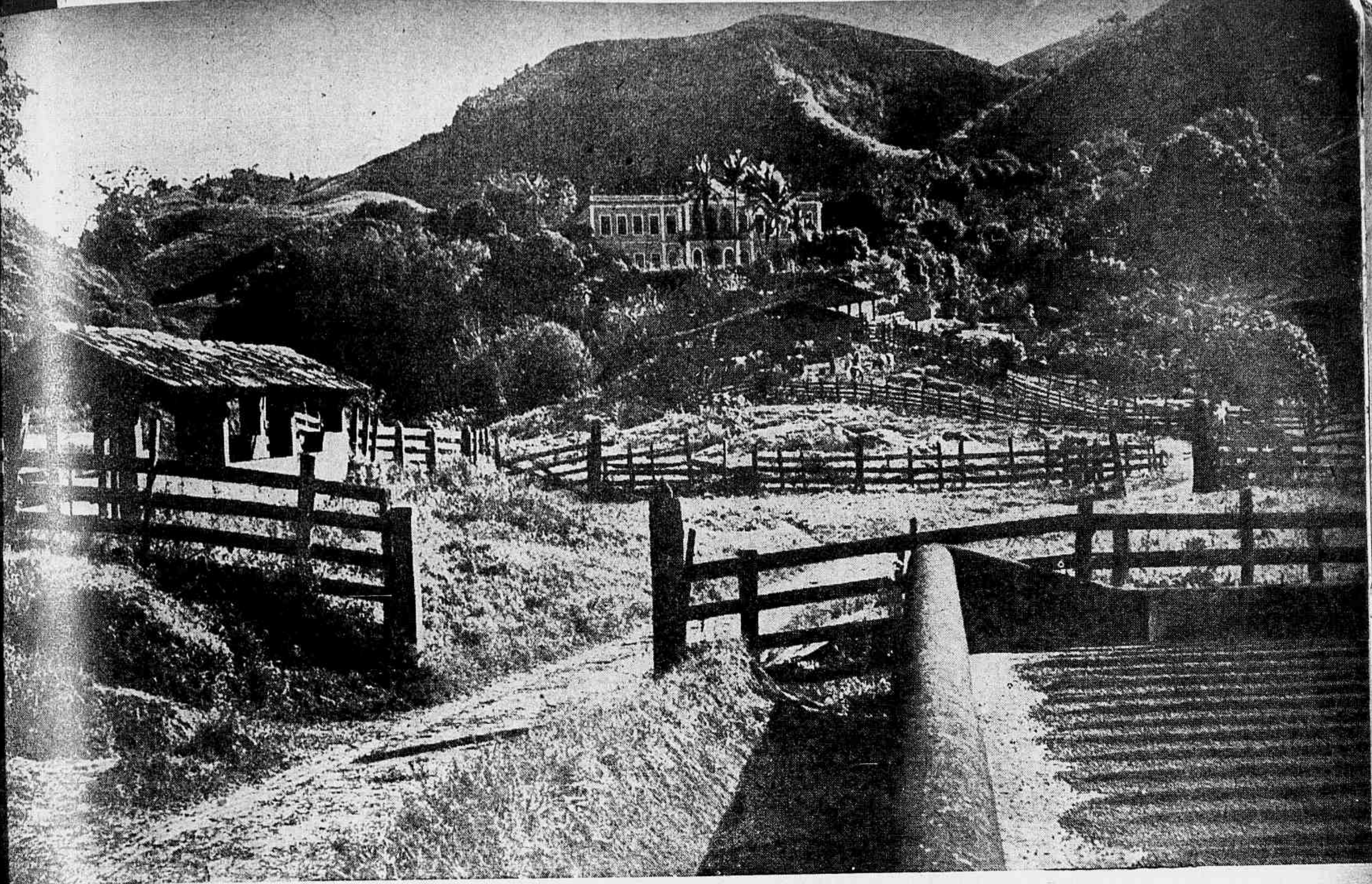
★

A organização da XI Exposição esteve perfeita, funcionando as diversas seções com a maior regularidade não obstante o elevado número de inscrições e a variedade das espécies animais e vegetais expostas, com o que está de parabéns a Associação Rural. Há que salientar, entretanto, como um preito de justiça, a ação dos departamentos especializados da União e do Estado, através dos seus elementos técnicos, cuja contribuição para o êxito desses certames não é demais enaltecer. Temos sido testemunha, na nossa missão jornalística, da dedicação, do esforço, do desprendimento, do entusiasmo mesmo com que agrônomos, zootecnistas, veterinários, prestam sua colaboração aos pecuaristas e agricultores no preparo e desenvolvimento das exposições.

Nesta oportunidade, em que registamos o brilhantismo com que os leopoldinenses apresentaram a sua exposição anual de 1947, queremos nos referir particularmente a alguns desses incansáveis cooperadores das classes ruralistas.

Nomes como os de Rômulo Joviano, renomado técnico que dirige a Inspetoria Federal de Pedro Leopoldo; Joaquim Fernandes Braga, chefe do serviço de Fomento da Produção Animal de Minas Gerais; João Frerisch, fazendeiro já de idade avançada, que de sua granja na Mantiqueira vence distâncias e se encontra sempre onde são reclamados os seus inegáveis conhecimentos técnicos; Thomas Heath Dalton, João Damasceno Portugal, José Leão, José de Paula, Geraldo Gonçalves Carneiro, David Nadler, Dunorte Lourenço André, Maurício Ribeiro Gomes, Clovis Junqueira Bastos, Mario Rubens de Melo, Polycarpo Rocha Filho, José Maria da Silva, agrônomos, zootecnistas, veterinários, citamo-los com o apreço e a admiração merecidos, estes como tantos outros nomes involuntariamente omitidos, e igualmente dignos, interpretando, estamos certos, o sentimento geral de quantos recebem tão valiosa cooperação, no preparo e na seleção dos produtos, na sua classificação, no cuidado





Vista panorâmica da Fazenda Bom Destino, de propriedade do sr. Antenor Ribeiro dos Reis, situada em Providência, distrito de Leopoldina. Essa grande estância agro-pecuária, uma das maiores, senão a maior, do importante município mineiro, possui um numeroso e selecionado plantel da raça Holandesa Preto e Branco e Vermelho e Branco e de raças mistas, produzindo uma média diária de 1.300 litros de leite. As suas fertilíssimas terras estendem-se por uma área de cerca de 450 alqueires, divididos em matas virgens, imensas pastarias e variadas culturas, das quais é o café a principal.

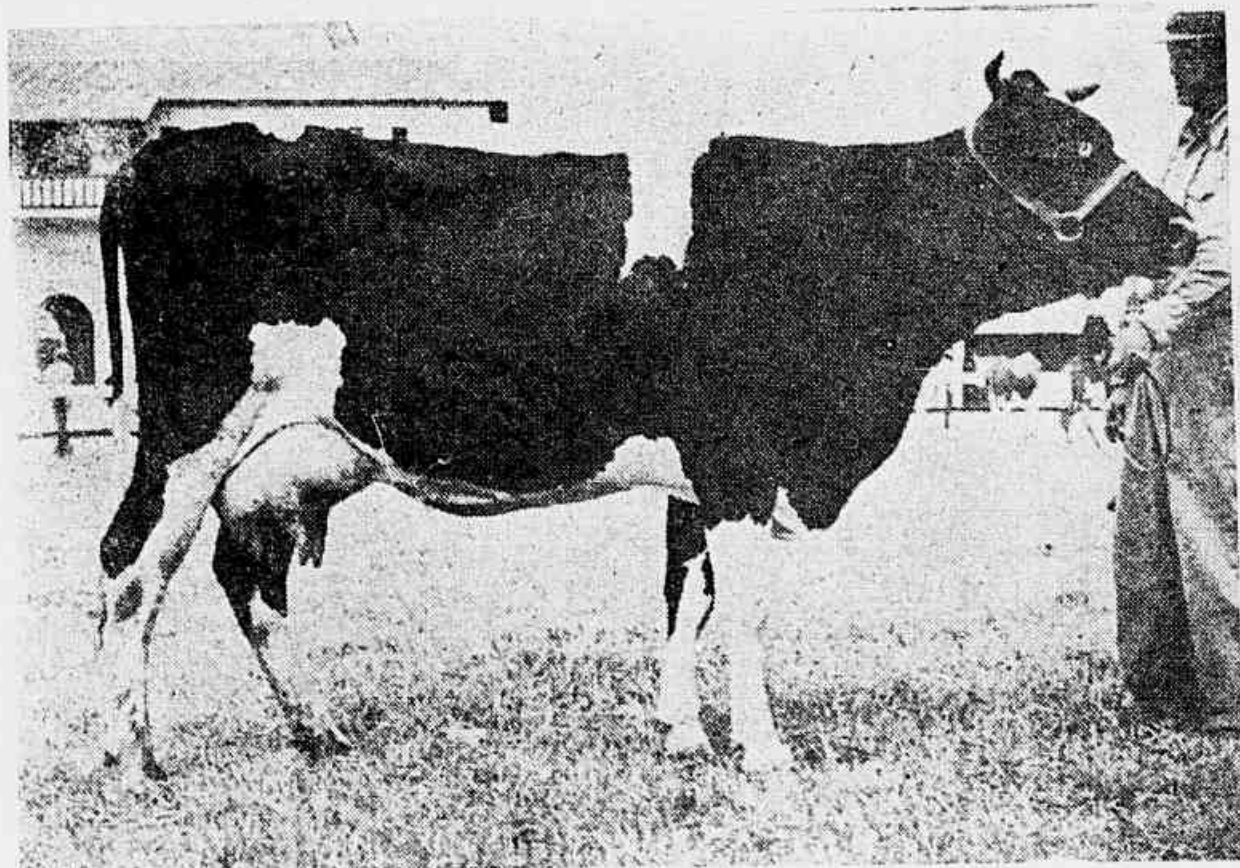
em torno da saúde dos animais, nos ensinamentos teóricos ou práticos, nos julgamentos criteriosos, honestos e imparciais, num ou noutro setor onde lhes seja lícito atuar.

★

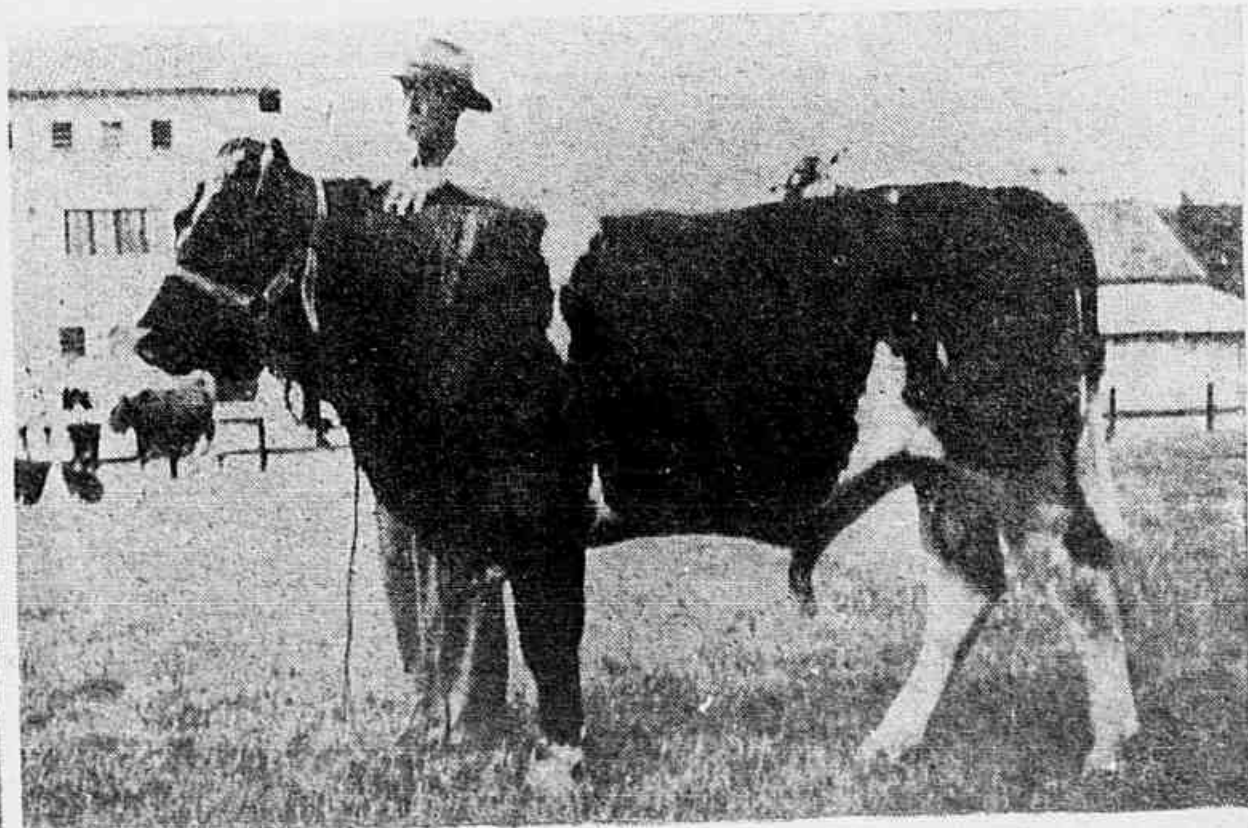
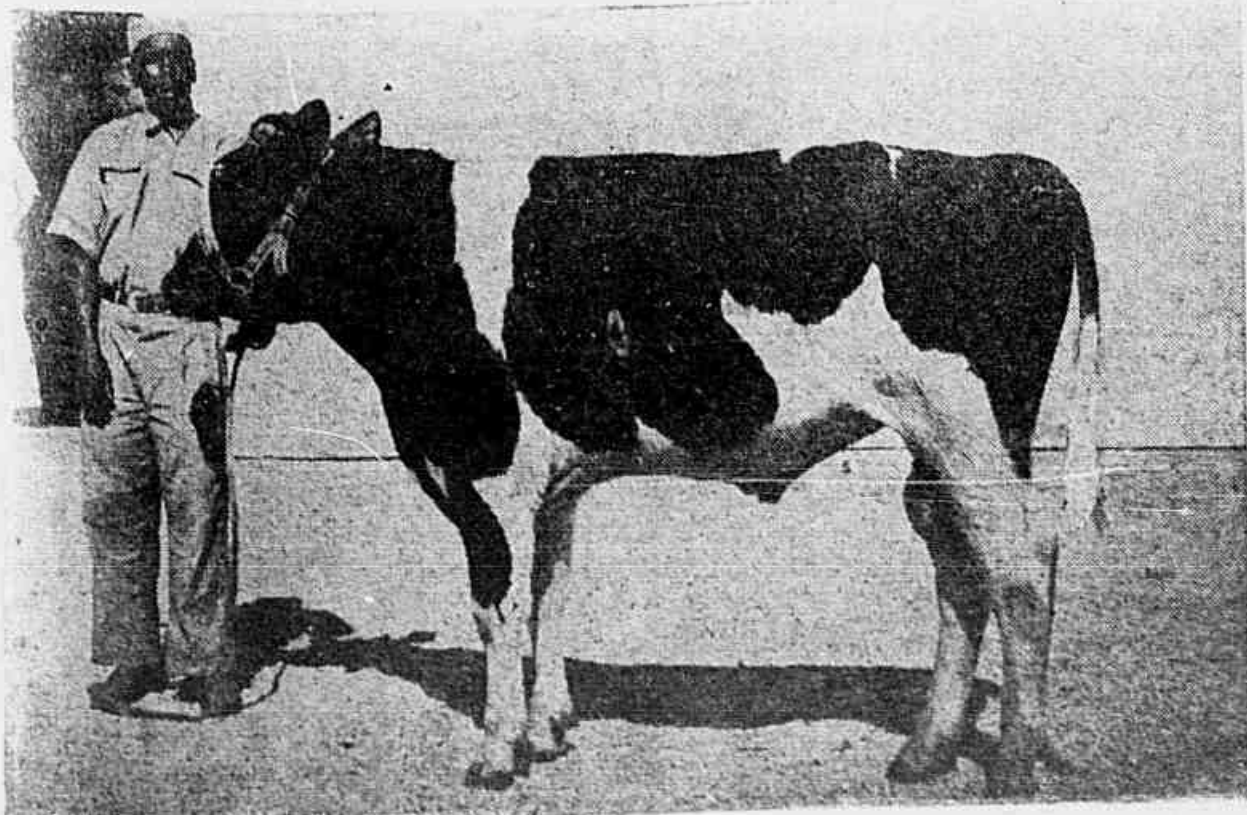
O movimento social da XI Exposição esteve à altura de sua imponência e grandiosidade. Numerosos visitantes acorreram de vários pontos do País para admirar a importante mostra agro-pecuária, que teve a prestigiosa presença de várias autoridades federais e estaduais.

De todos os municípios da Zona da Mata e de outros mais distantes vieram grandes caravanas, recepcionadas com aquele requinte de fidelidade tão peculiar aos leopoldinenses. O ato inaugural foi presidido pelos srs. Alkimir Albuquerque e Arthur Oberlaender Tibau, secretários da Agricultura de São Paulo e Estado do Rio, tendo aquele cortado a fita simbólica e hasteado a Bandeira Nacional, pela primeira vez hasteada no mastro do imponente Pavilhão "General Eurico Dutra". No dia seguinte recebia a Exposição a visita do sr. Américo René Gineti, secretário de Agricultura de Minas Gerais, seguindo-se a do ministro Daniel de Carvalho, que presidiu as cerimônias de encerramento do certame, antes inaugurando o referido edifício e lançando a pedra fundamental do futuro Pavilhão, destinado aos concursos de vacas leiteiras, que terá o nome do titular da Agricultura.

Nessa visita, teve o sr. Daniel de Carvalho oportunidade de receber expressiva e original homenagem dos criadores de gado Guernsey, em sinal de reconhecimento pelo muito que fez para que a Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey, com sede em Leopoldina, fosse reconhecida pelo Governo Federal, que oficializou o registro genealógico dessa raça. Recebido à entrada do

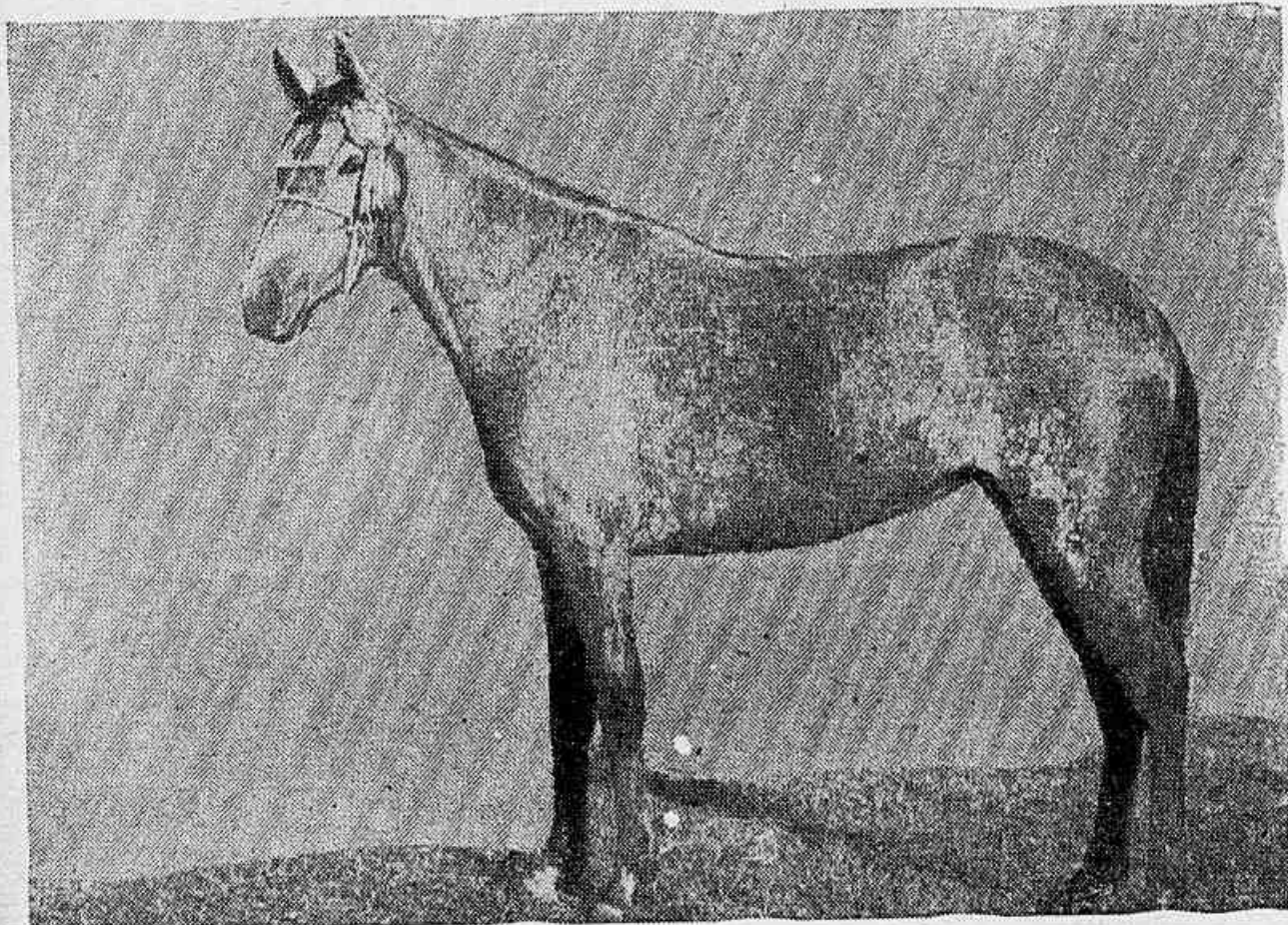


Em cima — "Onix-Primeira", Holandesa Preto e Branco, Pura por Cruzamento, 1.º Prêmio de sua categoria e terceira colocada no Concurso de Vacas Leiteiras, com a produção média diária de 31,196 kgs. Em baixo — À esquerda, "Onix-Capitão", touro Holandês Preto e Branco, Puro de Origem, 1.º Prêmio na sua categoria; à direita, o touro "Brioso-Arapoxy de S. Joaquim", Campeão da Raça Holandesa Vermelho e Branco na XI Exposição, adquirido pelo sr. Antenor Ribeiro dos Reis, proprietário da Fazenda Bom Destino, a cujos planteis pertencem os dois animais anteriormente mencionados.





A Fazenda Cruz Alta, de Herdeiros de Marco Aurélio Monteiro de Barros, alcançou pelo quinto ano seguidamente o 1.º lugar em matéria gorda total, desta vez com a vaca "Cruzalta-Alvorada", 3/4 Holandesa Preto e Branco, com 3.0068, conseguindo ainda a vitória por equipe, com o grupo formado pela campeã acima e mais "Cruzalta-Pintura", "Cruzalta-Clarina", totalizando 8.6056. Ao alto vemos o grupo com que a Fazenda Cruz Alta concorreu à competição de vacas leiteiras, e à direita a laureada "Cruzalta-Alvorada". O êxito que a Fazenda Cruz Alta, grande estância agro-pecuária da Zona da Mata, vem obtendo anualmente na Exposição leopoldinense, conquistando o penta-campeonato de matéria gorda, demonstra claramente a qualidade superior dos seus grandes plantéis de raças leiteiras. A Fazenda Cruz Alta tem sido distinguida, por outro lado, com numerosos prêmios, inclusive em cavalos da raça Mangalarga, possuindo grandes plantações de café e cereais diversos.

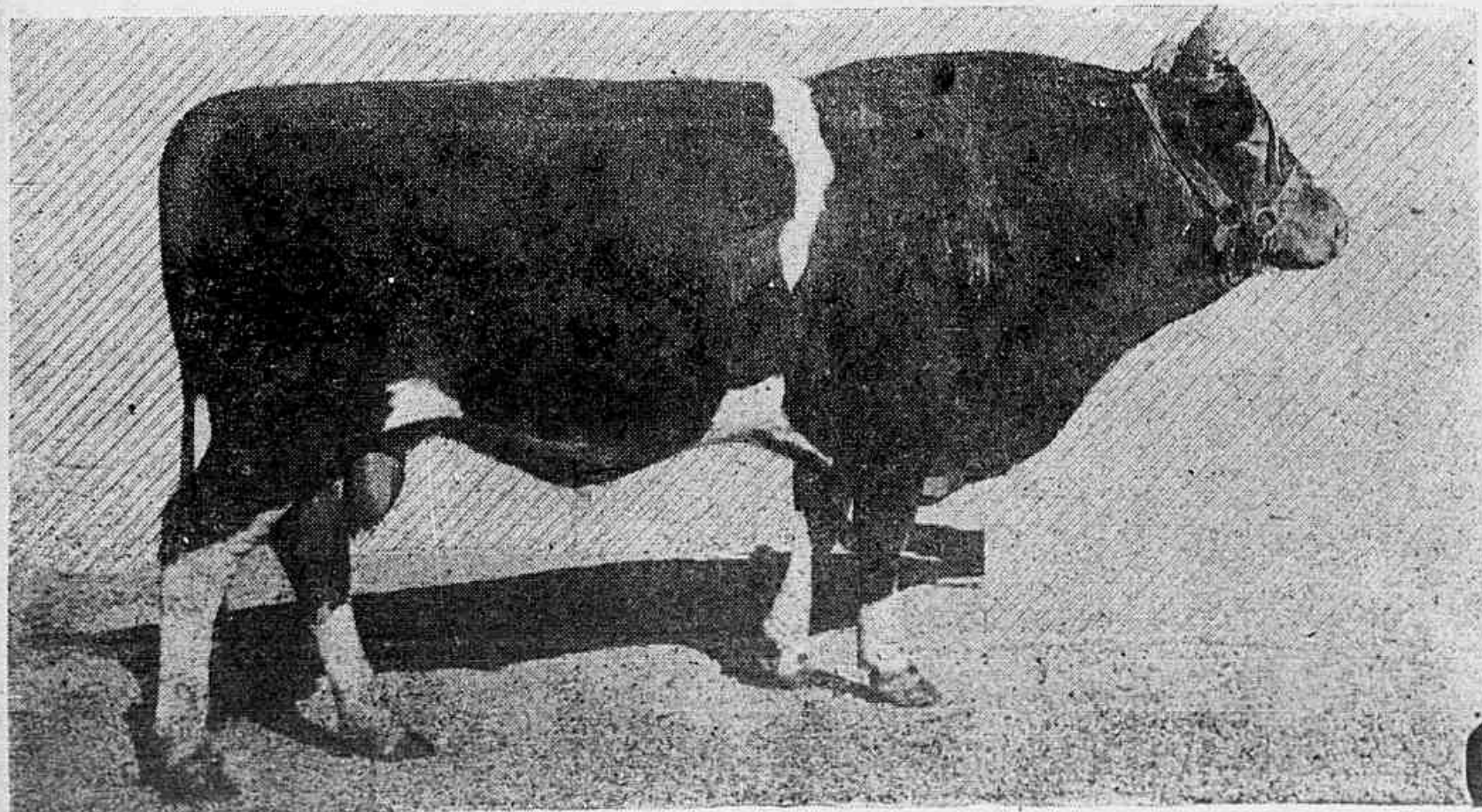


À esquerda — "Surpresa", égua Campeã da raça Mangalarga na XI Exposição, pertencente à Fazenda S. José, de propriedade do sr. Antônio Ribeiro dos Reis Filho, situada em Volta Grande, Minas, criador de gado bovino Holandês Preto e Branco e Vermelho e Branco, com diversos campeonatos conquistados nas exposições de Leopoldina e nacionais, inclusive a Campeã leiteira do último certame de Belo Horizonte, a vaca "Vila-Norma", "Surpresa" e outros animais do mesmo proprietário, constituíram o melhor conjunto da raça Mangalarga na XI Exposição.

recinto pela diretoria daquela associação de classe, composta dos srs. Haroldo Junqueira, presidente, Joaquim Ribeiro Junqueira, Nêder Calil e Erico Ribeiro Junqueira, foi o ministro Daniel de Carvalho introduzido entre alas de animais Guernsey, que ostentavam os distintivos dos prêmios alcançados na Exposição, recebendo então do sr. Rômulo Jo-

viano, presidente das Comissões Julgadoras, minuciosos informes acerca da chamada raça, que conta nessa região mineira com adeantados criadores de exemplares de fina linhagem, onde, como acontece em outras zonas do País, vem se adaptando maravilhosamente, e onde conta hoje com o seu maior núcleo, sendo uma das espécies leiteiras mais precur-

Em baixo — À esquerda, o touro "Abaiba-Guri", campeão da raça Guernsey, Pure por Cruzamento, com 63 meses, criado e exposto pela Fazenda Abaiba, de propriedade da Fazenda Abaiba S. A., Vila Abaiba; à direita, o cavalo "Eldorado", exposto fora de concurso pela Fazenda Abaiba, considerado, porém, em laudo especial da Comissão Julgadora como tipo padrão da raça Mangalarga. "Eldorado" está montado pelo sr. Erico Ribeiro Junqueira, diretor da Fazenda Abaiba S. A.

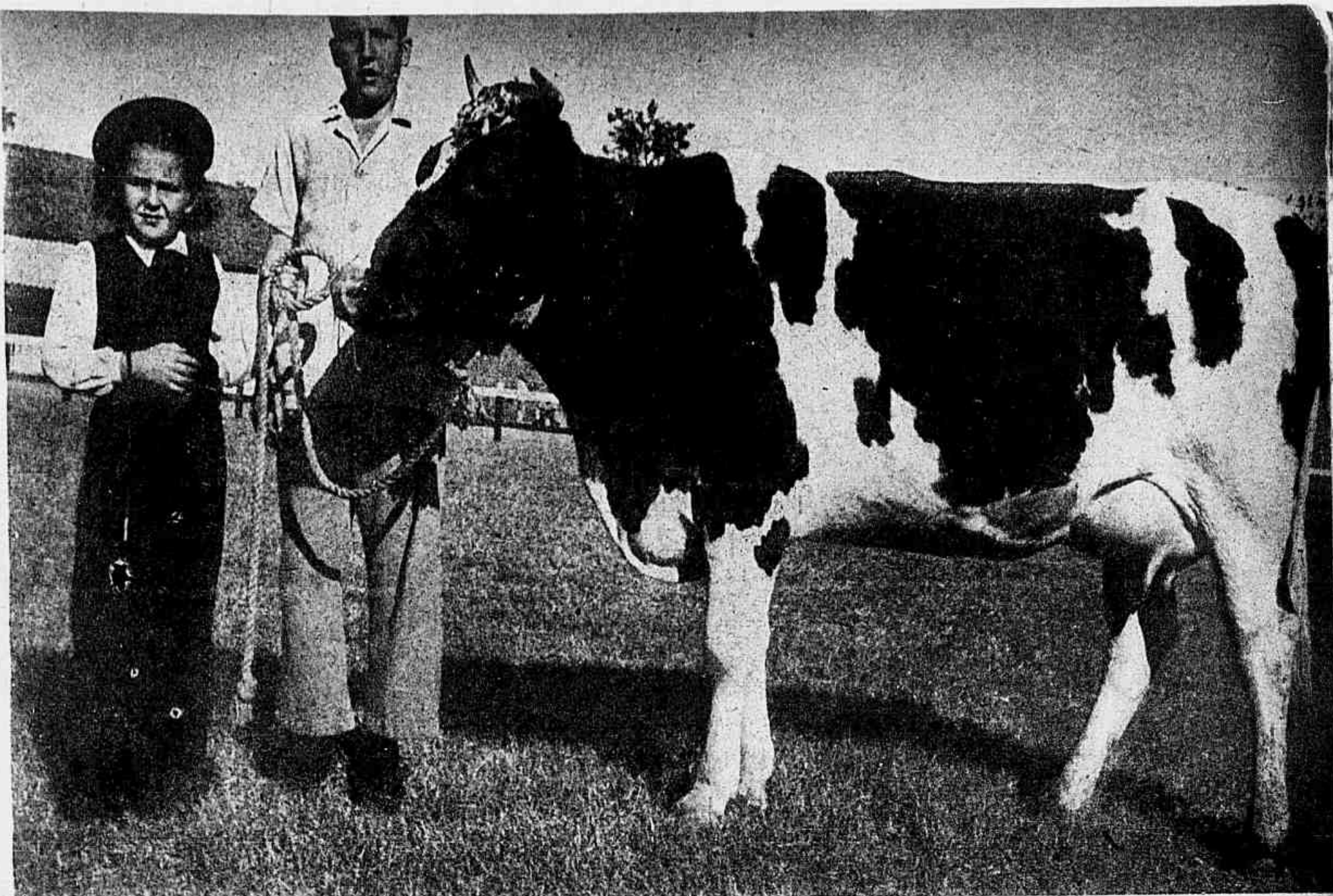


das pelos criadores de diversos Estados. Depois de haver presenciado um desfile geral, foi o ministro novamente encerrado num círculo formado por animais Guernsey, conversando longamente com o sr. Haroldo Junqueira e demais criadores da mencionada raça.

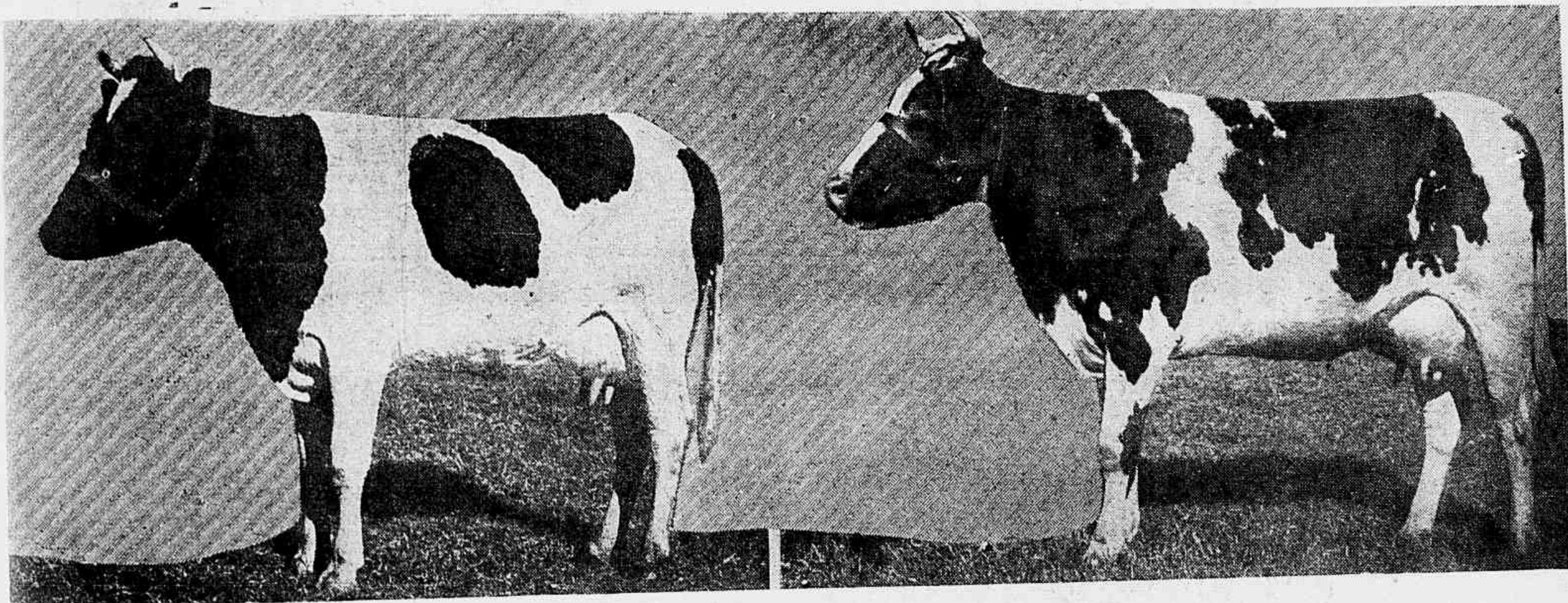
Encerrando a X Exposição, o ministro da Agricultura presidiu a solenidade de entrega dos prêmios aos expositores e tratadores dos animais premiados, tendo dirigido eloquente saudação a todos os que se arregimentaram naquele esplêndido certame, dando uma robusta demonstração do seu interesse no desenvolvimento agro-pecuário de Minas e do Brasil.

O sr. Daniel de Carvalho, que se fez acompanhar na sua visita a Leopoldina, pelo seu secretário sr. Raul Lima, e pelas srs. Gratulano Brito, diretor deste periódico, e Abel Tavares de Lacerda, recebeu as maiores demonstrações de estima e apreço, sendo-lhe oferecido um jantar na residência do sr. Enéas França.

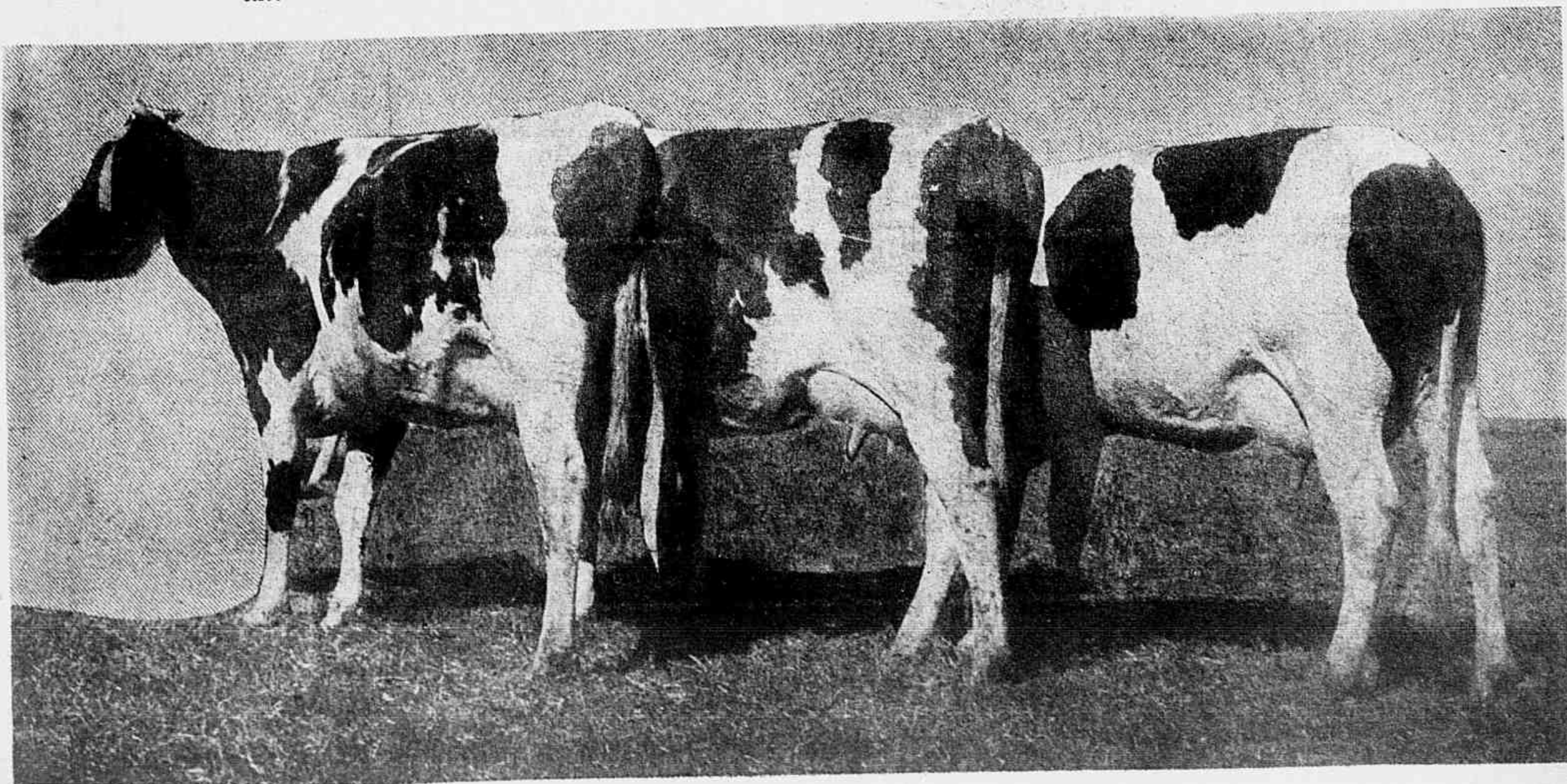
Sob os demais aspectos, a vida social da XI Exposição ofereceu a todos uma intensa movimentação, nas elegantes festas realizadas na sede do Club Leopoldinense como nas reuniões de caridade lecionadas a efeito no salão nobre do novo pavilhão; na presença de uma esquadilha aérea da Base de Cumbica, comandada pelo tenente Müller Botelho, que maravilhou com a beleza das suas evoluções e acrobacias; na visita de um grupo de jovens bandeirantes desta Capi-

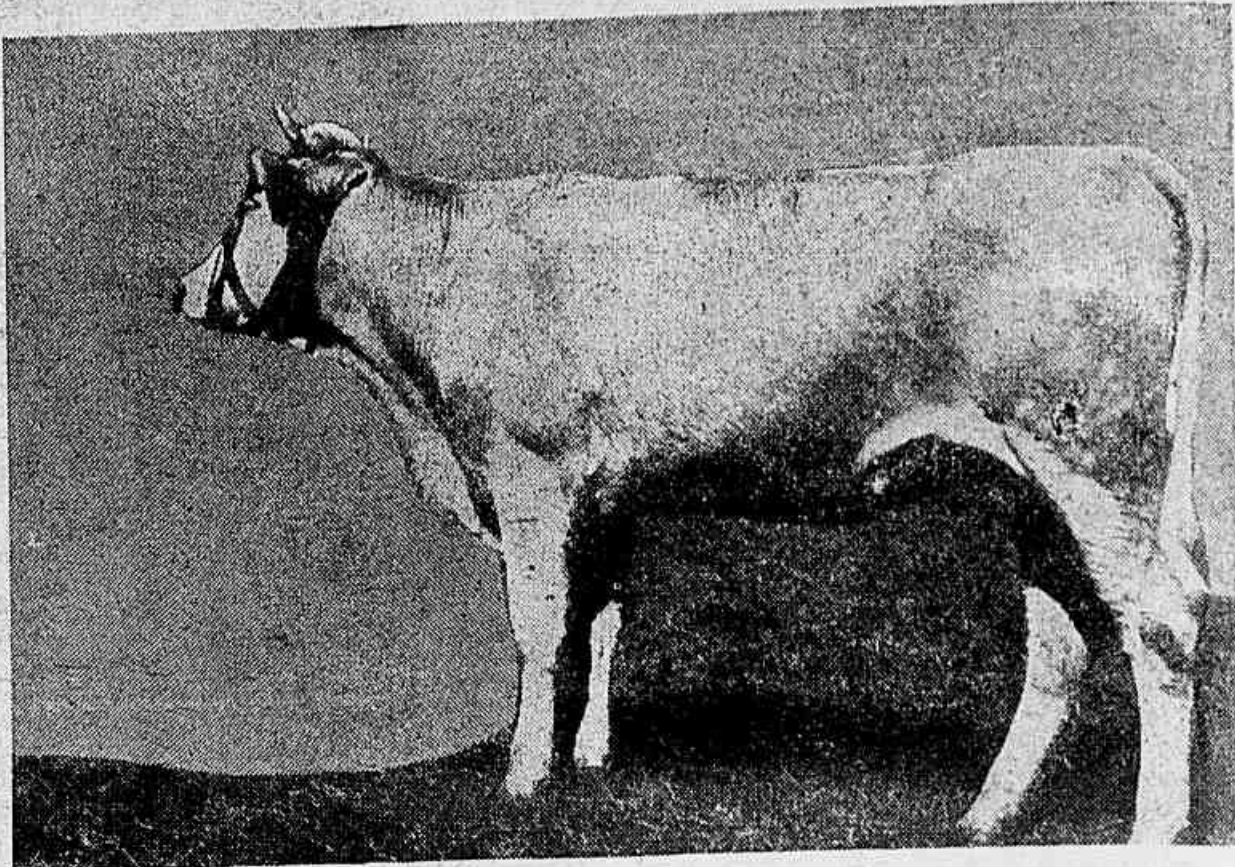
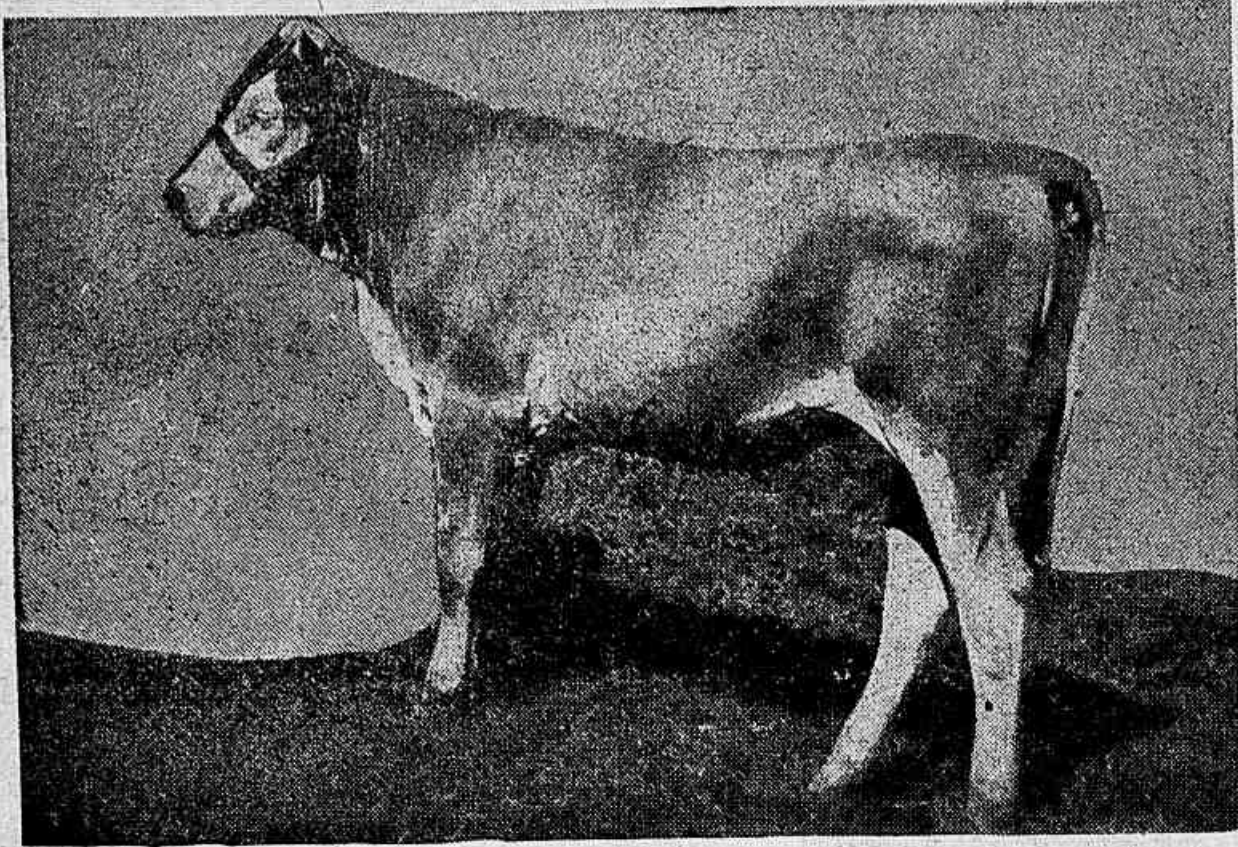


"Luziana-Brazina", Holandesa Vermelho e Branco, 1.º Prêmio na XI Exposição. Pai — "Vita-Candidato", mãe — "Luziana — Baviera", 3 anos, 1.ª cria, 2.º lugar em novilhas de porte médio no Concurso de Vacas Leiteiras, com a produção média diária de 22,630 klgs. "Luziana-Brazina" pertence à Fazenda Luziana, de Francisco Theodoro Junqueira e Filhos, Leopoldina, Minas. Aparecem na foto acima a menina Helena Maria e o jovem Mauro Lincoln, filhos do dr. José Wenceslau Junqueira, sócio da Fazenda Luziana.

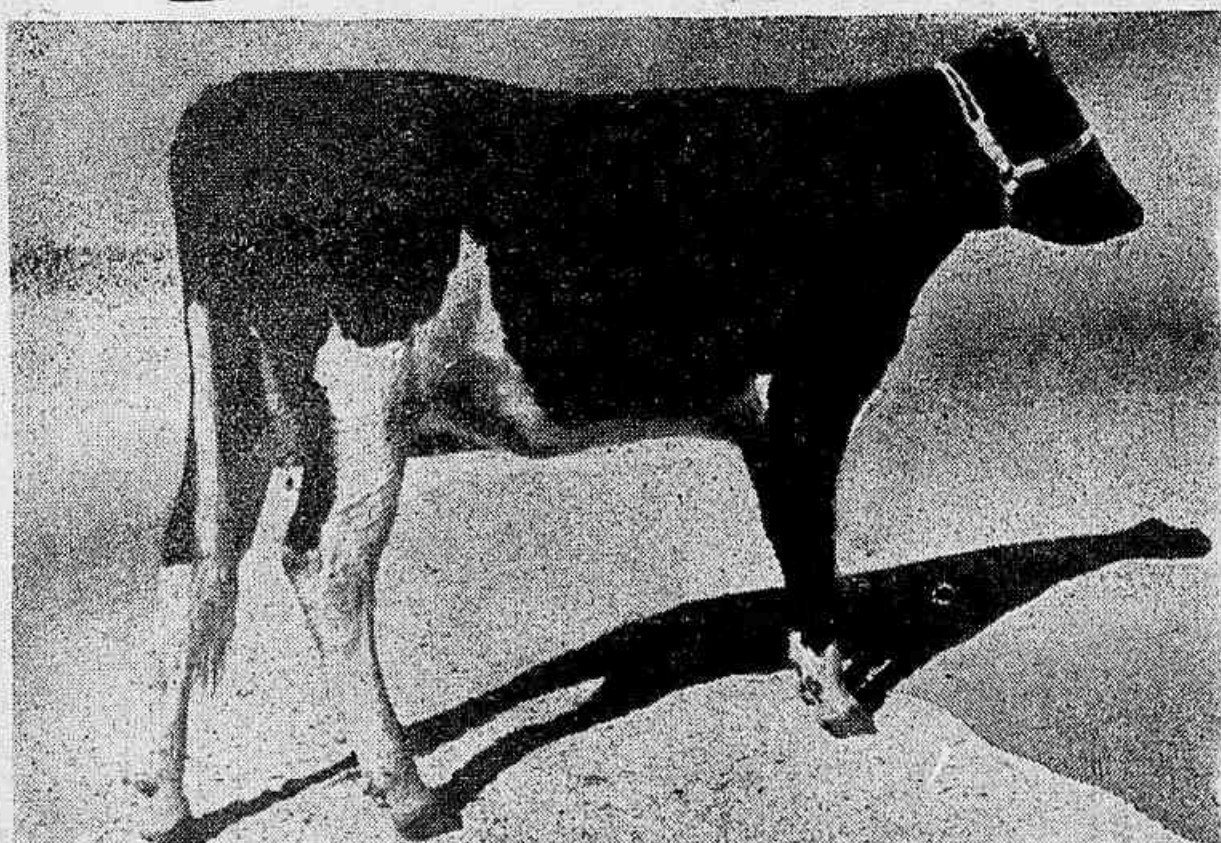
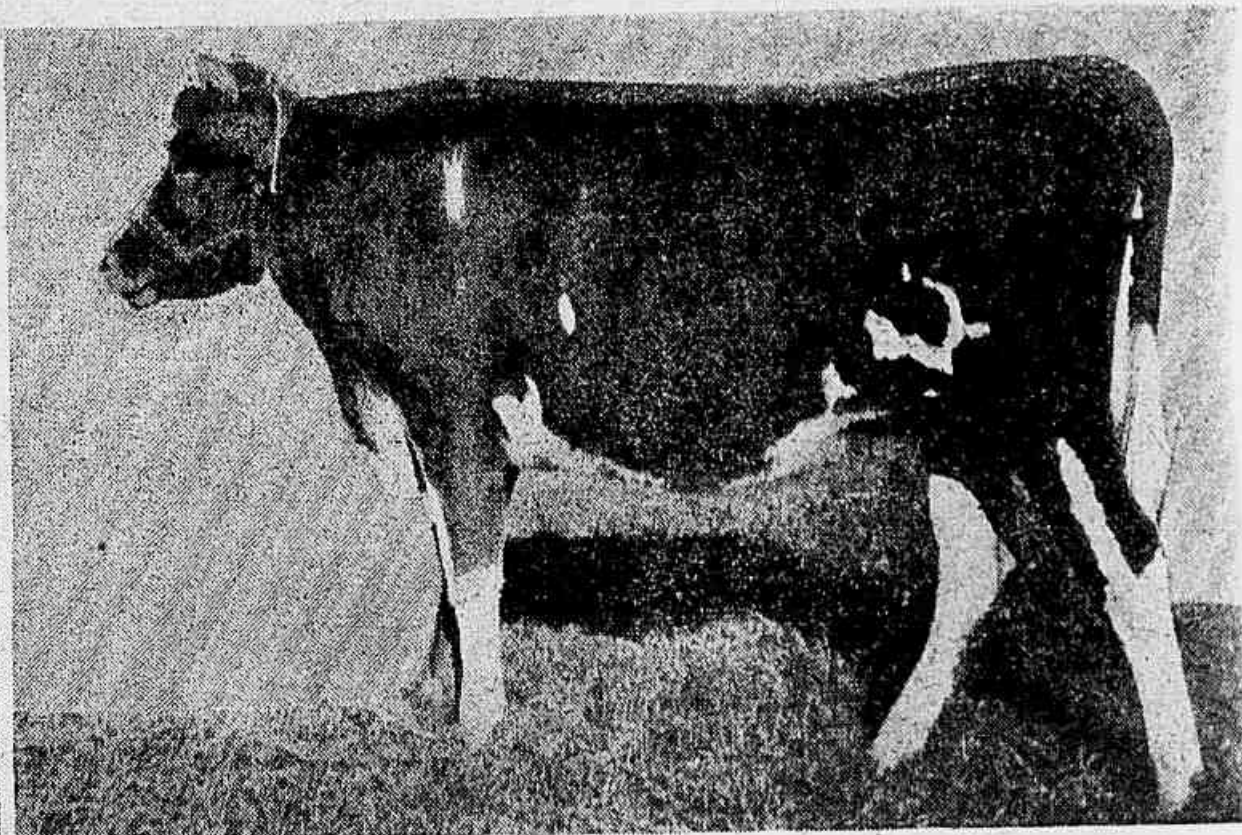
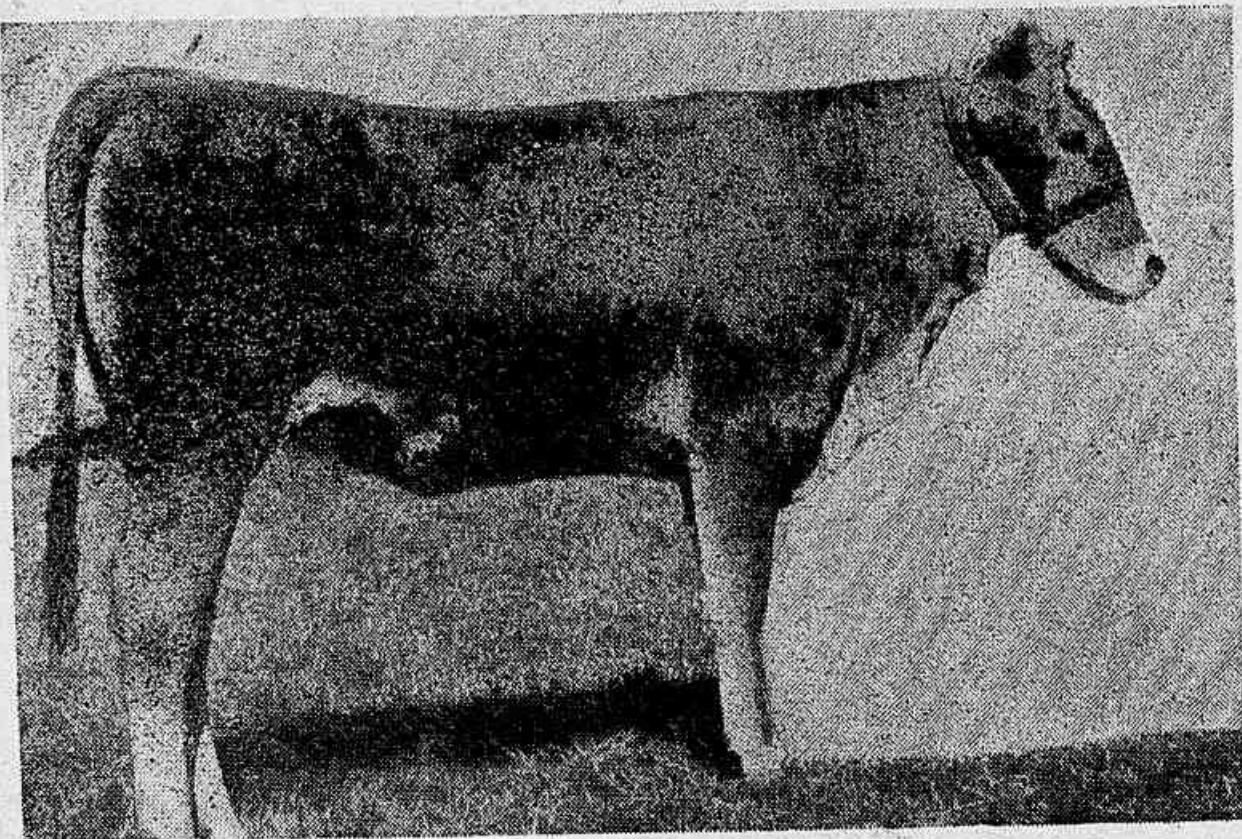


À esquerda — "Luziana-Bela-Flôr", Holandesa Preto e Branco, 3.º lugar em novilhas de porte médio no Concurso de Vacas Leiteiras com a produção média diária de 22,476 klgs. Pai — "Providência-Mineiro" mãe — "Luziana-Maravilha". À direita — "Luziana-Catiléa", Holandesa Vermelho e Branco. Campeã de produção de leite na categoria de novilhas de porte médio, 1.ª cria, com a produção diária de 23,950 klgs. Pai — "Vita-Candidato", mãe — "Luziana-Castela". Os dois esplêndidos animais pertencem à Fazenda Luziana, dos Srs. Francisco Theodoro Junqueira e Filhos, de Leopoldina. Em baixo — Os três animais acima dos critos são aqui vistos em grupo.





À esquerda — "Niagara-Princesa", Reservada-Campeã da raça Simental, e à direita, "Niagara-Garota", 1.º Prêmio da mesma raça, ambos da Fazenda Niagara, propriedade da Fazenda Niagara S. A., Vila Abaiba, Minas. A Fazenda Niagara especializou-se na criação dessa ótima raça leiteira originária da Suíça, e tem conquistado nas Exposições de Leopoldina o maior sucesso, com a apresentação dos exemplares nascidos e criados em seus domínios.



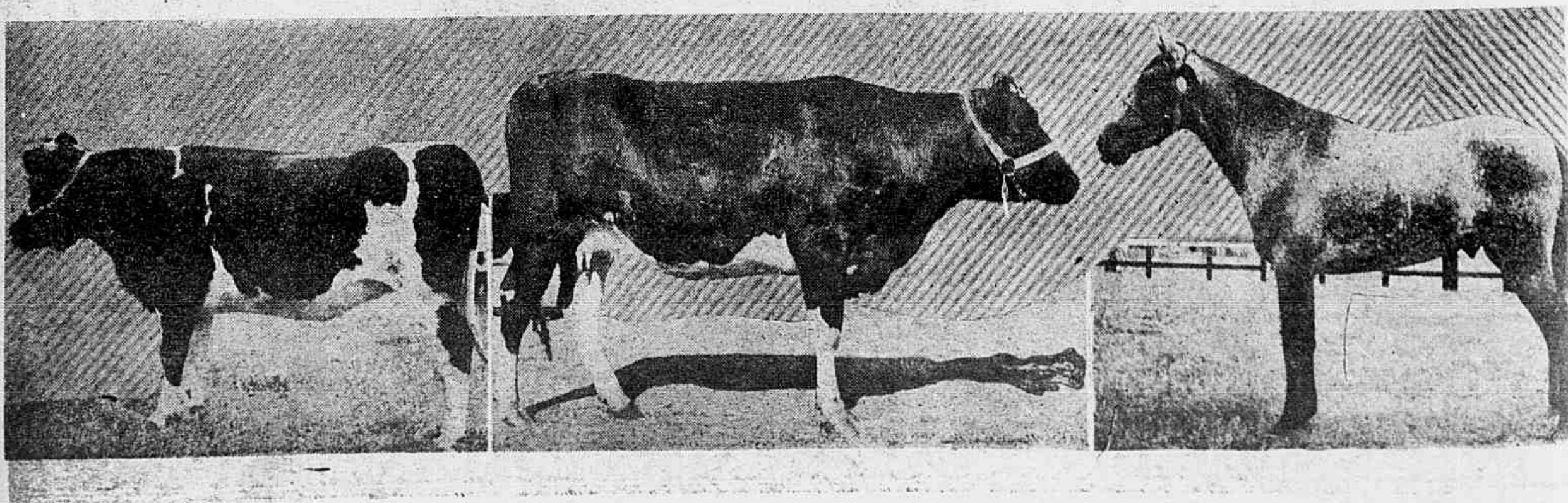
Em cima: À esquerda, "Itororó-Livonia", 1.º Prêmio da raça Schwyz, nascida em 19-3-46. Pai — "Guilherme". Mãe — "Itororó-Guaribe". Criação da Fazenda Itororó, de Bastos & Filhos, Leopoldina, Minas. À direita, "Cabedal-Gurita", 1.º Prêmio da raça Guernsey, 26 meses. Pai — "Cabedal-Cacique". Mãe — "Cabedal-Guaraná". Criação da Fazenda Santo Antônio, de Irmãos Junqueira Botelho, Vila Abaiba, Minas. Essa excelente estância, cuja direção está a cargo de eng. J. Junqueira Botelho, possui dos melhores rebanhos de Guernsey e sobretudo é notável a sua produção agrícola, sendo que produz dos melhores catés despulpados da Zona da Mata.

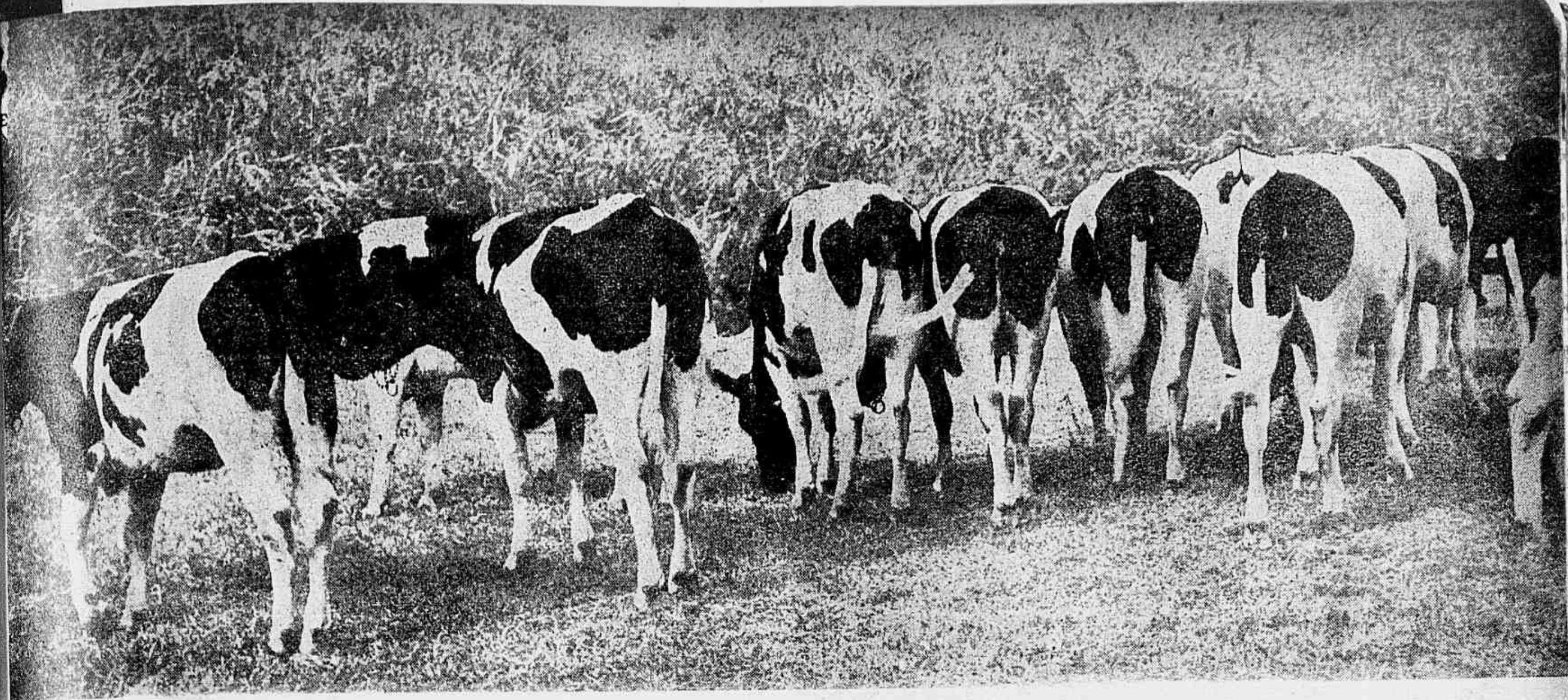
tal: nos belíssimos "stands" de pinturas e objetos de arte que encantaram os presentes, destacando-se os trabalhos escolares expostos bem como os delicados labores a óleo da pintora Consuelo Fabrin; e finalmente na extraordinária afluência de público ao recinto da Exposição, transformado em ponto de reunião durante os oito dias de funcionamento.

★

Foi êsse, em linhas gerais, o panorama da XI Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, espelho fiel das possibilidades econômicas de uma extensa região e das suas fontes produtoras, organizadas em poderosos núcleos agrícolas e pecuários, numa vida industrial em que se destaca uma Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense e onde um estabelecimento bancário próprio, como o Banco Ribeiro Junqueira, orienta e ampara seus rumos financeiros, bases em que se assenta a prosperidade de um povo ordeiro, trabalhador, idealista, riqueza da terra mineira, orgulho do Brasil.

Ao Alto — "Dengosa-Tróia", 1.º Prêmio da raça Holandesa Preto e Branco, Pura por Cruzamento, com 18 meses. Propriedade do dr. José Newton Reis Junqueira, Fazenda Pedra Branca, Volta-Grande, Minas. Em baixo — Da esquerda para a direita, "Limoeiro-Dama", 1.º Prêmio da raça Holandesa Vermelho e Branco, Pura por Cruzamento, 26 meses; "Limoeiro-Esmalalda", 1.º Prêmio da mesma raça, Pura por cruzamento, 16 meses; e o cavalo "Bonus II", Campeão da raça Mangalarga, com 2 anos e 8 meses. Esses três magníficos animais são de propriedade da Fazenda Limoeiro, do dr. Alvaro Botelho Junqueira, Vila Abaiba, Minas.





Este magnífico lote de novilhas da raça Holandesa Preto e Branco, Puras de Pedigree, esteve exposto na XI Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, onde logrou grande êxito como representante da criação puro sangue da Fazenda de Sta. Mathilde. Note-se a uniformidade de tipo e a pureza de linhas desses magníficos exemplares, a cuja criação a estância petropolitana dedica os maiores cuidados.

FAZENDA DE SANTA MATHILDE

Proprietário: Lauro Henriques

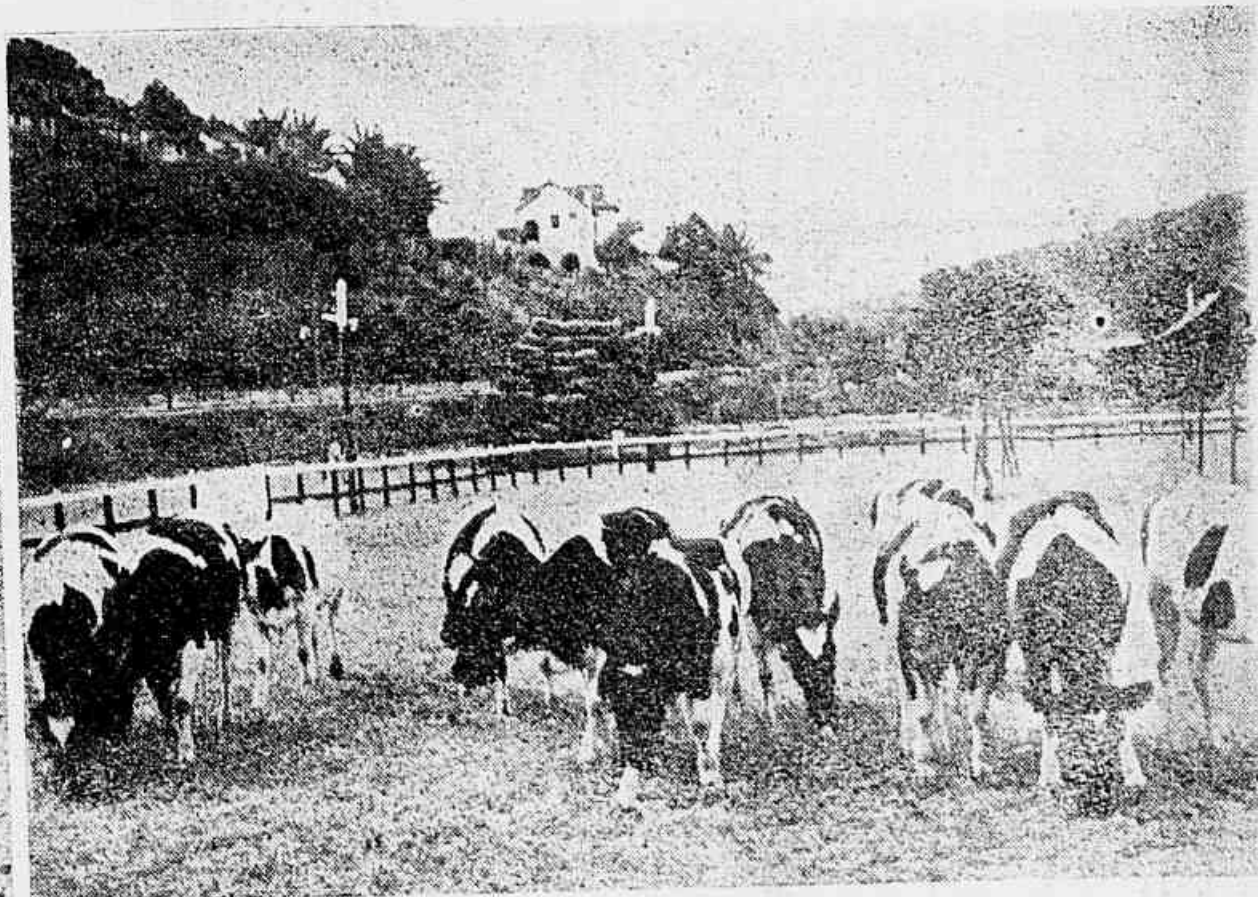
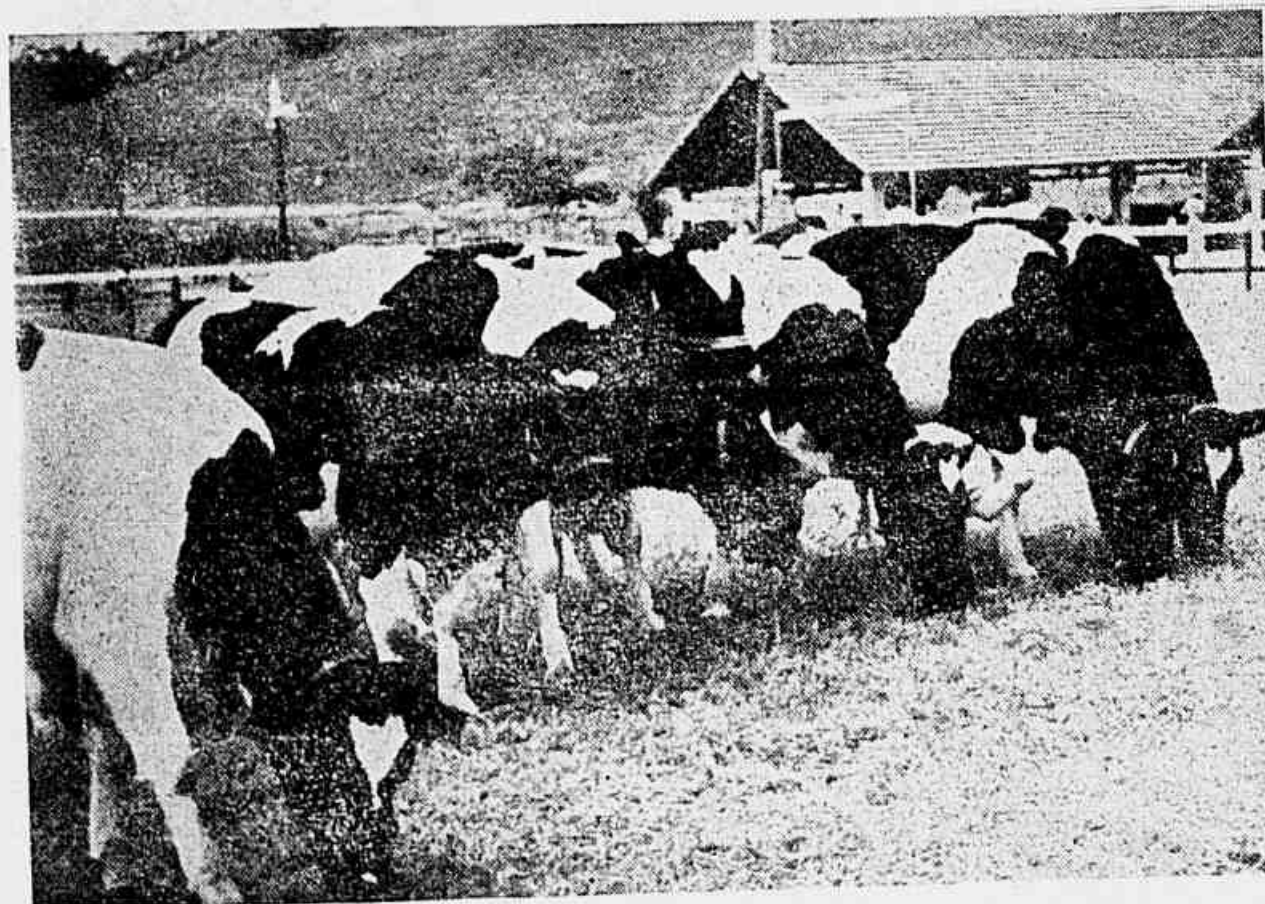
Avenida Piabanha, 577 — Tel. 4044

PETRÓPOLIS

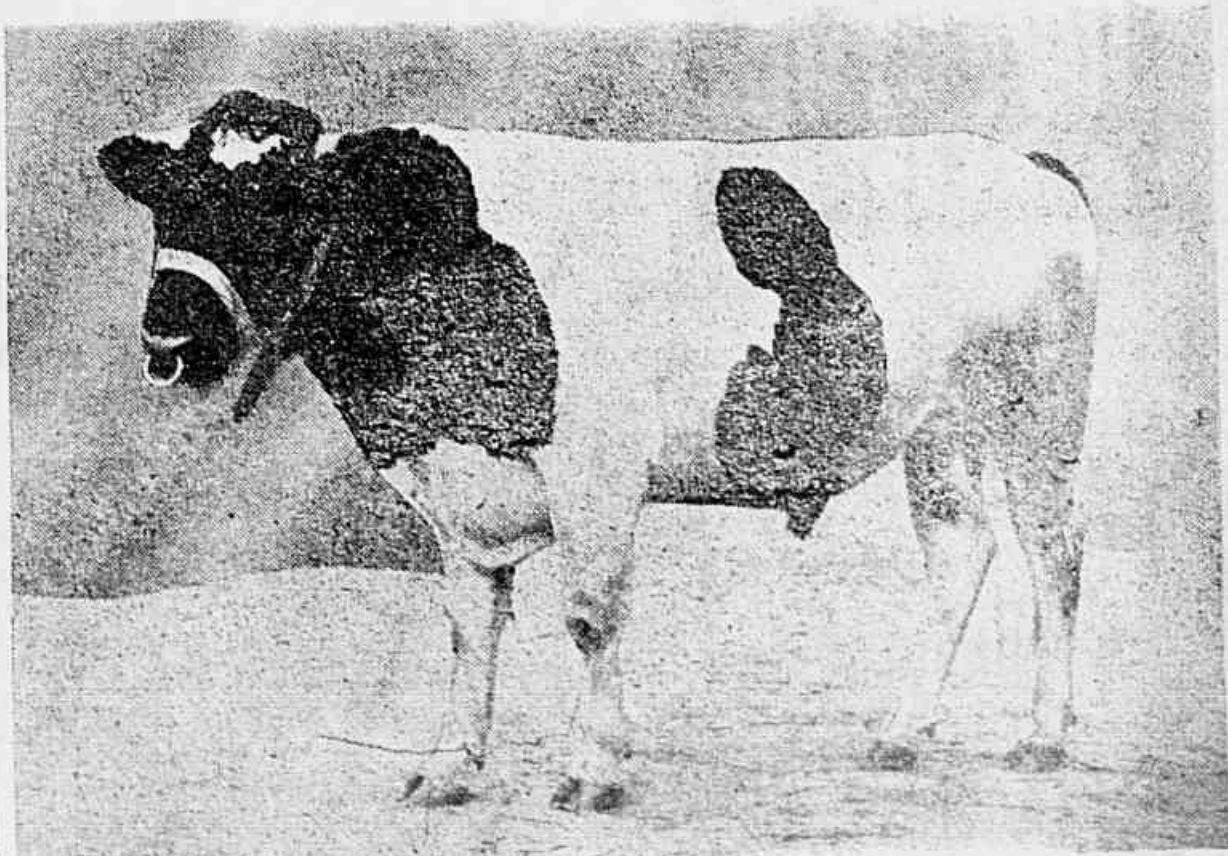
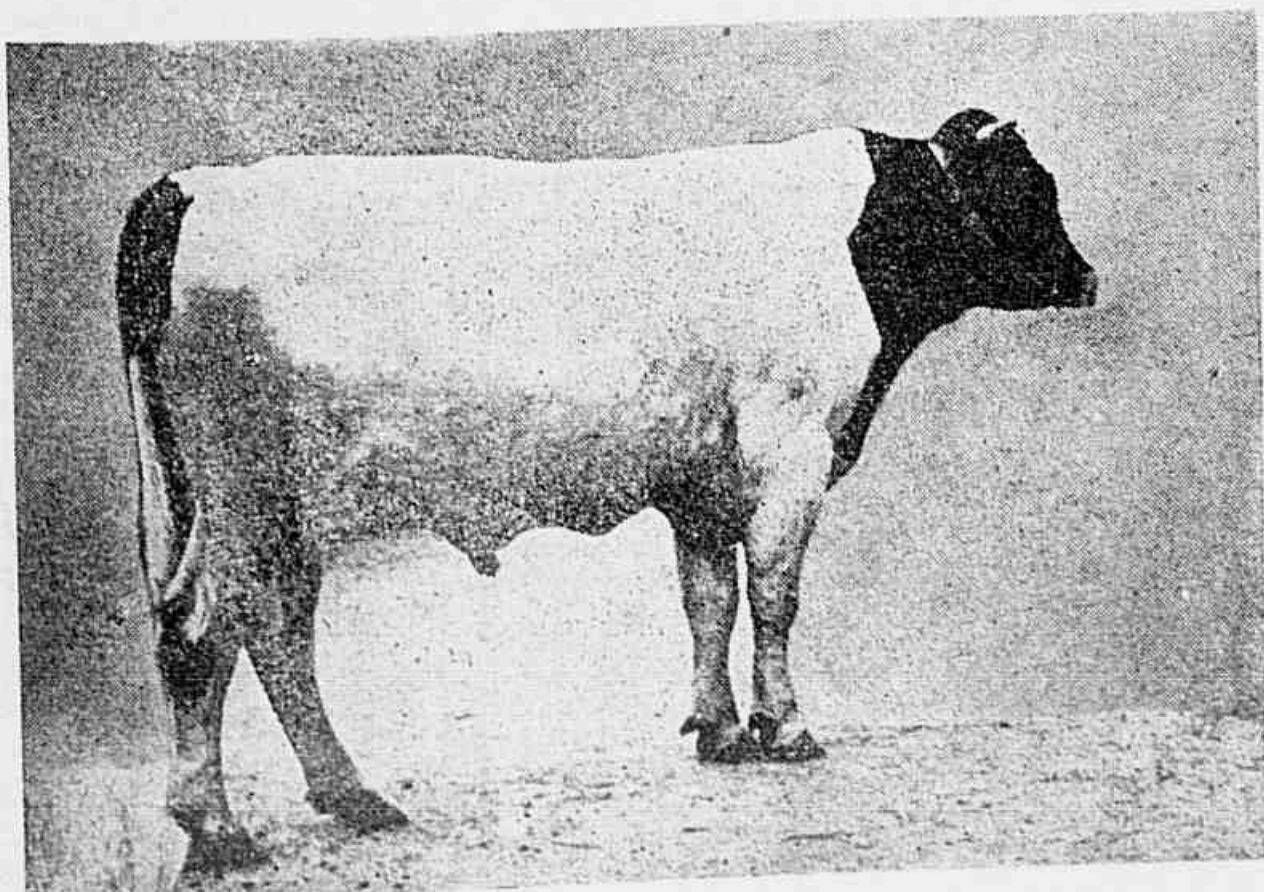
Estado do Rio

A Fazenda de Sta. Mathilde dedica-se à criação de gado puro sangue, da raça Holandesa Preto e Branco, possuindo um grande plantel dessa afamada espécie leiteira, um dos maiores do Estado do Rio, verdadeira riqueza da criação nacional. Apesar das grandes dificuldades que atravessa a nossa pecuária, o proprietário da Fazenda de Sta. Mathilde não mede sacrifícios para o engrandecimento do nosso parque pastoril. A Fazenda de Sta. Mathilde acaba de alcançar grande sucesso na XI Exposição de Leopoldina, expondo o belíssimo lote de novilhas Puras de Pedigree que ilustra esta página, ostentando a alta linhagem de que são portadoras.

A Fazenda de Sta. Mathilde dedica-se também à fabricação dos queijos "Integral de Petrópolis".



Ao alto — Mais dois aspectos do lote de novilhas estampado na fotografia do alto da página. Em baixo — À esquerda, o touro "Bandolim II", nascido e criado na Fazenda de Sta. Mathilde, filho de pais importados, Puro por Cruzamento, 4 anos. Pai — "Bandolim", Mãe — "Roseira", 2.º Prêmio de sua categoria na Exposição de Leopoldina. À direita — "Argentino", Puro de Pedigree, 18 meses. Pai — "King of Carnation", Mãe — "Princezita Carlíosa". Ambos os reprodutores são da raça Holandesa Preto e Branco.



REQUINTE



Seus móveis requerem os mesmos cuidados que são dispensados à sua beleza...

Óleo de peroba
O RENOVADOR DOS MÓVEIS



Red Majesty

A REVELAÇÃO DO ANO

"RED MAJESTY

É UM VERMELHO TRIUNFAL", diz a bela esposa do "astro" de cinema CORNEL WILDE.

"Há algo verdadeiramente admirável em RED MAJESTY. Tem-se a certeza de que os lábios ficam mais atraentes que nunca", acrescenta a senhora Cornel Wilde.

Seus lábios terão uma beleza provocante com o matiz que provoca furor em Hollywood. RED MAJESTY... Uma revelação para o homem de quem a senhora gosta.

Outros matizes Tangee: Red-Red, Gay-Red, Medium-Red, Theatrical, Natural.



PÓS DE ARRÔ:
ROUGES
CAKE MAKE-UP

Red Majesty Tangee

ULTIMA CRIAÇÃO de

CABELLOS BRANCOS

CASPÁ
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



A vida de Santayana

(Continúa na pág. 25)

exemplo, um tal momento eterno, ao cu-
virmos uma bela sonata, ao vermos um
belo quadro ou ao praticarmos uma bela
ação. Nessas experiências de esqueci-
mento de nós mesmos, vemos "rirmos as
essências, de seu platônico céu, diante
dêste mundo inconstante que espia por
um momento".

Quando uma essência "espia o mun-
do" — isto é, quando age sobre a ma-
téria — transforma-se numa existência
mais ou menos no mesmo sentido em que
a planta de uma casa se transforma na
casa, quando formada de tijolos, pedras,
vidro e rebôco. Santayana confessa não
saber exatamente o que seja a matéria.
"Espero que me digam os homens de
ciência... Mas o que quer que possa
ser a matéria, chamo-lhe matéria utren-
damente, como chama Smith e Jones dos
conhecidos, sem conhecer-lhes os segre-
dos". Não compreende, Santayana, o
segrêdo da matéria, mas tem certeza de
sua existência. Seja o que for que lhe
possamos chamar — "uma confluência
de átomos" ou "uma carga elétrica" ou
"uma tensão no éter" — a matéria é
essa substância omni-presente, omni-pene-
trante que forma os céus e a terra, as fo-
lhas das árvores, as pétalas das flores
e os corpos dos homens. Sim, os espíritos
dos homens. Porque o espírito humano,
como o corpo humano é material. O es-
pírito, como o corpo é sujeito ao nasci-
mento, ao crescimento, ao declínio e à
morte.

De platonista, transforma-se, agora,
Santayana, em ateuista. Não tem fé nem
na imortalidade nem em Deus. "Acredito
que nada seja imortal", escreve. "É in-
dubitável que o espírito e a energia do
mundo é o que age sobre nós, como é
o mar que eleva cada ondazinha; mas
passa através de nós; e, por mais que
grilemos, continuará o seu caminho. O
nosso privilégio é havê-lo percebido en-
quanto se movia".

A vida, o corpo, o espírito, a terra, os
céus, as estrelas — tudo se reduz, na
filosofia de Santayana, a uma máquina.
As ações dos homens não são livres, mas
mecânicas. O espírito, declara, não con-
trolla o corpo. É apenas um espectador
de arqui-bancadas a observar a "auto-
mática maquinaria interior" do corpo, às
vezes com a provação, outras com "im-
paciente rebelião". Nada existe a que
se possa chamar uma alma imortal.
"Acreditar numa alma assim é acreditar,
simplesmente, em mágica". O que de-
nominamos alma é apenas "uma rede
prodigiosa (e material) de nervos e
tecidos, que, em cada geração, se de-
senvolve de uma semente".

Em sua negação da força do espírito
e da liberdade da vontade, Santayana é
espinozista. De fato, Spinoza é, para ele,
o único filósofo completo da era cristã.
"Nenhum escritor moderno é, a meu ju-
zo, totalmente filósofo, exceto Spinoza".
No entanto, Santayana repele o panteis-
mo de Spinoza. "A palavra natureza",
sustenta, "é assaz poética. Sugere de
mais a função generativa e controladora,
a infinita vitalidade e a ordem incerta
do mundo em que vivo". O panteísmo
implica a existência de Deus, e Santaya-
na não acredita em Deus. Como Lolande,
procura os céus com um telescópio e não
consegue encontrá-lo. A religião é um
mito, e Deus é o fictício herói desse mito.

Mas Santayana não é só um descren-
te, mas um poeta, não só um ateuista mas
também um católico. Afirma, como o
expressou um de seus biógrafos, "que
não existe Deus e que a Virgem Maria
é Sua Mãe". Havendo, porém, repellido
Deus de seu intelecto, entra a adorá-lo
em sua emoção. A história do catoli-
cismo, especialmente a lenda da Virgem
Maria, é a "mais bela flor da poesia".
O mito do cristianismo, bem que cienti-
ficamente falso, é "poeticamente verda-
deiro". O catolicismo nada é senão um
sonho, por certo, mas é um bom sonho. E
isto, observa Santayana, é verdadeiro
no que concerne a todas as outras re-
ligiões. Deus pode ser apenas um herói

fictício, mas é um esplêndido herói que
deve ser seguido pelos homens. Apreen-
damos, pois, a não esquecer das fábula-
das da religião. "Honremos antes, a ve-
dade e compreendamos a poesia corpori-
ficada nessas fábulas". Aceitai as fá-
bulas do cristianismo em seu sentido poé-
tico mais do que em seu sentido literal,
e podeis, até, alimentar esperanças de
imortalidade — de uma certa espécie.
"Quanto melhor o homem evocar e com-
preender o ideal (da vida cristã)... tanto
mais penetrante se lhe tornará a
presença na sociedade dos imortais".
A nossa imortalidade não é a exten-
são de nossa personalidade no mun-
do futuro, mas a sua repetição neste mun-
do — através de nossas palavras, atra-
vés de nossos atos e especialmente, atra-
vés de nossos filhos. "Entregamos mais
gostosamente às chamas o manuscrito
horrorado de nossas vidas quando vemos
o texto imortal em edição maior e mais
bela".

IV

Tal é a inconsistente consistência do
sistema filosófico de Santayana. E a fi-
losofia de um homem que, segundo as
suas próprias palavras, procurava se
nhar com um olho aberto, apagar-se do
mundo sem ser-lhe hostil; receber com
agrado as belezas fugitivas e apiedar-se
dos fugitivos padecimentos, sem esquecer
por um só instante, quão fugitivos são".

Foi com essa atitude distante, mas não
adversa que viveu Santayana a sua vida
inteira. Não foi o chefe de família ne-
nhuma, não foi o patriarca de nenhuma
país e — depois de 1912, após exatuar-
se de Harvard — não foi professor de
escola alguma. Pouco antes da Guerra
Mundial de 1914 deixou a América e foi
viver na Europa. Isso não constituiu apen-
as, um afastamento para outro homi-
ni, mas um retrocesso para outra era —
a era à qual sempre acreditou pertencer.
Fixou-se em Roma, "porque lá se sentia
mais perto do passado que em qualquer
outro lugar". Atenas, dizia, mudara mu-
to desde os antigos tempos platônicos.

Entre as ruínas romanas de uma glória passada encontrava-se mais congenitalmente em casa. Lá adotou uma tranquilidade rotineira, caminhando pelo "presente imóvel" como fantasma de tempos mais nobres. Tomou um modesto apartamento num hotel. Quando lhe sugeriram os amigos que construísse uma casa para si, respondeu que "as propriedades esgarçam o homem". Os seus hábitos eram simples e despretensiosos. "Sou um filho de meu pai", dizia. Perguntara um dia ao pai por que viajava sempre de terceira classe, e o pai lhe respondera, "Porque não há uma quarta". Apreciava a companhia dos poucos amigos quando estes vinham visitá-lo, mas nunca os procurava se se afastassem. "Sou como o Papa", dizia; "não pago visitas".

Comparava raramente aos serviços religiosos. "Ficar sentado na igreja", explicava, "deixa-me cansada a parte inferior das costas". Visitava, porém, amiúde, as ruínas do Panteon, para examinar as estátuas dos antigos deuses, e São Pedro, para apreciar o Moisés de Michelângelo. Preferia, ainda, a poesia à prática da religião.

Seu sítio favorito era um banco, perto das ruínas do tempo de Esculápio, o velho deus da medicina e uma das divindades prediletas de Sócrates. Lá se quedava, sentado; horas a fio, a sonhar com o regresso à primavera do mundo do qual, tão tristemente, o haviam divorciado as vicissitudes da sorte.

Sempre havia, porém, um toque de humor em sua tristeza. Considerava ele as próprias decepções como considerava as decepções alheias, com um risinho impessoal. Falando da venda pouco feliz de seus livros — antes da publicação de seu romance, *O Último Puritano* — observava, a rir: "*O Sentido da Beleza* é o meu primeiro livro e ainda o meu melhor sucesso de livraria... Vende-se, regularmente, cem exemplares por ano".

A mesma decepção, entretanto, observou ele, tem o seu lado brilhante — a sua impermanência. Diverte-nos, por um momento, a natureza, com essa tóla frioleira que se chama vida e depois acalenta-nos com um sono de esquecimento. Esqueçamos os nossos fugitivos infortúnios e agradeçamos as nossas alegrias fugitivas. Afinal de contas, "não há cura para o nascimento e a morte senão gozar o intervalo entre eles".

E assim, considerava Santayana com calma divertida e filosófica esse "espetáculo irracional" chamado vida. Em todos os países via submergir a civilização pelo triunfo da tirania; no entanto, como visitante chegado de outro século, observava imperturbado. Podia até dizer, com apartada e filosófica complacência que era "um grande admirador de Mussolini." Antes de o condenarmos com excessivo rigor por essa atitude, lembremo-nos de que Santayana pesava as suas palavras com o cuidado de um erudito latino. Admirar, como ele sabia perfeitamente, e como esperava que o soubessem os leitores, não significa elhar com aprovação mas observar com espanto. Admirava um Mussolini como um César no mesmo sentido que admirava um tornado ou uma avalanche. Espantava-se diante de sua força, embora não concordasse com a sua capacidade de destruição, da crueldade, da injustiça, da apressão, da guerra. "E' a guerra", escreve ele, "que gasta a riqueza de uma nação, mata a sua flor, estreita as suas simpatias, condena-a a ser governada por aventureiros, e deixa que os fracos, alheios e impotentes dêem à luz a geração seguinte... Em vez de descenderem de heróis, as nações modernas descendem de escravos."

"O céu consiste", escreve ele em um de seus sonetos, "em estar em paz com as coisas."

Em sua atitude, tocante à guerra, como em sua atitude em relação a tudo o mais, retrocedia, Santayana, para os gregos antigos. "Quanto mais longamente refletimos sobre o mundo", conclui ele, "tanto mais seguramente voltamos a Platão. Não precisamos de uma nova filosofia; necessitamos, apenas, de coragem para pôr em prática a mais velha e a melhor."

(Do livro "Vidas de grandes filósofos")

O seu ponto de destino está incluído em nossas rotas?

Desfrute, então, a segurança e o conforto que lhe proporcionam as nossas viagens aéreas.

ESCALAS DOS AVIÕES DA LAB

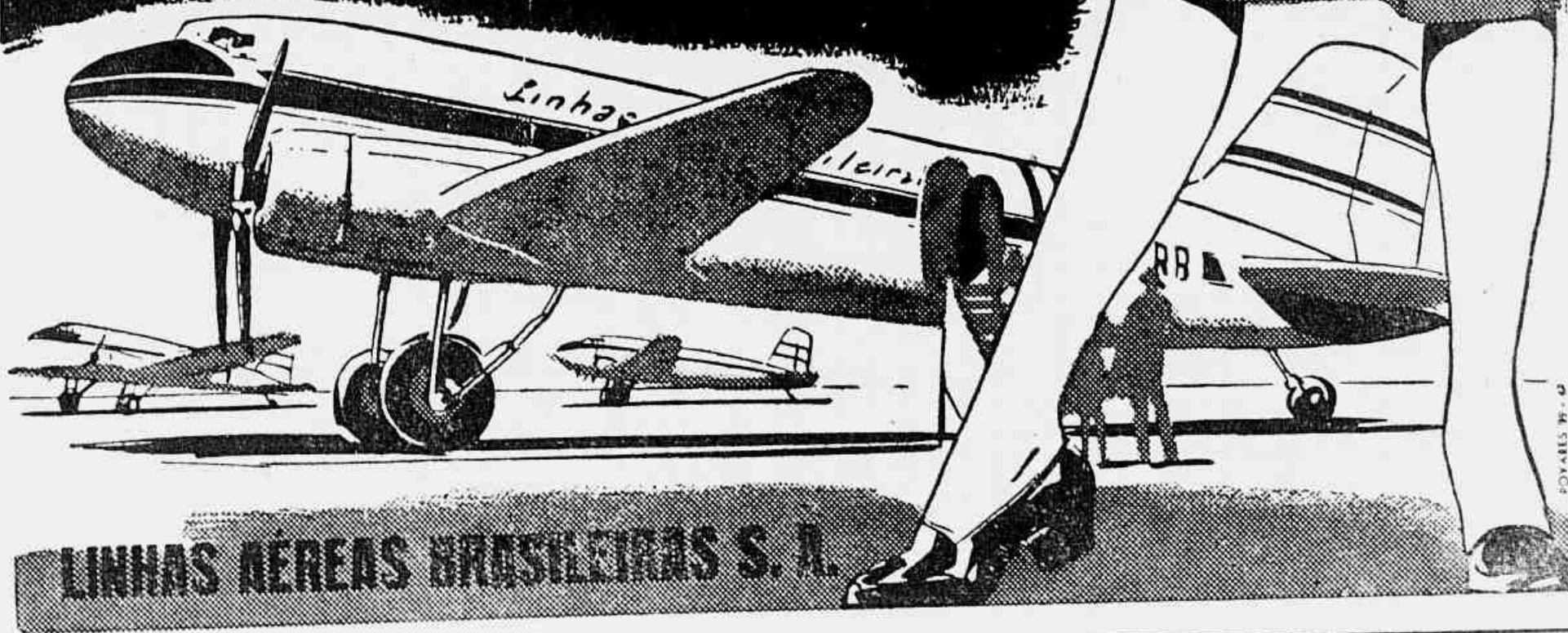
RIO - SÃO PAULO - RIO DIARIAMENTE

Vitória
Ilhéus
Salvador
Aracaju
Maceió
Recife
João Pessoa
Campina Grande
Natal
Uberaba - Uberlândia - Araguari e Ituiutaba

MÁXIMA ATENÇÃO - PERFEITO SERVIÇO DE LANCHE A BORDO

VIAGENS AÉREAS
"LAB"

Passagens no Rio:
Rua Santa Luzia, 305 - Tel: 42-3388 e 42-3398
Em São Paulo:
AG. Marabá - Av. Ypiranga, 795 - Tel: 4-9896



Os namorados...

(Cont. da pág. 20)

dia aproveitando a ausência do guarda realizaram sua aspiração. Queriam deixar gravados na árvore os seus nomes. O medo sempre fora um temível obstáculo.

— Você trouxe a tesourinha?

— Está aqui na bolsa. Você vai escrever hoje?

— Penha só as iniciais. Assim corremos menos perigo.

— E' isso; outro dia você faz o resto.

Brigavam sempre por causa do nome da árvore. Ela dizia: — quero que ela se chame Dida. — Simpatizava com a denominação. Alvaro insistia em chamá-la Ceci. Os namorados discutiam sobre o assunto durante muitos encontros.

— Vamos ao cinema hoje?

— Por que você não vai com a Ceci?

Era o momento no qual as mãos se apertavam com mais força. A árvore era entre eles o traço de união mais forte; parecia concordar com tudo, fingia não ver os beljos ousados dos namorados.

As businas dos automóveis assustam os namorados. Uma fila de veículos vai se formando. O condutor martela com o pé a sineta do bonde. Os ônibus amarelos também ficam presos; o vendedor grita: "Aproveitem, vai acabar, para estrangetra a dois cruzeiros." As businas continuam abafam a voz do vendedor.

— Aconteceu algum desastre, Alice.

— Vamos ver. Foi ali mesmo.

— Pra que?

Alice adoeceu repentinamente. O médico prescreveu repouso absoluto. Um

mês seria suficiente. Alvaro todos os dias ia visitá-la. Conversavam durante muito tempo. A dobra da colcha, um fio de cabelo solto, o termômetro jogado sobre a cômoda, a lembrança da árvore, qualquer coisa era um bom assunto.

— Você vai acabar de escrever o meu nome?

— Sare logo senão alguém ocupa o nosso banco.

— Até domingo estou boa. Você vai ver.

O domingo chegou e Alice continuou no mesmo. Sua mãe acha melhor chamar outra vez o médico; mais duzentos cruzeiros. Tem vergonha de pedir o dinheiro para o noivo.

— Por que você não fala com o Alvaro, Alice?

— Mas, mamãe, tenho vergonha.

— Vergonha de que? De seu noivo?



**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



**DÔRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL

**MANUFATURA DE BRINQUEDOS
ASTRO LTDA.**

BRINQUEDOS EM GERAL

RUA PEREIRA NUNES, 120

Telefones: 28-9280 — 48-1419

End. Telegr.: BRINASTRO

RIO DE JANEIRO — BRASIL



No salão nobre do Liceu Literário Português teve lugar, no dia 17 do mês p. findo, expressiva homenagem tributada ao Comendador Serafim Sofia por numerosos amigos e admiradores da sua notável obra social.

Durante a solenidade fez-se ouvir o brilhante escritor e jornalista Carlos Cavaco, grande amigo dos portugueses, que subordinou a sua aplaudida conferência ao tema "Poetas de Portugal e do Brasil".

Foi uma linda festa de coração e espírito essa que os amigos do Comendador Serafim Sofia carinhosamente organizaram em sua honra.

Na foto acima vê-se parte da numerosa e seleta assistência.

Logo ele será seu marido. Se não gastar agora vai precisar gastar depois.

O médico veio e aconselhou mais dois meses de repouso. Só assim ela se restabeleceria por completo. As horas passam sem respeitar os relógios e a Joenca de Alice não cede. Os dois meses estão no fim e ela já está meio desanimada.

— Alvaro, você quer me fazer um favor?

— E' só pedir, Alice. Você sabe que por você...

— Você acaba de escrever o nosso nome no tronco da Dida e me traz também umas folhas dela?

— Para você até a árvore inteira, meu bem.

★

Homens com grandes facões podam as árvores. Os galhos já desligados do tronco encontram com estrondo o chão. Para ser derrubada, a árvore precisa perder inicialmente os seus galhos mais altos.

— Quer morrer, seu desgraçado?

Um brusco empurrão arrancou Alvaro de sua contemplação. O empregado da Prefeitura fôra rápido e pudera atirar para o lado o moço desprevenido. Alvaro não ouviu o palavrão mas apenas agradeceu.

— Obrigado.

O tronco repousa sobre o calçamento irregular do parque. Alguns acrílios não resistiram ao choque e se partiram. O vento leva para longe muitas folhas soltas. Alvaro enche o bolso com algumas delas; seus pés esmagam outras, enquanto ele se afasta apressado.

★

— E você, Alvaro? Trouxe a minha encomenda?

— Trouxe sim.

Dois a dois os degraus acentam o peso de Alvaro. Ele nunca pisa nos de número ímpar: uma velha superstição da criança.

— Posso entrar?

— Empurre a porta, está aberta.

— Você está pálido, Alvaro, que aconteceu? Esqueceu-se de trazer o que pediu?

As mãos de Alvaro, em resposta, espalham sobre a cama da doente um punhado de folhas verdes.

— Eu sabia que você não ia esquecer. Mamãe venha ver o que o Alvaro me trouxe.

★

A passagem dos dias não é o remédio indicado para a doença de Alice. O médico recomenda mais alguns meses de repouso. E assim é quase sempre. O desânimo já venceu totalmente. Alice, seus dedos longos e macios estão cada vez mais finos; a pintura dos lábios não consegue esconder a sua palidez.

— Alvaro, antes de morrer eu quero ver o nosso nome escrito na Dida.

— Deixe de bobagem. A gente não morre tão facilmente.

— Você me leva?

— Levo, sim.

— Hoje?

A derrubada da árvore passou rapidamente pelo pensamento de Alvaro. Não teve coragem para dizer a verdade; suas mãos grossas de trabalhador retêm com segurança os pulsos estreitos de Alice.

— Quando você resolve me levar?

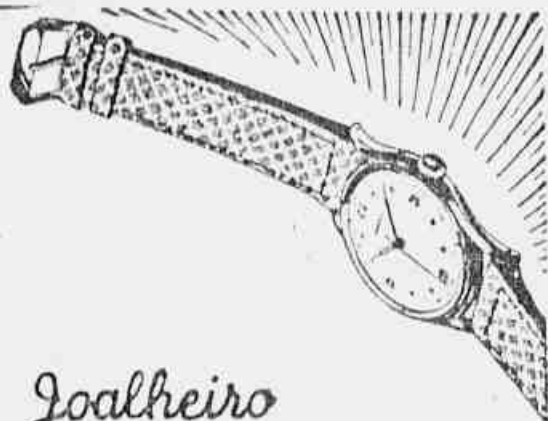
— Logo que você sair.

— Desse jeito eu não vou nunca estar cansada de ouvir essa resposta.

★

Duas pancadas do relógio da igreja individualizam o tempo. A noite anula todas as imoralidades. Em frente à jo

Jóias e Relógios Preços de Atacado



Manoel Salgado Joalheiro

R. Visc. do Rio Branco, 29 - 1.º and., s/4. Tel. 22-9741

A porta aberta Alice se veste em silêncio. Não se esquece do pó de arroz. Vence os degraus da escada sem ruído. Tranca por fora a porta; atira com um gesto rápido os cabelos para trás; contempla o céu sem estrelas e a passos largos vai se distanciando de sua casa. Os bonitos são difíceis a essa hora. Caminha para a sua inesquecível praça. De longe nota qualquer diferença; um espaço aberto até então desconhecido. Encurta a distância com suas passadas cada vez maiores. Uma placa de cimento recebe o lugar onde existira a sua árvore. O banco frio recebe o corpo de Alice...

Douglas Fairbanks...

(Continuação da pág. 18)

— Para ter o direito de fazer o que quero, — respondeu-lhe Doug, — e para não por em mais ninguém, a não ser em mim mesmo, a culpa dos meus erros...

Com trinta e oito anos de idade, Doug tem nada menos de vinte e quatro de atividades cinematográficas, pois estreou aos 14 anos, em "Stephen Steps Out", filme de que os falecidos Theodore Roberts e Noah Beery eram os principais. Tendo desde então filmado ao lado de celebridades como Greta Garbo, Joan Crawford, John Gilbert, Pauline Starke, Lionel Barrymore, Betty Compson, Milton Sills, Ronald Colman, Elizabeth Bequer,

Katharine Hepburn, Rita Hayworth, e outras, Doug deve estar habilitado a saber o que quer e a dirigir o seu próprio destino.

Perguntelhe se acreditava numa nova guerra. Ele disse que não. Que o mundo havia pago um preço muito caro pela paz que agora destruíra. Mas acrescentou:

— Em todo caso, se a insensatez prevalecer contra o bom senso e tivermos outra guerra, estarei pronto a fechar de novo a minha caixa de "maquillage" e a retomar meu posto, na Marinha, em defesa do meu país...

HEPHZIBAH MENUHIN

(Cont. da pág. 13)

esperava. Hephzibah casou-se com um australiano e desapareceu da platôforma dos concertos. Yehudi continuou a carreira sozinho.

LAR. DOCE LAR...

Não se pode negar que nos seus anos de desterro artístico Hephzibah encontrou onde empregar as imensas reservas de energia e capacidade de esforço perseverante que lhe tinha conferido a virtuosidade, como prêmio de um trabalho quase que ininterrupto. Casando com Lindsay Nicholas, fazendeiro australiano, ela passou a cuidar do "lar doce lar", cuja "nursery" foi logo adornada

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA
Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430

com dois "babies" sardentos e barulhentos.

Morando perto de Melbourne, Hephzibah criou os filhos e 23.000 carneiros, com o marido, que pertence a uma das tradicionais famílias australianas. O Terrinallum, recanto onde está situada a propriedade secular de Lindsay Nicholas, é um lugar isolado donde mal se pode estabelecer comunicação com a cidade.

Hephzibah enveredou, com a mesma tremenda energia com que luta, em criança, para corrigir um defeito na espinha, na vida doméstica. Tornando-se mãe, passou a estudar psicologia educacional, contratou uma professora, que veio de longe para ensinar os filhos do casal e os dos empregados na fazenda, numa escola especial, construída pelos donos da propriedade.

O marido de Hephzibah, que toca órgão com grande habilidade, não deixou que a esposa abandonasse completamente a música. E, assim, de vez em quando, lá ia Hephzibah para alguma cidade australiana, conferir a um público qualquer, o privilégio de ouvi-la.

Quando um regente famoso passava pela Austrália, os empresários corriam a buscar Hephzibah, para que viesse tocar com a orquestra dirigida pelo visitante ilustre. Assim, em 1945, ela tocou com Malcolm Sargent, o concerto em re menor de Brahms.

E' escusado dizer que ela encontraria dificuldades em abandonar sua arte que sentira saudades do passado. Certo dia, sem que ninguém esperasse, um teatro de Nova York passou a anunciar que ela reapareceria breve. Pouco tempo depois, chegava da Austrália um vapor que vinha deixar, na América, a "fazendeira", o esposo e os filhos. Anunciou-se uma "tournee" de Yehudi e Hephzibah. A curiosidade do público foi despertada. O apelo da arte se fez sentir. Depois desses concertos, que decidirá Hephzibah: continuar — ou voltar aos 23.000 carneiros?

Publicidade para a REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Contra dores

ASPIRINA

O remédio de confiança

Aos srs. distribuidores e assinantes
desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

Banco do Comércio S/A

Recebemos um exemplar do Balanço do Banco do Comércio S/A, o mais antigo da praça do Rio de Janeiro, e é com imensa satisfação que encontramos dados que significam, no momento da maior crise financeira que atravessamos, a estabilidade desse Banco e a confiança que nele depositam todos os seus inúmeros clientes.

Referindo-nos ao Ativo, bem poucos são os Bancos que podem apresentar um saldo em caixa que monte à quantia de Cr\$ 81.931.876,00. No Ativo realizável destacam-se as contas Empréstimos em c/corrente com o valor de Cr\$ 172.265.902,40 e Títulos Descontados com Cr\$ 212.775.249,20. Cumpre ressaltar os Empréstimos Hipotecários que atingiram a Cr\$ 15.705.177,70, não considerando as demais contas realizáveis que montam ao valor de Cr\$ 65.140.242,40. A conta de Imóveis apresenta o saldo de Cr\$ 9.540.363,10 e a de Títulos Mobiliários que compreende apólices federais, estaduais, municipais, e ações e debentures, atinge a Cr\$ 32.705.171,10.

Sob a rubrica Imobilizado se acham várias contas, inclusive a do edifício de uso do Banco, que apresentam o saldo de Cr\$ 21.386,20. As contas de Resultados Pendentes vão a Cr\$ 1.411.999,20 e as de Compensação a Cr\$ 690.694.031,40.

Analisando o Passivo, achamos cifras de maior atenção nas contas de Capital e Reservas, que atingem a respeitável soma de Cr\$ 90.451.731,70.

Dada a idoneidade do estabelecimento e alto conceito de que gozam os seus Presidentes, Dr. Manoel Thomaz Carvalho de Brito, e diretores, Dr. Cecinato Cezar da Silva Braga, Mario D'Almeida, Oswaldo Costa, Comendador Gervasio Seabra, Dr. Antonio de Andrade Botelho e Vicente Noronha, todos dignos do maior respeito e admiração e conhecedores perfeitos das finanças nacionais, consegue o Banco manter em depósitos sob várias rubricas a quantia de Cr\$ 432.377.101,30.

Sob a rubrica Outras Responsabilidades, se acham as contas: Obrigações Diversas, Agências no País, Correspondentes no País, Correspondentes no Exterior e Dividendos a Pagar, cujo valor total monta a Cr\$ 78.677.503,80.

A conta Resultados Pendentes figura com a importância de Cr\$ 11.356.500,50, sendo que a de Compensação se refere a Cr\$ 690.694.031,40.

Na demonstração da conta Lucros e Perdas, se observa notar o dividendo do semestre findo que foi distribuído à razão de 15% ao ano, independente dos 5% levados a crédito da conta Fundo de Reserva Legal, e do valor de Cr\$ 523.816,00 creditados ao Fundo de Reserva Disponível.

As contas de Descontos, Comissões, Juros e Lucros em outras operações sociais, já deduzidos os descontos pertencentes ao semestre futuro, produziram o saldo de Cr\$ 25.454.421,70 levado a crédito da conta Lucros e Perdas.

Com tais resultados, está o Banco em condições de enfrentar a crise mais aguda que se oferecer e os seus negócios continuam numa progressão constante, graças também à comodidade oferecida ao comércio, à indústria e todos aqueles que necessitam do concurso do Banco, através de suas agências: Meyer, Rua 24 de Maio, 1355; Tijuca, Praça Saens Peña, 9; São Cristóvão, Rua São Luiz Gonzaga, 45; Uruguayana, Rua Uruguayana, 7; Copacabana, Av. N. S. Copacabana, 1155 e Friburgo, em Nova Friburgo, Estado do Rio.

Congratulando-nos com a Diretoria do Banco do Comércio S/A, com os seus acionistas e seus milhares de clientes pela prosperidade do estabelecimento, fazemos votos pela continuidade de suas felizes operações.



— ASSISTI DE CAMAROTE O TEU FRACASSO... —

★★★

A MORTE DO VOVO

(Continuação da pág. 24)

extáticos, boquiabertos, contemplavam a figura imponente e bela de Julieta. O vovô... Ah! o vovô!... Por que foi ele morrer agora? Se Mariazinha se fantasiasse, a sua fantasia seria mais bela que a de Julieta. Já tinha sonhado muito com ela, muito, muito... E dançaria com o Pedrinho. O Pedrinho gosta mais dela que da Julieta. Ele lhe dissera isto quando as aulas se encerraram. E o Pedrinho é um rapaz muito delicado, muito bonito; tem muito dinheiro o pai dele. Se não fosse pelas más linguas, os dois não deixariam de ir a esta soirée de Carnaval. Mas é que a Dona Rosália é muito faladeira. Fala da vida de todo mundo. Também a Dona Adélia, a Dona Josefina, a Dona Eusébia... até o seu Jordelino, que é um "homem"... Nunca se viu uma terra de tanta gente linguaruda. O melhor era que cada um cuidasse da sua vida...

Já eram altas horas da noite. Julieta há muito que se fôra para a soirée. Fôra carregada de serpentinas, de confete, lança-perfumes e vaidade, muita vaidade. Os dois meninos ainda não tinham conseguido ferrar no sono. Estavam chorando, os dois. Choravam muito, baixinho, baixinho... De um lado, Juquinha; do outro, Mariazinha... E eles não sabiam que no "céu", lá num cantinho do "céu", o vovô, compadecido deles dois, chorava muito também...

E ele contou uma historia...

(Continuação da pág. 29)

— Buenas! Andava procurando o meu pai? Ele não tá, moço! A mãe diz que ele foi pro céu... mas eu não queria que ele fosse!

— Tu mora aqui?

— Sim.

Em silêncio o Bento deu as costas para o guri e foi lá dentro deixar os pelêgos, o saco onde havia posto o xarope e esvaziou os bolsos, deixando junto com o dinheiro roubado um pouco também do seu dinheiro. Depois saiu, fez um afago brusco na carinha triste do guri, montou no alazão e nunca mais passou por aquele atalho.

E' o que diz o pessoal, mas não era só isso o que ele tinha de bom. Roubava porque tinha necessidade e porque depois de sua primeira morte ninguém quis dar-

lhe emprêgo. Não foi por gosto que ele matou aquele chifrê que andava pelo corredor, foi por acaso. A arma disparou e o homem caiu sem ter dado um gemido que fosse. Depois disso ninguém queria que ele trabalhasse nas estâncias, apesar de ser um bom domador. A peonada tinha ordem de receber o Bento à bala no mais!

Muita vez ele passou fome porque não quis negar para um velho o único pedaço de carne que trazia entre o xagão.

Bento era triste, isso me disse um homem que o ajudou a passar uma tropa para o lado de lá da fronteira que pousou com ele muitas noites, campo em fora. Disse que ele ficava parado, olhando para o céu com os olhos cheios de lágrimas, com as mãos apertadas como se quisesse a dominar-se para não estalar em soluços. Às vezes, chimarreando com um ou dois companheiros, ele suspirava e exclamava por entre dentes, numa voz rouca e voltada:

— Vida perra! Vida perra!

E ficava olhando as chamas com a saudade brilhando em seus olhos escuros.

Nunca matou ninguém à traição e as outras duas mortes que fez foi porque disseram que a mulher dele andava com outro e que não queria saber mais de ladrão. O delegado fez-lhe umas quantas esperas. Uma no Passo do Pedro Blanco, entre uma barranqueira e a água agitada numa cheia de inverno, mas ele escapou. Levou um tiro, mas ele sempre dizia que não havia de ser qualquer arma, nem qualquer pistola que o matasse. Seria a arma branca. Dizia isso porque uma velha mandingueira lá do Passo do Caverá tinha visto entre as fumaças acres que se levantavam de um brazeiro, uma lança e um facão.

— Não é mandinga, seu! É verdade das bem verdadeiras! — disse a velha — Se cuida muito com o ferrol! Hei de ve um home que teve aqui um dia e que eu encheria arma branca na sorte dele. Pois logo no outro dia não é que o vivente escorregou numas pedras e morreu espetado no facão de courear que ele levava na mão? Isso tinha de ser!

E de certo tinha mesmo, que o Bento nunca teve um ferimento grave com bala de revólver ou arma. Um tal pão qualquer num braço e numa perna, coisa leve que nem dá para matar.

Depois, eu não lembro bem o que houve, ou só sei que o delegado reuniu uma porção de gente e mandou perseguir o Bento. Parece que era outra morte misteriosa que o delegado reuniu uma porção de gente e mandou o homem que sempre andava com ele me disse depois

(Continúa na pág. 41)

REGULADOR XAVIER

★ O remedio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES.

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras



Mobiliarios — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA, 67 - RIO

DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

Cigarros Hollywood



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz